



FILHOS^{DA} LUA

I

◆ O PACTO DO LOBO ◆
F. E M E R S O N



F. EMERSON

O PACTO
DO LOBO

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização escrita do autor.

Esta é uma obra de ficção. Os fatos aqui narrados são produto da imaginação. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais, fatos ou situações da vida real deve ser considerado mera coincidência.

Copyright 2021 (1 edição) – FRANCISCO EMERSON

Sumário

Prólogo

PARTE 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

PARTE 2

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

PARTE 3

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Prólogo

A Lua cheia estava tão cheia que chegava a brilhar, os raios iluminavam o topo do castelo do rei Audax. Depois de muitas guerras, intrigas políticas e a morte de sua tão amada esposa, ele finalmente chegara ao nível de conseguir fazer muitos acordos para manter a paz por toda a extensão do reino. Suas vestes de seda vermelha deixavam sua aparência magnífica, os cabelos loiros com pequenos fios brancos davam-lhe um charme a mais. A coroa de ouro na sua cabeça trazia poder e legitimidade, era coberta por esmalte e interligadas por dobradiças delicadas.

Na sala do seu enorme castelo onde realizavam as refeições, ele estava sentado na ponta da mesa, onde podia enxergar todos os convidados. Um pouco adiante no seu lado esquerdo, estava sentado seu irmão Critias, e do lado direito seu primeiro e único filho Jordan. Em pé de ambos os seus lados, estavam dois guardas com armaduras reforçadas da cabeça aos pés. A dupla estava louca para se esparramar na mesa enorme e comer daquelas muitas comidas.

Do outro lado da mesa, aos longes, estava o homem que comandava as terras do Sul, Desmond. Que viera de muito longe com seu povo a anos, mas Audax soube de sua imigração a pouco tempo nas suas terras. Uma invasão praticamente, como estava cansado de guerras decidiu tentar um pequeno acordo. Ele tinha dois homens sentados a pouco centímetros também, que comiam sem parar. Nos seus dois lados possuía dois guardas altos e cheios de músculos.

Audax levantou da cadeira e ergueu sua taça o mais alto que seu braço conseguia estica-la.

— Quero fazer um brinde a você Desmond, por ter aceitado vir para minha casa conversar sobre o bem-estar do nosso povo — pronunciou Audax, tentando conter ao máximo sua maneira ácida de soltar as palavras. — Poderá ser comandante do seu povo no Sul.

— Serei rei do meu povo — Desmond levantou e ergueu sua taça. — A nosso pacto de paz.

Audax desmanchou o sorriso na face devagarinho, para que ninguém notasse a afronta que acabara de levar. Dois reis? Nunca, jamais. No entanto todos do vasto reino saberiam quem era o rei de verdade, quem deviam temer de verdade. Agora só precisava manter o pacto, pois no futuro aqueles humanos do Sul serviriam como mão-de-obra barata.

— Ao novo comandante do Sul — Audax jamais chamaria outro homem de rei. Dizimaria o próprio reino se necessário.

Desmond percebeu a arrogância, contudo nada fez. Estava em menor número ali, seus soldados ficaram para trás, no Sul, mantendo seu pequeno povo seguro. Tinha de aceitar os melhores termos que conseguiu e sair do castelo de cabeça erguida. Mesmo tendo a pretensão de arrancar o trono das mãos de Audax, aquele, não era o dia.

— Agora, vamos comer — Audax sentou-se de maneira calma, sorrindo para Desmond antes de pegar no seu garfo. — A comida pode esfriar.

Alguns outros convidados de famílias importantes estavam sentados à mesa. Depois do rei terminar seu curto discurso, todos começam uma conversa animada, outros já provavam da comida. Havia carne de peru, frango assado, duas bandejas enormes com costeletas de porco, verduras, frutas, e muito vinho. Além disso, quando uma comida acabava os serventes vinham com mais bandejas, que continham carnes diferentes.

Asinhas, pato assado ao molho, javali caramelizado e muitos mais. A bebida nunca tinha fim, muitos barris na cozinha estavam prontos para serem usados caso as garrafas na mesa acabassem. O castelo inteiro fora daquela área do jantar estava uma correria, tudo para que as aparências perfeitas ficassem na mente do governante do Sul.

— Devíamos matar logo esse homem que se auto proclama rei do Sul, e acabarmos logo com isso — sussurrou Critias. — Deixe as terras comigo, eu cuido bem delas e do povo lá vivendo.

Audax riu sarcasticamente.

— Preferiria ter minhas bolas fincadas na parede por um prego enorme do que dar qualquer poder a você, irmão — Audax encerrou a conversa.

Critias mordeu a raiva dentro de si e a engoliu para não brigar na frente dos convidados. Não era a primeira vez que foi humilhado, também estava longe de ser a última. Adoraria ver o saco de seu irmão pregado na parede se isso lhe desse o maldito trono, todavia, se o desgraçado morresse o filho novo comandaria em seu lugar.

— Cuidado, meu rei. Devo avisar-lhe que o senhor está com a guarda muito baixa hoje, — debochou Critias, enfiando seu garfo na carne do javali e arrancando um pedaço. — Deixando esses forasteiros entrarem na sua casa e provarem da sua comida.

Audax deixou que as palavras venenosas do irmão entrassem por um ouvido e saíssem pelo outro. O tempo passava rapidamente, a comida também acabava velozmente. As pessoas do Sul deviam sofrer de muitas precariedades de alimentos.

Nada falou, aquelas pessoas não eram totalmente suas para cuidar.

Quando a comida acabou e os convidados terminaram de amaciar suas barrigas cheias, os dois homens com os maiores poderes do recinto caminharam juntos até a saída do castelo. Audax despediu-se do recém companheiro com um pequeno aperto de mãos. Milhares de cavalos e homens em cima destes o seguiam na sua ida, depois

de não mais conseguir o ver, voltou a seu castelo. Tinha de ter um bom sono para poder enfrentar as intrigas políticas que voltariam a acontecer no próximo dia.

...

Ergueu a mão num simples sinal e os guardas tiveram permissão para deixa-lo vagar pelo castelo sozinho. Subiu as longas escadas em formato de espiral que eram iluminadas por algumas pequenas velas na parede e chegou no corredor estreito. Inúmeros quartos e o seu tinha de ser o último do corredor, ao menos a sua vista da janela era a melhor.

Entrou no seu quarto e fechou a porta, a tristeza voltou a assumir suas expressões. Parou de fingir uma felicidade inexistente, estava sozinho agora, longe dos olhares julgadores dos outros. Sentia falta da sua mulher, se pudesse voltar atrás e consertar tudo de ruim que já fez, talvez conseguisse uma nova chance...

Despiu-se completamente da sua roupa, naquela noite tomaria um belo banho. A água da enorme e espaçosa tina já devia estar morna, ergueu a cabeça para cima e tentou farejar o vapor. Foi então que sentiu um cheiro adocicado, de vinho e...de mulher...

Uma bela moça de cabelos pretos entrou, nua e com um copo de vinho nas mãos. Ela tentou ser sorrateira, mas o rei gemeu e a mulher saltou para trás, a porta fechou-se sozinha. Os dois nus dentro de um quarto, iluminado apenas por duas velas na parede, uma do lado direito e outra do lado esquerdo.

— O que pensa estar fazendo aqui? — indagou Audax, sua voz tão grossa que fez os pelos íntimos da mulher se arrepiarem.

Ele gostou daquilo.

— Senhor, desculpe-me. U-u-um s-s-soldado mandou-me aqui — ela gaguejou tanto que precisou de tempo para voltar a pronunciar as palavras. — Disse que uma escrava bonita era um ótimo remédio a longo prazo para um luto. E que trouxesse vinho para relaxá-lo.

O rei ergueu uma sobrancelha.

— Devia deitar-me com o senhor quando estivesse...dormindo, uma pequena surpresa.

— Depois de fazermos o que tiver de ser feito entre um homem e uma mulher, terá de me dizer o nome desse soldado, será muito bem recompensando. — Audax aproximou-se da mulher, enfiou as mãos nos cabelos morenos e os cheirou. — Diga doçura, qual o seu nome?

— Elizabeth, senhor.

Audax a beijou, e os pensamentos enormes de tristeza da sua mulher foram se esvaindo aos poucos. A doçura daqueles lábios o deixaram excitado no mesmo instante que suas mãos apalpavam as nádegas mornas de Elizabeth. Ela nada fez a não

ser deixar-se ser possuída por aquele enorme homem, de braços musculosos e toques prazerosos.

— Antes de continuarmos, meu rei — Elizabeth ergueu a taça.

Audax deixou que ela mesma derramasse o líquido na sua boca, um gosto quente e salgado, descendo pela sua garganta rapidamente e deixando-o mais fortalecido. Esvaziou a taça tão rápido que a pegou da mão da mulher e a soltou. O objeto caiu no chão causando um pequeno barulho de impacto de aço contra concreto.

— Podemos prosseguir? — perguntou o rei.

— *Eu* posso prosseguir, querido.

Audax arregalou os olhos ao sentir uma ardência enorme no coração, uma queimação intensa. Era veneno, mas mesmo assim...nenhum veneno poderia mata-lo. Ergueu a mão para tentar agarrar o pescoço da escrava, ela afastou somente dois passos e deixou o rei cair no chão.

— A morte da mulher realmente afetou sua inteligência, tomando vinho de qualquer pessoa? Grande erro.

Audax sentia o corpo morrendo, sua recuperação não funcionava. Tinha algo de errado.

— Bruxa!

— Isso mesmo — Elizabeth sorriu ao ver os últimos minutos do grande rei.

— Como?

Elizabeth deu de ombros.

— Tenho muito anos de prática.

No último respirar do homem, a mulher foi capaz de ouvir alguém o chamado. “Pai” a voz dizia, “pai, precisamos conversar”, a voz continuou. Elizabeth começou a falar palavras de maneira rapidamente desconexas. Sua aparência mudava conforme a boca ganhava mais velocidade.

Com a transformação completada ela saiu do quarto, dando de cara com o filho de Audax, o novo rei. Simplesmente sorriu no momento que viu seus olhos confusos, a primeira parte do plano funcionara com louvor.

— Não havia ido embora, comandante Desmond? — indagou o rapaz.

— Precisei conversar com seu pai sobre alguns termos do nosso pacto de paz — a voz era exatamente a mesma do outro homem. — Volte para a sua cama, rapaz. Já está muito tarde.

Elizabeth sabia que o outro não a escutaria, ele entraria no quarto e pronto, a confusão seria um estrondo naquele reino maldito. O mais rápido que pôde saiu dali ainda na forma de Desmond, para alguns soldados serem testemunha de que ele voltara ao castelo e agora saía de fininho.

Quando o burburinho começou e a gritaria teve início, voltou a sua forma normal longe dos olhares curiosos dos outros.

— Me espere, pois conseguirei uma forma de libertá-lo, meu amor.

PARTE 1

O VILAREJO

Capítulo 1

LENDAS

Naquele dia calmo o clima frio se aproximava, e algumas árvores quase não tinham mais folhas. O céu meio acinzentado era tenebroso, principalmente naquele pequeno vilarejo onde o jovem João, de dezesseis anos, foi prometido à linda Margaret, de quinze anos. Num tempo de mortes por pestes, guerras e rebeliões, o casamento forçado naquela região era muito comum, principalmente entre os jovens.

João era alto e magro, tinha um corpo esguio com leves músculos devido ao seu trabalho incansável na colheita, seu pai sempre dizia que aquilo impressionava as garotas das redondezas, mesmo que João não estivesse interessado em nada daquilo. Não queria nem se casar, preferia mil vezes morrer em batalha a passar toda uma vida ao lado de uma pessoa ao qual nunca nem viu.

Infelizmente não se podia fazer nada, pois devido à crise seu pai decidiu acabar com toda sua vida por posses de terra, por isso nunca gostou dele, desde que soube das traições dele com meretrizes de rua e até mesmo mulheres comprometidas. O desgraçado ainda achava aquilo normal, e ensinava sempre ao filho que se um dia casasse, não teria problema nenhum em dormir com outras.

Mas no dia em que um homem qualquer veio até a sua casa e lhe ofereceu dinheiro com alguns pedaços de terra para o pai, e informando que o único preço era fazer João se casar com a sua filha Margaret, o ódio ao seu pai só cresceu, aquele bastardo aceitara o acordo na hora.

Sua mãe também não era uma das melhores, nesse momento João tinha saído para comprar pão, e no caminho pensava na mulher que nunca o amou de verdade, seja por maltratá-lo direto desde criança ou por nunca ter cuidado dele como uma mãe de verdade o faria, na verdade, sempre desconfiou ser um bastardo e ser devido a isso que a mulher o odiasse tanto, isso não era difícil de acreditar pelos inúmeros casos extraconjugais do pai.

Já perto de anoitecer, estava arrumado para o seu casamento, quer dizer, não tão bem arrumado assim, apenas usava uma camisa de tecido de seda, e uma calça. Nada demais para quem não considerava o próprio casamento como a preocupação mais importante da sua vida.

Andava pela rua onde o chão estava úmido do orvalho matinal, mas o jovem não ligou para isso já que usava simples sandálias para proteger os pés. Observou várias pessoas andando para lá e para cá, tomando conta da própria vida, vez ou outra o paravam para dar-lhe os parabéns.

Próximo a seu destino, encontrou Castiel, seu amigo de longa data. O conheceu ainda nos seus dez anos de idade quando Castiel se mudou de sua aldeia em outras terras. Segundo palavras do mesmo, o lugar tinha sido dizimado por doenças fatais, sobrando apenas algumas poucas pessoas.

— Olá, grande amigo — Castiel abraçou João já na rua esburacada que dava na praça do vilarejo.

— Faz tempo que não o vejo — respondeu João.

— Ah, sabe como é, eu saí com alguns homens a mando do rei em buscas de novas terras e todos aproveitaram para beber vinho na companhia de várias moças, se é que me entende.

Sim, João entendia, mas fingiu que não.

A parte do reino em que moravam era bem pequena, contando com algumas aldeias e um vilarejo maior do que onde morava, no centro, onde o rei daquelas terras, Desmond, mandava. Sabendo apenas que morava no Sul, os cidadãos foram avisados de nunca tentarem atravessar as montanhas para as outras regiões, pois caso não morressem de fome, feras enormes os devorariam.

Castiel colocou seu braço ao redor do amigo, e foram juntos até a praça.

Nunca soube o motivo dos homens gostarem tanto assim de mulheres, ele mesmo nunca desejou nenhuma, na sua cabeça existiam homens que gostavam tanto da companhia delas que mesmo casados com uma, saíam à procura de outras. Outro problema que nunca entenderia era a traição, não existia motivo para casar com uma pessoa se você fosse traí-la no final de tudo.

Castiel já tinha idade o suficiente para fazer parte do exército, e seu sonho era ser guarda pessoal do Rei. Um sonho muito distante, mas não impossível.

— Então, soube que vai se casar com uma mulher de outro continente — ele observou bem quando João fez uma careta. — Ei, não se preocupe, se por acaso não gostar dela, vai poder dormir com várias outras.

João o empurrou com força.

— Nunca mais diga isso para mim — avisou, sério. — Se esse casamento realmente acontecer, nunca irei traí-la, mesmo que passe o resto da minha vida infeliz.

— Mas...

— Acho traição um dos piores pecados do mundo, e para mim, deveria ser punido com a morte.

Castiel arregala os olhos.

— Calma, não sabia que esse assunto era delicado para você.

Ele se aproximou e fez o possível para se desculpar.

— Tudo bem, só acho errado qualquer tipo de traição, seja em batalha, casamento, ou entre amigos.

— Amigo, então você terá de dar um jeito de se contentar com ela.

João suspirou, aquela era uma verdade que não podia contestar.

— Tenho de ir embora, vejo você na sua festa, ou talvez até antes — falou Castiel, virando-se na direção oposta correu para casa.

— Tudo bem — João estava tristonho, o que era para ser o dia mais feliz da sua vida, na verdade era o pior. Deus, aquilo não podia ficar mais ruim.

Já aconteceu um casamento antes, alguns meses atrás: uma amiga, Tanya, tinha se casado com um velho nojento. Ela mesma deixava bem claro sua repugnância no olhar sempre que encontrava com ele no planejamento da união até o casamento de fato na igreja. Como era mulher, teve de ir embora sem reclamar, e os únicos ganhadores dessa baboseira toda foram os pais, venderam a filha por dinheiro.

Olhou para os lados e observou as lindas jovens, algumas caminhando em grupos, outras sozinhas, mas por mais lindas que fossem nenhuma chamava a atenção de João. Pelo menos não essas do vilarejo, faltava-lhes... alguma coisa.

Avistou Castiel cortejando-as enquanto caminhava em direção ao seu lar, sorriu pelo companheiro, que era cheio de energia, jovem e forte, e provavelmente conseguiria se deitar com algumas.

Como estava prestes a se casar, notou garotas dando em cima dele constantemente e descaradamente. Por aquelas terras as coisas se desenrolavam assim, elas gostavam de homens comprometidos, da sensação de poder. Poder de tirar um homem casado de sua mulher, por pura diversão e maldade.

João sentiu a respiração se esvair de dentro dele.

A maioria dos moradores eram maus, o que era uma grande hipocrisia, pois iam a igreja para seguir os ensinamentos de Deus. Lembrou-se de quando era pequeno, não lembrava quantos anos tinha, mas recordava-se do trauma de sua infância que acontecera na praça em frente a todos.

No tal dia, tinha ido comprar leite e um homem gritava que seu produto era de primeira. João teve de admitir mentalmente: eram mesmo. Avistou um grupo de pessoas reunidos na frente da praça, um soldado de Desmond estava lá por causa de uma denúncia.

Lembrava das exatas palavras proferidas:

— Depois de semanas escondida em casa à noite, num porão secreto. Pelos incontáveis assassinatos de crianças, finalmente descobrimos o culpado — apontou para um indivíduo.

Uma mulher amarrada num pedaço de madeira, estava suspensa pelas mãos, os braços amarrados atrás das costas e os pés atados a pesos. Sangrava da cabeça aos pés.

— Eu a acuso de bruxaria!

A mulher o olhou e sorriu.

— Como se declara?

— Eu... — a mulher fez uma cara triste, João pensou que derramaria lágrimas, ou imploraria por sua vida. Ele achava que ela era inocente de tudo, mas a crueldade humana poderia estar dentro de qualquer um. — Eu sou culpada de tudo. Seus vermes!

Até o homem comandando o julgamento pareceu um pouco surpreso. Em casos de bruxaria, normalmente as mulheres se defendiam a todo custo, mesmo que todas tivessem o mesmo triste fim. João nunca presenciou um caso onde o acusado saiu como inocente, sempre era uma das duas opções, ser expurgado daquela região permanentemente ou morte na fogueira.

— As suas crianças estavam bem saborosas, admito. As sopas que eu distribuía nas festas sempre tinham algo especial, um gosto diferente, ainda bem que são burros o suficiente para nunca terem notado.

Uma mulher ali perto vomitou de tanto nojo, seu filho de dez anos estava desaparecido, agora sabia que podia ter ingerido parte dele.

— Sua vadia, merece um destino pior do que a morte! — Vociferou um homem, ele também parecia ter perdido um filho.

— Ah, eu me lembro do seu garotinho. Peter, ele tinha uma beleza extraordinária — olhou para cima lembrando do garoto de lindas feições. — Não poderia desperdiçar uma carne fresca assim. Então o vendi para um guerreiro do exército como escravo, seu garotinho deve estar sendo possuído de várias formas nesse exato momento.

— Ele só tinha doze anos, sua vagabunda! — Disse o homem derramado lágrimas de pura raiva.

— Não se preocupe, o dono dele deve ter uns trinta e três anos, aposto que cuida muito bem dele — seu sorriso malicioso explodiu em uma risada maligna.

Os moradores se reuniram em uma multidão, agitando tochas e pedaços de paus. O homem por trás do julgamento levantou a mão para que eles parassem, chamou um de seus homens e recebeu uma tocha, que logo em seguida foi acesa.

Então quando João piscou, a bruxa estava em chamas e gritando de agonia. Sua pele ficava preta e os sons de agonia aumentavam cada vez mais, até quando a mulher parou de gritar e falou algo que deixou João com medo, muito medo. Bom, ele era uma criança e se assustava fácil.

— Irá chegar um dia onde bestas irão invadir esse lugar nojento e matar todos vocês, e isso será o castigo de Deus caindo sobre os pecadores! — Disse antes de gritar uma última vez e tombar a cabeça. Seu corpo ficou mole enquanto as chamas terminavam o trabalho.

João balançou a cabeça livrando-se daquela lembrança horrorosa, faria de tudo para tentar esquecer aquela barbaridade. Depois daquele caso, nunca mais houve algo parecido, a aldeia era bem pacífica na verdade. Chegando onde queria, João avistou duas mulheres escolhendo os pães que levariam, se aproximou e tirou do bolso três moedas e entregou ao homem.

— Se esperar mais um pouquinho vai conseguir alguns bem quentinhos, saídos direto do forno — avisou o padeiro.

— Muito obrigado, senhor.

João se virou e ficou observando a praça, logo no centro havia a igreja do vilarejo, onde todos os cidadãos se reuniam aos domingos, outra coisa que o jovem nunca entendeu, era o motivo de sempre ter sido obrigado a ir naquele lugar enquanto preferiria mil vezes descansar em casa.

— Parabéns, filho.

João se virou e fitou o homem que tinha mais ou menos o triplo da sua idade.

— Obrigado.

— Não está muito feliz, não é?

— Não, não estou mesmo — soltou um suspiro longo.

Parece que ninguém o deixaria esquecer a festividade maldita que iria acontecer naquela noite, que marcaria o fim da sua vida atual, e o começo da infeliz.

— Entendo, não é fácil se casar nesses tempos difíceis, principalmente pelos horríveis ataques que vem dizimando aldeias.

Aquela informação atizou a curiosidade de João, para se entreter um pouco enquanto esperava os trigos, decidiu perguntar sobre o que se tratava.

— Você sabe de algo — Falou João.

Não foi uma pergunta.

— Bom, ouvi boatos... — o senhor não queria falar sobre aquilo, mas viu que o jovem de olhar pidão o implorava com a cara de um filhote para continuar com aquilo.

— É.... pelo que eu soube, andam acontecendo vários ataques pela região ultimamente, duas aldeias próximas foram dizimadas.

— Você sabe quem eram eles?

— Não quem, mas o que. Não eram pessoas.

João franziu o cenho, aquele velho só podia estar caduque.

— Soube que eram feras sanguinárias que matavam todos do lugar em que atacavam, e no final de tudo deixavam algumas pessoas vivas, mas sempre levavam algumas jovens moças para engravidá-las e darem continuação a sua raça.

— Isso é mentira!

O velho riu.

— Pode até ser, mas vejo que você ficou um pouco assustado — disse constatando o óbvio, o garoto engoliu em seco várias vezes. — A parte mais estranha da história, que eu soube, é de que por alguma razão, eles só atacam na Lua cheia.

— Por quê?

— Nem eu sei criança, não faço a mínima ideia.

A história estava muito esquisita, se existissem mesmo. Por qual motivo atacavam somente na Lua cheia?

Nunca duvidou dos mais velhos, contudo aquele padeiro queria lhe pregar uma peça, com certeza devia ser isso. Tudo para arruinar sua noite de núpcias com pesadelos inoportunos de medo e mortes.

Quando os pães ficaram prontos, João havia dado três moedas e recebeu três pães, bem justo. Observou as pequenas casas, teria de arranjar um lugar novo para morar com sua não tão amada esposa. Nem perdeu tempo olhando as casas maiores, aquilo era só para quem era podre de rico, o que não era o seu caso.

Enquanto andava, nem percebeu que o céu escurecia e a Lua cheia subia pintando as casas dos lugares. O vento fazia as árvores quase sem folhas chacoalharem de um modo sinistro, por sorte estavam tão firmes no chão que é era preciso uma força sobre humana para arrancá-las, ou um machado.

Parou e pensou um pouco: já que iria se casar, precisava aproveitar seus últimos dias como solteiro. Deu meia volta e decidiu ir até onde os homens se encontravam para beber e jogar conversa fora.

Lá era uma taberna, mas o lugar podia se confundir muito bem com um lar normal, pois mantinha as boas aparências. João pôs a mão na porta de estalagem, empurrou-a e entrou no local desconhecido, em toda a sua vida nunca tinha entrado ali. Contemplou todo o salão amplo, o local era bem feito, várias mesas sobre cavaletes, com pratos e jarros, onde grupos de homens estavam reunidos e rindo, um bateu na bunda de uma mulher que servia os outros.

Enquanto caminhava até uma mesa vazia, ouvia e sentia o som das vozes misturar-se com o cheiro da carne. Havia uma lareira em uma extremidade com um espeto assando sobre ela. De um lado, um lance de escadas de madeira levava até o andar de cima, onde João apostava ter quartos privativos.

Sentou perto do balcão, e viu um homem com roupas um pouco diferentes do comum, era com certeza da guarda real ou um caçador, João apostou na segunda opção. Ele tinha um papel na mão e o mostrava para um grupo de homens ao redor dele na mesa.

— Eles são reais, mas se não acreditam...

No papel havia o desenho de uma fera.

— Mentira, isso são só lendas — diz um homem bebendo e rindo.

— Eu mesmo matei um — o desconhecido colocou suas duas mãos no tecido da roupa, bem nos ombros. — É feita de pele de lobo.

Os homens ao redor arregalaram os olhos.

— Isso deve valer uma fortuna — um deles levantou e tentou tocar para sentir a textura, mas levou um tapa.

— Claro que vale, e ninguém pode tocar.

— Qual o motivo de estar aqui? — perguntou um dos bêbados.

— Bom, apenas visitando. Meu intuito é ir para as aldeias atacadas. E matar quanto dessas feras eu puder.

— Lobisomens não existem — Robert falou, um lenhador. E ainda pediu mais uma bebida.

— Se você diz, mas lhe digo uma coisa, podem ser apenas saqueadores, só que se forem lobisomens, existe um motivo por trás, eles nunca atacam sem motivo. E vou descobrir o que é.

— Por que tanto interesse nisso? — Indagou um deles.

— Pergunte a Desmond, seu rei. Ele que me contratou.

João sentiu um arrepio na espinha, o rei o contratou, aquilo era esquisito. Será que as histórias macabras eram reais afinal? Aquele caçador estava ali para fazer seu trabalho, e não tinha cara de quem estava para brincadeira.

Levantou o olhar para pedir algo para beber, mas aquele homem coberto de negro o fitava.

João arregalou os olhos.

— Você. Venha aqui agora — chamou o caçador, normalmente.

O garoto sem perder tempo, pegou seus pães enrolados num pano e caminhou em direção aos adultos. O caçador cedeu um pouco de espaço e João sentou bem ao seu lado.

— Notei que você estava prestando atenção na nossa conversa. O que acha, estou mentindo ou falando a verdade?

João pensou bastante antes de responder, podia estar sendo usado como o bobo da corte para a diversão daqueles homens sem-vergonhas.

— Bom...é, o padeiro me contou algo parecido. Sobre dizimação, monstros e Lua cheia. Sinceramente? Achei apenas uma história para assustar criancinhas.

Os homens riram de novo.

— Olha, parece que alguém está realmente virando um homem. Além de se casar, não tem mais medo de historinhas de terror — falou Robert.

A porta foi aberta abruptamente e todos viraram a cabeça para ver um homem com um animal morto nas costas. Ele estava sujo, com cabelos desganhados enormes e os fiapos das roupas aparentes. Também usava umas botas sujas esquisitas e possuía aparência igual a de um mendigo, deu alguns passos à frente para jogar o corpo sem vida no chão.

— Nenhum cidadão precisa mais se preocupar, todos estão seguros agora.

Todos ali se aproximaram para ver o animal morto, era um lobo com a língua para fora e os olhos abertos. Seu tamanho não era como a de um lobo comum, esse era enorme, os pelos tinham a cor marrom.

— Ninguém vai me recompensar pelo bom trabalho? — pronunciou o mendigo.

O dono começou a encher um copo de cerveja, algumas mulheres o rodearam dando pequenos risos e elogios. Para João, tudo não passava de uma armação, algo articulado da pior maneira possível, não era exagero imaginar que nesses dias as histórias de feras estavam no auge. E quais as chances de um mendigo ao qual não tinha onde cair morto, caçou e matou uma fera que provavelmente nunca existiu?

Uma flecha acertou o corpo do lobo com pelos marrons. As pessoas se assustaram e olharam para o caçador, que portava uma besta nas mãos. Ele se aproximou do suposto homem matador de feras e ficou bem perto dele. As mulheres ficaram excitadas com o afronte, tanto que morderam os lábios esperando uma boa briga de machos.

— Este truque é velho, não acha? — o caçador no máximo de sua arrogância falou ao mendigo.

O caçador olhou para João e então disse:

— Filho, notei que você não ficou nada surpreso como o resto. Diga o porquê acha isso uma fraude.

Todos desviavam o olhar para o garoto.

— Bom, olhe a pele do animal. Já está em decomposição, já estava morto há vários dias.

As mulheres se afastaram do mendigo quando notaram que era só mais um fracassado querendo atenção. E os homens também voltaram aos seus lugares, o mendigo olhou feio para João, mas o mesmo só deu de ombros. O garoto observou o mendigo dar meia volta e sair do estabelecimento.

— Muito bem, poderia ser um caçador se quisesse.

— Não, não poderia. Irei me casar em breve — sua voz tristonha retornou.

— Sinto muito, eu compareceria se pudesse. Infelizmente tenho trabalho a fazer pelo resto da noite, fora daqui.

O caçador chamou a atenção de todos ali.

— Bem irei me despedir de vocês. E cuidado, vocês acham os lobisomens não passam de meras lendas, mas nunca se sabe quando uma tragédia irá acontecer. Duas aldeias já foram atacadas e uma delas dizimada, mantenham a guarda sempre protegida.

O homem iria sair, entretanto olhou sobre o ombro para João.

— Meu nome é Charles. Charles Daniel.

Por fim, saiu.

Robert chegou por trás, colocando as mãos em seus ombros largos, o puxou para a mesa onde vários homens conversavam sobre mulheres. Ia passar agora por constrangimentos, meio que sabia disso quando entrou.

— Então garoto, já conheceu sua noiva?

— Não — respondeu logo que se sentou.

— Ainda é virgem?

João ficou ereto e tentou não transparecer nervosismo, que tipo de pergunta era aquela? Eles pareciam como animais famintos esperando que o dono jogasse comida, nesse caso João teria de dar uma resposta.

— Sim. Ainda sou virgem.

Robert chamou uma mulher e falou algo no ouvido dela, então a bela moça de curvas maravilhosas e sensuais, caminhou e sentou no colo do garoto. Ela devia ter uns vinte e dois anos ou mais, nem se importava com a idade dos clientes desde que recebesse seu dinheiro.

João levantou depressa, fazendo a meretriz ficar de pé e emburrada.

— Preciso ir embora — ouvindo protestos, ele pegou os pães e correu para casa.

Parou quando ouviu o sino da igreja tocar, duas badaladas de cada vez à medida que João se aproximava de casa. O som significava o resultado da sua nova vida infeliz, os preparativos já estavam prontos.

Uma criança puxava os braços da sua mãe, apressando-a. O pequeno queria ver qual o motivo de toda aquela agitação. Temia ter perdido algo que lhe desse prazer.

Algumas pessoas arrumadas ao seu modo já caminhavam para a igreja, e João não soube o motivo, o casamento demoraria um tempo ainda. Bem, as pessoas podiam ter curiosidade em saber como a igreja ficara por dentro.

Por um momento pensou em Charles Daniel, poderia ser como ele, matar monstros e sair do vilarejo, e não precisaria se casar. Mas a vida era cruel, e tinha outros planos para João, planos ao qual ele não fazia a mínima ideia. Quando soube de seu matrimônio, tentou todas as desculpas que pôde imaginar, mas nada realmente adiantou, nem sua ameaça de fuga para outro lugar caso aquela loucura continuasse.

Em um breve segundo — e soube do castigo que cairia em si — quando pensou nas lendas das feras, ficaria feliz caso elas aparecessem e, por Deus, era errado, muito errado desejar as desgraças alheias, todavia, não precisaria casar caso acontecesse um ataque.

Olhou para o céu escuro, tinha muitas nuvens, ia chover. Tomara que aquilo destruísse o casamento de alguma forma, ou fosse uma tempestade enorme ao ponto de impedir aos moradores de saírem de suas residências.

Correu para sua casa. Seus pais já deviam estar bravos por tamanha demora.

Capítulo 2

CASAMENTO

João abriu a porta de casa e entrou sentindo um cheirinho de sopa recém-feita. A casa estava tão cheia de pessoas que não havia mais ar para respirar. Ele se sentia vazio por dentro, por saber que aquelas pessoas eram todas interesseiras, pois caso tivessem mesmo alguma preocupação pelo garoto, teriam feito algo.

Caminhou até a mesa onde comia todas as refeições e onde seus pais estavam no momento, colocou os pães na mesa e se sentou no meio, enquanto seu pai e mãe estavam na ponta da mesa cada um.

— Ainda bem! — a mulher jogou as mãos para o alto. — Qual o seu motivo esfarrapado para ter demorado tanto?

A mulher falou autoritária, apenas para impressionar os vizinhos ali presentes.

— Encontrei Castiel, e o padeiro pediu para esperar um pouco se eu quisesse pães quentes, então esperei.

— Uma das poucas vezes que faz algo que preste — respondeu a mulher, colocou a colher na sopa, depois bebeu um pouco.

— Sem brigas essa noite, hoje João virará homem e se casará com uma mulher jovem e bonita.

As pessoas murmuravam, outras acenaram com a cabeça, concordando.

João sorriu triste. Era muito cruel forçar alguém a se casar, ainda mais com uma pessoa que nunca tinha visto. Ela podia ser a pessoa mais feia do mundo que isso não importaria para o pai do garoto, claro que não, o importante era o lucro e pedaços de terra que ganharia nesse casamento.

— Quantas horas faltam para... eu me casar?

— Daqui a pouco vamos para a igreja — respondeu o pai.

Nesse momento, aos poucos, as visitas foram saindo, querendo rapidamente se arrumarem para a festa.

— E também, daqui a pouco você não vai mais morar aqui — a mãe sorriu, expulsaria o marido traidor junto, se pudesse.

Os moradores estavam todos convidados, e como não tinham uma festa há muito tempo, quase que a população inteira tinha marcado presença. Isso queria dizer umas duzentas pessoas. Seria comemorado como o de costume, uma festa a noite inteira com comidas e bebidas de todos os tipos, e também seu pai tendo casos com prostitutas como já era de praxe.

Quando terminaram o jantar, o garoto sentou na cama para esperar seus pais se vestirem apropriadamente. Colocou as mãos nos joelhos para tentar fazer as pernas pararem de tremer, mas não adiantou muito. Perguntou-se como estaria Tanya agora, feliz com seu casamento arranjando, feliz com seu noivo?

Seus pais devidamente bem arrumados não perderam tempo e foram caminhando até a igreja, alguns vizinhos também tomavam o mesmo caminho. Bom, um fato de que não podiam negar era de que a igreja era magnífica, tanto por fora quanto por dentro. Foi construída em formato de cruz e possuía um único portão de entrada. O interior era pouco ornado e havia a presença do uso de abóbadas e arcos de volta-perfeita.

— Pai, corre um boato de que as aldeias e vilarejos vizinhos foram dizimados por feras. O senhor acredita nisso? — Quis saber o pobre rapaz.

— Não seja louco, menino. Essas coisas não existem, são apenas histórias — a mãe respondeu depressa.

Uma mulherzinha chata, João achava. Sempre se intrometendo em assuntos que não lhe cabiam respeito. Devia ser esse um dos motivos do próprio marido preferir companhia de outras à dela, pelo menos as outras lhe traziam algum tipo de conforto, mesmo sendo carnal e temporário.

Não, não e não. João tratou de remover esses pensamentos maldosos, ninguém merecia ser traído. Só estava com raiva, uma raiva forte, mas passageira.

— A resposta é não, não acredito na existência de monstros, só acredito no que posso ver — falou o homem, com sua voz extremamente rouca.

As ruas ficavam vazias cada vez mais que as pessoas entravam na igreja, onde todos aos domingos levavam seus filhos, muita das vezes contra a vontade, para rezarem e pedirem perdão por seus pecados. Inclusive era o caso de seu pai, sempre implorava por perdão pelas traições, e nunca tomava jeito.

A hipocrisia reinava dentro do recinto.

Adentraram o local onde algumas pessoas já habitavam os bancos feitos de madeira de um modo resistente. João ficou um pouco quieto em todo o trajeto, tantas pessoas, e só vieram ali para o ver casar, sua timidez falou mais alto, por isso não olhou e nem acenou para ninguém, muito menos cumprimentou.

Foi direto para o centro onde seu pai e sua mãe ficariam bem atrás dele, e do lado de cima de todos, estava o padre com uma bíblia na mão apenas esperando a noiva. A maioria da aldeia presenciava ali na igreja, aquele momento considerado por muitos, como o dia mais feliz de um homem.

João olhou para os que estavam sentados na frente, e viu Castiel, esse deu um aceno fazendo João engolir em seco. Seu coração acelerou de repente, era como se a

qualquer momento ele fosse sair do peito e fugir pelos corredores estreitos daquele lugar.

Quando a porta se abriu, e todos se viraram para ver quem era, ele viu a tão falada mulher bonita, Margaret. Por alguma razão ela não tinha o rosto coberto, dava para ver nitidamente o cabelo cor de ferrugem, era tão fino. Ela também tinha sardas, pareciam aquelas manchas nas asas de borboletas. Bem ao lado dela, levando-a para o altar, estava seu pai, o que queria o casamento a todo custo. Devido as guerras muitos jovens morreram, restando apenas alguns mais velhos, e ele não queria nenhum desses nojentos para sua filha, então teve de recorrer a alguma aldeia vizinha.

A garota era bem pálida, o que era o maior grão de beleza para época, mas João ainda sim, não sentiu nada por ela, era como se não gostasse de nenhuma mulher, mas ao mesmo tempo... percebeu que nunca sentira atração por mulher nenhuma. E algumas vezes já olhou alguns garotos da sua idade maliciosamente... não, não poderia gostar de homens, era proibido tamanha aberração.

Eles se aproximaram aos poucos, e a cada passo deles era uma batida forte e densa no coração de João. Quando os dois ficaram frente a frente foi que o garoto percebeu: definitivamente nunca a amaria, não sentiu nada por ela, ódio, felicidade, angustia ou tristeza, nada. Só um vazio. Sentir qualquer coisa era melhor do que aquilo, a sensação era simplesmente horrível.

— É um prazer conhecê-lo, meu noivo — Margaret possuía uma voz doce, parecia ensaiada até.

— Igualmente — sua voz saiu afiada como uma faca.

— Irei te fazer muito feliz — ela sorriu, mostrando quantos dentes podia.

João duvidava daquilo, infelizmente não poderia dizer as palavras em voz alta ou teria sérios problemas.

— Urhgg! — o padre pigarreou, depois abriu a bíblia. — Estamos aqui hoje, para celebrar este ato de união, um homem e uma mulher se unirão como um só...

Elizabeth revirou os olhos quando o padre começou seu longo discurso, só foi para aquele casamento para certificar-se de que seu plano dera certo, já fazia mais ou menos um mês que só ouvia boatos de que feras atacavam e destruíam vilarejos. E se as histórias fossem verdadeiras, aquele lugar seria o próximo alvo. Seu vestido de seda preto destacava-se na multidão de mulheres simples, pelos menos nenhuma teve a ousadia de incomodá-la com perguntas desnecessariamente entediantes.

Ainda não vira quem daqueles homens fracos e que eram comandados por seus próprios desejos, poderia ser o guerreiro de quem procurava. Por anos andou por terras, devastadas e novas, procurando e ansiando o dia em que finalmente o seu escolhido fosse aparecer das cinzas das tragédias.

A mulher achava os olhares dos aldeões invejosos, carregados de um sentimento cruel de ver o seu próximo sofrendo. Aqueles cidadãos realmente não tinham nada para fazer naquele vilarejo, tanto que procuravam migalhas no sofrimento alheio numa espécie de diversão momentânea.

Nada falou, nada disse. Continuaría de boca fechada, afinal, estava ali somente como uma observadora.

O pai de Margaret entregou a mão da filha para João. Então os dois deram as mãos um para o outro, ela parecia bem feliz, isso pelo fato de seu sorriso ser o maior de todos ali. João para não levantar um clima horrível, tentou sorrir, e parece ter tido um pouco de sucesso. As pessoas ansiavam para a cerimônia acabar logo, pois queriam festejar e beber vinho. E alguns homens foram rápidos para já escolherem com o olhar faminto as mulheres com que teriam uma noite árdua de puro sexo.

A cerimônia teve início, e João parecia apenas um escravo, apenas dizendo sim para tudo, só precisava beijar Margaret para enfim estar casado e partir para a lua de mel, não fazendo ideia nenhuma do que esperar daquele momento. Nem sabia o que fazer com ela caso ficassem a sós numa casa, e tirar a roupa na frente dela não era uma opção.

— Se alguém se opõe a este matrimônio, fale agora ou cale-se para sempre — disse o padre fechando a bíblia, pronto para mandar os noivos se beijarem.

Elizabeth sentiu um leve arrepio na espinha e rapidamente girou a cabeça para as portas, ansiosa.

De repente as portas da igreja se abrem num baque, uma rajada de vento soprou tão forte que fez as pessoas colocarem as mãos em seus rostos, inclusive os noivos. Um rosnado forte e raivoso foi ouvido, os corações das pessoas rapidamente aceleraram e eles começaram a levantar, assustados. Lá fora via-se nitidamente a Lua cheia no céu, em seguida ecoaram vários uivos finos que depois de segundos ficaram grossos, ninguém soube dizer da onde veio o som, parecia ser de todo lado e de lado nenhum.

Eles apenas sabiam que naquele momento, uma grande tragédia estava prestes a ocorrer.

...

O padeiro desejava ir à festa do casamento de João, mas não era possível graças a sua esposa e filho que o esperavam em casa naquele momento. Depois de se certificar de que estava tudo bem em casa, partiria em direção ao festival, por isso ainda estava ali, no seu local de trabalho preparando alguns pães, e também levaria vinho.

Ele aumentou o fogo para terminar tudo o mais depressa possível, as chamas eram tão intensas que faziam o homem ver a própria sombra na parede. Passou a mão na testa esfregando o suor, era realmente trabalhoso, principalmente para aquele senhor de idade.

Quando foi tirar os últimos pãozinhos, e se abaixou para olhar o resultado, viu uma silhueta na parede que o assustou e no segundo que piscou, nada mais havia ali. Não tinha certeza do que viu, parecia um homem grande, muito grande, com o corpo volumoso, ou era uma roupa grossa. Ficou com mais medo quando pensou ter visto unhas enormes. Mas o que estava pensando? Tinha contando as histórias dos homens fera para o garoto hoje cedo e agora isso, com certeza devia ser sua mente brincando consigo mesmo, respirou aliviado.

Provavelmente era isso.

Enrolou os pães num pano e encerrou tudo por ali, quando colocou os pés para fora do estabelecimento deixou tudo que estava segurando cair, pois um braço peludo e preto agarrara seu queixo. A cabeça do padeiro foi virada, e ele fitou os olhos azuis. Por isso tinha visto aquela sombra tão cheia, eram os pelos pretos do monstro, o semblante era fechado, o focinho como a de um cachorro. No longo fungar da besta ele mostrou os dentes, o padeiro pôde ver que eram mais afiados do que navalha. O lobisomem cravou as garras dentro da boca fechada do homem, puxando como fosse um tipo de elástico, suas unhas entraram bem fácil e sangue começou a sair um pouco. Então a fera peluda puxou com força total, arrancando uma das bochechas por completo e deixando a mostra os dentes do lado esquerdo do rosto. O padeiro sentia o sangue escorrendo pelo seu corpo e misturando-se com o suor do corpo, ele gritou, gritou tanto quanto podia.

Ele se ajoelhou com as duas mãos ainda na boca, o som do grito saia abafado, e atrás dele, a fera iluminada pela a luz forte da Lua cheia enfiou sua mão na barriga do homem, atravessando-a sem nenhuma dificuldade. Então o levantou e com a outra mão, o partiu em dois.

É uma pena um homem morrer sem dar adeus à mulher e ao filho adolescente.

Aquilo era só o começo.

No outro lado da aldeia, tudo estava silencioso, quieto, um homem desastrado e muito bêbado chamado Max, acabava de sair da sua casa em direção à igreja para a festa que não perderia, iria transar com o máximo de mulheres que conseguisse, talvez até aparecesse uma juvenzinha que queira se deitar com ele.

Max era um soldado, o seu comandante havia lhe dado quatro dias de folga para aproveitar como quisesse por causa do seu sucesso na última batalha, que foi matar o máximo de inimigos possível. Contava inúmeras histórias do campo de batalha, às vezes dizia que costumava matar muitos de uma única vez. Teve a vez que contou ter enfrentado um homem gigante, dando detalhes de o quanto difícil e árdua a batalha foi, riu com os próprios pensamentos, os otários acreditavam em tudo.

Sabia das muitas histórias contadas por soldados, a maioria uma completa mentira. A última de que ouviu veio de um amigo já falecido pela peste bubônica, tratava-se de homens que se transformavam em feras na Lua cheia, a história era absurda, tão

absurda que não acreditou de imediato quando um monstro pulou do telhado e caiu bem em sua frente, o fazendo piscar várias vezes. Meio corcunda, bem peludo, com garras e dentes enormes, constatou o óbvio, as histórias eram verdadeiras.

Max correu de volta para a sua casa, caindo no chão algumas vezes. Encontrava-se tão desnortado e tão bêbado que a visão estava turva. O lobisomem apenas sorriu, deixaria ele se afastar um pouco mais, esse em específico gostava de se divertir antes de dar fim a sua presa.

O homem completamente alcoólico entrou no seu lar e fechou a sua enorme porta de madeira, certificando-se de trancá-la, e ainda por cima empurrou uma mesa para escorar a porta. Bem ao lado de onde sua escrava fazia comida — morta também por peste bubônica — se encontrava um machado desgastado, pegou o objeto em mãos e se preparou para caso dessa coisa entrar.

Toc Toc.

Alguém bateu na porta e Max ficou confuso por um momento, até esqueceu de que tinha uma fera atrás dele.

— Quem é? — perguntou o pobre coitado.

Um baque forte na porta fez Max dar alguns passos para trás, e logo veio um rosnado raivoso e faminto.

Parecia que aquilo respondia à pergunta.

A porta se rachou quando um novo baque a atingiu, dessa vez mais forte, impaciente. Depois veio outro golpe e a madeira abriu um pequeno buraco, então tudo ficou silencioso.

Segundos depois, Max pensou que a criatura desistira de tentar comer a sua carne. Se aproximou lentamente da porta e parou os movimentos abruptamente quando o lobisomem colocou seu olho azul no buraco, visualizando todo o lugar, suas pupilas se dilataram no momento que avistou Max.

Os barulhos voltaram, dessa vez, mais intensos e assustadores, a porta não resistiu mais e cedeu, o lobisomem iria entrar. Max ergueu o machado enquanto observava a criatura caminhar até ele, e atrás, o acompanhado, vem o vento frio fazendo aqueles pelos se eriçarem antes do ataque.

O lobo atacou e Max também. Infelizmente o homem caiu no chão com as tripas já do lado de fora, os gritos começaram bem fracos e logo a voz de Max foi ficando rouca e vazia até não restar mais vida nenhuma em seu corpo com a carne rasgada.

Por sorte o machado estava cravado na costela da fera, não a ponto de matar ou ferir gravemente, mas o incômodo foi muito quando tirou objeto do corpo peludo, que rosnou, forte e raivosamente. E tão alto que foi capaz de parar o casamento acontecendo na igreja neste momento.

...

Todos olhavam para a escuridão da rua, dava para ver algumas casas, barracos, e a escuridão. Uma leva de pessoas levantou e se aproximou da saída, querendo ouvir aquele som horrendo de novo.

Nada.

Silêncio total.

Sons foram emitidos da escuridão, grunhidos, passos. Um dos moradores foi o primeiro a colocar o pé do lado de fora da igreja para descobrir o que estava acontecendo. O chamavam de Billy, era um comerciante apenas vivendo sua vida naquela aldeia pacífica, mas logo mudou de opinião quando viu uma forma circular sair do escuro e cair em seus pés sujando seus sapatos de sangue. Arregalou os olhos ao perceber nitidamente a cabeça de Max, a respiração agora se tornou algo difícil, seu coração quase parou.

Olhou para uma silhueta emergindo do fundo escuro e se mostrando um homem alto, muito alto, só que aquilo não era um homem. Pelos cobriam todo o corpo, a cara parecia a de um lobo, os dentes por pouco não saltavam da boca. Segundos depois outros da mesma forma começaram a aparecer, menores do que o primeiro, mas assustadores do mesmo modo.

A fera mais alta, e provavelmente o líder, levantou a mão e fechou o punho, então as outras feras começaram a correr em direção à igreja. E para o grande banquete vivo que tinham agora uma expressão de puro terror.

Billy rapidamente correu de volta gritando muito.

— Rápido, me ajudem a fechar as portas, AGORA!

Homens se posicionaram atrás das portas e as empurraram, colocando força total, o mais depressa possível, com o medo de perderem suas vidas. Depois dois homens juntos colocaram uma espécie de tora na porta impedido que qualquer um do lado de fora entrasse.

— Alguém pode me dizer que merda era aquela? — Indagou Billy, para as pessoas andando de um lado ao outro, apavoradas, enquanto o padre de joelhos, rezava para o todo poderoso implorando por sua vida.

— São lobisomens! — disse Castiel. — Ouvi várias histórias sobre o assunto, mas nunca acreditei em nenhuma delas, vejo agora que estava equivocado quanto ao assunto.

João tinha ouvido também, mas da boca do padeiro, e o mesmo não se encontrava ali na pequena multidão. Engoliu em seco pensando no pior. Olhou para Margaret, e Deus que o perdoe, mas sentiu alívio por não ter se casado com ela, e ela não parecia muito feliz com isso.

— Vamos terminar o casamento, eu quero meu marido! — Margaret já estava perdendo a paciência.

— Ficou louca? Estamos sobe ataque, podemos acabar todos mortos — uma pessoa na multidão falou.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui, vermes. Não ligo se vocês morrerem, assim que conseguir meu marido partirei daqui e nunca mais os verei, então não me importo com nenhum de vocês — esbravejou a garota.

Para uma mulher de quinze anos, ela parecia muita brava, ou talvez ela não tenha a idade que aparentava.

Os pais de João a olharam chocados, pensaram na garota como uma santa, viram sua verdadeira face, e mesmo assim não foi o suficiente para desistirem dessa ideia horrível de unir ela ao próprio filho.

— Na lenda dos lobisomens, falavam sobre eles invadirem aldeias para raptarem moças jovens e depois engravidá-las e assim dar continuidade a espécie — Castiel fitou Margaret.

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou uma mulher humilde, seu nome era Jasmim, bem atrás dela, escondida por medo e vergonha, uma menininha de onze anos de idade.

— Vamos oferecer as jovens mais bonitas e rezar a Deus que eles escolham as que querem e caiam fora.

Todos os homens concordaram, e algumas mulheres sem filhas também, inclusive a mãe de João. São horríveis as coisas que os seres humanos eram capazes de fazer para sobreviver, mostravam suas verdadeiras faces. Mas era isso que os lobisomens queriam, por isso não tentaram derrubar a porta da igreja ou entrar pelas janelas no alto daquele lugar, devido à audição aguçada, podiam ouvir o desespero das pobres almas, estavam se divertindo a custo do medo deles.

Havia uma mulher tremendo, ela passou a mão na testa por causa do suor, um homem mordiscava as unhas tentando imaginar uma solução para o problema. De repente olharam uns aos outros constatando o óbvio. Eles existem e não tem escapatória.

— Vamos todos morrer! — disse Billy.

Encolhida no meio das mulheres idiotas, Elizabeth nada falou e nada fez. A todo momento escondia seu leve sorriso. Finalmente essas feras fedorentas atacaram, e dentre os homens decidindo entregar as menininhas para salvar a própria vida ou os que se escondiam debaixo dos bancos, nenhum parecia ser o que ela queria. Faltava-lhes coragem, uma emoção no coração para querer fazer o bem.

Ela dava respostas curtas e grossas para as mulheres que procuravam algumas palavras de consolo. Só queria permanecer no seu lugar vendo o desastre todo, sem ser incomodada. Esperaria uma brecha, qualquer uma. Aquele acontecimento tornou-se

algo desinteressante, pois nenhum dos homens parecia querer enfrentar as feras. Talvez tivesse sorte com alguns dos que estivessem lá fora, sozinhos e a própria sorte. Isso, tinha de passear pelos os arredores também.

Enquanto as saídas continuarem fechadas permaneceria trancada ali, vendo o desespero tomando conta daquele grupo de idiotas e medrosos. O que podia fazer naquele momento era curtir a derrocada das pessoas pela doce e amarga hipocrisia.

Capítulo 3

PESADELO

Uma mulher que estava na rua quando ouviu o uivo assustador entrou em casa e fechou a porta. Sem pensar direito correu para a cama e se cobriu com o cobertor para fingir estar morta. Isso aconteceu bem na hora que um som estranho soou no lado de fora. Ela não conseguiu não tremer.

Algo arranhou a porta causando um ruído horrível, Renata se encolheu sentindo uma dor enorme nos ouvidos, tentou a todo custo se manter parada. Ela escutou um som fino, não se atreveu a olhar, pois sabia o que era, a porta estava sendo aberta. Desejou que o marido estivesse ali com ela, mas ele estava na igreja na mesma situação de agora.

Ainda tremendo muito sentiu a coberta descendo pelos seios fartos bem devagar, e com tanto medo, paralisou. E isso era bom, pois também parou de se tremer.

Os olhos do lobo brilhavam em um desejo de matar, colocou uma garra no topo do vestido de seda dela, bem acima dos seios, com cuidado foi descendo e rasgando o tecido pouco a pouco. Sabia que ela estava viva e provavelmente fingindo, mas faria um jogo, se ele rasgasse toda a roupa e não notasse reação alguma vinda dela, a deixaria viver. Quase no final, a ponto de ver as partes íntimas dela, suas orelhas se ergueram, pronto para ouvir qualquer barulho que Renata emitisse.

Renata sentiu o bafo quente da criatura no meio das pernas, contra a vontade deixou suas lágrimas caírem em silêncio. Ao abrir os olhos um pouquinho para espiar, viu o rosto peludo do monstro na sua frente, cara a cara.

Que pena.

Encarou os olhos azuis pela primeira e última vez antes do lobo rasgar a sua garganta.

...

O povo encurralado pelo lado de fora e presos por quatro paredes ainda se decidiam, o que fazer, como se defender, como matá-los?

— E então, o que vai ser?

— Castiel, meu amigo, você só pode estar maluco. Não podemos fazer uma barbaridade dessas — disse João, seu suor descia pela testa por conta do desespero daquele ser, provavelmente, seu último dia com vida.

— Desculpe, mas eu quero sobreviver!

As reações indicam o pior, eles irão fazer o necessário.

— Na história que eu ouvi, eles atacam apenas na Lua cheia.

— Planeja algo, se for o caso, diga logo — Castiel agora queria qualquer solução para o problema.

— Ficamos aqui até a noite acabar, damos um jeito de mantê-los do lado de fora.

— Concordo, por enquanto é a melhor ideia — Jasmim disse balançando a cabeça rapidamente e várias vezes, faria o que pudesse para ajudar.

Os lobisomens gargalhariam se pudesse, humanos estúpidos, só não entraram ainda por não quererem que a diversão acabasse cedo.

De repente uma voz ecoou do lado de fora fazendo as pessoas olharem para a porta, chocados. Era um menino, sujo de sangue e descalço, andava até a igreja chorando e rezando para que alguém abrisse a porta.

— Me ajudem! — gritou.

Não tinha nem seis anos direito e já presenciara seus pais sendo mortos de forma brutal. Suas pernas tremiam de frio, cada passo era uma constante luta. Naquela hora da noite tudo começava a ter um ar gelado.

Castiel tentou avançar para remover a tora e abrir passagem para o garoto, mas foi impedido por Billy. Tentou se soltar inutilmente, o outro era mais forte. Ninguém ali se atreveria a dar um passo sequer, saberiam os riscos de salvar o garotinho, iriam condenar a todos.

— Vai deixar ele morrer? É só uma criança!

— É uma armadilha — disse Billy, frio e sério.

O garoto continuava a andar até que chegou perto da porta, então parou, esperando ela ser aberta, o que não aconteceu. Atrás dele, nos telhados das casas, os lobos esperavam ansiosamente os humanos caírem na armadilha, estavam todos em posição de ataque.

As pessoas recuaram e Castiel parou, não tentaria salvar um se condenaria todo o resto, já se decidiram. Baixaram os olhares, tristes, alguns até derramaram lágrimas pelo som do choro da criança condenada à morte.

O lobisomem alfa percebeu que ninguém viria, então pulou e caiu bem atrás do garoto, o som das suas patas tocando o chão fez o pequeno se virar e erguer a cabeça. Encarou os olhos tensos carregados de raiva com um grande pesar no peito.

Ergueu as garras fazendo a menção de acabar com ele, ali e agora. Mas sua real intenção era fazer aquele garoto gritar com o susto, e foi o que aconteceu, o menino gritou por vários segundos, até ficar rouco.

— Eu vou buscá-lo — Robert disse, ele correu até a porta e tentou com um esforço danado tirar a tora do dobro de seu tamanho.

João se lembrava dele da taberna desta tarde. O homem conversava com um caçador... *merda*, bem que o caçador poderia aparecer para ajudar, só era altamente improvável que acontecesse.

Billy avançava para tentar impedir, mas foi segurado pelo braço por Castiel.

— Só irá até lá se for para ajudar.

Soltou o homem quando ele parou de se mexer.

Castiel andou até Robert e o ajudou a abrir a porta. Quando ela foi aberta, Robert saiu sem pensar. Castiel viu que ali não tinha criança nenhuma, era uma armadilha.

— Volte, entre agora, vamos!

Robert olhou por cima do ombro, e seguiu em frente, para a escuridão.

— Maldição! — Castiel fechou a porta, e com a ajuda de Billy e mais alguns outros, a trancaram.

Robert viu o quão burro foi quando percebeu que estava desarmado e com as mãos abraçando o corpo por conta do frio pesado. Seus olhos passaram por todo o campo de visão, não avistou o menino, viu uma movimentação no telhado e arregalou os olhos rapidamente se virando para o local. Nada, não tinha absolutamente nada.

Começou a caminhar com as pernas trêmulas, a cada passo seu olhar vagava por uma direção diferente. Grunhidos foram ouvidos junto de coisas sendo arranhadas, ainda sim, continuou seguindo em frente.

— Garoto, cadê você? — sua voz saiu como um sussurro.

Andando mais um pouco viu um corpo no espaço entre duas casas, num beco. Via apenas até a cintura, o resto era consumido pela escuridão. O homem caído estava de barriga para baixo, e Robert viu um pequeno movimento em seus dedos. Ele ainda vivia. Correu para prestar algum tipo de ajuda, mas parou depressa ao ver o corpo sendo sugado para a escuridão ao som de rosnados. Tentou andar para trás e em um passo em falso, caiu de bunda no chão duro.

Rapidamente tratou de ficar de pé, fitou o escuro na qual o corpo fora engolido. Seria a hora perfeita para correr, mas suas pernas travaram, e quando piscou um lobisomem emergiu em direção a ele numa velocidade extrema. As garras estavam direcionadas no pescoço do homem, o intuito era decepar sua cabeça, Robert conseguiu se mover, e agora corria em direção oposta. Entretanto a fera era mais rápida, estando já muito perto dele, mas errou o golpe e passou direto pela vítima, entrando de novo onde não podia ser visto.

Robert havia escorregado e caído, mas sentiu as garras do lobisomem passarem de raspão na nuca.

No chão, visava o espaço estreito onde a criatura entrou. Nenhum sinal dela. Teve medo de se mover um centímetro que fosse, poderia causar alguma reação no monstro. Admitiu para si mesmo a verdade, o medo era tão enorme que seus olhos não se

direcionavam para outro lugar a não ser a onde o lobisomem se enfiou. O suspense o matava, tudo tão silencioso, quieto, apenas o vento era audível, como o grito... de uma mulher.

Sem dúvidas uma mulher gritava alto. Ainda sim seus olhos não se moveram para tentar captar da onde o horror estava vindo.

Decidiu, era agora.

Tentaria fugir.

Levantou e um vulto apareceu, nem teve tempo de piscar quando foi levantado pelo pescoço. Os dedos finos e cheios de pelos apertavam sua pele branca, não conseguiu nem engolir em seco, pois as garras começam a perfurar seu pescoço lentamente.

Na igreja o som do grito de Robert foi escutado, e era horrível, um grito de horror e dor. Tanto que um pequeno grupo de mulheres taparam os ouvidos das crianças, e os outros lamentavam mais uma perda.

Lá fora, o menininho encostado na parede atrás de uma casa, fechou os olhos enquanto sentiu uma mão grande e peluda pousar no ombro. Ele olhou para cima e viu o monstro, o mesmo estendeu a mão, que o garoto segurou sem titubear. Ele sabia que não ia morrer, pois era inteligente o suficiente para saber, que se os lobisomens o quisessem morto, já estaria.

Com o vento frio soprando forte e algumas partes do vilarejo sendo iluminado apenas pela luz da Lua, os dois andaram até a margem preta entre duas casas, e desapareceram.

As pessoas ainda discutiam um modo de sair dali vivas.

— Eu não sei se vocês perceberam, mas eles não entraram ainda porque não quiseram — informou Billy. — E também não podemos entregar nossas jovens assim, vamos lutar, ou morrer tentando.

Apenas alguns homens concordaram, entretanto outros preferiram o plano de ficar dentro da igreja para tentar impedir que as bestas entrassem. João teve uma ideia melhor ainda, preparar uma armadilha e aguardar o momento certo, para que quando eles entrassem os homens pudessem sair e se armar para o combate.

— Tenho um plano, preciso da ajuda de todos, ou pelo menos de alguns — disse João.

— Qual o motivo de estar sussurrando?

— Está quieto lá fora, provavelmente “eles” estão ouvindo tudo — João fez um sinal para todos se aproximarem.

Elizabeth percebera um pouco de inteligência vindo daquele garoto, finalmente algo despertara seu interesse. Ficou muito curiosa com o que o garoto faria a partir daquele ponto. Mesmo que achasse ser impossível aquele tal de João sair vivo da situação, ao menos este lhe garantiu um pequeno entretenimento.

Ver todas aquelas mulheres em pé, assustadas, abraçando os maridos ou os pequenos filhos a deixou exausta. Como era a única que continuava despreocupada, sentou-se na ponta de um dos bancos do lado direito, bem longe daquele imundos, homens e feras.

Os lobisomens não conseguiam ouvir nada, apenas algumas palavras como... bancos... bebidas e fogo. Aquilo era perigoso, não sabiam o que os humanos planejavam. O líder da alcateia gravou o nome do João na sua mente, dava para ver que o garoto era corajoso, queria ouvir mais daquela voz, mas o jovem sussurrava palavras difíceis de decifrar.

De repente as orelhas de todas as feras se mexeram, um barulho de arrastar começou, o grunhido era irritante. As feras logo pensaram nos bancos, e como os humanos inutilmente empurravam aquele material de madeira e facilmente frágil, para a porta.

O lobisomem alfa olhou para a linda Lua cheia, e uivou. Um som forte e poderoso, se certificando que os humanos soubessem que eles ainda estavam ali, na escuridão, esperando a hora perfeita. E o momento perfeito era aquele.

Algo aprendido depois de muito sangue derramado era “*nunca subestime seus inimigos*”.

Hora de atacar!

João se sentou com duas pedras na mão que arranhou dentro dos bancos largos e grandes, por alguma razão colocavam pedras lá. Seu dia ficou pior do que imaginava, ou não, o casamento já era, e isso era bom, na verdade era ótimo.

O frio ficava pior a medida que o tempo passava, fazendo as pessoas passarem as próprias mãos nos braços em busca de um mínimo de aquecimento. Medo, ansiedade, raiva, eram os sentimentos que assolavam aqueles desesperados em sair.

— Pela primeira vez servindo para algo além dessa sua bunda mole — disse a mãe de João.

Parecia que o único modo dela conseguir sentir um pouco de prazer era destilando ódio ao próprio sangue.

João não falou nada, não valia a pena.

— Vamos conseguir sobreviver, e nosso filho irá se casar e nós ficaremos orgulhosos — falou o pai para o pai de Margaret.

— Não, eu não irei me casar, mas de jeito nenhum.

Os dois homens fecharam o semblante para o jovem. Aquilo não era nada bom, principalmente na situação atual. João não queria mais saber de nada, apenas de sua sobrevivência, e se por um acaso conseguisse sair vivo dessa, daria adeus para aquelas pessoas nojentas.

— Controle seu filho! — exigiu o pai de Margaret.

— Seu fedelho, você não é nada, deve obediência para mim — gritou o senhor seu pai.

Seria o momento perfeito para as pessoas olharem aquela confusão e ansiassem por mais, entretanto, estavam mais preocupados com os assassinos lá fora do que uma briga em família ali dentro.

— Não lhe devo nada, seu hipócrita. Se por acaso eles entrarem, rezo para que levem Margaret embora e matem o resto de vocês três — apontou para seus pais e para o pai de Margaret.

O homem se aproximou para lhe ensinar umas boas lições, mas foi impedido quando as janelas quebraram e uma rajada forte de vento entrou, os pelos se eriçaram, os seus olhos se arregalaram, e o primeiro entrou, e a chacina começou.

Rápido que mal conseguiam enxergar, um lobisomem avançou e arrancou a cabeça de Jasmim com uma mordida fatal, a menina escondida em seus pés foi banhada em litros de sangue que espirrava do ferimento, enquanto chorava ao ver a própria mãe caída no chão. Os humanos começaram a correr de um lado para o outro, desesperados.

Depois mais quatro lobisomens entraram e se deliciaram nos corpos cheios de sangue das vítimas, a igreja naquele dia estava sendo pintada em vermelho na sua cor mais natural. O padre tentou achar um lugar em que pudesse ficar escondido, falhou miseravelmente quando seus pés foram agarrados e puxados por mãos peludas. Virado pela própria fera para encará-la nos olhos, paralisou, orações inundaram os pensamentos, sentiu suas mãos sendo pegas por outro deles. Fechou os olhos quando os lobisomens começaram a puxar, a puxar, até que os membros foram arrancados do corpo, sangue esguichou para todo o lado e por todas as partes possíveis.

Um lobisomem correu atrás de uma menina, mas parou quando sentiu um cheiro esquisito vindo da porta, virou-se e fitou os bancos todos juntinhos, um em cima do outro de forma desorganizada, o cheiro ficava intenso a cada segundo. Era vinho, aquela madeira estava banhada em vinho.

— Ei — gritou João, esperando o momento exato de um deles se aproximar da porta.

O lobisomem olhou para o garoto que segurava duas pedras nas mãos, pronto para fazer algo. Seus olhos de predador se arregalaram por um momento, depois suspirou, ele sabe o que vai acontecer. Se pudesse falar, soltaria um “*filho da puta*”.

João bateu uma pedra na outra e pequenas faíscas voaram para a madeira, incendiado tudo em segundos. O lobisomem deu passos para trás com uma mão cobrindo o rosto devido a luz forte, mas sentiu seu corpo levar um forte baque de João e então foi engolido pelo fogo, quando piscou já estava em chamas.

O garoto riu, pareceu que os vários litros de vinho para comemorar seu casamento foram usados devidamente. Agora assistia os gritos de agonia daquele monstro se

movimentando de um lado para o outro, parecendo uma bola de fogo humana.

— Queime no inferno!

O lobisomem cambaleou mais um pouco e depois caiu morto no chão, os gritos cessaram, mas as chamas ainda consumiam o corpo quase sem pelos.

Por agora era um a menos para se preocupar.

As chamas em minúscula escala foram se apagando.

O alfa sentiu a queda de um dos seus, e uivou, os outros pararam de atacar por um momento para fazer o mesmo, perder um companheiro nunca era fácil. Depois o lobisomem mais forte, com toda sua força, arrombou aquelas portas da igreja bem rápido. Entrou através do fogo que já começara a apagar.

A maioria aproveitou para correr em direção a saída, mesmo sendo o mais forte, aquele lobisomem não podia matar a todos. As pessoas correram, alguns conseguiram passar para o lado de fora, mas várias morriam por causa das garras da fera matando tantos quanto possível. Não tinha pena, indestrutível, uma máquina de matar, fatiava homens, e algumas mulheres.

Elizabeth adorou o curto banho de sangue, infelizmente tinha de aproveitar aquela brecha se quisesse sair sem ser notada pelos monstros. Andou tranquilamente para a direção da saída, onde as chamas estavam fracas e o lobisomem aniquilava algumas pessoas burras. Começou a recitar um feitiço simples e rápido, um que ocultaria o cheiro do corpo e das suas emoções, tornando-se quase invisível para aquela fera. E ele estaria ocupado demais, farejando e destruindo as pessoas que se mijaram ou defecaram nas próprias vestes de tanto medo, para notá-la.

Ao vê-lo com os dentes cravados nos ombros de uma mulher morena e fatiando as costas de um homem com suas garras, passou por de trás dele sem nenhum problema. Os sons dos gritos eram tantos que foi impossível ouvir seus passos, o seu cheiro estava oculto e a visão da fera estava em outras presas.

Margaret caminhava de quatro para bem longe dali, tinha acabado de ver seu pai sem uma perna e sua futura sogra estava irreconhecível. Via várias pessoas morrendo uma atrás da outra. Não ligou, continuou seguindo em frente apenas se preocupando consigo mesma.

O vento frio soprou em seus cabelos. Suja e com medo, ela rezou para que nenhuma daquelas feras horrendas a notasse, mas não foi como esperado. Num momento de distração ela bateu em pernas peludas, ergueu o olhar e viu o lobisomem com os braços cruzados, com um olhar erguido.

Ela levantou, o lobisomem rugiu tão forte que os cabelos de Margaret voaram para trás e ela sentiu um pouco de baba nojenta no rosto. Teve uma ideia, só esperava que o lobisomem fosse macho, *por favor que fosse macho*. Ela segurou sua alça e a baixou de uma vez, mostrando os seus seios. E como eram lindos, tanto que o lobo arregalou

os olhos e paralisou no lugar, então ela aproveitou o momento de distração, pegou uma das garrafas de vinho vazias espalhadas pelo chão e quebrou na cabeça do monstro.

Ele grunhiu de dor e começou a esfregar os olhos.

Margaret correu em direção ao lobo chefe, que no momento arrancou a cabeça de um homem com um simples golpe, mas foi o suficiente para a garota passar correndo sem ser percebida. Aproveitou para mergulhar na escuridão e tentar se esconder até que aquele pesadelo tivesse fim.

João tentou ir para a saída, só que era impossível, tinha um lobisomem na sua frente, furioso pelo o amigo morto, avançando bem devagar, pronto para estraçalhar sua presa. O garoto andou para trás vendo outro lobisomem se juntar a ele, eram dois, não, três, mais um se aproximou.

Estava encurralado, se sentiu como uma raposa numa emboscada feita por lobos, não adiantaria fazer nada, se tentasse morreria do mesmo jeito. E de forma horrenda, afinal, eram três contra um. João sentiu o bafo quando um deles fungou, arreganharam as presas prontos para perfurarem aquela carne, dilacerariam seu corpo em vários pedaços e dariam para os outros comerem.

Mas de repente o alfa uivou dando uma ordem a seus subordinados. Afastaram-se do garoto rapidamente, olharam para o líder parado na porta da igreja manchado de sangue, as pessoas continuavam a passar pela fera. O lobisomem parou de matar, fitava João, a única coisa que importava no momento, e por alguma razão, uivou em retirada.

Os lobisomens se olharam, mas acataram a ordem, foram saindo, por janelas ou pela frente. E quando o último estava prestes a sair, o alfa apontou para o canto da parede e rosnou, seu subordinado seguiu a direção e viu a filha de Jasmim. Era verdade, não tinham levado nenhuma jovem ainda, aquela sem dúvidas podia ter filhos daqui a alguns anos. A fera caminhou até a garotinha que chorava abraçada aos próprios pés, pegou-a com um braço só, e então pulou pela janela para desaparecer na escuridão.

Os olhos de João lacrimejam no momento que ele cai de joelhos no piso da pequena escadinha de concreto, exausto e agradecendo a qualquer anjo que o tenha salvado naquele momento desesperador.

O alfa olhou uma última vez para João, então se virou e foi para fora, viu cenas que lhe agradaram muito, seus lobos invadindo casas, saqueando comidas junto de roupas. Tudo ia muito bem até que sentiu uma dor muito forte na parte direita da barriga, olhou para baixo e viu uma lança atravessando seu corpo.

Castiel não ia deixar o bastardo se safar tão fácil, no momento de sua saída da igreja, se armou e voltou para matar quantos pudesse, a sorte foi de ter encontrado o líder primeiro, ou não tanta sorte assim, já que foi acertado no rosto pelo punho

fechado do lobisomem. A força do impacto foi tamanha que Castiel voou e se chocou na parede de uma casa.

Maldição! Só tinha baixado a guarda por um segundo, tinha de tirar logo aquilo para sua recuperação ser ativada e fechar o ferimento, mas parou assim que mais humanos se aproximaram com mais laminas, mais bem afiadas do que a cravada no seu corpo. Com um salto poderoso, aterrissou no telhado mais próximo e saiu dali em busca de um local sem ninguém, para poder arrancar aquela arma.

— Finalmente acabou? — Castiel indagou a si mesmo, vendo os lobisomens correrem, indo embora com certeza.

Tinha deslocado o braço esquerdo, doía pra caramba, começara a andar meio mancando.

Seu corpo encontrava-se quase completamente atordado.

Andando no meio da multidão que corria de um lado para o outro, Elizabeth estava chegando perto da saída do vilarejo, calma e plena. Havia casas destruídas, metade de muitos corpos no chão, tripas empapadas de sangue banhando carroças e paredes. Podia ver aos longes, nos telhados, várias silhuetas se movimentando rapidamente, como vultos na escuridão. Os lobisomens estavam indo embora, contudo um barulho próximo chamou sua atenção.

Um dos lobisomens, o maior, e pelo visto o mais lento. Vinha logo atrás dela, pulando e tentando correr de um telhado para o outro. Percebeu que a movimentação lenta se dava ao fato de ter uma lança no corpo. Isso era ruim, mesmo tendo ocultado seu cheiro ele a veria pelos próprios olhos. Estava quase em cima dela, ele olharia para baixo, pois notaria uma pequena movimentação também.

Não havia mais ninguém naquela rua pequena. Tinha de agir rápido enquanto ele estava distraído. No momento que o lobisomem aterrissou no telhado da casa onde Elizabeth estava perto, a mulher ergueu a mão direita e uma pequena luz emergiu da sua palma. A energia começou a girar e a se conter até virar uma bola de fogo pequena, então foi lançada para chocar-se no concreto e causar uma pequena explosão.

O lobisomem não chegou a ser atingido, mas pela força do impacto desequilibrou-se e caiu do outro lado. Elizabeth sorriu, ele nem ia saber o que o atingira, pensaria ter sido um acidente causado pelos seus próprios lobos.

João saiu da igreja, vendo o lado de fora coberto de angustia. Sentindo algo molhar seu corpo constantemente, respirou aliviado, não era sangue, mas sim gotas de chuva. Passou os olhos pelo vilarejo e viu caos com destruição, pessoas mortas, mulheres, crianças. O clima de puro terror havia acabado, deixando rastros de maldade por toda parte.

Olhou para a igreja e se lembrou de que sua mãe morreu, assim como o pai de Margaret, e não havia nenhum sinal do seu pai. Viu Castiel segurando seu braço,

mancando dolorosamente, nem conseguia manter-se em pé, João correu e fez o amigo ficar apoiado em seu corpo.

— Graças a Deus você está bem.

— Vazo ruim não quebra — tentou rir, mas pareceu um gemido de dor.

— Não se esforce muito.

Os dois olharam o seu vilarejo destruído, casas em ruínas, corpos sem vidas, alguns cidadãos lamentando as perdas de entes queridos. Pelo menos aos poucos, a chuva levava todo sangue embora.

— Vamos, temos de ir a algum lugar.

— Me leve para casa, preciso ver se minha mãe está viva.

Caminharam com dificuldade, os monstros partiram, contudo, o medo ainda estava nas pessoas. Medo de que a qualquer momento um deles saísse da escuridão para continuar a matança. Não tinham mais o que fazer, agora era fazer o possível para salvar o que não foi destruído e tentar sobreviver.

João caminhava carregando Castiel, ele pensava nas histórias, queria que fossem apenas superstições. Levantou a cabeça para a Lua cheia, firme e forte no céu, era linda e naquele dia se tornou também assustadora. As histórias são reais, eles existem, lobisomens existem.

Chegaram numa casa pequena, todavia bem bonita, e parecia confortável quando João entrou e olhou por dentro pela primeira vez. Se perguntou o motivo de nunca ter visitado Castiel antes, e achou que devia ser pela péssima influência dele.

— Filho — uma mulher saiu de debaixo da cama e correu para o garoto. — Você está bem — o abraçou e ficaram ali por um bom momento.

João saiu para não atrapalhar. Carinho de mãe, um abraço, um momento que nunca teve o prazer de ter na vida. Mesmo na chuva, decidiu ir para casa, dessa vez correndo, o frio começou a ficar difícil de suportar.

Passava entre destroços e tomou cuidado para não escorregar no sangue, não sabia suas ações seguintes, não tinha pais. A maioria dos moradores foram assassinados de maneira cruel, e tinha a impressão que sua casa não estava inteira.

De repente um gemido o fez parar abruptamente. Virou-se para ver se conseguia decifrar da onde o som vinha. Outro gemido, rodou de novo com seu olhar passando por cada lugar, por cada canto a procura do som. Sua atenção parou num beco escuro, era de lá, tinha de ser.

Mesmo com uma sensação de náusea, continuou andando, suas pernas não o obedeciam, parecia que criaram vida própria, ou talvez sua própria curiosidade falasse mais alto. Seu instinto idiota para ajudar pessoas era o que o mataria futuramente se não tomasse cuidado.

Aproximando-se mais, cada passo seguinte fazia a escuridão retroceder, e logo os raios luminosos da Lua começavam a clarear o lugar, os gemidos se intensificavam a cada segundo. Quando conseguiu ver tudo nitidamente decidiu parar a caminhada no beco estreito.

Fim da linha, uma parede enorme a alguns metros de distância o impedia de continuar, entretanto, no chão duro e sujo, tinha uma pessoa, um homem, nu e com uma lança atravessando a barriga.

Capítulo 4

LUXÚRIA

João correu até ele e se abaixou, queria tocar nele para ajudá-lo de alguma forma, mas podia acabar piorando tudo. Afastou-se um pouco quando o desconhecido cuspiu sangue. Pela expressão no rosto, ele podia morrer a qualquer momento.

— Senhor, eu vou tentar te levar para minha casa. Só que você também vai ter de se esforçar.

João voltou a ficar perto dele, analisando em qual parte do corpo pegar, com fim de evitar que o estranho sofresse ainda mais. Tentou pegar o braço direito dele para colocar no seu ombro, quando chegou perto, levou um empurrão e caiu de bunda no chão.

O desconhecido o encarava, feroz.

— Eu não vou lhe fazer nada, quero apenas ajudar, certo?

Tentou mais uma vez, se aproximou bem devagar, sentindo nervosismo por aqueles olhos o fitarem de forma faminta. Pegou na mão dele, e, como não viu uma reação negativa, o ajudou a levantar. Colocou o braço dele em volta do seu ombro, o corpo do homem era tão quente que os pelos de João se eriçaram. A sensação era boa, entretanto, isso não importava.

Começou a andar com muita dificuldade, o peso do homem desconhecido não colaborava, mesmo assim não desistiu. Negava-se a deixá-lo morrer, a aldeia já sofreu grandes perdas naquele dia.

O estranho o encarava a todo o momento, sentiu um cheiro maravilhoso quando estava prestes a atacar a igreja, e vinha daquele garoto, também impediu que seus lobos o matassem e não soube o motivo de imediato, mas pelo menos ele o ajudava agora. Nunca imaginou que sua vida poderia ser salva por um humano.

Pararam em frente a uma casinha pequena, mas que parecia ser bastante confortável. João com um pouco de esforço, abriu a porta e adentrou o local. Precisou primeiro se abaixar um pouco para que o seu convidado pudesse passar, o homem era enorme.

Já estava suando muito, caminhou exausto para a sua cama e depositou o enorme indivíduo ali, sentado é claro, pois com aquela lança era impossível ficar deitado. João foi até a cozinha para pegar uma vela, a ascendeu e colocou num lugar perto do quarto para iluminar um pouco o lugar.

Virou-se para o homem e o viu com uma respiração acelerada, com muito sangue escapando do ferimento. Quando o achou no beco pensou que aquele molhado era devido à chuva, mas agora chegara a conclusão que era suor.

Arregalou os olhos quando percebeu o homem fitando-lhe.

— Preciso de sua ajuda — disse ele.

A voz dele era grossa, e aquilo causou uma reação no corpo de João.

— Já o ajudei no que podia — sussurrou o garoto.

— Pode fazer ainda...mais — a voz do homem começou a falhar.

— Me diga como. O que posso fazer?

— Preciso que tire a lança.

João abriu a boca para dizer algo, mas nada saiu. Aquilo era loucura, mesmo se pudesse tirar a lança, ele ainda morreria de hemorragia.

— Sei que a lança é grande. Existe uma maneira fácil, e tudo que precisa fazer é cortar a parte de trás e puxar de uma vez a parte da frente.

— Mas... — João tentou argumentar.

— Se não fizer agora eu vou morrer.

Ele mesmo poderia tirar aquela lança para seu poder de cura trabalhar, mas demorou tempo demais, mal podia se mexer e com a força muito fraca estava praticamente por um fio.

João entrou no escuro da sua casa por um momento, como era desengonçado, bateu em algumas coisas causando barulhos irritantes. Quando achou o que queria, voltou e mostrou suas mãos para o homem.

Na mão direita tinha uma lâmina afiada para cortar a lança, na outra um pano grosso para amarrar na cintura e rezar para o sangramento diminuir. Quando recebeu um aceno de cabeça, sentou bem ao lado dele, pegou na lança e a largou logo em seguida quando ouviu um grunhido de dor alto.

— Desculpa — João pediu.

— Não se desculpe, só continue.

João pegou na lança de novo e se preparou, aliviou-se quanto sentiu o corpo da lança, era madeira, o que era mais fácil de partir. E então, sem mais delongas, desceu a lâmina na parte de trás cortando sem grandes dificuldades.

— Agora! — Avisou o garoto.

O homem puxou a parte da lança cravada na pele como se não fosse nada, sangue começou a sair como se fosse uma cachoeira. João rapidamente colocou o pano ao redor da barriga, deu um nó e rezou para que parasse, mas não foi o que aconteceu. O pano de cor branca ganhou uma textura vermelha.

— Merda — levantou e logo sentou quando sentiu uma mão no ombro forçando-o para baixo.

— Veja.

João olhou para o sangue, e inacreditavelmente o sangue começara a diminuir até o ponto que parara completamente. Ele ficou atordoado, era impossível, nunca viu aquilo acontecer, não era...humano.

O garoto saiu mais uma vez e voltou com uma calça do seu pai que poderia cair muito bem para aquele homem.

O humano era realmente uma peça rara, primeiro o salvou e agora o estava presenteando. Aceitou a peça de bom grado, mas assim que tirou as calças da mão do garoto, viu a mão dele tremendo muito.

Levantou e se vestiu.

João pegou um pouco de lenha perto da cama e foi para a cozinha, ficando por lá alguns minutinhos. Depois voltou com uma bacia de madeira com água morna, as mãos estavam enroladas num pano. Ajoelhou-se bem próximo do visitante, colocando a bacia bem ao lado, depois colocou o pano em uma só mão.

— Posso te limpar?

O homem fungou e depois baixou a cabeça, olhando para o próprio corpo. Estava sujo por ter ficado um tempo deitado naquele chão imundo, seu abdômen estava manchado de sangue. Continuou calado, depois de um tempo ergueu o olhar, acenou com a cabeça apenas, confirmando o pedido.

João empapou o pequeno pano e escorreu o excesso, em seguida se aproximou. De repente parou, aquela barriga era sarada, o homem provavelmente era um soldado. Balançou a cabeça em negação, não era certo olhar para outro homem daquele jeito.

Franziu o cenho, não conseguiu parar de observar.

— Se quiser fazer isso em outro momento...

— Não — disse rispidamente João, meio envergonhado. — Vou fazer agora.

Podia limpá-lo, sem nenhum problema. Engoliu em seco. Tentou pensar nele como uma pessoa ao qual não sentiria atração, uma pessoa feia. Não adiantou muito. João ergueu a mão e colocou o pano um pouco acima do outro pano que estava no ferimento. Viu o homem estremecer, olhou para o rosto dele e viu uma careta.

— Está muito quente?

— Não.

— Não é o que parece...

— Apenas continue — disse o desconhecido com a voz grossa, depois enrijeceu o corpo.

A pele branca dele era linda, enquanto limpava o sangue via que ele não tinha absolutamente nenhuma gordura, era puro músculo. Abaixou-se e molhou a toalha novamente para coloca-la de volta naquele peitoral, limpando aqueles dois peitos da sujeira da rua.

Ele foi descendo, descendo, até que percebeu que o sangue estava por dentro da calça. João abriu a boca, mas a fechou no mesmo segundo. Sua mão ficou imóvel no umbigo do desconhecido. O garoto se surpreendeu quando o homem pegou sua mão e a guiou para sua virilha, baixou as calças, não muito. Somente o suficiente para mostrar a virilha, e alguns pelinhos indecentes.

— Não precisa ter vergonha — o homem ocultou um sorriso, seus músculos ficaram rígidos como rochas, logo depois relaxaram.

João conseguiu não ficar vermelho, então continuou o ritual de molhar e escorrer. Não queria admitir, contudo, parecia estar gostando. Limpou aquela parte, suspirou longamente quando notou que o sujo de sangue descia ainda mais a fundo. Um problemão.

O homem ajeitou as calças rapidamente quando percebeu o que João planejava.

— Acho melhor parar por aqui.

— Eu também sou homem, já sei o que tem aí embaixo — disse João. Além do mais, já viu ele nu quando o resgatou.

Ele fez uma careta antes de poder esconder a reação. Ficara nu várias vezes na frente de seus homens, mas nenhum se atreveu olhar suas partes íntimas de perto, se o fizessem, veriam que o próprio líder era uma vergonha.

Possuía cicatrizes que nunca se curaram completamente.

— Pode parecer estranho, mas pode confiar em mim — João não soube o motivo de ter proferido tais palavras, nem o conhecia.

No entanto, não havia como voltar atrás agora.

O homem afastou as mãos, deixando João prosseguir.

O menino piscou várias vezes quando baixou as calças até o joelho do homem, o pênis estava quase ereto, e bem abaixo, nos testículos, havia uma cicatriz enorme. Perguntou-se como não tinha notado antes, e compreendeu a dificuldade de enxergar a noite, só via agora por conta da atenção prestada e da iluminação da vela.

Parado ali feito uma mula, não lembrava exatamente o que tinha que fazer com o paninho. Estava olhando. Realmente olhando. Conseguindo sair do transe, voltou à rotina, esfregando o pano para limpar aqueles arredores, e somente isso. Nada mais.

Quer saber de uma coisa? Dane-se, tinha todo direito de perguntar.

— Como essa barbaridade aconteceu? — não se atreveu a encará-lo.

Não ouviu uma resposta, então levantou a cabeça e o fitou, o olhar do homem encarava o escuro. Vazio, triste. João conhecia aquele olhar, foi o mesmo de quando recebeu a notícia do seu casamento com uma estranha. O motivo provavelmente era diferente, mas o olhar era igual.

O homem sentia vergonha da sua fraqueza, um lobisomem que não podia se curar? Era uma aberração, mesmo que fosse antes da sua primeira transformação não importava, tinha vários soldados em sua equipe com cicatrizes que não se curavam, mas uma aonde o definia como um macho, isso era insuportável.

— Foi um castigo de meu pai — falou abruptamente.

— O que?

— Mais ou menos quando eu tinha apenas quatorze anos. Meu pai queria que eu engravidasse várias fêmeas...quero dizer, mulheres. Eu achava aquilo errado, então... ele disse que eu não merecia o que estava entre minhas pernas, e tentou fazer isso, por sorte não conseguiu — disse ocultando partes da história.

Deixou de lado que seria o próximo alfa, e por isso teria de engravidar quantas pudesse para garantir herdeiros.

João sentiu algo dentro de si impossível de explicar, as pessoas eram horríveis, talvez o que tenha acontecido hoje, seja um tipo de castigo.

— Sinto muito.

João caminhou até a cozinha para tentar fazer algo para ele comer. Ainda tinha um pouco de carne de frango ali, suspirou lembrando que depois do ataque demoraria até terem carne de novo. Colocou a carne num graveto pontudo e longo para esquentar, ascendeu o fogo com alguns poucos gravetos que seus pais mantinham guardado no canto da parede. Eram usados quando o frio da madrugada estava impossível de aguentar. Esticou o braço com o graveto e aguardou.

...

Fitava a pele do frango escurecer enquanto pensava no que aconteceria amanhã, não tinha mais pais, estava sozinho. Podia odiá-los muito, mas no final de tudo jamais desejaria suas mortes.

Foi até uma garrafa de vinho, abriu e derramou o líquido num copo de estanho vagabundo. Com o pano molhado que usara para limpar o homem, pegou o graveto bem na ponta para não se queimar. Colocou a carne numa bandeja e o copo com vinho bem ao lado.

Caminhou até o homem, sentou muito próximo dele na cama, depois, depositou a bandeja entre eles. João cruzou as pernas e estranhou quando o desconhecido apenas o encarava com o semblante franzido. Que instigante, podia passar todo o tempo do mundo perdido naqueles olhos.

— Preparei uma comida para você, depois da noite de hoje deve estar morrendo de fome — colocou um sorrisinho encantador no rosto.

O homem o olhou por um momento, atordoado. João não sabia, mas para ele e sua espécie, preparar uma comida com as próprias mãos só para lhe ver satisfeito, significava muito.

Ele se sentiu honrado.

— Muito obrigado — segurou a mão de João. — Agradeço pela refeição.

— Mas nem provou...

— O que importa foi quem fez — ele arrancou um pedaço do frango e estendeu a mão. — Irei te alimentar um pouco.

— A comida não é para mim. Além do mais não estou com fome.

O homem sabia que o garoto acabara de mentir, pois, com sua audição conseguiu ouvir o estômago dele roncar. E nenhum lobisomem de valor roubaria comida de seu *conservis*, mesmo que a fome o estivesse a ponto de matar, as necessidades do seu parceiro sempre vinham em primeiro lugar.

Mesmo que João não fosse nada dele, além daquele que salvou sua vida.

Estendeu a mão com pedaço de carne para mais perto da boca de João e insistiu. Quando o menino colocou seus lábios ao redor do alimento que havia feito para o outro, o lobisomem sorriu de aprovação.

— Você não irá comer nada?

— Apenas quando você estiver totalmente cheio.

— Posso acabar comendo tudo — disse João, fechando os olhos, apreciando o sabor da comida.

— E eu ficaria aliviado em saber que você está bem alimentado por minha causa.

João não conseguia parar de se impressionar com aquele estranho. Dando de ombros comeu mais um pedaço que estava naquela mão grande, o frango realmente estava bom. Ficaram assim por um bom tempo, ele dando comida e João apenas colocando tudo para dentro.

— Não tenho mais fome.

— Mentira — retrucou João rapidamente.

João levantou uma sobrancelha e cruzou os braços.

— Se você não comer nada do que fiz, irei ficar chateado.

O homem ficou um pouco triste, mas o entendeu.

— Beba um pouco de vinho, e prometo que fico com o que sobrou.

— Tudo bem — João bebeu ainda olhando para ele.

Quando terminou, fez questão de sair e encher o copo outra vez.

— Tome, sua vez — João estendeu a mão com o vinho.

O visitante ficou com os olhos brilhando.

— Fico grato por todo o trabalho para me alimentar — o desconhecido, com uma mordida quase engoliu a carne toda, depois bebeu todo o vinho, em seguida terminou o frango.

João sorriu. Tentou controlar o corpo, entretanto falhou, começou a tremer um pouquinho.

— Você está com frio — o homem falou o óbvio, o pobre menino estava encharcado, podia pegar uma hipotermia.

— Tudo bem, eu me viro com alguns cobertores.

— Salvou minha vida, me deixe retribuir. Deite-se comigo — disse o homem.

João enrubesceu na hora. Olhou para o homem musculoso e sarado a sua frente, sentindo algo que nunca sentiu por nenhuma mulher. Excitação, estava excitado com a figura bela de um homem de verdade, o cabelo amparado e loiro só o deixava mais belo. Deus, aquilo era pecado, uma afronta ao todo poderoso.

— Não, eu não posso.

— Prometo não lhe fazer nenhum mal — murmurou curto e sério, aquilo o deixava fofo e ao mesmo tempo assustador.

João não disse nada, viu o homem se deitar na sua cama com colchões macios, logo abrindo espaço para ele. O jovem relutou um pouco, mas receoso, caminhou, parou, se sentou.

— Tire a camisa, está muito molhada.

Obedeceu e nem soube o motivo, deve ser porque o estranho estava certo, então aproveitou parar tirar sua calça também. Ficou apenas com uma tanga de seda cobrindo suas partes. Com os braços cruzados deitou-se timidamente, encostando suas costas no peitoral definido do homem. Uma coisa passou pela sua cabeça, nunca o tinha visto na vila, mas em nenhum momento teve a sensação de que ele fosse lhe fazer algum mal, ao contrário disso, sentiu que podia confiar nele.

Sentiu um contato quente, a sensação era boa, gostosa. Aconchegou-se ainda mais quando sentiu o braço dele o puxando para mais perto. Encolheu-se ali, não queria admitir, mas gostou daquele braço ao redor da sua cintura. Sentia-se seguro, protegido.

Seu julgamento não era lá um dos melhores, pois se tivesse ligado os pontos, saberia que estava correndo um verdadeiro perigo de vida.

Tão inocente, tão vulnerável.

O homem baixou sua vista e o olhou, poderia acabar com a vida dele, o garoto nem saberia o que aconteceu quando partisse dessa vida. Mas em nenhum momento, ao vê-

lo pela primeira vez, pensou em feri-lo. Deveria, já que ele foi o responsável por um dos seus ter morrido. Não queria machucá-lo nem por isso.

O lobisomem sorriu, o garoto pensou que ele não notaria, mas sim, percebeu que ele estava excitado. Sentiu o cheiro, e era forte. Pelo jeito João era virgem, fechou os olhos e imaginou como seria o sexo, já fazia tempo que não se deitava com um virgem. Voltando a abrir os olhos viu que sua língua passeava no pescoço dele, surpreendido consigo mesmo, fechou a boca.

Era algum feitiço, o garoto era um feiticeiro e o tinha amaldiçoado, era a única explicação possível para estar hipnotizado por ele. Nunca ficou assim com nenhuma mulher ou homem, não, com João era diferente. Queria estar ali com ele, não apenas para satisfazer seu prazer carnal.

Fechou os olhos mais uma vez, nunca seria correspondido. A religião daquele povo nunca permitiria dois homens juntos, o que era bem hipócrita da parte deles, ninguém escolhia quem amava. Chegou à rápida conclusão que era impossível de ficarem juntos, principalmente se o garoto soubesse que o homem desconhecido que ele salvou era o líder da alcateia de lobisomens assassinos.

Foi por esses motivos que ficou surpreso mais uma vez, quando sentiu algo molhado entrando em contato com seus lábios.

Abriu os olhos e movimentou a cabeça para trás um pouco, se livrando do beijo. Pela primeira vez em sua vida, ficou imóvel de tão atordoado. Não teve medo quando estava prestes a morrer, no entanto, naquele momento ficou com medo de fazer algo que estragasse o momento. Com os olhos fixos um no outro, era como se os dois estivessem ligados corpo a corpo.

— Desculpe — João baixou o olhar, suas bochechas estavam rosadas.

O homem ergueu seu queixo.

— Não se desculpe.

— Sabe, você não me disse seu nome — João percebeu pelo semblante irritado que o homem não iria falar. — Desculpe.

— Direi meu nome se parar de pedir desculpas.

— Descu...hum, está bem.

— Jordan. Meu nome é Jordan.

— Gostei, é bom de pronunciar. Jooordaaan.

Jordan riu. Gostou de ouvir seu nome ser pronunciado por aquele rapaz. Sua voz era música para seus ouvidos, o acalmava, queria ouvir de novo.

— Diga outra vez — murmurou.

— O seu nome? Jordan.

Ele tremeu. Céus, poderia passar o dia todo escutando seu garoto falar. O som de suas palavras, tudo isso se espalhando através dele, acalmando-o, confortando-o. O prendendo docemente.

E mais uma vez, fechou os olhos.

— Continue falando.

— Como o que?

— Converse. Fale comigo. Por favor, diga qualquer palavra.

João ficou em silêncio, depois de alguns minutos se pronunciou.

— Sabe, você é bem... bonito — não olhou para ele é claro, mas sentiu um aperto na cintura.

Jordan estremeceu, cada palavra, cada som emitido o fazia se sentir calmo, o suficiente para não sentir mais a dor do ferimento enquanto se recuperava.

— Mais, diga mais — baixou sua cabeça, só um pouquinho, para perto da boca do menino.

— Pode me soltar?

— Não — ele apertou ainda mais o corpo no de João. Depois, usando o braço livre, começou a alisar os cabelos dele.

João tentou tirar aquela mão enorme de sua cintura, falhando miseravelmente.

— Está me apertando.

— Eu sei. Pronuncie palavras.

— Isso já está ficando chato, o que quer que eu diga?

Até com raiva sua voz era gostosa de ouvir.

— O que vier a sua mente primeiro.

— Você parece um maníaco, me arrependi de ter salvo você, porquê acho que estou prestes a morrer.

Jordan dessa vez teve de rir, bem alto. O homem começou a cheirar o pescoço do menor, queria gravar o aroma na sua mente, caso ele se perdesse poderia encontrá-lo rápido.

João não podia negar, estava gostando dele fazendo aquela coisa estranha com o nariz, sentiu até um arrepio no pescoço que bem rápido se espalhou pelo o corpo todo.

— Pronto, já falei demais. Deixará eu sair agora?

— Não.

Dessa vez João o olhou mortalmente, já estava perdendo a paciência.

— Se for me matar, faça logo.

Jordan revirou os olhos.

— Não irei te matar. Você ainda está encharcado, por isso não irei te soltar no momento.

João se rendeu, e constatou o óbvio. Ainda estava ensopado, só que notou um aumento de temperatura desde que se deitou com Jordan, o homem era bem quente, João já amava isso nele.

O efeito que João teve sobre ele era como uma droga, não queria tirar sua mão da cintura fina, não queria desgrudar seu corpo do dele, queria sentir o gosto dos seus lábios mais uma vez, no pequeno tempo do acontecido foi capaz de sentir o gosto dele na sua boca, e que o Deus dele o ajude, passou a língua nos próprios lábios imaginando sentir o gosto do garoto mais a fundo.

Sua alcateia não reagiria bem, quando soubessem que havia claramente se apaixonado por um humano do Sul. Só que isso pouco importava, mandaria todos se danarem, aquele garoto era algo especial.

— Você me deseja?

João falaria um não, contudo sentiu uma coisa dura nas nádegas. Droga, aquilo tinha que estar acontecendo logo com ele...desejou se virar e descobrir o que era a coisa dura. Balançou a cabeça em negação, aquilo era errado, desejar um homem de forma erótica era errado. Percebeu o braço frouxo dele em sua cintura, então aproveitou e pulou da cama, ficou em pé com as mãos na testa, piscando os olhos rápido.

— Isso só pode ser Deus me testando, ele enviou você como um teste — João abraçou seu próprio corpo lembrando-se que sentia um frio danado.

Sentiu os braços fortes e grandes de Jordan o abraçarem por trás, o quente se instalou de volta em seu corpo. E o corpo do homem era como um cobertor bem macio, bem melhor dos que tinha ali na cama.

— Você não está fazendo nada de errado, venha se deitar.

João meio relutante, assentiu. Os dois voltaram a cama e se deitaram na mesma posição de antes.

— E sobre a minha pergunta de antes. Alguma hora você vai me dizer — murmurou. — Mas eu não tenho pressa, tudo no seu tempo.

João poderia responder, mas seus olhos estavam pesados, decidiu deixar o sono lhe consumir. Sentia-se tão impotente, precisava de uma noite boa de sono. Seu corpo involuntariamente se aconchegou no de Jordan.

Jordan esperou um momento antes de fechar os olhos, precisava saber que seu garoto estava em boas condições, pelo menos o corpo não tremia como antes, isso o deixou mais calmo. Não tinha um pinga de sono, entretanto fez um esforço para dormir, mesmo que tenha demorado alguns longos minutos, e de que o fato de sentir o corpo de João o ajudara bastante.

Capítulo 5

DESMOND

A Lua cheia desapareceu depois de algum tempo, dando lugar ao Sol com a luz forte o suficiente para mostrar o vilarejo, e o resultado do dia anterior. Os moradores viviam como podiam agora, não tinham tempo para lamentar os entes queridos mortos. Alguns homens carregavam corpos, ou pedaços deles, até o centro da praça onde iriam queimar todos.

O dia era sombrio, muitas das pessoas se encontravam desoladas no momento. Alguns apenas rezavam, outros bebiam sem parar, e tinham aqueles como Castiel, que estavam em busca de vingança. Mas fez a única coisa possível nesta hora, ajudar a levar os defuntos. Não se deitou nem um minuto para descansar, passou a madrugada toda ajudando como podia, queria ficar cansado de tanto carregar peso, para então poder descansar um pouco.

Quando colocou o último corpo, pôs as mãos na parte de trás da cintura e fez com que seu corpo estalasse. Enfim, terminou. Observou quando um homem começou a derramar um liquido cheio de álcool na montanha de pessoas, levou um bom tempo. Depois outro homem se aproximou com uma tocha e colocou fogo, que rapidamente se espalhou. A fumaça era forte, tanto que a plateia teve de se afastar um pouco. Os olhos de Castiel eram frios, cheios de raiva, fechou o punho com muita força.

Não soube o motivo de eles terem atacado, e não importava mais, pois da próxima vez o líder dos lobisomens não sobreviveria. Seu peito nu brilhava por causa do intenso suor causado pelo tempo que presenciava os corpos em chamas.

Castiel olhou para trás, ouvia passos vindos da rua estreita, eram cavaleiros e o rei. Ele parou e desceu do seu garanhão com um ar de poder, como se mandasse em tudo ali, devia ser por que ele mandava mesmo.

— A situação nesse lugar está péssima — disse um dos soldados.

— Temos de resolver logo, quero voltar para minha mulher! — diz outro.

As nuvens lentas e constantes se expandiam diante de seu rosto e desapareciam no ar frio da manhã. O rei Desmond podia ver a própria respiração. O corpo dele era bastante musculoso para poder aguentar o peso da armadura, tão fria que fazia o corpo arder.

Ele andou devagar acompanhado por mais três pessoas, se aproximava da multidão de corpos sem vida, espantado talvez. Parecia um Déjà vu. Passou por Castiel como se ele fosse uma mosca insignificante.

— O que aconteceu aqui? — se virou, olhando para as pessoas manchadas de sangue, e para as mulheres com crianças nos braços, assustadas.

De repente seu olhar parou em Castiel, esperando o garoto responder.

— Tenho a impressão de que já sabe a resposta — disse o menino, e viu um dos guardas avançar para puni-lo por desrespeito, entretanto, parou quando o rei colocou a mão para intervir.

— Lobisomens — falou seco, voltando-se a multidão de corpos.

Castiel percebeu aquele olhar arrogante, então soube que o rei não se preocupava com os inimigos do outro lado do campo de batalha, não tinha medo. Na verdade, já parecia estar a par de toda situação.

— Conseguiram matar ou capturar algum? — deu-se ao trabalho de olhar o garoto de novo.

— Consegui ferir o líder deles com uma lança. E meu amigo, João, matou um deles queimado. — Castiel se deu conta de um detalhe, em nenhum momento viu o corpo morto do lobisomem.

Poderia ser apenas cinzas agora, mas achou muito difícil de ter acontecido. Outra explicação plausível era de talvez ele não ter morrido de verdade. Seria horrível ter uma daquelas feras assassinas soltas por aí em plena luz do dia, esperando uma chance para poder atacar.

— Não acharam mais o corpo dele por provavelmente ele estar nesse meio — apontou para a pilha humana.

— Como assim, meu senhor?

— Essas feras são humanas, homens. Que atacam na Lua cheia, em outras ocasiões são apenas gente como a gente.

Então era isso. Ele ou alguém deveria nem ter se dado conta de que levou o corpo do monstro para o amontoado. Fechou o punho, bravo, os restos do homem-lobo deveriam ter sido jogados fora, igual como fazem ao lixo.

— Como sei se está falando a verdade? — perguntou Desmond. A armadura brilhava por causa do sol forte, um fedor já era perceptível.

— Desculpe?

— Sobre ter ferido o líder — Desmond odiava sempre que não entendiam suas perguntas na primeira vez.

— Ele baixou a guarda, pensou já ter ganho a batalha. Grande erro, o feri com uma lança afiada, e sinceramente? Espero que esteja no inferno.

Os guardas do rei arregalaram os olhos, um pouco surpresos ao presenciar tamanha frieza de alguém tão jovem, o próprio rei sorriu, sempre é maravilhoso

encontrar alguém daquela idade tão feroz, e pronto para enfrentar qualquer batalha.

— Muito bem. O vilarejo tem sorte de ter você como morador. — Desmond ficou totalmente de frente para ele.

— É uma honra ouvir isso. Muito obrigado — Castiel fala, em seguida se curva.

Algumas pessoas sorriam alegres com o fato do próprio rei estar ali. Aquilo trouxe esperança, algo de que mais precisavam naquele momento.

— Me diga garoto, como posso falar com seu amigo João?

Castiel no fundo sabia que aconteceria aquilo, ficou grato pela grande coragem e atitude do amigo. Por causa dele o vilarejo não tinha sido dizimado totalmente. Todos deviam agradecê-lo por ainda estarem vivos. Fitou o rei, finalmente ele decidiu aparecer, parece que os boatos de vilarejos sendo dizimados chegaram aos seus ouvidos. Desmond tinha as terras do Sul para proteger, mesmo que minúsculas comparados as outras, então decidiu mexer a bunda para dar um basta naquelas criaturas.

Antes tarde do que nunca.

— Irei chamá-lo — Castiel falou, e começou uma caminhada até a moradia de João.

...

João deu um longo bocejo, depois abriu os olhos e colocou a mão na testa para impedir um pouco que os feixes de claridade intensa não prejudicasse sua visão. Quando conseguiu enxergar claramente de novo, colocou os pés no chão, ficando sentado na cama. Esfregou os olhos mais uma vez, e tudo da noite anterior veio na cabeça como um baque. Por um momento pensou que tudo não havia passado de um sonho, mas quando sentiu uma mão sobre a sua, soube que era a pura realidade.

Jordan estava ali, deitado, bonito... curado?

— Ai meu Deus. Não tem mais ferida — disse o garoto, passando os dedos no local do golpe, o pano a qual enrolara não estava mais ali.

— Me recupero bem rápido — sua voz foi normal demais, o que só deixava tudo muito esquisito.

— Isso é impossível para uma pessoa, ninguém se cura tão rápido.

— A menos, que a pessoa seja eu — Jordan sorriu.

João jogou os braços para o alto e foi para outro pequeno cômodo. Não conseguiria absolutamente nada com aquela conversa. Caminhou para fazer cereal de aveia, se ainda tivesse os ingredientes ali. Droga, talvez um mingau fosse o mais apropriado, fácil de digerir. Pelo menos não sentia mais tanto frio, e isso era bom, depois agradeceria a Jordan.

Perdeu vários minutos preparando o mingau de aveia, pelo menos o cheiro estava bom e seria ótimo para Jordan recuperar as forças. Não soube o motivo de o estar ajudando tanto, podia apenas chamar um curandeiro para resolver o resto, caso ainda tenha restado algum vivo. Apenas sabia que tinha de cuidar dele, isso para si, bastava.

Sorriu, era ótimo no que fazia, sempre observava sua mãe preparando as refeições, mesmo ela sendo uma mulher horrível. Era a única boa coisa que aprendeu com ela. A mulher não ensinara nada por vontade própria, a justificativa era de que homem não podia cozinhar, então João, em toda oportunidade fazia comida, ou pelo menos tentava.

Jordan ouviu os passos do garoto caminhando até a cama, esfregou seus olhos e se sentou, quase afundando o colchão por inteiro. Levantou seu olhar brilhante e o fitou com duas tigelinhas nas mãos, João o alimentaria de novo.

— Aqui — entregou uma das tigelas com mingau. — Tome tudo.

Pegou a tigela sem falar nada, sabia que se fosse educado para recusar, ia receber um não na forma de um tapa na cara. Virou a tigela de madeira derramado o mingau de aveia, saboreou todo momento que sua garganta sentia o gosto do alimento descendo, delicioso.

Terminou e com os olhos fechados, passou a língua nos lábios, satisfeito. Depois de um suspiro, olhou para um João paralisado com a mão estendida com uma colher.

— Você esqueceu...

Jordan riu alto, e adorou o pequeno momento. Era difícil lembrar da última vez que ria de uma situação sem graça, só para se divertir mesmo. Ultimamente sua vida era marcada por guerras e mortes, aquele momento de descontração foi o melhor em muito tempo.

— Desculpe. Estava tão delicioso. Não perderia tempo com uma colher, demoraria muito.

— Tudo bem — João sentou ao lado dele e começou a comer seu prato, com calma.

Sentiu Jordan o fitando, começou a ficar envergonhado, no fundo até gostava de ser observado especificamente por aquele homem. E assim como este, fechou os olhos para saborear o mingau, maravilhoso, realmente tinha feito um ótimo trabalho. As colheradas ficaram mais rápidas, até que a tigela ficara vazia.

Depois faria mais para o anoitecer.

— Obrigado mais uma vez pela refeição. As comidas feitas por suas mãos são dignas de aplausos.

João corou e não foi pouco. Tentou se lembrar da última vez que recebera um elogio por algo, qualquer coisa, nada. Ficou triste de repente, tinha sido o primeiro elogio da vida, mesmo feito por um desconhecido, ainda contava.

— Não fique triste. Eu falei de verdade.

— Eu sei. Acredito em você — João sorri de leve.

Infelizmente Jordan ouviu o som que o faria ir embora. Passos, e bem apressados. Segurou no braço do garoto um pouco forte. Não queria ir embora.

— Desculpe, tenho de ir.

Sentiu raiva de si mesmo quando a reação do menino foi de tristeza.

— Tudo bem. Espero que esteja melhor.

— Estou sim — disse olhando para porta. — Eu voltarei, sempre voltarei.

João franziu o cenho, se ele queria visitá-lo sempre, não tinha problema nenhum. Olhou para frente quando ouviu alguém batendo na porta, respirou fundo, se preparando para escutar os pêsames de algum vizinho fofoqueiro.

Quando levantou, parou abruptamente percebendo que Jordan ainda o segurava. Virou-se para ele, mas o mesmo não o soltou.

— Eu vou voltar — ele soltou o garoto.

João caminhou até a porta e abriu, a luz do Sol clareou o lugar e seu rosto branco. Castiel estava parado e ofegante, mal conseguia falar, veio da praça correndo praticamente.

— O rei está aqui! — disse com dificuldade, apoiando as mãos nos joelhos.

— Isso é ótimo, ele vai saber o que fazer. Onde exatamente ele se encontra?

— Aqui, ele está aqui — Castiel apontou para trás de si.

Rei Desmond estava implacável com aquela expressão séria no rosto, exalava poder. Em suas costas estavam vários soldados com uma mão nas espadas, prontos para sacá-las a qualquer sinal de perigo. Era impressionante como a guarda real era atenciosa na segurança de seu rei.

— Aaannnn... Vossa majestade?

Desmond soltou uma risada.

— Me chame apenas de rei ou Desmond, meu jovem.

— Rei, posso lhe ajudar em algo? — João de repente ficou muito nervoso, tentou ao máximo não passar algum tipo de vergonha.

— Sim, quero que você e seu amigo me contem sua história. Aqui existe algum lugar para beber?

— Sim meu rei, logo por aqui — disse Castiel fazendo questão de mostrar aos soldados o caminho.

O rei parou e olhou para João, Castiel também. As portas de madeira estavam abertas. Havia mil olhos sobre ele, esperando que caminhasse junto deles. João pensava se podia dirigir um pedido ao rei ou se seria um insulto, não sabia muito dessas regras da nobreza. Dane-se, quase morreu mesmo.

— Eu salvei uma pessoa de um ferimento grave. Graças a nosso Deus está melhor, posso chamá-lo para nós acompanhar?

— Não vejo problemas — respondeu Desmond, curto e grosso.

João caminhou até a cama com a cabeça baixa e sorrindo. Levaria Jordan para beber vinho, ou outra coisa, caso ele assim preferisse. Engraçado, nunca o tinha visto na aldeia, não conhecia todo mundo claro, mas se tivesse visto uma pessoa como ele, com certeza lembraria, entretanto isso não vinha ao caso.

Ergueu o olhar e a decepção logo tomou conta de si. A cama não tinha ninguém, ele havia ido embora. Franziu o cenho, se perguntando por qual motivo ele poderia ter saído pela janela. Deu de ombros, vai ver, não queria atrapalhar a conversa com o rei, ou fosse tímido demais.

A saudade era um sentimento em que nunca pensou que sentiria, mas sentia, tão rápido e como uma espada perfurando seu coração. Já sentia muitas saudades de Jordan. Pegou no peito ardendo, parecia difícil explicar tal sensação, praticamente impossível.

Voltou até a visita e viu o rei com a testa franzida.

— Desculpe, ele já foi embora — disse, não conseguindo esconder a tristeza na voz.

Desmond nada disse, apenas começou a andar na direção que Castiel apontou. João fechou a porta e correu para o lado do amigo. Castiel parecia bem melhor do que a última vez que se viram, destruído por dentro, e assim como todos, agora tentava seguir em diante.

O Sol estava tão forte que João as vezes tinha de colocar a mão na testa para enxergar o trajeto com clareza. Tentou imaginar em como aqueles soldados aguentavam ficar com as armaduras de ferro no corpo com o calor infernal.

Durante o caminho, João observou vários moradores tentando reconstruir as casas destruídas, o estado delas era deplorável, e afeição triste em seus rostos era o pior de tudo, faltava-lhes esperanças. Esperava que todos ficassem bem, e o mais importante, vivos.

— Você está bem?

João se assustou quando o amigo pegou nos seus ombros de repente, ultimamente tem andado distraído, e desde antes da chacina.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — respondeu, o olhando, esperando por uma resposta.

— Eu estou bem. Preciso saber de você agora, amigo — Castiel insiste de maneira ríspida.

— Sim e não, não tenho ferimentos, mas não tenho animo para nada — seus olhos estavam entreabertos, como se fosse cair de sono a qualquer instante.

— Também não ando muito bem emocionalmente, tenho feito qualquer coisa para me distrair um pouco. Isso não importa mais, vem, vamos beber um pouco com o rei e seus soldados — colocou uma das mãos em volta do ombro do amigo, e caminharam para a taberna.

João sabia que Castiel não era um dos melhores exemplos a seguir, mas sempre foi um ótimo amigo, nisso podia-se confiar, nunca o deixou na mão, não que se lembre. Agradeceu ao divino pelo amigo não ter partido dessa vida.

O clima de medo e assombro ainda pairava no ar. Em toda Lua cheia as pessoas teriam receio de sair de suas casas, e isso não adiantaria muito já que se os lobisomens quisessem entrar, eles entrariam. Tinha de ter algum jeito de acabar com as bestas, e então João teve um lampejo, sim, existia uma pessoa capaz de responder tal pergunta.

João parou e viu os guardas entrarem na taberna de um por um, então pegou no peito do amigo e seu olhar sério já dizia o tipo de assunto a ser tratado.

— O que foi? — pergunta Castiel, colocando as mãos na cintura.

— Precisamos chamar Charles Daniel.

Castiel fitava o amigo, sério e com muita pouca paciência. O rei estava esperando os dois para conversarem, e ele considerava aquilo um desrespeito enorme.

— E quem é esse Charles Daniel? — Castiel colocou as mãos na cintura.

— Um caçador de monstros, ele avisou sobre essas feras. Deve saber o que fazer.

Castiel balança a cabeça, decepcionado.

— Olha, amigo. Não temos tempo para isso, e mesmo que esse homem tenha as respostas, não temos como contatá-lo.

João baixou olhar, aceitando o fato, Charles já podia está bem longe dali, em outro reino. Sentiu a mão do amigo pousar no seu ombro, viu o sorriso simpático dele. Voltaram a caminhar para a Taberna. João abafou um bocejo com as costas da mão, ainda estava com muito sono, só queria acabar logo de conversar para voltar a cama.

Adentrou o local e avistou alguns soldados numa mesa conversando e se exibindo para mulheres. No final havia o rei Desmond sozinho, e seu olhar sombrio caia sobre os garotos, aguardando-os.

João e Castiel caminharam até ele, mas João parou quando viu... seu pai se exibindo para uma mulher. Pensou que estivesse morrido na confusão da igreja, mas parecia muito bem e em pleno vigor.

— Eu estava sozinho com a besta. Consegui matar um queimado — o pai de João gabava-se. — Mataram a minha mulher, e uma raiva enorme emanou de mim, o suficiente para vingar a morte dela.

João correria para abraçar seu pai, mas depois das mentiras que acabou de ouvi-lo pronunciar, nem se importou com o homem. Castiel até tentou fazer os dois conversarem, mas João insistiu em não falar com um mentiroso.

Eles sentaram timidamente do outro lado da mesa onde Desmond sentava. As pernas abertas junto da mão recostada no banco mostravam que ele não se importava com nada, que era ele que mandava em tudo ali.

— Ótimo, pensei que me deixariam aqui, impaciente — sua voz grossa ainda emanava medo.

— Qual assunto quer debater, senhor?

— Vamos do início, como esse ataque começou? — Desmond cruzou os braços.

— Começou no meu casamento arranjado — João tomou a vez, chamando a atenção do rei. — Quando eu estava prestes a dizer que aceitava aquele matrimônio, um uivo ecoou por toda parte, e então a chacina teve início.

— Qual o motivo de não terem entrado na igreja, logo de cara?

— Provavelmente diversão, queriam ver até onde iam nossos desesperos — Castiel disse. — Então quando João começou a montar o plano em cochichos, eles decidiram atacar.

— Entendo. Qual foi seu plano? — apontou para João, depois escorou suas costas na madeira da cadeira.

— Resumindo tudo, planejei uma emboscada — João baixou o olhar para a mesa, depois desviou para suas mãos. — Pelo menos deu certo para salvar algumas vidas.

— Eu sei disso. Por isso quero dizer que fez um bom trabalho, se não fosse pelo seu plano, não existiriam mais habitantes nesse lugar — o rei acenou com a cabeça demonstrando respeito pelo garoto.

Castiel sorriu, faria tudo para ganhar o respeito do rei, qualquer coisa. Seu sonho sempre foi fazer parte do exército de seu rei e ele estava agora na sua frente, podia ser má educação implorar para ir embora junto de Desmond. Pensou que receberia um não como resposta, o homem devia vê-lo como um fraco.

Decidiu falar assim mesmo, pois considerava o que fez muito corajoso, podia ter morrido e mesmo assim não se importou.

— Eu feri o líder deles na barriga com uma lança.

Desmond desviou o olhar para ele, surpreso, e João ficou branco como um fantasma.

— Como? — perguntou o rei.

— Eu consegui sair da igreja, peguei uma lança e retornei. Os lobos bateram em retirada, o líder estava distraído, então aproveitei e cravei a lança na barriga dele — sorriu. Não se arrependeu nem por um segundo, se pudesse ter matado, assim o faria.

— Deixe eu adivinhar, ele ainda vive?

Castiel desmanchou o sorriso.

— Provavelmente.

— Você está bem? — Desmond perguntou a João.

Ele ficou inerte nos seus pensamentos sombrios de puro terror. Castiel acabara de dizer que feriu o líder com uma lança na barriga. O peito começou a suar devido aos batimentos fortes de seu coração, ajudara um homem com uma lança na barriga, talvez tenha sido só coincidência. Mas era altamente improvável que fosse, esteve com o líder das feras assassinas na sua cama, se deitou ao lado dele não se dando conta do perigo que corria, confiou nele cegamente, num estranho.

Ainda não raciocinou como ainda ficara vivo, matou um dos de Jordan, o mesmo teve sua chance de se vingar ceifando a vida do garoto quando dormiram lado a lado, e não o fez.

— Você está bem, filho? — Desmond estalou os dedos na frente dele.

João piscou várias vezes.

— Sim, estou ótimo — bocejou de novo. — Só um pouco cansado.

Desmond respirou fundo, é difícil encontrar garotos como aqueles. Não tiveram medo de morrer, enfrentaram os lobisomens como cada um pôde, tinham seu sincero respeito. Tão novos, e com o treinamento certo podiam se tornar ótimos guerreiros.

— Só não entendo o motivo dos ataques acontecerem agora, tão repentinamente em pouco tempo — João falou com a voz embargada. Nem conseguia manter os olhos abertos.

— São monstros, não é o suficiente?

— Mas os ataques começaram em não muito tempo, e só atacam vilarejos por esses arredores.

— BASTA! — Desmond bateu na mesa com o punho fechado fazendo algumas pessoas olharem. — São monstros, é o único motivo que realmente importa.

Castiel o olhou espantado enquanto João estreitou os olhos, tinha algo errado, o rei estava escondendo algo. João percebeu, pois, os ombros de Desmond estavam contraídos, as pernas tremendo um pouco, e ele começou a olhar para todos os cantos, menos para os dois garotos.

O jovem decidiu não falar nada, apenas observou uma linda mulher se aproximar, bem encorpada, não hesitou em parecer sensual quando se aproximou de Desmond.

— O senhor vai querer algo?

— Sim, cerveja — nem se deu ao trabalho de olhar para ela, o que a deixou bastante brava e deu para perceber pelos sons dos passos pesados dela quando deu meia volta e foi buscar cerveja.

O silêncio entre os três homens foi constante e um pouco vergonhoso, Castiel tinha tanta vontade de implorar para ser um soldado, João tinha tantas perguntas e sabia que não podia fazer ou poderia acabar desrespeitando o rei. Desmond ainda ficaria um dia

ali antes de partir, seu plano era acabar com todos os homens-fera o mais rápido possível.

A mulher voltou e colocou a cerveja bem perto do rei e fez questão de se movimentar de uma forma bem sensual, e novamente, Desmond não lhe deu nenhuma atenção o que a fez sair dali bufando de raiva.

— Espere!

Ela parou quando ouviu a palavra do rei dirigida a ela, rapidamente o sorriso voltou ao rosto e se dirigiu até Desmond. Se aproximou e colocou os cotovelos em cima da mesa, se apoiando neles em seguida. Se preparou para quando fosse falar, sua voz tinha de ser sedutora.

— Sim, meu senhor?

— Traga vinho para esses dois — apontou para os garotos.

A mulher bufou quando revirou os olhos, nem perderia tempo sentindo raiva, saiu de novo com o desejo que o rei tivesse uma morte horrível. Voltou apenas para entregar o pedido.

Castiel não perdeu tempo e bebeu. O sabor doce do vinho estival encheu-lhe a boca e trouxe-lhe um sorriso aos lábios.

A fumaça do frango assado fica mais forte quando o dono colocou a comida em cima do balcão. As mulheres dali iam de mesa em mesa entregando pratos e talheres para os soldados. Um banquete estava sendo preparado desde que o rei havia chegado, João quase não ouvia nada já que o burburinho grave de uma centena de conversas aumentou e muito por causa do cheiro das comidas.

João olhou para o lado e Castiel já tinha acabado o vinho, e se surpreendeu ainda mais quando a mulher constantemente rejeitada pelo rei chegou e colocou uma garrafa de vinho na mesa. Fitou o amigo que mesmo jovem, já tinha uma sede de homem. João nunca foi de bisbilhotar muito, contudo os cochichos estavam tão altos que era impossível não ouvir os soldados falando, apreciava atentamente as histórias que contavam, histórias de caça, de batalha e de cama.

Olhou para os soldados, homens fortes e a maioria robustos, podiam ter qualquer mulher que quisessem. Inclusive uma delas se sentou no colo de um, e esse passava com prazer sua mão nas coxas grossas dela. No momento que avistou seu pai, virou-se para seu copo de vinho e bebeu tudo num só gole, nunca desejou mal a ninguém, no entanto, queria muito que o pai não voltasse mais a fazer parte de sua vida.

— Qual seu problema com o homem? — Desmond deu um gole na cerveja e com os olhos, apontou para o pai de João, que enfiava a cara nos seios fartos de uma meretriz.

— Ele é meu pai, me obrigou a casar — disse ríspido.

— Fez o certo para você, provavelmente com uma bela moça.

— Uma ova! — Castiel, mesmo bêbado o encarou. Desmond ergueu a sobrancelha.
— Se tem uma coisa errada nessa vida, é ser obrigado a passar o resto da vida com alguém ao qual não ama.

O rei sorriu, falar desse jeito consigo seria considerado desrespeito.

— Aprecio sua coragem e sinceridade. Infelizmente, a vida não é um mar de rosas
— pegou o copo e acabou o resto da sua bebida, em seguida passou a mão na boca limpando a pequena sujeira.

As mulheres vinham com pedaços do frango e vinho e colocavam em cada um dos pratos dos soldados. Mas aquela mulher rejeitada não apareceu, estava em outra mesa, em vez disso, o dono do lugar se deu ao trabalho de vir ele mesmo com três pedaços, o maior era para o rei.

Castiel olhando de perto viu que não se tratava de frango, mas sim de porco. A carne parecia bem suculenta, também lhe foi dado mais um pouco de vinho.

— Espero que aprecie o javali — disse o dono, com uma risada histérica.

— Javali? Achei que fosse porco — falou Castiel.

João concordou com a cabeça.

— Não, é javali.

— E qual a diferença?

— A carne do javali é bem diferente da carne de porco — Desmond intrometeu-se, cortou um pedaço e colocou na boca, revirando os olhos ao sentir o sabor. — Ela retrai muito pouco ao ser cozida, tem o sabor peculiar da carne de caça, é natural, menos gordurosa e é muito mais saudável.

Castiel e João falaria algo, entretanto não abriram a boca. O dono pareceu surpreso também, já que arregalou os olhos, e depois saiu, tinha mais clientes para atender e dar atenção.

Dúvidas pairaram nos pensamentos de João, ele deveria ou não perguntar sobre o que Desmond sabia? Informar ou não sobre a noite que teve com Jordan, o líder dos lobisomens? Não, era melhor não falar nada, por enquanto ficaria na sua, apenas aproveitando a comida.

Cortou um pedaço do javali e o levou até a boca, e céus, revirou os olhos assim como o rei, o gosto era bom demais para descrever, quando bebeu o vinho teve certeza de que estava tendo uma de suas melhores refeições, vinho mais javali era uma combinação perfeita. E Castiel pareceu concordar, ele comia e bebia tudo rapidamente como um esfomeado.

Quando um soldado abriu a porta para sair, João sentiu um vento forte e frio se chocar no seu corpo, aquilo era um lembrete de que o inverno estava chegando. O vilarejo iria ficar em apuros por causa dos recentes ataques e mortes, falta de

alimentos e roupas. Olhou para sua comida, já era um grande alimento desperdiçado apenas para a cortesia de Desmond.

— Você vai nos ajudar?

— Como? — Desmond parou de beber e encarou João.

— O vilarejo está em apuros pelo recente ataque, logo o inverno chegará e não teremos comida e objetos básicos para sobreviver.

Castiel parou de comer e ficou imóvel por um segundo, não tinha pensado nisso. Depois dali tentaria caçar algum animal. Pelo menos sua mãe e ele não ficariam com fome nos próximos dias, também se certificaria de pegar roupas de couro para manter o corpo bem aquecido.

— Pode contar com isso, eu e meus homens trouxemos algumas roupas, água, e caçaremos animais nos próximos dias. Essa aldeia terá todas suas necessidades supridas.

— Obrigado — respondeu João voltando a comer.

...

O soldado que saiu da taberna se chamava Edmund, tinha seus trinta e um anos, ainda jovem. Se certificava de treinar todos os dias para estar em forma e assim poder proteger seu rei a todo custo, no momento andava cambaleando de tão bêbado, não acreditou quando viu uma garota com vestido de noiva, suja e vindo em sua direção.

— Por favor me ajude — ela jogou-se no peito dele praticamente.

Edmund por algum motivo não estava com sua armadura, mas sim com uma roupa comum, naquele dia queria aproveitar sua estadia naquelas terras desfrutando das mais lindas mulheres, como a que se encontrava na sua frente agora.

— O que está fazendo? — Margaret tentou se afastar, mas suas mãos foram seguradas.

Edmund a beijou a força, quando seu rosto se afastou do dela, ele recebeu um cuspe bem em um dos olhos. Gostou da violência, preferia suas garotas desse jeito, ficou tão excitado que começou a arrastá-la para um beco perto qualquer, queria desfrutar daquele corpo jovem.

— Me solta! SOCORRO! — Margaret tentou gritar, mas ninguém pareceu ouvir, quando tentaria gritar mais uma vez, sua boca foi tapada.

— Não se faça de difícil, você é igual as outras, doida para se deitar com os soldados do rei — ele sorriu, mostrando aqueles dentes tortos.

Margaret chutou o saco dele fazendo o mesmo cair no chão de joelhos, urrando com uma dor horrível. Ela correu para final do beco e dobrou a direita. Não tinha como gritar para alguém, pois estava nas costas das casas vazias, já que a maioria dos moradores estavam no parque prestando homenagem aos mortos ou batendo papo com a guarda real.

Ela olhou para os barris e se escondeu atrás deles, rezando para que aquele homem não a encontrasse. Achava que o pior já tinha passado, e como se enganou feio, escapou de monstros para dar de cara com mais um. Nada disso nunca aconteceu a ela antes, nunca se sentiu tão vulnerável. Queria o seu pai vivo ali, protegendo-a de tudo e todos. Tentou fazer o máximo de silêncio possível, sendo o único barulho as batidas constantes do seu coração. Se encolheu ainda mais entre os objetos para se certificar de que não seria encontrada, se concentrou e tentou ouvir sons de passos, entretanto, não havia som algum que indicava Edmund próximo.

Passou um longo tempo escondida, quando não viu mais perigo nenhum, decidiu se levantar e sair, mas logo foi jogada no chão por Edmund, que apareceu de repente.

— Sou um caçador, e ninguém, nem mesmo você, conseguirá fugir de mim. Quando eu quero uma mulher, ela é minha.

Ele cobriu a boca de Margaret de novo, contudo logo a afastou com um gemido depois de levar uma mordida. Ela gritou muito e pediu por ajuda, depois de minutos Edmund a soca no rosto fazendo a pobre garota cuspir sangue, e viu que a presa parou de se debater, então baixou suas calças até o joelho e levantou parte do vestido dela.

O homem é mil vezes mais forte do que ela, Margaret apenas fechou olhos e esperou aquilo acabar, pois não tinha nenhuma chance, e como poderia? Era uma garota contra um soldado treinado, com um corpo do dobro do seu tamanho.

— Não se preocupe, docinho. Quando eu acabar, você vai desejar ir embora comigo e ser minha.

Margaret abriu os olhos quando estranhou o peso enorme sumir de cima do seu corpo. Viu Edmund levando uma surra de Castiel, o homem foi ao chão direto. Virou a cabeça avistando mais dois homens se aproximando. Desmond e João.

— Basta! — Desmond emitiu uma ordem.

Castiel só parou quando João o segurou e puxou para o lado, o rei passou os olhos na garota suja e acabada até um de seus subordinados. Fungou forte, não tinha tempo para aquelas besteiras.

— Pegue alguma mulher que queira estar com você, na taberna tem muitas desse tipo. Volte, agora.

Desmond observou Edmund levantando as calças e caminhando de volta para o bar, resmungando aos montes. Castiel olhou feio para o seu rei, João arregalou os olhos, em seguida correu para ajudar Margaret.

— Como você pode deixar ele sair impune assim? — Castiel tomou cuidado para não levantar a voz.

— Isso não me importa. Edmund é um dos meus maiores guerreiros, e um homem de valor, e como tal, tem suas necessidades — respondeu como se não fosse nada demais.

— Você perdeu meu respeito, Desmond — Castiel disse com total desprezo.

— Não me importo com a merda do seu respeito. Devia agradecer por eu não dar uma ordem a essa moça para se deitar com Edmund, acredite, eu posso. Porque se ela me desobedecesse, acabaria presa, ou pior, morta — sorriu com o medo no olhar dos três. — Não se enganem, só porque tivemos uma conversa de minutos não significa que somos melhores amigos. — Se virou e caminhou para fora do beco.

Castiel não acreditou de imediato nas palavras proferidas por aquele homem, ele era igualzinho ao soldado que acabou de atacar a linda garota. Seus sonhos de se tornar parte da guarda real foram por água abaixo, se virou para tentar ajudar de algum modo e viu Margaret chorando nos braços de João.

— Me ajude a levá-la para a minha casa — disse João a Castiel.

— Acho melhor eu buscar algumas roupas femininas na minha casa, da minha mãe. O que acha?

— Perfeito. Depois vá rápido para minha casa — João caminhou na frente com Margaret ao seu lado.

Castiel se perguntou onde ela esteve durante todo o ataque, pensou que assim como a maioria, tinha sido morta. Mas apenas estava suja e com leves arranhões pelo corpo. Devia ter se escondido em alguma casa ou embaixo de algo grande, ainda passou por maus bocados agora pouco, coitada. De qualquer modo a ajudaria no que fosse necessário, afinal, querendo ou não, ela teria sido a mulher do seu melhor amigo, talvez ainda pudesse ser.

Correu em direção a sua casa, perguntaria a sua mãe se ela ainda tinha algumas roupas de sua época jovem, se por acaso não conseguisse, partiria em busca de roupas nas casas dos habitantes, o lado bom é que não teria ninguém para reclamar, estavam mortos mesmo.

João abriu a porta de seu lar num chute fraco, ele e Margaret entraram e ela foi colocada na cama. A menina não aguentou mais e derramou-se em lágrimas, sua vida só ficava cada vez pior a cada segundo que passava. Não aguentava mais ficar sentada ou em pé, então deitou-se na cama, e caramba. Faz tempo que não se deitava, ficaria por um tempo ali, talvez com sorte dormisse um pouco.

— Vamos esperar Castiel chegar com as roupas. — João sentou ao lado dela, mantendo uma distância considerável.

— Nem me preocupo muito com isso, só de estar viva já me agrada.

O garoto riu com a triste verdade miserável deles.

— Sinto muito por seu pai — falou ele.

— E eu pela sua mãe — disse ela.

Os dois olharam para a porta quando a mesma foi aberta devagar, fazendo um rangido. Castiel segurava algumas vestimentas femininas e básicas para a região.

Tinha um casaco também caso ela quisesse se aquecer, por alguma razão ele se preocupou com ela desde que a viu no beco, sua segurança era prioridade.

— Aqui está. Você pode escolher o que vestir — colocou as roupas na cama, próximo a Margaret, que parecia não ter ouvido, ou simplesmente não quis se levantar nem para olhar.

— Melhor deixar ela descansar um pouco — disse João, e como não houve reclamação alguma, os dois garotos acenaram com a cabeça e foram para a cozinha.

A pobre garota merecia alguns dias de descanso, escapou por pura sorte das garras de um lobisomem, que felizmente levou a pior e não conseguiu mata-la.

Capítulo 6

CHANCE PERDIDA

Jordan havia saído muito rápido da casa do garoto após sentir o cheiro daquele homem imundo, que todos daquele vilarejo o tomavam como líder, um rei. Não aguentaria ficar tanto tempo naquele lugar sem tentar matar o estrume falso. E, além disso do jeito que estava, somente com uma calça, as pessoas notariam sua presença. Era o maior, o mais bonito e o mais musculoso dali. Precisava de mais vestimentas.

Tinha saído pela minúscula janela da casa pequena de João e voltado ao beco onde ficou estirado no chão com uma lança presa no corpo, ainda podia ver muito sangue seco seu lá. Ainda sentia muita raiva por ter sido desprevenido, podia ter acabado facilmente com o jovem que lhe atacou, no entanto, não se lembrava das feições do rosto dele, e não gravou o cheiro dele por ter tido muito sangue e pessoas no fatídico ataque.

Subiu no muro, observando cada casa que podia até a floresta, ali era uma perfeita rota de fuga, podia transfigurar-se em lobisomem, matar quantos pudesse e fugir tranquilamente por ali. Seria rápido, as pessoas nem saberiam quando sumisse repentinamente.

Infelizmente ainda não era Lua Cheia.

Aproveitou por estar ali em cima e também de que não viu ninguém pelas redondezas para fechar os seus olhos. Deixando a concentração se espalhar por toda a sua mente começou a farejar o ar, sentindo vários tipos de cheiros, de mulheres, crianças, homens, estrume, animais e sexo. Mas nenhum sinal dos seus lobos, eles não estavam mais lá.

Fizeram o movimento certo, caso permanecessem escondidos na cidade ou ocultos na floresta, os humanos poderiam acabar notando. Sua alcateia deveria estar esperando o líder em uma dessas vilas a qual dizimaram, agora estava sozinho entre muitos humanos nojentos.

Odiava todos do lado Sul, com exceção de João é claro, o doce aroma do garoto invadiu suas narinas, e era delicioso e viciante. Tinha de saber onde ele estava, por isso, pulou na primeira casa que estava perto, seus movimentos foram sutis e precisos. Como as moradias naquela parte do vilarejo eram quase coladas umas nas outras, não precisou dar um segundo salto.

Andou devagar, passo a passo para não desabar ou fazer qualquer barulho que chamasse atenção. Podia perceber pela sua audição que a maioria das casas estavam vazias, provavelmente os humanos estavam lamentando pelas perdas recentes. Jordan

queria que fossem todos mortos, mas imprevistos aconteciam, todavia teria outra chance mais tarde.

Todos deviam morrer, aproveitaram-se da boa confiança de seu pai e o mataram. E Jordan como sucessor do trono de todo aquele reino, faria sua vingança cair sobre Desmond, o falso rei. Maldito o dia que deram pedaços de terras a esses forasteiros, pois agora, precisava tirá-las.

Continuou andando de casa em casa, até que parou e se abaixou, ficando invisível aos olhos de quem passava pela rua. Perto da taberna, onde o rei e alguns súditos entravam, João saía pelo outro lado, com uma mulher e um garoto, este último pareceu muito familiar a Jordan. Franziu o cenho ao notar aquela adolescente feminina prestes a chorar e o amigo de João encharcado de fúria.

O próprio João parecia normal, e era somente isso que importava ao lobisomem, seu garoto intacto. Os três jovens desapareceram ao virarem uma esquina, então Jordan encarou o estabelecimento onde a maioria dos cidadãos iam extravasar, a taberna. O lugar parecia ter sobrevivido bem ao ataque, uma pena, queria ter destruído o lugar onde os humanos gostavam de se divertir.

Ainda agachado no telhado, ficou observando pessoas indo e voltando nas ruas, entrando e saindo da taberna. Pelo que entendeu, era só entrar normalmente, pois acabara de ver um homem fedorento, feio e malvestido entrando no lugar, segurança praticamente não havia, além dos guardas reais.

Seria bem fácil.

Fitando o chão de terra ficou de pé, depois simplesmente pulou, equilibrando-se perfeitamente em suas duas pernas, nem sentiu o impacto, foi muito suave em pular dessa altura, considerada por ele, pequena.

Olhando pelo seu campo de visão, não havia uma única pessoa por perto naquele segundo. Pôde prosseguir seu caminho até a taberna, ao sair do beco observou novamente a rua, dessa vez algumas pessoas passavam de um lado a outro, preocupadas somente em como fariam para sobreviver. Pensou que teria de enfrentar algumas perguntas, mas nem isso.

Teve de segurar a vontade de sair matando todos aqueles indivíduos expostos e sem defesa alguma em plena luz do dia, poderia acabar machucado. Ainda precisava de tempo para recuperar-se totalmente, os ferimentos podiam ter se cicatrizado, no entanto, ainda se sentia muito cansado. Precisava de foco, matar Desmond sem a interferência de guardas ou de mais ninguém, o problema seria achá-lo sozinho. O homem devia estar rodeado por seus guardas, armados com espadas e lanças.

Abriu a porta do estabelecimento enorme e entrou, o lado de dentro, teve de admitir, era espetacular. O lugar servia como um bordel também praticamente. Tinha comidas, bebidas e mulheres. Teve de franzir o cenho, onde estavam os garotos prostitutas? Os

únicos que estavam ali eram homens e adolescentes bebendo e talvez em busca de sexo, mas e se quisessem se deitar com outros homens?

Se fosse em Coração da Lua, Jordan fecharia o lugar por faltas de opções.

Ele estranhou algumas garotas o encarando com olhares...obscenos. Duas se aproximaram e cada uma se posicionou de um lado dele, elas envolveram um braço ao redor de cada ombro dele.

— Precisa de algo, meu docinho? — pergunta a morena, quase colando os lábios na orelha dele.

— Sim, preciso que se afastem de mim — Jordan tirou os braços delas do seu corpo.

Deixando as duas furiosas, Jordan caminhou para as escadas pois não avistara Desmond no andar de baixo. Os poucos guardas ali estavam bebendo muito, distraídos, e o dono estava tão ocupado que nem pareceu notar um homem somente com uma calça indo ao lugar reservado só para quem pudesse pagar.

O próximo andar tinha as paredes de concreto um pouco cinzas e já caindo aos pedaços. Pôde ver três soldados andando até o final do corredor, um deles tinha uma mulher nos braços. Jordan teve a impressão que aquele fosse Desmond por causa do cheiro.

Aquele rei parecia um pouco desnorteado, parecia ter bebido muito, pois se apoiava quase que inteiramente na mulher. Ele entrou no último quarto a direita, os guardas ficaram um de cada lado na porta que Desmond nem se deu ao trabalho de fechar, ou havia esquecido.

Jordan podia tentar derrubar os dois homens, mas não sabia se sua força já teria voltado totalmente. Normalmente andou até eles, e um dos guardas estranhou aquela movimentação. Jordan se amaldiçoou mentalmente, já haviam notado sua presença. Por sorte conseguiu sentir o cheiro de mais uma pessoa andando atrás de si, deixou seus passos lentos propositalmente para que a pessoa passasse.

Era um menino, jovem, nem devia ter vinte anos ainda, ele passou por Jordan e caminhou direto para o final do corredor, iria para o último quarto do lado esquerdo, Jordan aproveitou a chance e o seguiu. Quando o garoto entrou no quarto, Jordan silenciosamente entrou e antes de fechar a porta, viu o semblante julgador na face dos guardas.

Conseguiu ver um pouco do quarto de Desmond, e o rei não perdia tempo, já estava nu e em movimentos frenéticos de vai e vem com a mulher que só sabia gemer e implorar por mais.

Jordan virou-se rapidamente e tapou a boca do adolescente que estava com os olhos arregalados.

— Fique quieto — falou bruscamente em tom de ameaça. Vendo o olhar horrorizado do menino, fungou, respirou fundo e então falou: — vou tirar minha mão devagar, caso grite eu quebrarei o seu pescoço, entendeu?

O garoto balançou a cabeça, muito apavorado.

Jordan tirou a mão devagar, notou que o garoto usava um casaco preto, devia ser de uma família com muito dinheiro. E ele era bem bonito, uma delícia.

— Me diga, veio fazer o que nesse quarto? — Jordan sentou na cama ainda encarando o garoto, o viu olhando rapidamente para a porta, e logo levantou seu dedo indicador e fez sinal para que o adolescente não fizesse o que estava planejando. Em seguida abriu suas pernas, fazendo o outro engolir em seco. — Não seja tímido, me diga o que veio fazer?

Tinha de ficar ali até que o rei terminasse a diversão, ou até os guardas trocarem de turno.

O garoto cruzou os braços, sentindo as bochechas ficarem rosadas, por qual motivo deveria se abrir com um desconhecido? A resposta era óbvia, ele era perigoso, melhor dar as respostas que o homem queria.

— M-Meu pai me deu dinheiro para alugar esse quarto por algumas horas, diz que já preciso me tornar um homem. — o garoto desviou o olhar do de Jordan.

Jordan sorri.

— Mas não estou vendo nenhuma mulher aqui.

— É-É porque não me sinto preparado, sabe, para isso — o garoto luta para encontrar as palavras certas. — Acho que ainda não devo fazer isso.

Jordan levantou-se, movendo seu corpo arditamente para de trás do garoto, cheirando o seu cangote e envolvendo a cintura dele com suas duas mãos.

— Acho que você não gosta de mulheres — movendo sua boca para perto do ouvido do garoto, sussurrou baixinho: — acho que prefere algo que elas não possuem.

O garoto se afasta do homem ao sentir algo duro.

— Está louco, quer ser queimado na fogueira? Posso denunciá-lo por ser um sodomita nojento! — o jovem começou a elevar a voz.

Jordan tapou sua boca novamente e o empurrou para a cama, e, subindo em cima dele soltou um sorriso predatório.

— Gosto quando meus garotos sentem medo, só ficam mais deliciosos! — moveu sua cabeça na direção do pescoço do menino e deu uma fungada.

Os pelos do garoto começam a arrepiar, ele nunca sentiu aquilo, sentia nojo de si mesmo por ter ficado excitado por causa de um homem. Deus, o todo poderoso nunca o perdoaria por isso.

Jordan riu e revirou os olhos.

— Não se preocupe, estou apaixonado por outro, não quero nada de você a não ser isso — Jordan apontou para o casaco. Quando o garoto desviou o olhar, Jordan acertou um soco forte em sua cabeça, o deixando inconsciente.

Tirou o casaco preto do jovem e vestiu, notara que caiu perfeitamente no seu corpo, deixando seus músculos bem aparentes. Olhando para o garoto só sentiu desejo, mas este estava desacordado, talvez se estivesse acordado e se não estivesse apaixonado.... Esse coitado nem saberia o que o atingira quando acordasse, imaginaria que Jordan fosse uma ilusão criada da sua mente, já que o homem planejava sair do vilarejo em breve, como se nunca tivesse existido.

Concentrando-se um pouco, ainda podia ouvir os gritos e os gemidos de Desmond com a prostituta. Então se sentou ao lado do garoto desacordado, aguardando o tempo passar e os guardas trocarem de lugar com outros guardas. Nesse momento agiria, tentaria entrar no quarto vizinho para ceifar a vida do seu inimigo.

Sua mente voltou até João, eles dois na cama, juntos. Algo que ficaria tumultuando na sua mente por um bom tempo. Queria estar com ele neste instante, mas tinha a impressão de que ele já sabia sua verdadeira identidade, ou não, talvez só estivesse com medo de uma aproximação. Nunca teve o mesmo sentimento por alguém, normalmente dormia com quem quisesse, só para se satisfazer por puro prazer carnal, e ia embora.

Levantou-se depressa ao ouvir passos no corredor, provavelmente os soldados já deviam estar em movimento. Abrindo a porta de madeira de fininho viu uma cena meio absurda, os dois soldados que mantinham a guarda de Desmond, encontravam-se agora fazendo sexo com a prostituta, ela era penetrada por um enquanto sua boca estava no pau do outro. E uma outra mulher entrou no quarto para se juntar a pequena festa. Os malditos nem tiveram a decência de fechar aquela porta.

Desmond já devia estar lá embaixo. Jordan perdera mais uma chance de matá-lo, um verdadeiro tempo perdido naquela taberna. Saiu pelo corredor sem muito medo de estranharem sua presença, estava bem vestido agora e caso alguém perguntasse, era somente um viajante atrás de mulheres para degustar.

No andar de baixo, Desmond estava numa mesa aos fundos com vários guardas ao redor dele. Jordan sentia o ódio se acumulando no seu peito desde que o dia amanheceu. Estava prestes a explodir e matar todos ali presentes, no entanto, era aconselhável esperar a próxima Lua cheia.

Jordan sentou numa mesa vazia, e por sorte não atraiu olhares, as mulheres dali tiravam toda a distração dos homens, isso era bom, não precisava se preocupar em ser descoberto. Concentrando-se muito, fechou os olhos, limpando a mente de qualquer pensamento irrelevante, suas orelhas ficaram atentas ao grupo de Desmond.

— E agora, o que vamos fazer? — pergunta um dos soldados, ele bebe sua cerveja no copo de estanho enquanto faz carinho em uma das coxas da meretriz em seu colo.

— Os lobos provavelmente voltarão para terminar o trabalho.

Desmond batucava seus dedos grossos na sua taça que continha vinho tinto e caro.

— Queria saber o motivo deles terem ido embora e terem deixado muitas pessoas ainda vivas — cruzando os braços, o homem se recosta na cadeira de madeira. — Eles dizimaram as outras aldeias que invadiram.

Os mandei embora para João não ser machucado, Jordan quis dizer para os vermes ouvirem. Tinha receio de que algum lobo, no calor do momento acabasse matando aquele jovem que lhe despertou muito interesse. Seu sorriso maldoso foi difícil de conter, só por causa do menino que eles ainda estão vivos, assim que o levasse embora, o resto estaria condenado.

— Me disse pouco antes de ir foder aquela puta, que um garoto feriu um dos monstros — disse um dos subordinados.

— Sim, podemos pegar esse que parece ser o líder, se a gravidade do ferimento foi tão grande como aquele Castiel falou, então ainda podemos achá-lo pelas redondezas — Desmond falou rispidamente.

Jordan achou uma boa ideia desses idiotas, caso eles fizessem uma busca na floresta, poderia matar Desmond quando ninguém estivesse por perto. O tempo o favoreceria, estava quase de noite, na escuridão esses homens não teriam nenhuma chance.

— Atenção! — Desmond levanta e chama a atenção de todo mundo. — Queremos o máximo de homens possíveis, pretendemos sair à procura de um desses monstros que está ferido e fraco, matá-lo provavelmente fará os outros recuarem, a sentirem medo de atacar esse lugar novamente!

Muitos homens gritaram concordando, a maior parte deles queria matar essa criatura para que servisse de exemplo aos outros monstros. Jordan teve de rir, um homem que se autodenominava rei, convocando civis para uma caça era de se sentir pena, Desmond não tinha um exército, muito menos a coragem necessária para acabar com as feras.

— Ótimo, toda comida sairá por minha conta — Desmond voltou a se sentar e a conversar com seus camaradas.

Jordan aproveitou e pediu um belo frango assado. Não comia desde o dia anterior, precisava repor as energias o mais rápido possível, pois ao chegar no anoitecer, pretendia matar o falso rei.

— Aqui está — o dono do lugar serviu a Jordan os talheres e o alimento desejado em cima de uma bandeja de prato. Dois pedaços de coxas e mais alguns pedaços grandes fatiados. — Não me lembro de já ter te visto nesse vilarejo, é um forasteiro?

Jordan cortou um pedaço do frango e o levou a boca. Agora mudara de ideia, não fecharia o lugar por falta de prostitutas homens, aquela comida compensava tudo.

— Na verdade sim, cheguei num momento ruim — Jordan sorriu rapidamente com a boca cheia.

O homem apenas sorriu de volta e saiu um pouco assustado.

Continuou comendo seu prato até não restar mais nada, sentiu um certo alívio em não ter de pagar, pois não tinha dinheiro no momento e descobririam seu disfarce caso se metesse em uma confusão. Por sorte estava tudo na conta de Desmond, então pediu ao dono da taberna a bebida mais cara e mais forte que possuía.

Depois de ter se alimentado bem, só restava esperar a próxima ação de Desmond. No entanto, sua paz momentânea foi ameaçada por um cheiro conhecido, olhou para a escada e viu aquele jovem ainda desnortado, descendo as escadas. Por um momento engoliu em seco.

Ele estava descalço e sem seu casaco. Ao ver Jordan, o que aconteceu no quarto, minutos antes, volta a sua mente como uma espada afiada fincando bem no meio do peito, arregalou os olhos e iria gritar.

Rapidamente Jordan conseguiu chegar antes que o garoto soltasse a voz, tapou sua boca e olhou para os lados, ninguém pareceu notar, por isso o forçou a sentar na cadeira, e sentou bem ao lado.

Era só o que lhe faltava, nem passou pela sua cabeça que logo esse indivíduo poderia estragar tudo. Tinha de fazê-lo ficar de bico fechado, tinha muito em jogo ali para se perder por causa de um adolescente inexperiente na vida sexual.

— Escute aqui, acho melhor você não falar ou fazer nada — Jordan o encara, feroz.

— O que pretende fazer comigo? — o pobre jovem engole em seco, tremendo da cabeça aos pés.

— Bom, garotos bonzinhos não fazem meu tipo, se comporte e ficará bem — Jordan se aproximou com cuidado, fazendo menção de cheirar o pescoço do outro. — Mas caso seja um garoto malvado, então terei de lhe punir. Adoro dominar homens bonitos que nem você, só para ter o prazer de fazê-los minhas putas — revirou os olhos e mordiscou o lábio inferior, imaginando uma noite quente com o adolescente.

Isso tudo quase fez o garoto derramar-se em lágrimas.

Jordan fungou, entediado.

— Tenho uma opção melhor, pode sair por aquela porta agora sem falar nada a ninguém, e juro que nunca mais me dirigirei a você — o lobo ficou satisfeito ao vê-lo levantar e correr para fora da taberna como um rato fugindo de um predador.

Pronto, o único problema que poderia denunciá-lo foi resolvido rapidamente e sem levantar nenhuma suspeita. Só restava esperar a boa vontade de Desmond para começar a caçada.

Capítulo 7

CAÇA

João decidiu preparar algo para todos comerem. Lamentou ter gastando muita comida nos últimos dias. Ficou mais magoado quando Jordan simplesmente foi embora, sem se despedir formalmente. Só pegou um bocado de água para ferver, colocaria numa tina depois, no meio da cozinha para quem quisesse se banhar.

Castiel passou os olhos ao redor de tudo, via objetos sujos e fora dos lugares, restos de comida como se tivessem acabado de preparar algo. João tinha recebido gente ali, depois do ataque e antes de conversarem com o rei, e estranhou. Pois, quando veio chamá-lo não viu mais ninguém, e pela bagunça na cozinha, tinha sido feito comida para pelo menos duas pessoas.

Não era enxerido nem nada, entretanto pensou na conversa dentro da taberna com Desmond, notara o amigo estranho, inquieto com algo, como o conhecia bem, sabia que ele tinha várias perguntas para fazer, mas não as fez. Mas por quê? E a resposta era clara, envolveria pessoas que, provavelmente, ele queria proteger.

— Quem esteve com você aqui ontem à noite? — decidiu perguntar de uma vez.

João parou de fazer o que estava fazendo, de costas para o amigo mexeu os ombros como quem sentia um arrepio na espinha, tenso. Começou a esfregar as mãos e olhou para elas quando começaram a tremer de repente. Sabia o quanto seu amigo estava odiando os lobisomens, se contasse que passou a noite deitado com o líder deles, acabaria mal. Franziu o cenho, ele também não tinha como saber quem Jordan era de verdade, na hora que o viu ferido só pensou em socorrê-lo.

Virou-se e decidiu contar a verdade, escondendo os fatos principais.

— Ajudei um homem depois do ataque, e ele passou a noite aqui. Hoje de manhã ele tinha ido embora quando você me chamou — tentou manter a voz firme.

— E qual o motivo de ter ficado tenso quando o indaguei?

— Sinceramente? Não te interessa!

Castiel riu com a reação, para ele não tinha sido nada demais, apenas saiu dali e foi para a cama ver o estado de Margaret. Ao vê-la pelas costas, Deus que o perdoe, mesmo acabada, suja e um pouco desgrehada, era um ser lindo. Ao menos dentro da visão dele. Rapidamente a culpa desapareceu num piscar de olhos, seu amigo não queria casar com ela, talvez tivesse alguma chance.

Ou talvez não.

— Você está bem? — perguntou Castiel.

Nada.

Não houve resposta, ela apenas respirava pesadamente, exausta.

Castiel voltou até a cozinha onde João estava, para que Margaret pudesse trocar as roupas tranquilamente. Um tempo se passou e ele regressou. Ela parecia um pouco diferente com as novas vestimentas, não ficou magicamente linda pois ainda se encontrava cansada e suja. As roupas da mãe de Castiel caiam bem nela, passou os olhos sobre a garota e sorriu, ela não se sentia desconfortável.

— Olha. Sei que acabou de se vestir, mas se quiser, tem água morna se quiser se banhar — João apontou e finalmente pôde ver um suspiro de alívio.

Margaret tinha de tomar banho, precisava da sensação da água no seu corpo, e ainda quente? Melhor ainda. Foi até a tina e não viu problemas em tirar as roupas que acabou de vestir, antes de se expor olhou para trás, franzindo o cenho.

— Os senhores podem me dar licença? — ela ergueu uma sobrancelha.

João bateu no cotovelo de Castiel quando o viu praticamente babando por ela, ele balançou a cabeça rapidamente com a vergonha em que se colocou.

— Temos de achar algo para comer — disse João com um leve sorriso nos lábios.

— É... Claro — concordou o amigo, distraído.

Os dois caminharam até a porta e antes de saírem João gritou:

— Vai ficar bem aqui sozinha por alguns instantes?

— Sei me virar.

Os jovens saíram, e quando Castiel fechou a porta, João olhou para o céu cinza. Achava o final da tarde sempre lindo. Depois viria o silêncio ensurdecedor do medo das pessoas, junto das lembranças macabras da noite anterior. Casas destruídas, pessoas mortas, crianças sequestradas e comidas saqueadas. A aldeia ainda estava quase toda demolida, foi triste ver seu lar daquela maneira e poder oferecer somente pouca ajuda.

Na verdade, podia dar uma grande ajuda, devia contar a Desmond sobre Jordan, e teria de conviver com o ódio mortal de Castiel quando este soubesse que deitou com um homem, e que esse homem provavelmente era o líder dos monstros sanguinários que dizimaram metade dos habitantes. Desmond nem acreditaria nele, como poderia? Nem tinha provas, nunca mais viu o desconhecido que salvou, sim, era isso que Jordan significava para João, um completo e total desconhecido.

— Oi, garoto.

João parou e virou-se rapidamente quando uma mão pesada pousou no seu ombro. Charles Daniel, o caçador.

— Graça a Deus. Soube dos ataques — João diz.

— Ouvi boatos, e vim o mais rápido possível — fala o homem, um pouco tenso.

Castiel sorriu e estendeu a mão.

— Então esse é o grande caçador de lobisomens, fico feliz em conhecê-lo pessoalmente.

— Na verdade apenas caçador de tudo, caço qualquer coisa, principalmente para me alimentar.

— Você parece um pouco inquieto, algum problema? — Castiel pergunta.

Charles suspirou triste.

— Eu cheguei já algum tempo, e agora terei de partir.

— Tão rápido — João falou, com certa pena. — Veio fazer exatamente o que aqui?

— Bom, eu fiquei sabendo dos ataques horríveis causado pelos lobisomens, porém, existe um problema nisso tudo. Eles não atacam sem um motivo, então estranhei mais ainda quando o próprio Desmond veio para cá, eu mesmo o indaguei e recebi uma resposta bem brava — riu.

O homem escondia algo, e o caçador sabia disso.

— Os lobisomens são assassinos, não preciso de mais nada para acreditar nisso. Você está praticamente em cima de provas. — Castiel apontou para as casas, depois para as pessoas sujas e tristes.

— Você deveria estar se fazendo as seguintes perguntas, por qual motivo atacaram logo essa aldeia? E as aldeias aos arredores? E mais especificamente o lado Sul, hum?

Castiel engoliu em seco, cruzando os braços, virou a cabeça por não conseguir pensar em nenhuma resposta.

— Como eu disse, esse homem esconde algo, e eu não quero estar aqui caso aconteça uma guerra entre lobisomens e humanos, por isso, adeus — disse, deu as costas e começou a andar para bem longe dali.

O vento muito frio e tão aterrorizante que fez alguns galhos de árvores balançarem fortes, trouxe um pequeno pano que caiu perto dos pés dos dois garotos. João pensou bastante nas perguntas, são boas e as respostas deveriam ser melhores ainda, mas pensou também em Jordan. Ele não podia ter uma justificativa boa o bastante para ter matado vários seres humanos, a menos que Desmond tivesse feito pior com o povo dele.

Empalideceu com a possibilidade, poderia estar presenciando o começo de uma guerra bem debaixo do seu nariz, e a pergunta principal, a que circula seus pensamentos, por qual motivo Jordan não o matou quando teve a chance? Teria de perguntar a ele mesmo quando ficassem cara a cara de novo.

— Não acredita nele, não é? — indagou Castiel, nem passou por sua cabeça que as perguntas do homem pudessem fazer algum sentido.

— E se for verdade? Digo, podemos estar numa guerra silenciosa, é por isso que Desmond está aqui, não para proteger nossa aldeia, e sim esperando outro ataque... — João arregalou os olhos quando chegou numa conclusão temerosa. — Porque ele está nós usando como iscas.

— Isso não é possível — Castiel coloca as mãos na cabeça.

Não, ele é o rei do Sul, impossível ele ser tão covarde assim com sua gente, pensou Castiel.

— Pense bem meu amigo, todas as outras aldeias foram dizimadas, restando apenas uma ou duas, e todos foram mortos ou sequestrados, mas essa aqui ainda tem gente viva — mostrou as mesmas pessoas em estado lamentável que Castiel fez questão em apontar para o caçador.

De repente a ficha caiu para seu amigo como uma espada perfurando sua pele, fazia tão sentido que não existia mais justificativa para negar, uma forte raiva emanava do seu corpo, queria bater em alguém ou quebrar algo. Desmond provavelmente era tão ruim quanto as feras, mais repugnante, menos assustador, e ainda sim, o mais falso sem dúvidas.

Agora João precisava ouvir os dois lados da história, se possível. Queria entender o que levou os dois povos a guerrearem. Só sabia de um fato, os dois lados estão errados e todos são assassinos, e o mais importante, não se podia confiar em ninguém.

— Vamos, temos de arranjar algo para comer — Castiel mudou de assunto.

— Do que precisa?

— De duas facas bem afiadas.

— Tem certeza?

— Sim.

João voltou até sua casa e viu Margaret já vestida, deitada na cama, tranquila e até um pouco melhor que antes. Pegou duas facas, voltou correndo e as entregou nas mãos de Castiel. Juntos caminharam para fora da aldeia, para a imensa floresta.

— Temos de se apressar, já vai escurecer em poucos minutos — falou Castiel.

Começaram a andar um pouco mais rápidos.

A floresta tinha um mato alto e junto das árvores enormes, dificultavam um pouco a entrada deles dois. Entretanto, não sendo impossível, conseguem ir um pouco longe, cada vez tomando mais cuidado para não se cortarem. João nunca foi para a floresta, já ouvira uma vez que existiam monstros assustadores por toda aquela parte, não acreditava muito na possibilidade, por isso só seguia Castiel no trajeto que estava sendo traçado por ele.

Castiel caminhava com maestria, enquanto João tinha de desviar de vários galhos, já conseguindo pequenos cortes na cara, principalmente nas bochechas. Com as mãos,

tenta proteger os olhos a todo custo, não queria acabar cego por um erro besta, seria o cúmulo do ridículo se acabasse perdendo a visão por causa de uma porcaria de galho.

Eles caminham com o mínimo de barulho possível, para não espantarem algum animal que em pouco tempo irá ser o jantar. João parou quando vê Castiel estender sua mão lentamente e colocar o dedo indicador na boca, pedindo o máximo de silêncio possível, depois virou e ergueu a cabeça em um ponto.

João olha para o mesmo lugar, vendo algo se mexer, soube disso pelo mato fazer um pequeno barulho constante. Estreitou os olhos e conseguiu ver uma forma com chifres. Se aproximou e ficou bem ao lado do amigo conseguindo ver nitidamente um cervo, pela grande altura devia ser um macho.

Castiel sacou uma das facas e se preparou, levantou a mão armada esperando o momento certo para atacar. O pobre animal nem imaginava o perigo que corria, estava comendo algo quando suas orelhas se mexeram, seu olhar caiu sobre os dois jovens, e o garoto com a faca não perdeu tempo e lançou o objeto.

Acertou em cheio uma das patas do bicho, observou o mesmo se curvar diante da dor, Castiel pegou a outra faca e lançou, o objeto afiado acertou na cabeça do cervo o matando instantaneamente, uma morte rápida e limpa, sem sofrimento.

— Uau! — João fica de olhos arregalados e queixo caído. — Foi tudo... tão... rápido.

— Obrigado.

O jovem caçador foi até sua comida e tirou as duas facas cravadas no corpo do animal já sem vida. Fez um sinal para que João se aproximasse e o ajudasse a carregar o corpo. Castiel pegou a parte da frente, patas e cabeça, colocou sobre os ombros, enquanto seu amigo levantou as patas de traz do animal para apoiar. Começaram a carregá-lo de volta para casa, no começo com dificuldade, depois pegaram o jeito, ainda sim já conseguiam sentir o cansaço, pois o cervo era enorme.

— Isso deve dar por um bom tempo — disse Castiel, cansado, mal conseguindo falar nada.

João não entendeu o que ele disse, então disse qualquer coisa.

— Eu vou fazer algo delicioso, Margaret vai recuperar as forças rapidinho.

— Tomara... espero vê-la com ânimo logo, ela parece bem triste.

— Não é por acaso, ela perdeu o pai — disse João, levantando as patas do cervo e as posicionando para que ele próprio conseguisse aguentar a chegar pelo menos até a aldeia.

— Você perdeu a mãe, e nem está como ela.

— Nunca fomos tão próximos, além do mais, Margaret passou a noite em Deus se sabe lá onde, sem água ou comida — preferiu dizer isso a revelar seu ódio por quem lhe deu a vida.

— É verdade, coitada. Olha estamos perto.

Fizeram um grande esforço para chegar mais perto da aldeia, e quando chegaram na entrada largaram o animal no chão e se apoiaram nos joelhos. Respirando rapidamente para recuperar um pouco de fôlego, tinham feito um esforço e tanto, João se certificaria de fazer a melhor comida com aquele cervo, pois depois de hoje também precisa repor suas forças.

— Vai fazer algo delicioso, aposto — brincou Castiel, sorrindo.

— Você não imagina o quanto.

— Então vamos, estamos quase lá — Castiel se abaixou para colocar o cervo na mesma posição de antes, João revira os olhos, ainda teria de ter forças para fazer todo o jantar, além de carregar o bicho mais um bocadinho.

Pelo menos alimentaria apenas três bocas, já que seu pai não aparecia já fazia muito tempo, provavelmente estava na cama de alguma mulher, parecia nem se importar com a morte da própria mulher...

Nunca gostou dele mesmo, apenas se concentrou em caminhar com o peso enorme.

...

Margaret levanta rápido da cama quando a porta abre abruptamente e um corpo de animal morto cai no chão, sua mão foi ao seu coração como se pudesse segurá-lo se saísse por sua garganta devido o susto enorme.

Era apenas João junto de Castiel.

— Me ajude a levar para a cozinha, vai demorar, mas o jantar será maravilhoso — João se aquece e respira longamente. Apenas mais um pouco, apenas mais alguns pequenos passos.

Castiel já pingava de suor, soltou um sorriso de desespero, se encontrava completamente cheio de sangue do bicho. Mas era homem, nunca foi do seu feitio reclamar, então se abaixou e com um urro tremendo, levantou o animal com as últimas forças que ainda lhe restavam.

Quando enfim conseguiram colocar o cervo na mesa, caíram de bunda no chão, exaustos. João nunca carregara algo daquele tamanho, nunca mais reclamaria de seus trabalhos no campo, era mil vezes mais fácil do que carregar muitos quilos para cima e para baixo na aldeia. Um semblante triste se fez no seu rosto, quando lembrou de algumas pessoas olhando eles caminhando com o animal, olhares de gula, fome. Realmente de dar pena.

Se sobrasse, e sabia que ia sobrar comida, levaria um pouco para os menos afortunados. Principalmente as crianças, pelo menos as que não foram levadas ou mortas. Tratou de se levantar e preparar a comida, suspirou de novo quando olhou para o bicho morto. Iria ter um trabalhão para preparar toda aquela carne. Nunca

imaginou que cervos pudessem chegar aquele tamanho monstruoso, só aquele único poderia alimentar umas dez pessoas.

— Você se vira aqui sozinho? — Castiel tentou limpar sua roupa suja de sangue com um pano.

— Sim. Pode fazer companhia a Margaret se quiser.

Castiel se virou e saiu, sentou na cama bem ao lado da linda garota, não a olhou diretamente, mas teve a sensação de que os olhos dela percorreram por todo seu corpo manchado de vermelho.

— Você está bem? — Margaret pergunta baixinho.

— É você que tem de me responder. O que eu passei não foi nada, sempre caço quando preciso — virou-se para encará-la. Ela parecia muito melhor do que antes, as olheiras nem eram mais tão visíveis.

— Estou ótima, pelo menos no momento.

— Como assim?

— Eu perdi meu pai.

Castiel se arrepende de ter perguntando, era óbvio que ela estava triste por causa do pai, ninguém ficaria em bom estado pela a morte de um familiar. Queria tanto a envolver num abraço, contudo poderia parecer indelicado da sua parte.

Margaret massageia as mãos sem parar, apertava forte e continuamente. Não tinha mais pais, ninguém da família com quem pudesse contar, nem tinha para onde voltar, sua esperança era no casamento, pois teria um homem para cuidar de si e provavelmente uma casa apenas para os dois. Sorriu, por um momento imaginou uma família só sua, com marido e um casal de filhos, logo a tristeza voltou, mostrando que o mundo era um lugar cruel e sujo, que a vida era sempre um desafio de sobrevivência, cada dia uma luta diferente para se manter viva.

O tempo passa, em minutos o cheiro da carne assada do cervo preenche o lugar fazendo os jovens na cama passarem as línguas nos lábios. A carne escurece a cada segundo no fogo, e João a tiraria no momento ideal. Percebem que tudo vai ficando escuros aos poucos, em pouco tempo já ficara de noite, as ruas eram iluminadas pela Lua e as estrelas, então ascendeu quatro velas, colocou duas na cozinha e as outras no outro cômodo. Sempre desejou que sua casa não fosse apenas em duas partes, cozinha e o resto, queria maior, mas sempre foi de agradecer pelo que tinha, sem reclamar.

Aquelas terras ao Sul também eram bem pequenas comparado com outros lugares, por isso nas aldeias tinham casas pequenas, apenas os mais ricos e com ligação direta a Desmond tinham a vida como anjos.

Tirou a carne quando estava pronta, colocou na mesa, partiu em pedaços o suficiente para os três ali e guardou um pouco para quando fosse distribuir para as

peessoas famintas. Como não tinha preparado tudo, pois o cervo era gigantesco, colocou outros pedaços para assar enquanto comia com seus amigos.

Pegou os pratos e os entregou ao casal na cama e sentou ao lado de Castiel.

— Sirvam-se — estende a mão com facas para cada um.

— Parece delicioso — diz Margaret, ela corta um pedaço bem grande e o leva até a boca.

— Toda comida que ele faz é ótima — falou Castiel.

O tempo passa, tentam não falar muito para saborear o cervo delicioso em seus pratos, dariam tudo para comer de novo, mas seus estômagos não aguentariam mais uma rodada. De repente ecoam sons de passos, passos pesados. Os três se entreolharam e saíram para ver o que acontecia do lado de fora.

Viram uma forte movimentação vindo da praça. Castiel e Margaret correm para olhar, enquanto João voltava a adentrar a casa e apenas apagar o fogo para não desperdiçar o alimento, poderia queimar tudo.

Correu para a praça só parando ao lado de Margaret, e observava os soldados de Desmond andando, além do próprio, em direção a saída do vilarejo. Tinham o olhar firme, sentiam-se mais fortes do que eram, apenas com um objetivo em mente.

Alguns homens do próprio vilarejo estavam naquela multidão também, com machados e alguns com lanças. Um grupo de mulheres choravam com a partida de seus maridos, pareciam até que partiriam para a guerra.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Castiel a um dos homens que não se juntou a multidão.

Desmond ouviu a voz do garoto e decidiu responder ele mesmo, mandou todos pararem e caminhou até o trio.

— Estamos usando a informação que vocês dois me deram. Você Castiel, disse que feriu o líder deles. Então ele não deve estar longe daqui devido à gravidade do ferimento descrito por você.

— Quero me juntar a você — Castiel ficou ereto e sério.

— Não. Precisamos de alguns homens — Desmond olhou para ele de cima a baixo.
— Ou garotos, aqui.

Virou-se e andou até o centro da multidão enfurecida de homens.

João ficou atordado, eles achavam mesmo que podiam matar o líder dos lobisomens pelo ferimento que Castiel causou, mas a verdade era que ele estava totalmente curado, e em pleno vigor, pronto para matar de novo. Tinha certeza de que acabaria tudo num mar de sangue quando olhou a multidão de homens novamente, mais precisamente para uma figura de casaco preto e cabelos loiros que chamou a sua atenção, quase desmaiou ao ver claramente de quem se tratava.

Jordan o encarou levando o dedo indicador aos lábios com um sorriso do próprio diabo, queria que João mantivesse a boca fechada, e o garoto parecia ter entendido muito bem, pois ficou paralisado vendo os homens caminharem para a própria morte.

— Vamos voltar. Espero que consigam matar todos — Castiel diz, virando o corpo para voltar até a casa de João e comer sua comida.

— Castiel...

Castiel olhou para seu amigo que encarava a multidão de homens, parecia em choque com algo, sua boca tremia e suas pernas pareciam mole em um certo ponto.

João tinha de fazer alguma coisa, mas se falasse sobre Jordan, teria de contar de como o encontrou, de como o salvou, e o pior, de como se deitou com ele. Dois homens. Ele temia por sua vida, se alguém soubesse seria queimado na fogueira. Não podia contar a ninguém, e se ninguém soubesse, os homens saindo para caçar não voltaria mais, inclusive Desmond.

— Você está bem? — Castiel pousou seus dedos no ombro dele.

João virou sua cabeça, olhava para ele e ao mesmo tempo não, sua mente viajava imaginado o pior. Sentiu alguém tocar-lhe novamente, então a razão voltou a si, abriu um sorriso para transparecer calma, que tudo estava bem.

— Sim, estou. Vamos distribuir a comida?

— Sim, o primeiro pedaço darei para minha mãe.

— Concordo. Quer ajudar? — pergunta a Margaret.

— Sem dúvidas. Contem comigo.

João olha uma última vez para trás, não vendo mais nenhum homem, havia certeza de que não os veria novamente.

Capítulo 8

CAÇADA

Era uma noite fria e densa, mas não de Lua cheia. Jordan ficou meio desapontado por isso, todavia, ainda se sentia satisfeito em estar no meio de homens que queria matar. A maioria estava morrendo de frio, e a situação só tendia a piorar.

— Não acha melhor regressarmos? — Edmund indaga, tentando não transparecer medo. Ele era um dos poucos soldados que carregavam uma tocha nas mãos.

Jordan podia contar trinta homens no total, matar Desmond sem ser percebido seria muito difícil, eles andavam numa trilha pela floresta muito perto uns dos outros. E parece que não se separariam para cobrir mais terrenos, dificultando assim o trabalho que o lobisomem teria de eliminar sua vítima.

As tochas iam ficando mais fracas por causa dos ventos mortalmente frios e de assobios assustadores.

— Qual o problema, está com medo do lobisomem? — Desmond para, fazendo os outros pararem também, e encara um dos seus mais leais soldados.

Edmund não cairia naquela acusação, obviamente o rei queria humilhá-lo na frente de todos, mas em vez disso Edmund sorriu.

— Pelas suas palavras, meu rei, o lobisomem está ferido, certo? Não há nada para o que se temer.

Jordan encarou a maioria dos nobres da aldeia, e sabia quais eram pelas vestimentas de alta qualidade, os tolos achavam que tinham alguma chance...

Por sorte não sentiu cheiro de nenhuma criatura, pois se houvesse uma por perto, ele mesmo fugiria. Esses humanos devem desconhecer os perigos daquela floresta no anoitecer, mesmo que morassem ao redor, seus conhecimentos eram minúsculos sobre as criaturas daquele reino.

— Vamos adiante até achar esse monstro! — gritou o rei.

Sua voz gerou ecos altos demais na penumbra da floresta. Jordan quase o matou ali mesmo para garantir sua própria sobrevivência, o idiota poderia ter chamado atenção demais.

Jordan podia sentir a próxima faze lunar, e então, o banho de sangue recomeçaria amanhã à noite. Quando todos estivessem desprevenidos atacaria os soldados e o próprio rei também, caso este estivesse vivo, era por eles que o alfa sentia mais ódio.

Edmund sentia um desconforto dos próprios homens a seu redor, era como se tivesse alguém entre eles os pastorando, esperando uma chance em que pudesse atacar,

o seu desconforto só crescia a cada passo.

O vento soprava tão forte que fazia as árvores emitirem um barulho desconfortante ao chacoalharem, pareciam estar sussurrando algo. O soldado tinha de ficar atento a qualquer sinal de saqueadores ou pistas de algum animal perigoso, mas a sua cautela sobre aqueles homens a quem sua confiança devia estar depositada, era maior.

— Fiquem sabendo que se não encontrarmos nada logo, teremos de achar um lugar para dormir — disse Desmond andando no final de um declive, à medida que dava os seus passos sentia o ar ficando mais frio, como um aviso, de que não prosseguisse, mas o rei não podia ter medo.

— Não é melhor tomarmos outro caminho? — um dos aldeões falou ao ver sangue no chão, seguindo seu olhar até o final daquela pista, viu uma pedra enorme, com muito sangue e cheia de lama.

Desmond se ajoelhou muito devagar, colocando os dedos no pouco de sangue e levou ao nariz para cheirar.

— É fresco, se preparem homens, daqui em diante poderemos encontrar o lobisomem a qualquer momento — Desmond deslizou sua espada da bainha, segurando-a com suas duas mãos firmes, pronto para qualquer desafio.

Os homens ficaram atrás do rei enquanto este avançava mais e mais para a pedra enorme e manchada. Com muito cuidado, e ao mesmo tempo em que media os passos, olhou ao redor e viu um corpo completamente destroçado, de um jovem. Nem devia ter dezesseis anos ainda.

— Meu Deus! — Edmund olhou para o lado e vomitou.

O menino estava deitado, encarando a Lua com seus olhos frios e mortos. Seu corpo tinha um aspecto de defunto, os braços estavam abertos, a barriga destroçada tinha as estripas expostas, e faltava-lhe uma das pernas. Pelo fedor horrível Jordan já imaginava que o garoto estava morto desde hoje de manhã, o predador que fez isso devia estar por perto. A forma que a presa foi morta era muito diferente de como os seus lobos matavam, com certeza foi obra de outro animal com os caninos bem afiados.

Tinha de tomar muito cuidado.

— Recomponha-se soldado, agora! — grita Desmond a Edmund. — Não quero saber de mais ninguém vomitando, já vimos cadáveres muito piores. —

Referiu-se a seus soldados, pois muitos já presenciaram os cadáveres dos próprios companheiros. O massacre recente aos vilarejos dizimou várias famílias e muitas descendências.

Jordan estava ficando impaciente, em nenhum momento Desmond se afastava dos seus homens, tornando-se impossível chegar perto dele, se ao menos pudesse mudar de forma...

Os homens continuavam sua busca, Desmond sempre na frente e com seus soldados a um passo de distância, ele podia sentir que estava perto do animal monstruoso. Cada vez mais penetravam no extremo da floresta, a metade queria voltar para casa, mas isso só provaria que eram covardes, logo, pensariam que não eram homens o suficiente. Escolheram morrer corajosos do que sobreviver como covardes.

Jordan rapidamente franziu o cenho e ficou em alerta, sentia um cheiro estranho, de um outro predador. Prestes a dizer qualquer palavra as tochas dos homens que estavam na frente, quase ao lado do rei, apagaram devido a um vento repentino, silencioso.

Essa era sua chance que tanto esperava. Jordan deu alguns passos à frente, mas antes de se lançar na escuridão e ceifar a vida do inimigo num piscar. Um dos soldados voou e emergiu da escuridão, caindo aos pés de Jordan e na área que ainda era iluminada pelas tochas restantes.

— Para trás! — Desmond e o restante dos homens chegaram à área ainda iluminada.

— A fera está aqui! — Jordan diz, vasculhando o ar em busca de pistas que lhe dissessem exatamente o local da temível criatura.

Jordan podia sentir olhos famintos sobre eles, movimentando-se ao redor da escuridão, os cercando completamente. Os passos não tinham som sobre a terra, cuidadoso e esperando uma chance para atacar. Tinha de desistir da tentativa de matar Desmond naquele momento e prezar pela sua própria segurança.

O rosnado saiu da boca do lobo como um tremor da terra, alguns homens tiveram de colocar as mãos nos ouvidos, e então, emergindo da escuridão o predador atacou, derrubando um soldado com ferimentos superficiais e em seguida retornou para o escuro.

Jordan sorri. Ele viria e voltaria para escuridão, atacar e se proteger ao mesmo tempo, estratégia muito eficaz. Curvando o corpo, se preparou para avançar no animal no momento que ele decidisse reaparecer. Tinha a impressão de que ele continuava rodeando os homens, não tinha mais o que fazer a não ser aguardar.

Todos ficaram em total silêncio, o medo os consumiam pouco a pouco, queriam fugir, mas não se atreveriam a entrar na escuridão sabendo que aquele animal os esperava. Os homens as quais tiveram as tochas apagadas começam a ajudar o soldado caído a levantar, parecia meio tonto pelo baque.

Num piscar o lobo avança e Jordan também, no entanto, o alfa só conseguiu empurrá-lo um pouco, mas o suficiente para que Desmond conseguisse enfiar sua espada no coração do inimigo.

O corpo do lobo tremeu, ele ganiu de muita dor, e em pouco tempo deu seu último suspiro.

Todos foram salvos rapidamente, sem nenhuma perda.

Jordan realmente ficou surpreso com o confronto, acabou tão rápido que demorou um momento para ficar calmo. O cheiro do animal entregou que não se tratava de um dos seus guerreiros, Desmond teve a maldita sorte de tê-lo ali no seu lado. O alfa amaldiçoou-se para si mesmo, acabou ajudando o desgraçado.

Naqueles tempos a sorte decidiu abandoná-lo e agradecer um falso rei, que fazia promessas mentirosas para enganar seu povo. Os soldados sorriram e comemoraram, achavam realmente que mataram a vida da fera causadora de tantos problemas. Desmond andou até o corpo peludo inerte, ajoelhou e olhou direto nos olhos da criatura, com o rosto sujo e a língua para fora da boca pousada no chão. Ele ergueu sua espada ao alto, o golpe em seguida foi capaz de decepar a cabeça da criatura em um só movimento.

Um pouco surpreso, Jordan não se deixou abalar. Um homem exibido, era somente isso. De um jeito ou outro, Jordan teria o coração do rei.

— Qual seu nome, rapaz? — perguntou Desmond.

Jordan quase engoliu em seco, contudo, nunca mostraria nervosismo ou qualquer outro sinal de fraqueza para o homem. Teve tanta vontade de rasga-lo ali mesmo, sem se importar com os soldados atentos a algum sinal de ataque, que por pouco não pôs suas garras para fora. Suas palavras demoraram para serem pronunciadas, um detalhe percebido por Desmond.

— Deixe de vergonha. Qual o seu nome? — perguntou Desmond mais ríspidamente.

O homem jamais perguntaria uma segunda vez.

— Meu nome é Jordan.

— Jordan de que?

— Só Jordan, senhor — Jordan rangeu os dentes.

Humilhar-se somente para manter seu disfarce de humano foi odioso, uma vergonha sem tamanho. Sua boca começou a tremer, e então rapidamente mordeu o lábio inferior. O maldito continuava a encará-lo, Desmond só desviou o olhar quando um dos soldados o chamou. Teve sorte, ele quase via suas presas involuntariamente à mostra. Uma leve gota de suor emergiu da sua testa, escorregou pelo rosto até o queixo e depois caiu no chão.

— Senhor, os homens estão cansados — falou Edmund. — Aconselho que descansemos em frente a uma fogueira.

— Concordo. Algumas tochas estão acesas, peguem lenha — Desmond ordenou, e viu alguns receosos em entrar na floresta. — Pelo amor de Deus, seus medrosos. Você, Jordan. Vá pegar lenha, e mais quatro irão com você. Chespirino, Renato, Jimeno e Lucas irão acompanhá-lo.

Jordan revirou os olhos sabendo que teria de aceitar, e que diabo de nome era Chespirino? O mataria somente pelo nome ridículo. Nada reclamou, quatro soldados do falso rei o acompanhariam floresta adentro, seria um passeio no mínimo interessante. Deixou que eles fossem na frente, nenhum inimigo ficaria nas suas costas.

Deixando os outros para trás Jordan desconfiou que Desmond desconfiasse da sua identidade. Se não soubesse ainda, logo descobriria, nem ele poderia ser tão burro. As árvores já cobriam a passagem pela qual ele e os outros quatro entraram, sendo impossível ver os que ficaram para trás. Os homens na sua frente andavam e conversavam quase cantarolando sobre as batalhas que já enfrentaram recentemente.

— Acha que conseguiremos matar essas feras? — Renato indagou aos seus companheiros.

— Deus está do nosso lado, com certeza ele nos dará força para cumprir nosso objetivo — respondeu Lucas.

Jimeno os encarou rapidamente, a expressão tristonha deixando a conversa para Jordan mais curiosa e interessante.

— Perdemos companheiros, nossas famílias e muitas pessoas inocentes no massacre dos outros vilarejos. Eu mataria o líder se pudesse fazer isso, se o achasse agora, deceparia sua cabeça assim como Desmond fizera com o lobo — desabafou Chespirino.

Jordan soltaria uma enorme risada se pudesse, infelizmente estava com suas mãos atadas. Se sumisse com um deles os outros três perceberiam, tinha de continuar seguindo as ordens como um bom soldadinho, e isso o destruía por dentro. Os homens continuavam a falar do sofrimento que os lobisomens os fizeram passar, Jordan pouco se importou pelas palavras raivosas sobre suas pessoas.

Teve de ouvir de como morreria de várias formas diferentes quando eles achassem o “líder”. Os idiotas nem imaginavam que estavam a pouco passos do alvo, as vezes Jordan gostava de imaginar que esses humanos eram muito burros.

Só parou depois de muito andar, Jordan observou atentamente enquanto eles pegavam galhos secos já caídos no chão por serem mais fáceis e mais rápidos. Jimeno ainda se deu ao trabalho de pegar um pouco de tronco com sua espada.

— E quanto a você?

Jordan teve de encarar Renato.

— Perdão?

— Não quer matar as feras? Não tiraram nada de você?

Jordan teve de pensar em falar qualquer mentira, seria suspeito desconversar o assunto ou fugir da pergunta. Os outros três soldados pararam ao lado de Jordan e Renato, formando uma pequena roda para esperar a resposta do homem.

— Lógico que quero. Sou o único que sobrara de minha família. Por qual motivo acha que vim com vocês? Quero o líder morto — respondeu rispidamente. — Vamos, nosso... rei, deve estar aguardando nosso retorno ansiosamente.

Voltando pelo mesmo caminho que acabaram de trilhar, Jordan analisou atentamente aquela formação. Renato e Jimeno lado a lado na dianteira, Chespirino e Lucas logo atrás desses dois, conversando animadamente sobre mulheres.

Eles param de repente.

— Sinto muito rapazes, irei mijar — avisou Chespirino.

— Vou aproveitar para ir também — concordou Lucas.

Jimeno fez um sinal em afirmativa, indicando a mesma vontade. Jordan viu ali uma oportunidade, os informou que compartilhava da mesma ideia. Renato suprimiu sua expressão de tédio, suspirando uma vez balançou a cabeça.

— Vão, os espero aqui.

Cada um foi para um lado da floresta, estavam com vergonha de mijarem ali perto com olhares sobre seus membros. Jordan escolheu uma direção e seguiu, deu uns dez passos e depois parou. Começou a escutar o líquido sendo derramado em algumas folhas, um deles estava muito próximo, tinha de aproveitar. Andou lentamente na direção do som, passando por galhos sem fazer barulho, e por entre alguns arbustos... pôde ver Chespirino.

Seria ele mesmo. Tinha a visão das costas do homem, ele olhava para baixo enquanto suas mãos seguravam algo na parte da frente. Jordan obviamente sabia do que se tratava, no entanto, foi preciso muito mais cautela para chegar mais perto. A cada passo, uma respiração. Até que finalmente ficara a centímetros do homem.

O líquido parou de ser derramado.

Jordan pôs suas presas para fora.

Os dentes encontraram a carne do pescoço mais rápido do que a mão tapando a boca, impedido o grito de dor aguda de ser ouvida. O sangue misturou-se a sua saliva, prensou a vítima sobre seu corpo para senti-la se debater mais de perto. Quase ficou excitado em ver aos poucos a vida se esvaír do seu inimigo. Os movimentos frenéticos lentamente pararam até a vida se esvaír totalmente do corpo, sobrando apenas uma carcaça.

Sons de passos na terra e de galhos secos quebrando fizeram Jordan limpar a boca rapidamente, tirou qualquer vestígio de sangue nas suas roupas. Voltou ao local combinado quase que ao mesmo tempo dos outros. Todos se olharam normalmente, nenhuma suspeita foi levantada, no entanto, os soldados deram falta do companheiro.

— Acho melhor irmos...

— Não sei de Chespirino, onde está esse maldito afinal? — Renato olhou na direção que o companheiro se enfiou para ir se aliviar. — Já devia ter voltado a muito

tempo.

— Desmond não parece ser muito paciente — sugeriu Jordan. — Tem certeza de que devemos demorar?

Renato pensou um bocadinho antes da resposta, no final não respondeu nada, só deu de ombros e começou a andar. Jimeno e Lucas o seguiram, bem como Jordan. Os idiotas realmente deixariam um companheiro para trás, como se não fosse um deles. A autopreservação individual do ser humano era uma desvantagem enorme na opinião de Jordan. Poderiam ter descoberto sua identidade facilmente, bastavam ter ido em busca do amigo desaparecido.

Depois de tanto andar Jordan conseguiu ter uma pequena visão ainda dentro da floresta, dos soldados sentados na terra. Desmond estava em cima de uma pedra de tamanho médio enquanto os outros conversavam sentados no chão. O falso rei foi o primeiro a erguer a cabeça, fitou Jordan e os outros soldados.

— Onde está o quinto integrante? — indagou Desmond.

Jordan sentiu um pouco de nervosismo, teve de admitir. Seria agora que teria de mata-lo na frente de todos?

— Foi mijar, senhor. Deve ter se perdido na floresta, mas logo logo ele aparece — disse Jimeno.

Desmond levantou, pegou a lenha e as jogou no chão. Depois fez um sinal para que um dos soldados pegasse duas pedras e ascendessem o fogo. Mais ou menos em sete tentativas ele conseguiu com que as faíscas saíssem das duas pedras e mergulhassem nos troncos que trouxeram.

— Ficaremos a noite aqui, tratem de conseguir dormir — pronunciou Desmond.

— Teremos de dormir com essa carcaça fedorenta do nosso lado? — Edmund perguntou.

— Joguem o corpo fora, ou coloquem no fogo e comam a carne, não me interessa. Mas a cabeça fica onde está — respondeu o homem. — É a prova de que matamos a fera, assim poderemos tranquilizar os aldeões. Com sorte voltaremos amanhã à noite.

Jordan estranhou aquelas palavras o que *poderemos tranquilizar os aldeões* significa? Ele sabia da existência de lobisomens, contudo, estava disposto a levar uma cabeça falsa para dizer a população que tudo ficaria bem. Desse modo continuaria no controle de suas mentes sendo o rei protetor, verdadeiro e leal de que tanto ansiavam e necessitavam.

Queria tanto mata-lo agora, todavia, seria impossível com ele dormindo no meio dos seus soldados mais confiáveis. Os homens considerados camponeses teriam de dormir mais afastados, Desmond era muito esperto para se deixar exposto. Subestimou o maldito por tempo demais, provou o quanto era prevenido com a própria vida.

Jordan até pensou na possibilidade de ceifar a vida de um dos soldados na sua soneca, mas a possibilidade dos outros acordarem era enorme. Tinha uma chance se conseguisse aproveitar aquele clima.

Então deitou-se no chão e aguardou.

Ficou encarando a Lua a todo momento, esperando que os outros dormissem, rezando à sua bela e bondosa deusa para que tudo desse certo. Alguns homens começam a roncar baixinho, outros suspiravam alto, Jordan queria matar os desgraçados por isso. Mesmo se quisesse, seria impossível dormir junto deles. Sua audição infelizmente potenciava ainda mais o pesadelo.

Ergueu-se na ponta dos pés um pequeno tempo depois, aproximou-se tão lentamente que seus passos não faziam sequer um som. O soldado mais próximo foi Jimeno, ergueu seu dedo indicador e fez uma garra crescer, pontuda e afiada. Tapou a boca dele, Jimeno abriu os olhos apavorado, a garra entrou rapidamente através da cota de malha e o lobisomem rasgou uma veia da coxa esquerda. Sangue quase espirrou, contudo, no momento que Jordan removeu a garra colocou a mão inteira acima do ferimento. O líquido vermelho descia pela sua pele, mas ainda dentro da roupa. A vítima se debate mais um pouco e em seguida os olhos se reviram completamente.

O corpo jazia no chão sem vida.

Jordan o ergueu com seus dois braços enormes e musculosos, atravessou aqueles amontoados de corpos tendo o máximo de cuidado. Vendo que se afastara completamente dos desgraçados, pôs o corpo no fundo da mata e com sorte, os bichos acabariam com a carcaça ou o frio cobriria seus vestígios.

Ao amanhecer, Desmond acordara e aos poucos cutucava seus soldados usando a ponta da espada. Ele esperou que todos estivessem totalmente acordados e então disse:

— Podemos ir embora agora!

— Senhor, Jimeno sumiu — observou Renato.

— Deve ter ido na floresta se aliviar, ele conseguirá nos acompanhar depois — Desmond olhou mais uma vez na direção da cabeça do lobo. — Temos objetivos mais importantes para nos preocupar.

Jordan sorriu, seria divertido acabar com cada um desses imbecis.

Capítulo 9

FESTA

Já fazia quase um dia inteiro que os homens saíram para caçar o lobisomem.

Na taberna, João, Margaret e Castiel, se encontravam no balcão junto do dono do lugar. Tinha muitos pedaços de carne do cervo, João colocava um pedaço num prato, Margaret colocava vinho num copo, e o dono junto de Castiel distribuía as comidas para a fila enorme de multidão faminta, primeiro as crianças, essas bebiam água, depois as mulheres e homens.

Alguns sentavam nas mesas, com suas superfícies marcadas por décadas de abuso de batidas de canecas. Quando o lugar lotou, o restante teve de ir comer nas suas casas.

Finalmente João colocou o último pedaço de carne, e olhou para a fila que não se tinha mais, apenas por uma mulher. Que bom, ninguém passaria fome naquele dia. Ele viu a luz que se filtrava através dos frascos de vinho pendurados, que projetavam aros redondos e vermelhos nas mesas abaixo, vermelho-escuros.

Margaret pegou um desses frascos e derramou o líquido até encher copo, depois entregou para a mulher que a agradeceu com um sorriso, se curvando rapidamente, mas não tanto para a comida cair.

Todos se sentam em uma cadeira e dão um suspiro longo. Um trabalho bem feito tanto quanto cansativo, mereciam um pequeno descanso. Nenhum deles conseguiu proferir uma palavra sequer.

Depois de um pequeno espaço de tempo, João se levantou e pegou algumas bandejas junto de alguns pratos das mesas que iam sendo desocupadas aos poucos, ficando com as mãos totalmente ocupadas e a todo o momento desviando de bêbados desordeiros que insistiram em beber mais vinho do que necessário. Claro que pagaram pelas doses extras.

— Você não quer ir para casa? — Castiel pergunta, estendendo a mão para Margaret levantar.

— Estou trabalhando — ela colocou os instrumentos em cima de um balcão nos fundos.

— E de graça.

— Dando comida para ninguém morrer de fome — João responde sem o olhar diretamente.

Segundos depois João chamou os outros para irem embora. Não tinham mais nada para fazer ali, e mesmo que tivesse não fariam. O cansaço consumiu-lhes o vigor de

tal modo que apenas sobrou força para andarem até a casa do garoto. Castiel saiu por último, assim que fechou a porta sentiu um rubor vermelho surgir em seu rosto sardento.

Margaret o beijara na bochecha.

— Fez um ótimo trabalho hoje — ela estava com vergonha, com as duas mãos para trás.

João andou na frente com a preocupação sobre os homens do vilarejo, eles podem não voltar. Já estava no finalzinho da tarde, quase de noite e eles ainda não voltaram, poderiam estar mortos ou vivos, nunca se sabe o resultado de uma caçada. Rezava internamente que todos estivessem a salvos, seus olhos percorreram por algumas mulheres com crianças nos braços, aguardando ansiosas pelos seus maridos, pobres coitadas, talvez nunca mais os vissem.

Ele carregava uma culpa enorme, pois podia contar sobre Jordan, ocultando a parte que o salvou, ou dizer que não sabia. Balançou a cabeça negativamente, não, não podia contar e colocar sua vida em risco, nem queria imaginar a dor que sentiria quando fosse consumido pelas chamas na fogueira.

De repente sua mente voltou para quando era criança e testemunhou a morte da bruxa, lembrava-se muito bem de suas palavras: *Irá chegar um dia onde bestas invadirão essa aldeia nojenta e matarão todos vocês, isso será o castigo de Deus caindo sobre os pecadores!*

Deus não podia ser tão ruim a esse ponto, mas a bruxa estava certa, praticamente toda a cidade era pecadora, na verdade todo o pequeno reino. Então sim, imaginou que Deus possa ter mandando essas bestas como forma de castigo, e Jordan como teste para si mesmo. Soltou um pouco da respiração presa, não se deitara como ele sexualmente, desse pecado estava isento. Franziu o cenho, se perguntou o motivo de dois homens juntos ser considerado um pecado punível com a morte, contudo, logo desistiu dessas dúvidas. Era melhor não questionar as leis divinas.

As mulheres começaram a gritar de felicidade, correram para a entrada do vilarejo, segundos depois Margaret, Castiel e João veem todos os homens voltarem. E pelo que parecia, sem nenhum arranhão. Os sorrisos em seus rostos deviam significar missão cumprida, teriam conseguido caçar e matar o líder.

João ficou um pouco triste, mas era o que todos queriam. Ter pensado na morte de Jordan lhe deu muitas náuseas, e logo a tristeza desapareceu quando viu o homem voltando junto dos outros. Ele vivia, estava a salvo, e João deveria saber o motivo de se importar tanto.

Se Jordan não tinha sido morto, quem tinha sido?

Ou melhor, o que tinha sido morto?

Suas dúvidas foram respondidas no momento que um lobo gigante foi jogado no chão pelos homens de Desmond, não era como o do mendigo na taberna antes do casamento, era o maior já visto pela maioria dos habitantes, impressionante, um tamanho descomunal.

— Comemorem, conseguimos o líder! — Desmond gritou, e alguns homens junto de todas as mulheres gritaram de alegria.

João sabia a verdade, aquele lobo não tinha nada de familiar com aqueles monstros, era muito diferente, e até ficou um pouco surpreso com as reações das pessoas, algumas estavam na igreja, viram os lobisomens cara a cara, como não notaram a diferença? Eles andavam na maioria do tempo com duas patas, e não com quatro. O medo as deixou cegas.

Castiel nem esboçou reação, pois sabia que aquele não era o líder, todos estavam alimentando uma falsa esperança de que estariam seguros, e se continuassem se negando a ver a verdade, todos poderiam acabar mortos.

Várias mulheres correram para abraçar seus homens, as crianças seus pais.

— Vamos festejar nossa vitória! — Edmund grita alto para os que estavam ao redor pudessem ouvir.

A maioria concordou.

— Parece bem — Jordan sussurra atrás de João.

O garoto se assustou e se virou, encarando Jordan, logo seus olhos descem do rosto para o resto do corpo. O homem vestia negro da cabeça aos pés, era o mais assustador de todos os homens ali, e o mais lindo.

— Você...

Jordan levantou as sobrancelhas esperando que ele continuasse, esperava ouvir um *“lindo”* ou *“meu coração derrete por você”*, *“Tens uma beleza estonteante”*.

— É um enganador de merda! — falou o garoto, a expressão séria.

O homem franziu o cenho.

— Que palavras feias — fingiu o repreender.

Jordan pegou na bochecha dele e puxou como se ele fosse uma criancinha muito fofa. O ato deixou João vermelho de vergonha e raiva, mas sentiu também medo, medo de morrer. Pois sabia que o homem a sua frente poderia matar uma pessoa com um golpe só.

— Filho!

João se virou e viu o pai com uma prostituta se aproximando aos poucos. Não o viu indo na excursão com seus amigos. O garoto arregalou os olhos ao perceber que não se tratava de uma prostituta e sim de uma garota jovem, devia ter a mesma idade dela.

— Quero que conheça minha noiva. Jaqueline — o homem deu um leve empurrão nas costas dela, avançando-a para frente.

— Sua mulher morreu a dois dias e você já está se deitando com outras, ficou maluco? — o espanto na faceta de João transformou-se rapidamente em nojo.

A menina nada disse.

— Fale direito comigo, moleque. Sua mãe morreu de uma forma horrível, e eu ainda estou muito triste. Mas temos que nos preocupar com nossa população, vários homens morreram, e precisamos de mais, por isso as garotas mais novas devem se casar o mais rápido possível e gerar herdeiros.

— Tem quarenta e oito anos, ela não deve ter nem dezessete.

— Não importa, ela tem um dever a cumprir. Está vendo ali — o homem apontou para um casal que parecia bem feliz. — São os pais dela, e me ofereceram a filha deles de bom grado.

— Ela não é um pedaço de carne, seu animal! É um ser humano.

— E minha mulher, eu tenho total direito dela. Posso fazer o que quiser com ela, e de agora em diante a vida dela me pertence.

João sentiu uma raiva emanar de si, sabia que era pecado, entretanto desejou muito que o pai tivesse morrido naquele ataque a igreja. Desejou que Jordan o matasse. Então sorriu diabolicamente e se virou para o homem, o sorriso desapareceu, assim como Jordan que já não estava mais lá.

— Eles a ofereceriam a você, mas eu disse que sua esposa estava viva, então era melhor dá-la a mim.

Margaret estremeceu ao lado de Castiel, nem se lembrava mais do casamento, tinha vontade nenhuma de casar. Um alívio se apoderou de seu corpo e relaxou os ombros quando lembrou que o casamento não foi concluído, não se tornou esposa de ninguém ainda.

— Como não temos um padre, quis que você testemunhasse minha união assim como os pais testemunharam a parte dela. Agora se me der licença, irei consumir meu casamento.

João sabia o que ele queria dizer, sexo, faria sexo com uma menina. E depois de um tempo começaria a traí-la como sempre fez com sua mãe. Condenaria Jaqueline a uma vida sofrível, de má reputação.

Inegável, a situação não pode prosseguir.

— Pare — Castiel segurou em seu braço, o impedindo de avançar. — Irá fazer uma besteira.

— Não, irei impedir uma barbaridade — Ergueu a vista para Jaqueline, vendo seu olhar choroso. Ela não quer fazer nada com o homem. — ME SOLTE!

— Não vou te soltar. Impossível fazermos alguma coisa, seu pai tem total direito daquela mulher...

— Garota!

— Que seja, ainda temos leis. Se impedir a consumação o casamento irá ser desfeito, e a garota terá de voltar para os pais dela.

— E não a irão querer mais — João fica um pouco mais calmo.

— Exato.

Horrível, João quase vomitou pelo nó no estômago. Se por um acaso os pais aceitarem Jacqueline de volta, rapidamente a passariam para o próximo homem, e poderia ser um monstro pior do que aquelas feras que os atacaram.

Ele olhou para o céu escuro, destacando a noite e supondo que o festival estava prestes a começar. Tinha certeza disso pela fumaça saindo da taberna, de algumas casas também. Cheiro de frango, javali e cervo enchiam o seu nariz com um aroma de dar água na boca. Em compensação o cheiro de lixo podre e do suor dos homens ainda enchia o vilarejo. João sentiu o estômago revirar mais uma vez.

— Seu pai pensa que estamos casados — Margaret se aproxima dizendo, nervosa.

— Ele sabe que não estamos. Acredite, eu o conheço — a encarou com seu olhar morto. — Meu pai vai querer nos casar no festival de hoje.

— Não podemos permitir — disse Castiel, e os outros dois franziram o cenho quando o encararam. — Pelo jeito, Margaret não quer casar, não é? Além do mais você não tem nenhum homem para lhe forçar. Basta apenas negar.

— Ele está certo, se um dos noivos dizer *não*, então sem chance do improvável casamento continuar. As pessoas estão tão desesperadas para casarem suas filhas que descartaram a parte do padre.

— Irá demorar muito tempo até que tenhamos outro padre — Castiel olha para alguns homens conversando felizes, dando em cima de mulheres. Nenhum deles se tornaria padre se um dos preços fosse abrir mão do prazer carnal.

Uma fumaça forte caminhava aos céus, vindo da praça onde via-se se claramente um fogo forte. Os três se aproximaram e o cheiro de comida ficava cada vez mais forte. O lobo morto estava em cima de raízes, galhos afiados e detritos. O corpo queimava na outra extremidade da praça.

Tinha várias mesas juntas, uma ao redor da outra como se fossem um só. Em cima havia vários pedaços de carnes, verduras, algumas frutas e bebidas para quem quisesse satisfazer o interior da barriga. João procurou Desmond ou seus homens, todavia, não havia nenhum sinal deles. Deviam estar descansando em algum canto do vilarejo, recusando-se a participar da festividade.

Muitos celebravam com vontade, certos de que não corriam mais nenhum perigo. Eles dançavam, frenéticos e selvagens, para se esquecerem de tudo durante o

momento de agitação. Homens casados dançavam com as suas parceiras como se fossem a primeira vez, e os solteiros cortejavam as mais novas. Outros que estavam conversando sentados perto de uma casa, apontavam para uma garota e pegavam no saco fazendo gestos obscenos e soltando uma risada grotesca. Havia também os garotos que faziam de tudo para impressionar algumas garotas.

Castiel aproveitando a felicidade de todos, puxou Margaret para dançar como todo mundo, e ela pareceu adorar o momento de descontração.

João se sentia completamente sozinho naquele mar de pessoas conhecidas.

Caminhou até onde a comida estava, pelo menos assim encheria a barriga. Quando estava atravessando entre a multidão ofegante e suada, sentiu olhos lhe observando. Com uma sensação ruim olhou para todos os lados, e a única coisa que viu foi enormes pedaços de carne sendo transportadas sobre uma travessa de estanho até mesa por alguns homens do rei.

Levantou a mão para arrancar uma coxa de frango, hesitando quando os pelos do braço se arrepiaram. Sempre acontecia quando Jordan estava por perto, então virou-se e deu de cara com o próprio.

— Me daria a honra de uma dança?

João se aproximou dele rezando para que ninguém tivesse ouvido.

— Ficou louco? Somos dois homens! — esbraveja, sentindo vergonha misturada a raiva.

Aquilo só parecia deixar Jordan mais feliz.

— Que pena, terei de chamar outra pessoa para...

— Sei o que você é.

O sorriso do homem não se desfez.

— Aposto nisso. Eu também sei do seu segredo.

João franze o cenho, com certo receio.

— Não tenho segredo nenhum — baixou o olhar para qualquer outro lugar.

— Se você contar sobre mim, eu conto para o próprio rei que adorou se deitar comigo.

O garoto arregala os olhos, ficou sem saída, ou não. Nem planejava contar dele mesmo, mas decidiu aproveitar a chance de encurralá-lo.

— Se fizer isso, eu conto que você é o líder dos lobisomens, e responsável pela maioria das mortes.

Jordan rosnou e se aproximou, mostrando seus caninos.

— Esses miseráveis merecem, quebraram o pacto. Agora irão se arrepender por toda a vida.

A man with tattoos and a leather collar is shown from the chest up, holding a sword hilt. He is looking down at the hilt. The background is a dark, cloudy sky with a large, bright full moon in the upper left corner. The overall tone is dramatic and mysterious.

F. EMERSON

**O PACTO
DO LOBO**
FILHOS DA LUA

Jordan não disse nada, rapidamente saiu dali se embrenhando na multidão de pessoas. João tentou segui-lo, mas parou quando Castiel segurou sua mão.

— Algum problema? Eu vi que não chamou ninguém para dançar e foi a mesa de comidas, mas não comeu nada.

João olhou na direção de onde Jordan havia desaparecido.

— Só não estou me sentindo bem hoje.

Castiel o arrastou para comerem alguma coisa, e cortou um pedaço de cervo para levá-lo até a boca, serviu-se com um pouco de vinho também.

— Devia comer um pouco. Isso tudo é maravilhoso — quando terminava de comer algo, já enchia a mão de novo, de carne ou frutas, ou de vinho.

João não viu problemas, procurou encher a barriga com um pouco de tudo, cervo, o frango delicioso, o javali suculento. E sua bebida favorita que sempre era fácil de digerir, o vinho.

Castiel e João esvaziaram as mãos quando um menino pequeno tropeçou e caiu aos seus pés, o ajudaram a se levantar. Eles riram sem pudor nenhum, o menino, entretanto nem se importou com os dois. Voltou a correr em círculos, as vezes se escondia, e depois voltava a correr de novo. A mente de João voltou no tempo, especificamente vagando por sua infância, não lembrava de ter tido tempo de brincar uma única vez, sempre tinha que trabalhar pesado.

Ele olhou para cima, vendo a Lua quase cheia, esperava que outro ataque não acontecesse. Também ficou preocupado com as mulheres naquele anoitecer, os homens do rei vagavam por aí, principalmente aquele Edmund, que poderia causar vários problemas.

Uma mulher veio com a barra da saia cinza presa nas mãos enquanto dançava.

— Algum dos mais belos quer dançar comigo?

— Meu amigo aqui está disponível — Castiel colocou um dos braços ao redor de João.

— Sinto muito, não posso — João educadamente removeu os braços de si.

Castiel para não deixar a menina em prantos concederia uma dança apenas.

João viu um homem familiar no beco de casa, cambaleando, se escorando na parede para tentar continuar de pé. Até que não conseguiu e caiu de cara no chão. Tinha a leve desgostosa impressão de quem se tratava, mas não aguentou ficar parado no seu lugar.

Saindo da multidão e se adentrando no beco escuro e pouco iluminado, ajudou o bêbado a levantar com um pouco de dificuldade, nem ficou tanto surpreendido ao descobrir de quem se tratava.

— Me solte pirralho. Minha esposa me espera.

— Pai — disse as palavras sem nenhuma vontade, apenas constatando o óbvio.

— Ela tem minha semente dentro dela, só que não é suficiente. Ela precisa de mais, irei me deitar com ela novamente.

Sentiu uma sensação de enjoo, depois de nojo. Quis vomitar em cima do próprio pai, mas não era uma pessoa desprezível. Então em vez disso, o largou no chão com um copo de vinho na mão que logo tombou para o lado no momento que o homem encostou no chão de novo, ele gemeu e logo depois colocou tudo para fora.

João achou melhor o pai ter vomitado primeiro, assim vendo o estado lamentável em que ele estava conseguiu segurar o seu vômito. Depois pensou na pobre Jaqueline, sem sombra de dúvidas se deitara com o homem contra a vontade, e agora teria de se deitar com ele de novo naquele estado nojento. Coitada.

— Droga — ele colocou muita força nos braços para poder levantar. — Volte a se divertir com a sua noiva na praça.

O filho ainda relutou um pouco, pensando se valia a pena ajudá-lo ou não. Decidiu apenas sair do beco com a cabeça erguida, sem arrependimentos. Soube que estava na praça pela claridade forte do fogo, e seus olhos passaram automaticamente pelo menininho que tinha caído perto dele antes, ele segurava seus irmãos e os guiava de volta a sua casa, estavam sonolentos. João mesmo naquela idade nem saía para festivais, não tinha vontade, nunca gostou de ficar num lugar cheio de pessoas.

João se aproximou de Castiel que estava escorado na grande mesa cheia de comida. A cara dele estava meio emburrada, e olhava aparentemente para uma direção.

— Onde está a menina que lhe pediu uma dança? — perguntou tentando encontrar o que o amigo tanto encarava.

— Já dancei, depois fui atrás de Margaret — sua voz pareceu meio maldosa.

— Onde ela se encontra?

Castiel apontou na exata direção onde vários casais dançavam e João virou para ver ela perto de Jordan envolvendo o seu pescoço com os braços.

Jordan fez questão de encarar João quando ele ergueu uma das mãos e adentrou os dedos nos cabelos dela, fazendo um pequeno carinho, o que, de algum modo, era muito íntimo. João sentiu raiva e odiou-se por isso. E, nem soube o motivo de ter ficado com a mesma cara emburrada do amigo, nem existia nada entre os dois. Jordan a olhava sedutoramente, o que só fazia Margaret rebolar ainda mais.

João não conseguia encarar os dois nem mais um segundo, sua visão se turvou enquanto os observava, então sua cabeça virou para Castiel.

— Ainda não consegui entender qual a desculpa de você não ir até lá e informar a Margaret que gosta dela — disse João sem mais nem menos.

Castiel abriu a boca para responder e nada saiu.

— Não se importa?

— Claro que não. Já lhe disse uma vez que não queria me casar com ninguém — João fala ao se virar para pegar um pouco de bebida.

A fogueira aumentara. As chamas subiam alto e projetavam sombras alongadas que dançavam pelo chão.

Castiel colocou o pedaço de carne que comia na mesa, ficou o mais ereto possível e marchou para ter uma chance com Margaret, tiraria ela dos braços daquele homem.

João se vira para não ter de ver aquilo, Jordan não faria mal a ninguém, principalmente a vista de todos. Viu Edmund passando rapidamente, bebendo um copo de cerveja e o encarando com um olhar predatório. Impediu que ele continuasse tirando o copo da mão dele, para logo depois ingerir tudo, deixou o líquido ardente queimar o fundo de sua garganta.

Ergueu os olhos para Edmund, e os dois soltaram uma risada, depois o homem fez o garoto beber um pouco mais.

— Isso garoto, vire tudo — falou, alegre. Enchendo o copo mais uma vez.

João estava meio tonto, e Edmund não estava melhor. Nem se lembrava do garoto, para ele era apenas um menino qualquer para sua diversão. Os dois começaram a dançar, não um sobre o outro, mas de uma distância considerável, João remexia seu quadril com movimentos lentos para não cair, Edmund apenas bebia e comia, de vez em quando puxava um assunto.

Enquanto isso, Jordan pairava sobre Margaret, seu corpo repousando no dela, enquanto ela balançava todo o seu corpo. No momento que ele sentiu Castiel se aproximando, levantou o pulso de Margaret e depois a fez rodopiar para Castiel, este que a segurou com firmeza. Sorriam um para o outro. Quando olharam para Jordan, ele já não estava mais lá.

Na verdade Jordan estava nas sombras, observando João com um ser asqueroso, com certeza queria lhe fazer ciúmes. E sorriu quando o garoto percebeu seu olhar sobre ele e começou a rebolar ainda mais. A energia sexual fluía entre eles, carregada pelas linhas de visão que João assegurava que nunca se encontrasse.

João estava tão distraído dançando para irritar seu observador que nem percebeu quando Edmund se aproximou, muito bêbado, com a cerveja derramando para fora da sua caneca.

Jordan surgiu de forma protetora na frente de João, impedindo que Edmund continuasse. O lobisomem sabia a intenção, molhar a roupa de João e a dele próprio para que os dois saíssem dali e fossem se trocar num lugar isolado, uma tática baixa de sedução. Não queria libertar sua fúria assassina imaginando o que Edmund planejava fazer depois.

Tentando muito entender o sentido das coisas através de sua falta de clareza decorrente da embriaguez, Edmund percebeu que era o homem de que se juntara a eles

na caçada do líder lobisomem. Estava tão desnortado que considerou aquilo uma ofensa, ninguém tinha o direito de atrapalhar o seu lanchinho da noite.

Jordan viu o olhar selvagem de Edmund e ficou ereto rapidamente quando o homem tentou empurrá-lo, mas quem cambaleou para trás foi o próprio Edmund. Suas mãos tremeram quando sentiu uma leve ardência, então olhou abismado para o peitoral escondido na roupa preta de Jordan, por um momento pensou que ali fosse um muro de concreto.

— Acho melhor você se acalmar — Jordan não se moveu um segundo sequer.

— E eu acho melhor sair da minha frente — consegue pronunciar as palavras com dificuldades.

— Se não calar a boca, eu acabo com você para sempre — Jordan se aproximou, dando um passo pesado de cada vez.

Edmund não viu o perigo que corria, só ficou ali rindo feito um louco achando que o seu oponente não teria coragem de fato de encostar um dedo nele, era guarda do rei, quem o afrontasse receberia consequências.

Quando Jordan ficou cara a cara com ele, teve de parar, pois João ficou no meio dos dois e pegou em seu peito com um medo profundo de que aquilo acabasse de uma maneira ruim.

— Por favor, não... não faça nada aqui. Nem vale a pena.

Edmund empurrou o garoto com força, apenas para tirá-lo do caminho, mas ele caiu no chão.

— Não se intrometa em assuntos de homem, moleque.

Jordan empurrou o homem levemente, mas Edmund voou ao chão, e ficou surpreso de testemunhar alguém que teve coragem de encostar um dedo nele. Ele levantou furioso e tentou acertar um soco no inimigo, Jordan segura o punho dele para depois torcê-lo em seguida, fazendo o outro grunhir um pouco.

A situação toda fez todos pararem de dançar para olhar a pequena confusão.

Edmund foi jogado no chão do mesmo modo que fez com João. Jordan subiu em cima dele e começou a socar aquele rosto feio, até em um ponto que a pele já estava roxa e o nariz sangrando muito. Contudo, nem cogitou a hipótese de parar, mas precisava, pois quando levantou a mão, seu punho foi segurado por João.

As pessoas riam e algumas ficam horrorizadas.

— Já fez o suficiente. Por favor, não mate mais ninguém.

Jordan o viu de olhos fechados implorando por aquilo, parecia estar segurando lágrimas. Virou sua cabeça para olhar o homem sangrando, cuspiu naquele rosto estragado antes de levantar e sair dali.

— Espere! Ei! — João tentou segui-lo, mas cambaleou e caiu de joelhos no chão, vendo Jordan sumir na escuridão.

Aquilo era ruim, se Desmond visse o estrago em um de seus homens com certeza procuraria o responsável para fazê-lo pagar.

Capítulo 10

ESCOLHA

Castiel se aproxima de João junto de Margaret, eles estavam de mãos dadas e um pouco suados de tanto dançarem com movimentos exagerados.

— Você está bem? — perguntam ao mesmo tempo.

— Eu acho que sim — respondeu João.

— O que aconteceu? — Desmond surge entre a multidão de curiosos.

João não poderia contar sobre Jordan, senão começariam a persegui-lo e morreriam no processo, tinha de inventar uma mentira que protegesse a todos.

— Esse homem que começou tudo, esbarrou em mim e em outro. Depois toda a confusão se iniciou.

Desmond franziu o cenho e virou-se para o seu soldado caído, não teve dúvidas das palavras do garoto, seu homem estava embriagado, fedendo e desnorteado. E era Edmund, ele sempre causara problemas desde que saiu do berço. Apenas fechou os olhos por um segundo, fungando alto, decidiu sair dali sem falar mais nada na hora que constatou que seu subordinado ficaria bem.

— Graças a Deus — João se escora na mesa, aliviado por aparentemente tudo ter sido resolvido.

— Margaret e eu vamos ficar aqui para comer um pouco.

— Certo, acho que irei voltar para minha casa.

João começa a caminhar com um pouco de dificuldade, passando pela multidão ofegante até adentrar uma área pouco iluminada. Mas para quando escuta um ruído esquisito um pouco mais a fundo, com o som de algo sendo arranhado, e o resultado foi um barulho horrível e muito assustador.

Ele virou o corpo na direção contrária, andou em direção ao casal de amigos.

— Pensei que quisesse dormir — Margaret observou, ela coloca um pedaço de frango na boca.

— Eu ouvi um barulho estranho, fiquei com medo e resolvi voltar.

João percebeu que Edmund não está mais lá.

— Como? Homem não pode ter medo de nada, acho melhor você voltar até lá — disse Castiel.

— Se está tão incomodado assim, deveria ir você, o que acha? — João revirou os olhos e pegou a maça da mão dele, deu uma grande mordida.

— Está bem, garotinho. Eu e Margaret vamos lhe acompanhar.

Os três caminharam devagar enquanto passavam pelo meio da praça, que agora tinha poucas pessoas. João olhou para a fogueira e para a carne do lobo já em cinzas. Percebeu algo, as mortes não tinham acabado, apenas tinham dado uma pausa e quando desviou sua atenção para a escuridão, vê Castiel junto de Margaret, eles estavam de mãos dadas conversando sobre besteiras. Mas além, no fundo, ele ver um par de olhos, diferentes e ao mesmo tempo iguais aos de Jordan.

Olhos que o encaravam nesse exato momento, olhos tão azuis quanto o mar, tão lindos e arrepiantes do seu próprio jeito.

O lobisomem estava de volta.

João no fundo sabia que isso aconteceria no momento em que os soldados voltaram com o corpo da fera errada, e agora provavelmente seria seus últimos segundos vivo.

Primeiro veio um rosnado baixinho, que apenas os três ali presentes foram capazes de ouvir. Castiel e Margaret nem raciocinaram o que tinham escutado, distraídos demais um com outro. O segundo rosnado foi forte, avassalador, quase apagou as enormes chamas da fogueira, e apenas tiveram tempo de arregalar os olhos, pois com um pulo, a fera havia passado por João e já estava bem no meio da praça.

Desmond bebendo sentado com duas mulheres no colo olha para silhueta enorme no chão, depois ergue sua vista até o lobisomem. Piscou várias vezes tentando raciocinar se era uma ilusão por causa do álcool ou a realidade de fato.

A fera tinha uns centímetros de altura a mais do que o rei, seus pelos negros cobrindo o corpo musculoso eram lindos. Estava ereto olhando a população assustada com seu olhar assassino. Suas orelhas pontudas se ergueram, esperando o primeiro grito, que veio de uma mulher, para poder então reagir.

O lobo que Desmond havia matado seria um cachorrinho perto dessa coisa. Os seus homens não reagiram, um tentou sacar sua espada, e o lobisomem virou-se para ele, esperando uma oportunidade para atacar. Entretanto observou enquanto o mesmo homem colocava sua arma de volta no lugar, com medo.

Desmond sacou sua espada e viu um vulto preto avançar sobre si, ficou imóvel quando sentiu algo quente e molhado começando a escorrer pela garganta. Num momento estava curtindo sua suposta vitória com duas lindas moças, e no outro, estava morto.

O silêncio foi quebrado quando uma mulher gritou até sua garganta doer, e o pânico se espalhou para todas as outras pessoas como se fosse uma doença. Muitos pegavam qualquer coisa e começavam a atirar na direção da fera, que apenas desviava com facilidade. Muitos homens corriam sem se preocupar em ajudar algumas mulheres que tinham dificuldade em se locomover por causa dos seus vestidos.

Edmund se escondeu de baixo de uma carroça, acabara de ver seu rei morrer num golpe só. Encolheu-se de frio e medo, nem sua armadura era capaz de lhe aquecer o corpo. Prendeu sua respiração quando o corpo de um soldado amigo caiu na sua frente, pensou que estava morto, e tomou um susto na hora que aqueles olhos piscaram uma vez antes do corpo ser arrastado e dilacerado pelo lobisomem.

Margaret foi arrastada por Castiel para um balcão aparentemente sem ninguém. Ele se certificou de trancar a porta para que ninguém entrasse, principalmente o monstro. Começou a subir a escada logo atrás de Margaret, mas antes de chegar no alto ela parou pelos barulhos, eram batidas fortes vindas da porta.

— Temos que deixá-los entrar — implorou para Castiel, que nem pareceu cogitar essa ideia.

Os gritos de agonia aumentaram e o casal na escada apenas viu silhuetas caírem uma por uma, os rugidos do lobisomem eram bem audíveis, e o vermelho que se instaurava na porta bem nítido. Continuaram subindo degrau por degrau, lá em cima correram sobre a passarela de madeira no intuito de se esconderem num canto coberto de palhas.

Castiel não soube mais de João, na hora da confusão, até que tentou arrastá-lo junto, entretanto não foi possível por causa da multidão temerosa que o puxou. Rezava pela segurança e o bem-estar dele enquanto cobria Margaret com seus braços.

Poderia estar lá fora enfrentando o lobisomem, da última vez tinha lutado muito bem, tanto que o feriu, mas quase morreu logo em seguida. Não queria enfrentar aquilo de novo, não quando a vida da amada poderia correr um grave risco.

João estava no meio daquela correria danada de salvação. Por alguma razão, percebeu que Jordan estava matando apenas homens do rei Desmond. Vários caídos na porta de um balcão, outro dilacerado perto de uma carroça e o próprio Desmond com a garganta destruída.

Jordan parecia procurar alguém, uma pessoa. Ele não saía dos arredores da praça, apenas cheirando, procurando, de um lado para o outro, o focinho a cada momento trabalhando. Imaginou que ele não tinha encontrado seu alvo ainda por causa do cheiro de sangue e gente morta dificultando tudo.

João observou chocado quando três soldados passaram por si calmamente até o centro da praça, parando apenas quando o lobisomem os encarou. Dois deles sacaram espadas, enquanto o último tinha um chicote.

Jordan se virou para a carroça quando Edmund emergiu de debaixo do objeto. E com sua espada de prata que agora reluzia de modo perverso.

— Saia daqui garoto! — Edmund gritou do outro lado.

João percebeu que era o único do seu vilarejo presente ali na praça, o resto devia estar escondido em lugares pequenos e inusitados. Em vez de se esconder também,

observou a criatura se mover de modo voraz.

O lobisomem tentou cravar suas garras na cabeça de Edmund, mas acabou acertando o braço protegido pelo metal, o que não foi difícil perfurar. Suas orelhas se ergueram quando ouviu o grito de agonia da vítima. Parecia sempre se deliciar naquele tipo de som. Ele levanta o olhar quando seus pelos se eriçaram como um alerta. Dois soldados se aproximavam com espadas erguidas, gritando que a fera iria morrer. Tentaram acertar ao mesmo tempo suas espadas em Jordan, que soltou Edmund e cravou as garras no ombro de um soldado, enquanto sua mandíbula voou na garganta do outro, os gritos de promessas de morte se transformaram em gritos de dor. As espadas caíram no chão, ensanguentadas assim como quem as portavam.

Edmund pegou a espada e tentou golpear a fera quando a viu de costas, um ataque surpresa, mas Jordan desviou com um grande salto. Caiu no outro lado a metros de distâncias e com um braço na boca de um dos soldados de Desmond, que ficou caído no chão com sangue jorrando do ferimento. Jordan lançou o braço que acertara em cheio em Edmund, levando ao chão na mesma hora.

O último soldado a vista iria usar o chicote, mas Jordan ficou totalmente ereto sob suas duas pernas e derrubou a fogueira de um modo que o fogo começou a se espalhar, se iniciando pelos galhos, que guiaram as chamas até a carroça cheia de palha. A fumaça faz com que o soldado se afastasse daquela confusão. No entanto isso não o fez desistir, viu a sombra do lobisomem desfigurada na fumaça. Sacou a espada, sua armadura de prata brilhou à luz do fogo enquanto o homem seguia na direção da batalha.

E não só ele, mais homens apareceram, e pelo visto, os últimos que restaram, no total tinham sete contando com Edmund que parecia bem vivo. Eles portavam muitas armas.

O lobisomem não pareceu sentir medo, se sentiu até um pouco chateado por saber o resultado daquele combate.

O homem do chicote balançou o objeto, preparando-se para lançar na pele do lobo. Uma arma simples, e com um simples golpe Jordan a derrubou. O soldado então, apenas com a espada avançou e tentou golpeá-lo como seus companheiros tentaram fazer antes, mas, assim como os outros, o golpe não acertou o alvo.

Ele nem tinha captado como o monstro desviou, só sentiu quando as garras rasgaram a sua pele fazendo um barulho estranho ao ser perfurada, deixando escapar um longo jato de sangue da fenda entre seu peitoral superior e inferior.

Agora eram seis.

Os soldados atacavam incansavelmente, desferindo golpes que nunca acertavam, pareciam querer cansar o lobisomem.

Edmund pegou o chicote do soldado caído, e junto de outro homem com mais um chicote, acertaram um golpe no lobisomem no mesmo tempo, pela primeira vez

parecem ter feito algum estrago, pois Jordan grunhiu alto.

João sentiu uma dor enorme no peito, como se ele mesmo tivesse sentido o golpe. Era para ele estar escondido em algum lugar, contudo estava paralisado no combate, apenas esperando um desfecho.

Os homens do rei falecido conseguiram cercar o monstro na hora que ele grunhia de dor. Um preparava para enfiar a lança no coração da fera, enquanto os outros tentavam amarrá-lo com mais chicotes e cordas. Os braços e o pescoço de Jordan foram laçados, ele sentiu grande dificuldade de se livrar da armadilha.

Os homens mesmo em combate e cansados, sorriram. Achavam que finalmente o pegaram.

Mesmo preso, Jordan movimentou seu braço com força para trás, trazendo arrastado um soldado que caiu no chão aos seus pés, e assim, conseguindo se livrar de uma amarra. Ele começou a se movimentar para todos os lados. Os homens sentem seus pés deslizando no chão, colocaram todas suas forças para não perderem o equilíbrio, e tomando um cuidado tremendo para não chegarem perto da fera.

A força deles juntos não era um terço da força do lobisomem, então Jordan rugiu, bem alto e para todos ouvirem.

O coração de João acelerou quando o lobisomem começou a correr sobre as quatro patas, arrastando Edmund pelo chão duro junto, lançando os outros soldados para longe, sem matar. João queria fazer alguma coisa, queria ajudar seu povo e Jordan também, mas não podia, pois tudo só iria ficar complicado para o lado dele.

Um homem tentou levantar, contudo o lobisomem o fez voltar ao chão novamente, como bosta.

João olhou para os seis soldados caídos, sem esperança, sem chances de vencer. Desviou até Edmund, um monstro em pessoa que não parecia temer nada, e agora olhava para um monstro pior do que ele próprio.

Não sabia mais o que fazer, foi desarmado completamente.

O soldado com a lança levantou com o objeto em mãos e foi para o lado de Edmund.

— Qual o plano?

— Não temos planos. Ele é forte, o próprio demônio.

— Eu confio que nós sejamos mais fortes.

João percebeu que, pouco a pouco, Edmund perdia o medo e ganhava forças, sua esperança junto do espírito de vingança voltou com tudo. Sacou sua espada, ficando em posição de ataque, foi sua vez de desafiar o monstro.

Jordan manteve sua posição. Sem medo, desafiador. Sua boca se abriu soltando um rosnado quase fazendo o chão todo tremer. Jordan ainda podia sentir o medo

emanando do corpo de seu oponente, e quando observou ele correr em sua direção, decidiu fazer o mesmo.

Edmund correu e, quando suas pernas cobertas com a armadura tocam o chão, liberam um tanto de faíscas, intensificadas por causa das chamas da fogueira, que por sorte fez com que Jordan piscasse uma vez, mas o suficiente para acertar a armadura com menos força, apenas causando um arranhão, desequilibrando o inimigo.

Os gritos de raiva de Edmund pareciam divertir Jordan, que também não ficara muito feliz por ter errado seu golpe. A fera se aproximou dele lentamente, pronta para finalizar o combate. Mas uma flecha acertou sua coxa, fazendo-o rosnar.

Charles Daniel estava cima de uma casa preparando outra flecha e dessa vez apontou para o coração da besta, disparando rapidamente.

Jordan com os reflexos rápidos segurou a flecha, antes de perfurar o seu corpo, impedindo que a lâmina entrasse em seu peito e desse fim a sua vida. Essa passou perto. Mas Charles não desistiu, pegou outra flecha e atirou fazendo Jordan se afastar um pouco. Em seguida o caçador pulou até o chão para rapidamente passar a ponta de uma flecha no fogo quase apagado, e depois mirou no lobisomem que saltara em cima do telhado de uma casa, no momento que pousa, a flecha flamejante é atirada errando seu alvo por pouco.

Charles continuou atirando várias vezes, e Jordan correu, conseguindo desviar de todas com um pouco de dificuldade.

E com um salto final, a fera desapareceu na noite.

Caminhando a meio a destroços e a fumaça densa, que parecia com uma neblina que acabou de se instaurar, João tentou caminhar para qualquer lugar longe daqueles corpos sem vida. Via apenas sombras de soldados, decidindo caminhar para outro lado, pois uma dessas sombras poderia ser Jordan na forma humana. Tateava as paredes de casas tentando entrar na primeira que fosse possível. Seu medo estava forte, sua mente pensando mil e uma possibilidades, o principal era o motivo de Jordan ainda não ter ceifado sua vida.

Olhou para o céu, e sua apreciação pela Lua cheia virou puro desprezo. Parecia uma maldição onde toda noite que o maldito círculo se enchia de luz brilhante, o banho de sangue acontecia por toda parte. Pelo menos nenhum cidadão do próprio vilarejo parecia ter morrido, apenas os homens do rei, e João não sabia se isso era bom ou ruim, afinal, agora que Desmond estava morto, quem seria o próximo rei?

— João!

Alguém gritou.

João se concentrou em duas sombras próximas a um balcão onde vários soldados foram mortos, e correu até os indivíduos. Castiel e Margaret o abraçam forte, aliviados pelo amigo ter sobrevivido.

— Já acabou? — Indagou ela.

— Eu não sei, vi a fera pulando em telhados até desaparecer.

— Tenho de ver se minha mãe está bem.

— Eu e João vamos para a casa dele. Vejo você lá depois? — Margaret perguntou, meio receosa.

João sentiu alguém se movimentando ali por perto, com calma, para não deixar os amigos mais assustados, virou a cabeça para olhar apenas os cantos escuros cheios de uma fumaça avermelhada devido ao sangue.

— Estarei lá — Castiel se enfiou na escuridão em direção a sua casa.

João não para um segundo de movimentar sua cabeça para todos os lados.

— Alguma coisa errada?

— Não, só estou assustado.

Segurou a mão dela firmemente, para guiá-la até a sua casa. Sentiu-a tremer um pouco, por causa do frio e medo.

— Vamos, rápido!

Sua cabeça não parava de martelar uma simples pergunta, porque agora? As mortes começaram há algum tempo atrás, os lobisomens só apareceram agora, o rei veio cuidar do assunto ele mesmo, não podia tudo ser uma coincidência. Tinha algo errado, e Jordan havia falado de um pacto.

Isso não importava tanto agora, tinha de estar em segurança dentro de casa. Andou com um pouco de dificuldade e como um cego tentando decifrar o caminho. Por alguma razão a fumaça não se dissipava logo.

— Pare! — Margaret se assustou com um movimento rápido bem na sua frente.

João segurou seu braço mais forte, devagar caminhou para trás, atento a qualquer movimento na sua frente. Suas pernas tremiam tanto que quase se apoiava em Margaret para não cair. Um barulho alto ecoou atrás deles, fazendo-os virar. Seus dentes não paravam de trincar, seu coração começou a acelerar como nunca, nem sentia mais a mão de Margaret quando o viu.

O lobisomem monstruoso surgiu através da fumaça avermelhada sob duas patas. Feroz, voraz, rosnando e mostrando seus dentes mais afiados do que a espada de um guerreiro.

Sem opções, João pegou de volta a mão de Margaret e correu para o fim da rua, sem saber se Jordan os seguia ou não. Parou quando chegou no fim. O plano era chegar em sua casa, mas o nervosismo o deve ter feito pegar um caminho errado, pois agora estavam sem saída, completamente encurralados. Havia uma parede enorme de concreto, ao lado tinha alguns barris, se encontrava uma carroça a poucos centímetros depois, vazia.

Viraram-se novamente esperando encontrar a morte, e, nada. Ninguém. Talvez tenha desistido para ir atrás de outra pessoa. Por Deus, sabia que era pecado, mas desejava realmente que ele tivesse ido atrás de outra presa.

— Você acha que ele...

— Quieta — sussurrou.

Tinha a leve impressão de que aquelas feras podiam ouvir sons a quilômetros de distância, deduziu isso desde o confronto na igreja. Por isso, o melhor a se fazer era ficar em silêncio. O único som audível eram a de suas respirações pesadas.

João decidiu sair dali querendo dobrar algumas ruas para estar em casa, era só se mexer, um passo de cada vez. No momento que moveu seu pé o lobisomem caiu no chão bem na frente deles, o encarando com aqueles olhos azuis intensos.

Era tão alto, musculoso, tão enorme e assustador, tão...assassino. E com certeza mais forte do que qualquer homem daquele reino. Tentou mover qualquer parte do corpo, mas ficou paralisado naquele olhar, e o lobisomem no dele, os dois não paravam de se encarar.

João teve a sensação de que Jordan lhe queria dizer alguma coisa. Queria que ele soubesse de algo. Sua respiração ficou calma e tudo em sua volta foi silenciando, não escutava mais nada, a não ser por uma voz grossa e agradável para seus ouvidos.

— *Não achou mesmo que conseguiria se esconder de mim, não é?*

— Você... caralho, você fala!

João não imaginava que Jordan conseguisse pronunciar palavras naquela forma.

— *Sim, e você consegue entender o que lhe digo.*

Tudo que Margaret ouvia do monstro eram apenas rosnados graves enquanto a boca se movia, olhou para João como se ele fosse louco por estar falando com “aquilo”. Olhou ao redor, tentando procurar alguma brecha pelo lobisomem, mas era impossível, morreria caso tentasse fazer um movimento.

— Por quê? Da matança agora, disso tudo.

— *Eles quebraram o pacto, todos devem pagar.*

— Que Pacto, pagar pelo o que? — pergunta João, ele se aproxima um pouco.

— Não chegue mais perto dele — Margaret se aproximou para puxá-lo de volta.

Jordan virou-se para ela, rugindo até que a garota resolvesse calar a maldita boca e ficasse quieta no lugar dela. Ninguém nunca devia se intrometer em qualquer conversa que tivesse com o garoto.

A voz surgiu novamente, preenchendo sua mente, seu corpo.

— *A muito tempo, eu e seu rei imundo fizemos um pacto. Ele poderia ficar com esses pedaços de terra se não nos incomodasse.*

— Nós?

— *Minha raça, meu povo. Mas eles apenas esperavam ganhar nossa confiança, para então nos trair. Matou meu pai. Eu tive de assumir o trono antes da hora.*

— Se eu bem entendi, o pacto foi feito com seu pai, certo?

— *Exato. Os termos eram manter a paz dos dois lados, eles desonraram isso, e agora esse povo está pagando o preço.*

— Me disse, naquela noite, que seu pai fez coisas horríveis com você — o lobisomem arreganhou os dentes com as palavras. — O pacto foi com ele, e ele morreu. Devia ter feito outro pacto em vez de matar pessoas inocentes.

— *Inocentes? — o lobisomem soltou vários rosnados com pausas consideráveis, parecia estar rindo. — Na igreja, aquele seu amigo queria entregar todas as belas jovens para meus guerreiros. Sua noiva deixou bem claro que não ligava se vocês morressem, desde que tivesse um noivo. E, pelo que eu me lembre, você João, queria que seus pais morressem.*

— Acho que interpretou o que dissemos de outro jeito...

— *NÃO ME TOME POR IDIOTA!*

João se afastou um pouco.

— *Eu escutei tudo, cada respiração, cada passo, cada palavra.*

— Vai matar todos nós?

— *Todos não, planejei deixar alguns vivos. Mas gostei da sua ideia de um novo pacto.*

— Você matou o rei.

— *Um pacto com você.*

— Comigo? — João arregalou os olhos, aquilo não poderia ser bom.

— *Planejava levá-lo embora comigo, assim como fiz com alguns outros como bem se lembra. Entretanto, poderei poupar a vida de todos aqui, se você, casar comigo de livre e espontânea vontade. E jurar ser meu para sempre.*

A respiração de João começou a falhar, ele teve de se afastar um pouco para encostar as costas na parede e conseguir continuar de pé.

— Não posso fazer isso, somos homens, não existe casamento para dois homens.

— *Então da sua raça, você será o primeiro.*

— De que adiantaria se eu dissesse sim ou não, acabou de admitir que me levaria contra a vontade.

— *Por isso proponho esse novo pacto. Você aceita ser meu por vontade própria para salvar a vida dessas pessoas, ou pode negar, e eu, junto de minha alcateia, dizimaremos a todos.*

— Eu não... posso... por favor — começou a se derramar em lágrimas. — Por qual motivo me quer?

— *Primeiro, senti algo estranho em seu cheiro, por isso ordenei aos meus lobos que não encostassem um dedo em você. Segundo, me salvou quando estava gravemente ferido. Terceiro, me alimentou. Quarto, senti algo por você, e você sentiu algo por mim. Quinto, consegue entender minhas palavras...*

João não conseguiu contestar nada daquilo, pois sabia que era tudo verdade.

— *Algo de que só um parceiro escolhido pelo lobisomem consegue fazer. Acho que você é meu conservis. E antes que faça mais uma pergunta idiota, conservis é aquela pessoa que nós, abençoados pela a Deusa da Lua, achamos ser nosso parceiro ideal. Nunca pensei que o meu poderia ser um macho humano.*

— Você é um assassino. Um monstro. Eu nunca vou ficar com você.

— *Tens apenas duas escolhas, me recusar e eu acabar matando todo mundo para depois você ser meu mesmo assim. Ou me aceitar por vontade própria, e acabar salvando o resto do seu povo. É melhor que aceite de bom grado, não quero ter de domá-lo.*

João ficou triste, sua vida não seria mais sua e sim de outra pessoa. Seu corpo ficou mole e por muito pouco não caiu. Lutava constantemente para puxar ar para seus pulmões, nunca pensou que uma decisão sua pudesse ser definitiva para salvar vidas.

— Então, não tenho nenhuma escolha quanto a ser seu.

— *Exato, o pacto é apenas para salvar ou não, as pessoas da aldeia.*

João não disse uma palavra, não tinha o que dizer.

— *Bem, irei te dar até a próxima Lua cheia para decidir. Trarei todos os meus lobos para testemunharem o novo pacto, caso recuse, todos eles acabarão com o resto do que sobrou aqui. Você será o grande juiz do seu povo, decidirá se eles vivem ou morrem.*

João observou aqueles pares de olhos azuis mais de perto, ele estava certo, e não podia mais negar a si mesmo. Estava tendo sentimentos por outro homem, por um lobisomem.

— Que olhos grandes você tem — observou.

Ficou levemente hipnotizado por aquele azul penetrando-lhe a alma.

Jordan se aproximou mais e mais do menino.

— *Para te encontrar em qualquer lugar, meu garoto.*

De cima de um telhado, Charles Daniel chegou abrindo fogo, a flecha foi lançada e passou bem perto do monstro. Edmund e seus soldados sobreviventes dobraram o beco para ver toda a ação.

O lobisomem saltou sobre a parede para desviar de várias flechas do caçador. Charles carregou mais uma e apontou, entretanto, baixou a arma. O inimigo havia desaparecido de novo.

Edmund mesmo todo acabado pediu a ajuda de um soldado para ver se realmente o monstro havia ido embora, quando colocou os pés em cima de um de seus homens e ergueu a cabeça sobre o muro. Observou a fera correndo e dando um salto enorme para sumir nas imensas árvores da floresta.

— Se foi. A besta se foi — Edmund enfim pôde respirar um pouco mais aliviado.

— E provavelmente voltará se não soubermos o motivo dessas mortes.

Edmund olhou para o caçador de uma forma esquisita, como se soubesse exatamente do que ele falava.

João pelo menos sabia o motivo, também sabia como acabar com aqueles ataques, só não sabia se tinha coragem de fazer o necessário. Olhou para Margaret abraçada aos próprios joelhos e se derramando em lágrimas, paralisada.

— Reúna todos os cidadãos na igreja, para planejarmos o que faremos a seguir — Charles Daniel olhou uma última vez para o muro, antes de sair.

— Vocês podem andar sozinhos? — um dos soldados perguntou.

João acenou com a cabeça e se abaixou ao lado de Margaret, ele a abraçou e os dois caminharam depois dos soldados. Edmund guiava várias pessoas para a igreja, onde o primeiro ataque aconteceu, onde tudo começou.

A Lua ainda continua cheia e assustadora, pelo menos não existiam mais a fumaça densa, o fogo não destruiu tanta coisa, e o número de mortes foi bem menor dessa vez. Devia-se ao fato de que não existia mais tantas pessoas assim no vilarejo.

— Preciso achar Castiel — Margaret tentou sair dos braços de João para ir em direção contrária a igreja.

— Nada disso, ele está seguro, e pode já ter entrado.

João a convenceu a continuar prosseguindo na mesma direção, queria tanto voltar e dormir na sua casa, nem que fosse apenas mais uma noite. Seus olhos estavam muitos pesados, quase não ouvia os murmúrios das pessoas.

— O monstro falou com você.

João para, olhou para ela. Depois recomeçaram a caminhar, mas dessa vez um pouco mais devagar.

— Pensei que estivesse ouvido também — João olhou para os lados, tendo certeza que ninguém escutava.

— Não ouvi nadinha, apenas ele soltado rosnados para você e você pronunciando palavras a ele.

Neste momento o pânico inundou as expressões de João. Lembrou-se de que Jordan insinuou que somente algumas pessoas poderiam ouvir suas palavras. Estava com tanto medo para entender claramente...

Parecia uma tarefa impossível conseguir um minuto de tranquilidade naquele lugar imprestável. João ficou de frente para Margaret, segurou no seu ombro e disse:

— Ninguém, absolutamente ninguém poder saber, entendeu? Vão pensar que sou um sodomita que adora se deitar com homens-fera.

Um bom motivo para as pessoas quererem queimá-lo na fogueira.

Margaret viu naqueles olhos o mesmo que sentiu quando fugiu da igreja e passou a noite toda escondida, medo, impregnado de todas as formas.

Ela olhou ao redor para se certificar de que ninguém ouvira uma palavra.

— Não contarei nada.

João esperou ela continuar, todavia Margaret apenas franziu o cenho e caminhou para a igreja. Ele agradeceu a Deus por a garota não ter perguntado o que o lobo tinha falado. Ficou um pouco apreensivo com o triste olhar no rosto pálido de Margaret, era o mesmo olhar da maioria das pessoas ainda vivas entrando na igreja. Um olhar devastado e sem esperanças, igual ao seu.

Cabia ao próprio João uma escolha que podia decidir o destino de todos.

Capítulo 11

JULGAMENTO

O vilarejo estava silencioso do lado de fora, ao não ser pelo corvejar de corvos em cima de algumas árvores, que eram difíceis de ver devido à neblina densa daquela madrugada.

A igreja, o grande templo de Deus, estava preenchida aos quatro cantos. Pessoas cochichavam umas com as outras em toda parte e o som das vozes unidas causava um barulho horrível para quem ficava encostado num canto, quieto, apenas esperando o que iria acontecer a partir dali.

Todos ansiosos, todos nervosos, e todos com medo de serem as próximas vítimas do lobisomem.

Edmund, ao lado dos poucos homens que ainda lhe sobraram, caminhava até o centro da igreja, onde o padre já falecido costumava pronunciar palavras da bíblia aos domingos. Ele começara a subir os pequenos degraus com o olhar firme, carregado de poder. Virou-se para a pouca multidão de humanos ainda vivos, tinha um grande pronunciamento e a maior parte não iria gostar.

Charles Daniel assistia tudo de bico fechado na ponta do último banco do lado direito. A maioria dos bancos foram destruídos, no momento não teve muitas opções.

— Nessa noite sofremos perdas terríveis, vários soldados e homens, tiveram suas vidas ceifadas covardemente por uma fera sanguinária — falou Edmund, sério. Seus ferimentos não o fizeram parecer mais fraco, ao contrário disso, as palavras foram tão firmes que as pessoas sentiram confiança na sua figura.

Mas Margaret e João não prestavam atenção, perdiam tempo procurando Castiel. Quando o encontraram junto da mãe, estavam sentados no chão do outro lado da igreja, então foram de encontro. Ele levantou e respirou aliviado, sorriu ao receber Margaret em seus braços.

— Graças ao bom Deus você está bem.

— Lhe digo as mesmas palavras. Estou tão feliz — ela o apertou ainda mais.

João acenou para a mãe de Castiel, que parecia bem e sem nenhum arranhão ou machucado. Nem a via muito, sempre dentro de casa cuidado dos afazeres, saindo às vezes só para pegar comida e água quando necessitava.

— Esse foi o segundo ataque a esse vilarejo, não irão parar até estarmos todos mortos... — Edmund levanta a voz para se certificar de que todos estavam ouvindo.

O pai de João começou a caminhar muito enraivecido até o filho, com sua esposa logo atrás. Não se recuperou muito bem da bebida, quando se levantou daquele chão sujo e conseguiu chegar em casa num grande esforço, se deitou pela segunda vez com sua esposa, depois dormiu, por pouco tempo. Quando acordou numa ressaca e com ordens para ir até a igreja ao ficar sabendo de um novo ataque, nem acreditou de primeira que não poderia relaxar na sua noite de núpcias.

— Qual o motivo de estar parado enquanto sua noiva abraça seu amigo, NA SUA FRENTE? — os olhos do homem estavam num vermelho leve, indicando que precisaria de uma boa noite de sono para ficar livre da ressaca.

— Pai... — desviou sua vista para Jaqueline, ela parecia um pouco encolhida, não parecia querer falar. — Margaret não é minha noiva.

— Como não, vocês estavam prestes a se casar!

— Mas não casamos, então não somos marido e mulher — respondeu Margaret a altura.

— Não levante a voz para mim, mulher — falou, com desprezo.

João e Castiel postaram-se na frente dele, caso o homem tentasse fazer algo. Vendo que perderia uma luta de dois contra um, ele se afastou um pouco. Todavia, sua raiva não diminuiu nenhum pouco.

— Você a ouviu, não tenho nenhum compromisso com ela. Margaret pode ter quem quiser — disse João, ficando na frente dele. — Acho melhor o senhor sair daqui, para não criar nenhuma confusão.

O pai dele estreitou os olhos e franziu a testa, engolindo o orgulho virou-se para a sua esposa, segurou na mão dela e olhou sobre o ombro uma última vez para João.

— Vamos para longe deles — saiu a passos apressados, puxando Jaqueline consigo.

— E como sou o irmão mais novo e o único de Desmond, assumirei o trono como o novo rei de vocês — falou Edmund, sua voz ecoou por cada cantinho imundo do lugar.

João baixou a cabeça, olhando para o chão completamente abismado. Não conseguiu mexer um músculo devido as palavras sendo repetidas continuamente em sua mente. Rei, Edmund seria o seu novo rei. O mesmo homem nojento que tentara violentar Margaret e lhe embriagar para se fazer sabe-se Deus o quê.

Castiel virou o rosto para onde o homem, e agora novo rei, falava. Queria matá-lo faz tempo, ou pelo menos ensinar uma lição ao cafajeste. Desde que tentou violentar Margaret o homem estava impune de todas as suas ações monstruosas.

— A partir de hoje estamos em guerra com aquelas criaturas. Todos os homens a partir de dezesseis anos terão de defender seu lar.

Uns poucos adolescentes ficaram horrorizados com o fato de que agora teriam de manusear armas que nunca nem chegaram a ver. Castiel sorriu de lado, pela primeira

vez concordou com o homem, agora todos teriam a chance de contra-atacar para vingar todas as mulheres, crianças e homens mortos no ataque.

Praticamente todos os homens acenaram a cabeça, concordando.

João sentiu sua mão esquentar, para então tremer, tenso demais para executar qualquer movimento que seja, por mais simples que fosse, estava impossibilitado. Podia contar do pacto e salvar a multidão sedenta por uma guerra, acalmar os garotos que não queriam ir, e aliviar os corações das pessoas com o medo de morrer.

Mas também teria de informar sobre Jordan, de como o salvou, de como falou com ele na forma de lobisomem, de como se deitou com ele para se manter aquecido. A população iria querer matá-lo, não importava se pudessem ser salvos, se o único meio fosse por um pecador que sentia sentimentos amorosos por outro homem eles jamais aceitariam. João tinha de admitir que sentia algo, mas não podia em hipótese alguma dizer nenhuma palavra, e era isso que estava remoendo dentro de si, estar impossibilitado de se abrir com alguém.

Se eles pelo menos entendessem, se não o julgassem, poderiam sair vivos, sem mais nenhuma morte. Entretanto tinha o outro lado, quem garante que Jordan iria cumprir sua palavra? João estava num dilema, não sabia em quem confiar, Jordan ou sua gente? Tinha de se decidir logo, o tempo estava esgotando rapidamente, ou tentava salvar todo mundo, ou os deixava morrer.

— Você está bem? — Castiel perguntou.

João o encarou, demorou alguns segundos para sair de seus pensamentos e notar que recebeu uma pergunta.

— Claro que estou.

Mas Castiel não achava. Depois do ataque, João tinha agido muito estranho. Quando falaram com Desmond, o amigo ficava olhando de um lado para o outro, nervoso, como se quisesse fazer perguntas e fazer revelações. Fez a mesma cara de novo quando Desmond levou alguns homens para caçar, e novamente agora. Deixaria para pressioná-lo em outra hora.

— Não está pensando em lutar numa guerra contra aqueles monstros, está? — Margaret cutucou o braço de Castiel, ele nem se deu ao trabalho de olhar. — **ESTÁ?**

Algumas pessoas e o próprio novo rei olharam para direção da garota desesperada com a possibilidade de perder o seu futuro noivo.

— Margaret! As pessoas estão começando a olhar, fique quieta!

— Não precisamos entrar numa guerra, ninguém precisa morrer. Existe alguém que pode resolver toda a situação, alguém que pode falar com o monstro.

Todos ficaram chocados, os sons de surpresa eram bem audíveis. O rei teve cuidado com aquelas palavras, pois podia ser tudo uma mentira muito bem elaborada. Castiel a

olhou surpreso, achava muita loucura, ninguém poderia convencer um monstro sanguinário a parar de matar.

João não tinha mais esperanças de sair dessa, tudo em que Margaret pensava era em conseguir um noivo. O que lhe restava, era implorar.

— Margaret — fechou os olhos, rezou para Deus que ela tivesse consciência do que iria dizer. — Por favor, não faça isso.

— Ele... — seu dedo voou na cara de João. — Ele pode conversar com o monstro, acabar com isso — Margaret ficou atrás de Castiel, caso acontecesse qualquer coisa.

João fechou os olhos mais uma vez, tremendo, agora de raiva. Queria esganá-la. A salvou de ser estuprada, ajudou a se recuperar, deu lhe comida e ela retribui agora com uma traição que podia custar sua vida.

Edmund se aproximou dele correndo, num piscar de olhos estava com as duas mãos nos ombros dela a prensando na parede. Castiel tentou ajudar, mas foi impedido pelos soldados.

— Isso é verdade? Não minta, isso é muito sério!

— Sim... ele conseguia entender o lobo, eu não. Eu deduzi pelo que João falou.

João pensou em acabar com a raça dela, entretanto os guardas ainda eram muitos.

Edmund o olhou, depois voltou para ela.

— O que ele disse?

— Algo sobre o lobisomem o levá-lo contra a vontade. Também perguntou por qual motivo o monstro o queria. E enfrentou o monstro, chamando-o de assassino e que nunca ficaria com ele.

Todos olharam para João, principalmente Castiel, que agora sabia o motivo dele ter agido estranho nos últimos dias. Nunca imaginaria que o próprio amigo podia falar com a besta que quase dizimou a aldeia. Com muita raiva e sem pensar muito, socou o amigo bem na bochecha fazendo ele cair no chão e tirando um pouco de sangue da sua boca.

— Se isso for verdade, você será acusado de bruxaria e talvez de sodomia — Castiel cuspiu as palavras.

— Não me deitei com ele — João tossiu mais um pouco de sangue, em seguida passou o braço direito na boca para tirar o vermelho manchado de seus lábios.

— Ele ficou interessado em você, um homem em um outro. Em alguma hora no primeiro ataque vocês tiveram de ter tido um contato — Edmund olhou para os guardas e acenou com a cabeça.

Os guardas caminharam e levantaram João, mas não o soltaram. Dois homens seguraram seus braços e ombros de uma forma que não poderia escapar. Olhou ao redor sentindo a vergonha nos rostos das pessoas, viu seu pai com a mesma expressão

de desprezo que sempre tivera. Castiel com um ódio tremendo, os punhos de suas mãos estavam fechados, ele se segurava para não causar confusão. Não o considerava mais um amigo, pois nem esperou uma explicação, acreditou na palavra de Margaret sem questionar.

— Bruxo!

— Sodomita!

As pessoas gritavam.

— Nunca tive tanta vergonha em ter um filho assim — o pai de João falou.

Em seguida foi a vez de Castiel falar:

— Sempre confiei em você, sempre o tratei como um irmão, e para quê? Virar um sodomita imundo — Castiel fez questão de mostrar seu desprezo nas expressões faciais.

João ouvia tudo calado, fervendo de ódio. Como podiam ser tão hipócritas? Julgando como se fosse um rato, enquanto isso estava pensando em salvar suas vidas...

— Como ele ficou interessado em você? Em que noite se encontraram?

No final das contas seria sua palavra contra a de Margaret, normalmente nenhum deles acreditaria totalmente na palavra de uma mulher, contudo foi acusado de sodomia. Ela tinha a vantagem.

— Eu...eu...

— Não acreditem em nenhuma palavra, ele mente! — gritou uma mulher.

— Morte na fogueira — gritou um outro.

De amigos para inimigos, de família para puros lixos humanos. Como acreditaram numa garota sem contestar uma única palavra? Estavam o condenado sem provas apenas por puro ódio. A sede de achar alguém para culpar por todas as mortes, por todas as tragédias, por todos os...pecados, era muito grande. Não iria ser o bode expiatório de ninguém antes de fazer algumas revelações.

— Calados — disse o rei. — O deixem falar.

Claro que o novo rei falso não iria acreditar nas suas palavras mesmo se fosse inocente, por causa de tê-lo impedido de violentar Margaret.

— Eu o encontrei, caído naquela noite. Na forma humana... com uma lança no peito — engoliu em seco, nem olhou para ver a reação de Castiel.

— Na noite em que eu o feri mortalmente, ele iria morrer — foi a vez de Castiel intrometer-se na conversa, ele estava de braços cruzados, o julgando.

— Eu não sabia de quem se tratava, pensei que era um morador do vilarejo. O levei para a minha casa e o ajudei a tirar a lança, ele se recuperou rapidamente — João decidiu não contar a parte que ficou hipnotizado e o limpou.

— Você ajudou um monstro a se curar, para depois ele fazer novas vítimas. Como ele fez há poucas horas atrás — Edmund fez uma afirmação andando de um lado para o outro, se certificando de que a plateia enfurecida não tivesse pena.

O homem estava distorcendo tudo.

— Eu não sabia! — repetiu.

— Seu mentiroso de merda, queria que você tivesse morrido em um dos ataques — Castiel só não avançou para brigar por Margaret segurar seu braço fortemente.

— Eu não sabia — sussurrou João, inutilmente.

— E depois, como ele lhe cortejou, como se “apaixonou” por você? — Edmund sabia que a multidão era religiosa, não iriam aceitar dois homens, nunca.

Só o fato de saberem que sentiram algo de um para com o outro, como homem e mulher já era motivo de desprezo, repulsa, ódio.

— Estava com frio, o corpo dele era extremamente quente, então ele me chamou para se deitar junto dele, para dormir apenas.

Edmund e seus soldados riram alto.

— Quer que eu acredite, que só dormiram, e nada mais?

Era perda de tempo, Edmund o condenaria. Olhou para o povo, seu povo, seus amigos e família. Nenhum deles acreditaria, nenhum deles perceberia o erro horrível que comentem. Ingratos, João não iria chorar ou implorar, não iria dar esse maldito prazer a esses filhos da puta.

— Eu não...eu não dormi com ele, mas adoraria ter dormido! — esbravejou, fazendo todos ficarem chocados. — Estar sentando no pau duro dele me daria mais prazer, do que me deitar com todas as prostitutas nojentas desse maldito vilarejo!

A barulheira do povo foi ensurdecadora. Até Castiel ficara um pouco surpreso.

— Olha só querido amigo, algo comeu sua língua? Pois eu estou sendo julgado por *talvez* ter dormido com um homem, enquanto nosso querido rei não está sofrendo nenhuma retaliação.

Edmund franziu a testa.

— Como? — perguntou o novo rei.

— Você me embebedou na festa para depois me levar para um lugar e me foder sem que ninguém soubesse, ou estou enganado? — sorriu rapidamente de lado.

Edmund ficou sem resposta, até abriu a boca, só que a voz não saiu.

— E não vamos parar só nele, não sei se vocês lembram, mas Margaret disse que tudo bem se todos morressem desde que ela se cassasse comigo, ou estou enganado? — encarou a megera nos olhos, vendo-a se encolher ainda mais atrás de um outro covarde.

Margaret sentiu algumas pessoas cochicharem, encarando-a, lembrando-se dos fatos, condenando-a.

— Meu grande amigo Castiel, não foi você quem disse para entregarmos nossas lindas jovens a eles, para, pelo menos, ter alguma chance de sobreviver?

Castiel arregalou os olhos, e foi a sua vez de sentir os olhares julgadores da multidão. Sentiu na pele como era distorcer suas palavras, não ter a chance de se defender.

— Não esqueceremos também de todos vocês — João disse, enquanto observou toda a atenção a si de novo. — Eu salvei a maioria aqui nessa igreja, no primeiro ataque. Mas eu bem que poderia ter deixado eles acabarem com a vida miserável de vocês, pecadores imundos! Vivem julgando o próximo e detestam serem julgados. Irei me deliciar vendo todas as suas almas imundas queimando no inferno! — gritou essa última parte com seu interior borbulhando com o prazer do espanto na cara das pessoas.

Edmund se aproximou dele, pronto para dar-lhe uma lição, mas não o fez. O encarou, pronto para proferir ofensas, mas também não o fez.

— O que falaram um com o outro? Diga!

— Ele me ofereceu um pacto.

— Um pacto?

— O mesmo que ele ofereceu para Desmond, um pacto de paz que foi quebrado depois, trazendo assim, desgraça ao nosso povo — gritou para todos ouvirem.

Edmund deu-lhe um tapa fazendo o jovem cuspir mais sangue.

— Diga os termos do seu pacto — Edmund exige.

— Ele quer que nos casemos, e prometeu deixar todos vivos. — sorriu, mostrando os dentes sujos de sangue. — Contudo, devo acrescentar que penso em acrescentar um parágrafo extra no meu pacto.

— Que seria?

— Que meu lobisomem mate todos vocês!

O lugar todo foi silenciado, as pessoas conseguiram o que tanto queriam, um modo de sobreviver, e viram a chance no garoto, bastava apenas entregá-lo para o lobisomem sem nenhum arranhão. Algumas pequenas pessoas prefeririam matá-lo, por ele ter trazido muita vergonha por ter sentindo sentimentos impróprios com outro homem.

João sorria com vontade, sem medo do que decidiriam sobre a sua vida. Prometeu a si mesmo que não daria o que eles queriam, bando de vermes imundos e hipócritas. Preocupava-se muito se viviam ou morriam, mas agora não tinha um pinga de sentimentos por nenhum ali, as máscaras começaram a cair de uma por uma no momento que pensavam em matar ou entregar um garoto para a fera.

— Vou prendê-lo até a próxima Lua cheia, o entregaremos ao lobisomem e ficaremos vivos — a voz de Edmund foi alta e grossa, para que ecoasse nos ouvidos das pessoas.

— Prefiro morrer do que ficar vivo a custo de um pecador sodomita! — gritou o pai de João.

Aquilo deixou João muito triste, pois a outra opção era morte na fogueira, não que a opção de se entregar a Jordan fosse melhor, todavia seu próprio pai nem pensou na possibilidade de que pelo menos seu filho poderia ficar vivo.

— Então ainda bem que não é você quem decide! — Vociferou Edmund.

O novo rei já havia decidido entregar o garoto para que o resto pudesse sobreviver. Qualquer discordância não adiantaria de nada, sua decisão era a que importava.

— Escutem — gritou para os murmúrios cessarem. — Já me decidi, ele vem comigo.

Edmund se virou para seus guardas, que seguravam o garoto fortemente, esperando apenas uma ordem para decapitá-lo. Ele acenou a cabeça fazendo seus guardas acenarem de volta e soltarem João.

João colocou as mãos no chão como apoio para cuspir um pouco mais de sangue. Sentia muita ardência nos lugares dos golpes, estava com muita vergonha de levantar seu olhar, mas não teve outra opção ao ver pés reluzentes se aproximarem.

— Levante-se. E não tente nada, ou eu mesmo me encarrego de matá-lo — Edmund disse.

Ele agarrou forte no ombro do pobre garoto e o arrastou para fora junto de si. Antes de dar o primeiro passo igreja afora, Edmund olhou sobre o ombro, frio e com certo tédio.

— Voltem para as suas casas e vivam as suas vidas, me encarregarei dele de agora em diante — encerrou, sendo o primeiro a sair da igreja, sendo seguido por João que andava contra a vontade.

Ainda era de noite, escuro. O clima de morte ainda pairava por toda parte, o vento como sempre, horripilante e frio.

O garoto era carregado para uma casa onde Edmund estava hospedado. Era comum assim como as outras. Madeira da melhor qualidade. Quando entrou foi levado para uma parte de cima onde tinha uma cama arrumada, caiu de bunda lá quando foi abruptamente jogado.

— Vai ficar aqui até a próxima Lua cheia.

João percebeu que não lhe restava mais o que fazer além de esperar o seu destino. Se encostou na parede e encolheu as pernas, olhando para uma pequena janela da onde poderia passar, entretanto a altura era algo fatal. Por isso Edmund deixou alguns guardas na porta, para que ninguém entrasse ou saísse.

Capítulo 12

ESCURIDÃO

Sentado em um canto sozinho, encarando do fundo da sua alma, vendo a noite entrar pela janela. Imaginou o momento em que a próxima Lua cheia se ergueria no céu. Queria compreender o motivo de ter sido logo ele, o objeto de atração de Jordan. Apaixonou-se logo por um garoto, pois até onde se sabe, ele pode ter o dobro de sua idade.

Lembrou-se da única vez de quando o pegou desprevenido, apostava que ele ficara encantado com seu beijo. Queria voltar naquela noite para também ter se banhado no luar ao lado dele, provar cada parte daquele corpo, para então descansar.

Em contrapartida a essa situação toda, quando a Lua cheia estava no céu e ele não era mais um homem, João conseguia ver a mudança física nele, mas era a mesma pessoa por dentro, uma pessoa que não lhe machucaria, e isso era uma verdade ao qual não podia fugir.

De repente um som de grunhido soa, João rapidamente olhou para a janela e vê ali na parede marcas de garras aparecerem, como se alguém estivesse estraçalhando a madeira. Sangue começou a escorrer devagar, e de vermelho a coloração mudou para um preto espesso.

Ele coloca as duas mãos nos ouvidos quando os gritos começaram e choros de mulheres e crianças. Levantou-se para pedir ajuda, mas não conseguia emitir som, então correu para o andar de baixo, mas parou abruptamente ao ver milhares de corpos ensanguentados no chão. Arregalou os olhos, pois era a única coisa que podia fazer. João começou a dar alguns passos para trás até que bate em algo grande e duro, se virando de cara com um lobisomem, que não se parecia nada com Jordan. Sua garganta foi rasgada sem grande esforço, e ele caiu no chão com as duas mãos no pescoço, tentando inutilmente parar o sangramento.

João acordou gritando, já era de manhã. Não soube o exato momento em que dormiu, entretanto, respirou aliviado ao constatar que era tudo apenas um horrível pesadelo.

Acordou com um guarda trazendo comida e uma taça desgastada de água.

— Só isso?

O guarda nada disse, apenas saiu dali. Suas ordens eram apenas entregar a comida e nunca falar com o prisioneiro.

João olhou a comida, era apenas um pedaço de frango, quase nada. Merecia mais do que isso, até para distribuir comida para população ele deu muito mais carne do que

tinha no seu prato. Sem poder reclamar, comeu, e bebeu sua água. Em menos de cinco minutos já terminara, ansiava por um pouco mais de comida, ainda sentia fome desde a noite passada.

Estava triste, muito desolado. Sentia-se abandonado e traído por aqueles que considerava sua família, foi descartado como se fosse um pedaço de lixo. Os julgamentos dessas pessoas foram corrompidos pelo mal, condenavam uma criança inocente, que nada mais fez do que salvar suas vidas inúteis.

O tempo passava lentamente, e João hora caminhava de um lado para o outro, hora fica deitado na cama encarando o teto. Estava ansioso, sem saber o que as pessoas faziam, nem pela janela podia olhar pelo motivo de que sua vista dava apenas para um muro de concreto. Isso o matava por dentro, não saber absolutamente nada do mundo lá fora.

No finalzinho da tarde, o mesmo guarda de antes surgiu de novo apenas para entregar mais um pouco de comida e saiu. João comeu toda de uma vez novamente, ainda morria de fome, e de novo, não havia o suficiente para satisfazer João.

O garoto também notou o clima mais frio do que nos outros dias, precisava de algo para se aquecer, e não tinha nada. Mais alguns minutos e começou a se abraçar, suas pernas tremem, seus dentes fazem barulhos de tanto se chocaram entre si. O vilarejo era seu inferno, nunca imaginou que o inferno fosse muito frio.

Nunca teve tanto frio assim por sempre usar agasalhos ou outras roupas apropriadas para esse tempo, suas vestimentas no momento não eram nada adequadas. Perguntou-se em como seu pai e seus amigos traidores estavam, e logo em seguida se irritou por ainda se preocupar com eles.

A porta se abriu devagar, fazendo um barulho que chegou aos ouvidos de João. Ele caminhou — ainda tremendo — para perto da escada, e vê Edmund o encarando.

— Desça

— Para quê?

— Foi uma ordem, desça!

O homem cruzou os braços, esperando e batucando um dos pés repetidamente no chão. Seu olhar era a de um predador pronto para atacar, uma cobra esperando o momento certo para dá o bote.

— Vamos a algum lugar? — perguntou João, já no andar de baixo.

— Parece estar com um pouco de frio — o olhou de cima a baixo, ignorando a pergunta.

João percebeu que o homem não usava uma armadura, mas sim um agasalho que caia muito bem em seu corpo. Parecia bem... aquecido.

— Me siga, e já disse isso, mas repetirei. Não tente nada.

— Não irei a lugar algum nenhum sem saber de nada.

— Isso não foi um pedido, garoto tolo — agarrou o braço dele e o empurrou de leve em direção à saída.

Saíram, e João depois de quase um dia pôde observar o vilarejo, quase que completamente vazio. As pouquíssimas pessoas à vista o encaravam com nojo e puro desprezo, como se ele fosse um ladrão, estuprador ou assassino. Ele não queria admitir, no entanto aqueles olhares lhe causavam uma sensação de culpa, náuseas. Por pouco não sujou Edmund com seu vômito.

Edmund pegou uma corda com um dos guardas, mandou eles não o seguirem para onde quer que fossem, deu-lhes uma folga. Se aproximou do garoto de maneira séria e calma, uma calma muita assustadora.

— Estenda as mãos!

João não tinha como não obedecer. Estendeu as mãos como ordenado e sentiu as cordas em sua pele. Edmund começou a fazer um nó firme quase impossível de João desfazer sozinho. Enquanto começavam a caminhar, a pele branca dos seus braços começou a ficar um pouco avermelhada, sentiu um leve incômodo também, como se fosse um formigamento muito irritante.

Sua cabeça virava de um lado para o outro, o olhar passando de casa em casa, de mulher... em mulher.

— Onde estão os homens?

— Foram chamar todas as outras pessoas das duas únicas aldeias ainda restantes. Se é que restara alguém vivo.

João não sabia para onde iam, até onde se sabia, estava indo para o caminho de sua morte. Sem mais nada a perder, decidiu esclarecer todas as suas dúvidas.

— Então é verdade, Desmond fez um Pacto há muitos anos atrás? — perguntou com a esperança de que Edmund tagarelasse toda a história.

Ele parou por um segundo para encará-lo. Depois voltou a caminhar.

— Eu ainda era bem pequeno. Não me lembro de quase nada, mas sei que nosso antigo reino estava em guerra com outro. Eu e meu irmão com mais algumas pessoas fugimos, Desmond estava em plena forma aos seus vinte anos. Navegamos por águas misteriosas até chegar nessas terras desconhecidas.

João tinha a sensação de que morreria em breve, muito em breve. Mas que se dane, estava curioso com a história.

— Dias de caminhada nos levaram até esse reino, que descobrimos ser o reino Presas de Lobo. Um lugar desconhecido quase que totalmente por olhos humanos.

João pensou na possibilidade de existir mais criaturas do que os lobisomens, entretanto, nunca saberia, pois sempre permaneceu dentro da aldeia.

— Chegamos à cidade principal somente algum tempo atrás. Pois descobriram nossa existência depois muitos anos já estabelecidos. Entenda, ninguém costumava

pisar nessas terras. No centro da cidade principal havia um castelo com várias casas ao redor, então os guardas nos levaram até o rei...

Que era o pai de Jordan. Pensou João.

— E depois de explicarmos nossa história de guerra sem fim, ele nos propôs um pacto, em que os termos eram: deixar aquele povo em paz, e ficar com um terço das terras ao Sul onde Desmond poderia comandar.

— Então o irmão do senhor nunca foi rei de verdade, apenas comandava o lado Sul, onde se encontrava a maioria dos humanos — disse João, passando os olhos por algumas casas ainda destruídas.

— Digamos que sim. Então viemos para cá e dividimos nossa parte em dois vilarejos, mas Desmond com mais alguns poucos homens sempre viajavam de volta até o nosso antigo reino, para trazer mais pessoas e armamentos.

João engoliu em seco, se preparava para a parte da história em que desencadeou um conflito regado a sangue e morte.

— Então o número de habitantes foi crescendo ao longo de dezoito anos, mais três vilarejos construídos, formando assim cinco. Mas Desmond não ficou satisfeito apenas com isso, ele queria mais, ao contrário de mim que sempre fiquei satisfeito com o que tínhamos.

Edmund tenta não transparecer decepção de um grande erro cometido.

— Ele conseguiu uma reunião com o rei lobisomem, onde num jantar, de alguma forma o matou envenenado. Não sei como isso foi possível, já estávamos na estrada.... No entanto os lobisomens provavam que a informação era verdadeira, viu como nós matam? Sentem muita raiva. E não há raiva sem motivo.

Os olhos de João brilham, arriscou um palpite.

— O primeiro ataque foi numa Lua Cheia.

— E desde então, eles nos atacam em forma de vingança.

João não acreditava que várias vidas humanas foram perdidas pela ganancia de uma pessoa. Ele nem notara que saíram do vilarejo já fazia algum tempo, enquanto caminhavam por entre as árvores.

— Mas eu ainda não entendo. Você pode salvar todo mundo se me entregar, então por que se preparar para uma guerra?

— Não sou idiota. Quem me garante que seu lobisomem honrará o pacto?

João se ofendeu em como ele se referiu a Jordan, mas a pergunta era boa. Edmund não era o rei de verdade pelo que tinha entendido, mas agia e pensava com um.

— Além do mais eu mataria aquele monstro se eu tivesse uma chance.... Moleque!
— gritou ao se virar e não ver o garoto.

João escutou o grito de Edmund ecoando. Aproveitou a distração dele para tentar fugir, pelo menos conseguiu se distanciar significativamente. Sentiu um temor consumir seu corpo ao ouvir passos de galhos se quebrando, o homem estava mais próximo do que imaginava.

Ele tentou voltar para o vilarejo querendo buscar por ajuda, entretanto, mesmo que conseguisse encontrar o caminho de volta, duvidava muito que receberia algum tipo de ajuda. Ainda sim tinha que correr pela sua vida, entretanto o esforço era tremendo para manter as pernas em movimento.

Sabia as situações a serem evitadas nesse tipo de perseguição, todavia, teve de olhar por sobre os ombros e ficar assustado ao ver o sorriso diabólico no rosto de Edmund. Ele se aproximava rápido com a mão no cabo da espada, pronto para sacá-la.

João, em meio à correria, tentou pensar no motivo em que levaria a sua morte. Mas nenhum motivo fez sentido nenhum, seria entregue a Jordan de qualquer maneira, então não imaginou qual poderia ser o motivo oculto do soldado.

O garoto não conseguia respirar direito. Nunca correria tanto na vida, precisava puxar ar para seus pulmões, e isso exigia parar de correr por alguns segundos, o que no momento era impossível.

— Pare agora, não poderá fugir por muito tempo.

Nunca desejou tanto que Jordan surgisse do nada como sempre fazia, e o salvasse. Daria tudo para vê-lo uma última vez, por um segundo que fosse... Tinha de ver o homem mais uma vez, então mesmo não sentindo as pernas direito, não desistiu.

Só parou muito depois, atrás de uma árvore enorme e esperou, rezando com a esperança de Edmund não o encontrar. Tentou respirar o mais devagar e silencioso possível. Não podia dar uma brecha a Edmund, como soldado ele deveria caçar constantemente. Se quisesse uma chance de sobreviver, tinha de ficar quieto.

Começou a escutar um barulho estranho, parecendo ser de passos. Seu corpo ficou tão quente que pôde sentir o suor escorrendo da sua testa até o seu queixo, se transformando em pingos e caindo no chão. Sentia o homem chegar mais perto, lágrimas desciam por seus olhos deixando seu rosto mais quente. Estava com medo, não queria morrer.

Um som agudo de metal soa lentamente, Edmund havia sacado sua espada.

João colocou as duas mãos na boca para nada e nem ninguém ouvir seu choro. Fechou seus olhos, aguardando o desenrolar, até que os sons de passos pararam, e a sensação de alívio tomou conta do seu corpo.

Então tudo para de repente, o único som era a de seu coração batendo fortemente quando sentiu algo metálico e afiado em seu pescoço.

— Daqui você não escapa — Edmund adorou o estado de medo misturado a desespero que o garoto se encontrava. — Levante-se, seu tolo. Não irei te matar e ser

louco o suficiente para acabar condenando todos nós.

João com um pouco de medo abriu os olhos e o encarou, confuso. Edmund não quebraria o pacto, então ainda viveria, pelo menos por enquanto. Então por qual motivo o homem o trouxe até o meio da floresta? Podia até não ser para ceifar o garoto, mas João ainda sim ficou receoso.

Ainda muito desconfiado, levantou-se e seu ato desencadeou um sorriso de aprovação em Edmund. O garoto aproveitou para se aproximar da espada afiada e rapidamente desceu seus punhos presos entre a lâmina, cortando a corda e assim libertando-se.

No segundo em que Edmund tentou entender o acontecido, levou uma cabeçada forte bem na testa, tão forte a ponto de ter dado alguns passos para trás.

João tentou roubar a espada com as mãos sangrando, devia ter se ferido quando se livrou das cordas. Levou um soco forte no rosto e sua boca começou a sangrar rapidamente, devido aos ferimentos do dia anterior não terem sarado totalmente. Edmund aproveitou e chutou fortemente o garoto no peito, ele caiu no chão, seu braço se deslocou quando bateu numa pedra grande, fazendo um estalo, causando uma dor agonizante.

Ele se virou e tentou rastejar para longe.

— Soco...socorro! — sua voz quase não saiu.

— Você é um garoto muito malvado, precisa de uma lição — Edmund se abaixa e coloca o joelho nas costas de João, o impossibilitando de se arrastar. — O lobisomem quer um pacto de casamento com você, então isso quer dizer que irão ter uma lua de mel. Aposto que você nunca fez sexo na vida, e agora, eu tirarei algo daquele monstro que ele não poderá recuperar. Sua virgindade.

João tentou se soltar, se mexendo muito, mas acabou sendo inútil.

— Sabe, já faz alguns anos, mas uma bruxa me vendeu um garotinho chamado Peter. — Edmund fala, enquanto baixa as calças.

João arregalou os olhos, e sua mente voltou no tempo, até a morte da bruxa na fogueira onde ela disse que vendeu um garoto com aquele mesmo nome. Peter.

— Ela achava que eu era mais velho. Aquele menino passou três anos em cativeiro, pois ninguém poderia saber o que eu fazia com ele, ou me matariam na fogueira. Meu amor por ele era verdadeiro, mas o ingrato nunca sentiu o mesmo por mim — tentou segurar as lágrimas que ameaçaram descer. — Um certo dia, quando voltei para casa, o encontrei de pulsos cortados.

João sentiu vontade de chorar por Peter, poderia ter sido qualquer criança. O pobre garoto devia ter se sentido muito solitário, sendo abusado todos os dias, até o dia em que decidiu acabar com tudo de uma vez, dar fim a um sofrimento.

— Seu doente. Rato miserável! — gritou, cuspidando um pouco de sangue.

Edmund controlado por seu desejo doentio por satisfação abaixou as calças do garoto deixando as nádegas brancas expostas. João olhou para a espada, estava do lado da sua mão boa, então a pegou e golpeou o peito de Edmund, fazendo um corte feio, mas não fatal, todavia o suficiente para o fazer cair com as duas mãos no peito.

A sorte foi que o homem não usava armadura no momento.

João pegou a pedra em que deslocou seu braço e com dificuldades, sobe em cima de Edmund. Mesmo com o braço muito dolorido conseguiu com a ajuda de sua raiva, segurar a pedra com as duas mãos.

João agora entendia um dos motivos de Jordan o querer tanto, era por seu lado obscuro. Seu olhar era sombrio, e sem piscar ou hesitar, desceu os braços sem nenhum arrependimento. A parte inferior da pedra rasgou os lábios e quebrou alguns dentes de Edmund.

Edmund tentou gritar, entretanto foi impedido quando sentiu a pedra em sua face mais uma vez, o golpe quebrou o nariz e destruiu uma das laterais do rosto. Sangue espirrou por toda a parte, mas João não parou, nem cogitou por isso. E com uma frieza tamanha continuou golpeando, dessa vez ouviu a mandíbula do homem estalar. O rosto foi se deformando a cada novo golpe, até ficar visivelmente irreconhecível.

Quando constatou que o homem já não mais vivia, largou a pedra e rolou para o lado, aliviado por ter saído da situação sozinho e vivo. Seu braço ainda doía, colocou muita força para movê-lo quando esmagou o rosto de Edmund, só esperava que não tivesse quebrado um osso, lesionado um nervo ou tivesse um vaso rompido.

Preparou-se mentalmente para a dor que estava prestes a sentir, com a mão boa colocou seu braço de volta aos eixos. O estalo fez João gritar de dor, no entanto logo a dor ia diminuindo consideravelmente, até se tornar suportável.

Não soube o motivo, mas com tantas possibilidades do que se pensar, amigos traidores, o vilarejo quase vazio, seu quase estupro, o homem que matou. Pensou em quem seria o novo rei, e riu. A linhagem de Desmond já era, até onde se sabia ele nunca casou ou teve herdeiros, parecia até um pouco solitário.

João observa algumas folhas se soltarem das grandes árvores e voarem pelo céu para depois caírem no chão, bem distante de onde estava.

Cuidadosamente levantou, pondo-se de pé, sem fazer muito movimento no braço dolorido. Começou a andar feito um zumbi, cansado, sujo de terra e com o corpo cheio de dor. Estava em pé apenas pelo seu instinto de sobrevivência, tinha de sair dali o mais rápido possível. O céu claro começava a sumir, os homens do vilarejo já deviam estar retornando, e caso achessem o corpo do novo rei, mesmo que esteja irreconhecível, não demorariam para descobrirem quem era, junto do culpado é claro.

Além disso tudo, não saberia para onde ir, nunca estivera fora do seu lar, nem naquela floresta. O caminho que estava prestes a tomar poderia acabar com sua vida.

Podiam existir criaturas que nunca vira na vida, monstros mais sanguinários do que os lobisomens.

Queria tanto correr, para qualquer lugar, bem longe daquela aldeia e de todos os aldeões. Não conseguia mais confiar em nada e nem em ninguém. Cambaleava de um lado a outro, escorando às vezes nos troncos com sua mão boa.

Sua visão estava tão turva devido ao cansaço, que poderia desabar em qualquer momento. Seu esforço para puxar forças dentro de si era enorme, sua energia se encontrava bem perto de se esgotar completamente. Respirar era algo difícil, parecia que a cada segundo, a cada movimento, causaria seu desmaio.

Não comeu quase nada, dormiu poucas horas, tinha olheiras enormes que deixavam seu aspecto assustador para algumas criancinhas, entretanto, não havia criancinhas, não havia ninguém. Apenas ele, a floresta e o que houvesse na escuridão dela.

Gritou de dor quando sentiu algo perfurar a parte de trás da sua coxa direita. Caiu de joelhos no chão. Tentou se mexer, no entanto, por causa do cansaço seus braços e pernas tremiam, não conseguiu ficar em pé novamente.

Olhou para o objeto que perfurou sua coxa, e arregalou os olhos vendo nitidamente uma faca. De repete sentiu um medo, um medo que sua mente não foi capaz de superar. Também sentia confusão, não conseguia raciocinar direito o que acabara de acontecer.

Capítulo 13

ESPADA

Um vento forte veio do fundo de algumas árvores, varrendo algumas folhas no caminho e chamando a atenção de João para um grupo de pessoas emergindo da escuridão. Eram os homens do vilarejo. Na frente, como se fosse um líder, estava Castiel.

Eles o encontraram, e agora eles o capturariam, e eles o matariam.

Conseguiu ficar em pé com grande dificuldade. Desajeitadamente tentou caminhar rapidamente em meio a tropeços para as árvores próximas, rezando para os homens estarem longe, para ter tempo de fugir e se esconder.

Quando chegou perto de uma árvore sentiu uma leve pontada de dor vinda da orelha esquerda, e ouviu o som da faca que Castiel lançou quando o objeto perfurou o tronco. Adentrou mais a fundo na floresta, a noite surgia lentamente no céu para a vantagem de João. O escuro dificultaria a visão deles.

— Vamos, ele não deve está muito longe — gritou um homem que João não reconheceu. Provavelmente deveria ser um desconhecido de outra aldeia.

— Se separem! O encontraremos mais rápidos assim — falou Castiel, jogando uma faca para cima e para baixo, esperando um momento certo para lançá-la.

João andava silenciosamente para não fazer barulho nos arbustos. Colocou a mão no coração para ouvir batidas rápidas e fortes. Não conseguiria ficar fugindo a todo tempo, logo o cansaço venceria, os homens o achariam.

Parou, estava muito ofegante, não aguentava mais um segundo, tinha de parar. Recostou-se num tronco e suas pernas desabaram. O garoto ficou ali sentado tentando não fazer barulho com sua respiração, e rezando para que ninguém o encontrasse. Não queria morrer, não queria mesmo.

Ouviu passos, estavam perto. Perguntou-se quem seriam os indivíduos na multidão além de Castiel. Será que o próprio pai estaria caçando o filho, ou nem mesmo ele seria tão frio a esse ponto? João sentia náuseas com o fato de estar sendo caçado por seu próprio povo.

Tinha um lago logo a centímetros, e se estendia para muito distante, João não viu o trajeto todo, pois a água fazia uma curva entre rochas, era encoberta por algumas árvores também, e sua visão turva em nada ajudava.

Com cuidado, espiou para ver se tinha alguém próximo. Deu sorte quando viu um homem de costas examinando uns arbustos próximos para ver se o garoto não estava

deitado se escondendo. Fez um esforço para levantar, com cuidado e em silêncio andou até água com uma das mãos segurando o braço dolorido.

Devagar, colocou um pé e tremeu ao sentir o frio imenso, naquele tempo, próximo ao inverno, colocar seu corpo dentro do rio seria suicídio. Mas entre tentar a sorte na água e enfrentar homens armados, preferiu ir na água. Então entrou, mergulhando seu corpo até o peito, pelo menos uma coisa boa, seus pés tocam o fundo, poderia andar sem grandes desafios.

Mantém-se alerta a qualquer movimento vindo da floresta, conseguia se movimentar tranquilamente perto da beira, onde alguém só o poderia notar se chegasse muito perto.

— O verme deve estar por aqui — falou em voz alta um deles.

— Não, acho que ele tomou outro caminho — diz outro.

João não baixou a guarda. Nem escutou a voz de Castiel a nenhum momento, ele poderia estar longe ou muito perto. Por isso todo cuidado era pouco.

Seu andar diminuiu e muito quando o frio começou a aumentar, tomando conta do seu corpo. Era muito forte para uma pessoa aguentar sem um tipo de proteção. Nessas horas o garoto ansiava para Jordan aparecer, algo que não passava de desejo, pelo menos até a Lua cheia.

Andou por um tempo até que decidiu parar quando a floresta ao seu redor ficara silenciosa. Saiu do rio com cuidado para não se machucar mais do que já estava. Não adentrou a floresta, preferiu descansar numa árvore perto do lago, andou e sentou-se colando suas costas no tronco.

Castiel permanecia procurando por ele incansavelmente, mataria aquele traidor filho da mãe sem remorso nenhum no coração. Seguia o rastro de sangue no riacho, apostando que João nem notara o quão grave seus ferimentos eram. Esse erro, e provavelmente o último, o levaria a morte.

— Ele está muito ferido — observou Charles Daniel.

— Não deve estar muito longe.

João estava no seu limite, se mover era impossível, não tinha mais forças, não dava. Seus olhos estavam muito perto de se fecharem, precisava descansar, dormir numa cama quentinha e macia.

Seus olhos se arregalam novamente quando os sons de passos voltaram com tudo.

— Mas que droga, eles já me acharam? — perguntou a si mesmo, baixinho.

Castiel preparou a faca na sua mão para enfiar em João, pois ouviu um movimento discreto nos arbustos perto de uma árvore próxima ao riacho. Só podia ser ele. Aproximou-se como um predador pronto para acabar com sua presa, com passos silenciosos e mortais.

No segundo em que precisava para se virar e ver o alvo, aproveitou e logo fez um movimento para enfiar a faca em João. Contudo, acabou enfiando num tronco, vazio.

Ele não estava lá.

Sua cara transpareceu uma enorme decepção, se virou e começou a voltar pelo mesmo caminho que veio. O erro, foi não ter passado os olhos por outras árvores ao redor, se não teria visto seu alvo a três árvores de distância da que tinha enfiado a faca.

João ficou com a boca na mão a todo momento, piscando várias vezes ao ver o antigo amigo se distanciando cada vez mais. Tirou a mão da boca e soltou um longo suspiro. Sorri, não teve outra reação, Castiel perdeu a chance de encontrá-lo, provavelmente não voltaria ao mesmo lugar duas vezes para procurar.

João encosta sua cabeça no tronco grosso e nada confortável para reconfortar o pescoço.

— Estou a salvo... — precisava dizer, tinha de ouvir alguém falando, mesmo que a voz viesse dele mesmo.

— Quem está a salvo? — diz uma voz, séria e grossa.

O pânico tomou-lhe conta, virou sua cabeça rapidamente para ver um rosto bem próximo ao seu. João arregalou os olhos de susto, embora ele estivesse tão exausto e desorientado, que não tivesse certeza de que a pessoa em sua frente era real, ou só uma ilusão.

— Não é possível!

— Nem preciso mentir, dizendo que não adorei ver em seu rosto o alívio quando pensou que estava a salvo — falou Charles Daniel.

Castiel apareceu atrás do caçador, iria chamá-lo para continuarem procurando, mas parou e estreitou os olhos quando avistou João. Sacou sua faca de novo, sorrindo.

— Quais suas últimas palavras?

As palavras seguintes foram como um golpe na jugular de Castiel, ele desfez o sorriso na hora.

— Eu. Faria. Tudo. De novo.

— MORRA!

João o viu avançar e fechou olhos, imaginando que finalmente o pesadelo acabaria. Enfim poderia ter um pouco de paz quando fosse ao céu, pois o inferno já era na terra e não restaria outro lugar a ir quando partisse. Não sentiu nada, parecia que já estava tão ferido que uma facada nem faria cócegas, franziu o cenho com a possibilidade de Castiel ter errado. Mas ele nunca errava, por isso decidiu ver o que havia acontecido.

— Ele precisa viver para o resto dos humanos nesse reino ainda terem chance de salvação — Charles tinha o cenho franzido.

— Você quer dizer, os humanos que não foram sequestrados pelos monstros.

Charles segurava o punho de Castiel, a faca estava a poucos centímetros do rosto de João, mais um pouquinho e ele daria adeus ao seu tempo na terra. João começara a acreditar naquele instante que fora abençoado por Deus, a morte queria ceifá-lo, mas o garoto sempre escapava de última hora.

— O levaremos conosco, caso a população decida, ele será morto na fogueira — disse Castiel, baixando sua arma. — Está bom para você assim?

— Se por um acaso ele morrer, como irá fazer com os lobisomens?

— Lutaremos até o fim se for preciso.

— Quem disse que você é o líder? — perguntou Charles, um pouco monótono.

— Todos querem matar aquelas feras, e quem melhor para liderar os guerreiros do que aquele que feriu o lobisomem líder — Castiel apontou para si mesmo com um ar de arrogância.

— Boa resposta — Charles desvia seu olhar para o garoto quase morto. — Mas ele matou um deles e ainda conquistou o coração do próprio líder. Ele seria uma vantagem e tanto.

Castiel pensou nisso por um momento, João era mais útil vivo do que morto. Embora também se perguntasse os motivos ocultos daquele caçador, lembrara-se dele informando que fugiria para o mais longe possível dessa guerra silenciosa. E agora está aqui firme, forte e confiante, tentando argumentar para manter João vivo.

— Por que voltou?

— Por que matar seu amigo que acabou com a vida de um lobisomem e salvou várias pessoas?

Castiel franziu o cenho e contorceu o lábio inferior.

— Tenho meus motivos.

— E eu tenho os meus — Charles se levantou olhando para os homens que se aproximavam.

Estavam em um grupo de vinte, contando com Charles e Castiel. A maioria era de outras duas aldeias. Alguns musculosos, com corpos de verdadeiros guerreiros, outros eram magros com uma aparência horrível, pareciam estar passando fome.

— Acharam o moleque? — perguntou um deles.

Charles olhou para João, com olhos fechados e esparramado no chão. Ele havia desmaiado devido à exaustão.

— Esse garotinho matou o rei? — outro homem chegou mais perto, não acreditando que João fosse o responsável pelo corpo de Edmund ter chegado naquele estado.

— Pode apostar que sim — Charles pegou o menino e o colocou no ombro. — Vamos sair daqui, já está escurecendo.

Charles sabia o motivo de todos agora considerarem Castiel o líder. Ele instigava o ódio das pessoas ao extremo, por isso não queriam saber do pacto, nenhum deles queria sobreviver à custo da piedade do lobisomem. Pelo menos os homens queriam se armar e revidar, Castiel planejava impedir que o alfa tivesse tudo, que tivesse aquele a quem mais ansiava e desejava: João.

O caçador tinha de tomar cuidado com esse Castiel, não nega ter ficado impressionado com a habilidade do garoto de nunca errar o alvo. Ainda sim tais habilidades não impediriam Charles de conseguir o que queria, já havia traçado um plano, coitado de quem ousasse interferir.

— Então? Vai matá-lo ou não? — Charles perguntou.

Os dois caminhavam lado a lado na frente do grupo, como se fossem os comandantes.

— O povo do vilarejo decidirá prendê-lo até a próxima Lua cheia, mas aposto que quando souberem que ele matou o rei... — Castiel soltou uma risada maquiavélica — o condenarão em segundos.

— Ainda essa noite?

Castiel coloca a mão no queixo, pensando um pouco. Poderia colocar o traidor num lugar escuro e sozinho até o dia da fogueira. Enquanto isso, ele e os outros homens pensariam numa estratégia para proteger o vilarejo dos invasores.

— Não. Vamos deixar para uma noite antes da Lua cheia.

— Terão que cuidar dos ferimentos dele, senão ele morrerá desse jeito que está.

— Não se preocupe, pedirei a uma mulher que cuide dos ferimentos dele. Além do mais, o quero sofrendo um pouco de solidão nos próximos dias. Ficarão trancando em um lugar escuro e completamente fechado do mundo afora.

Charles não concordava em tratar um prisioneiro daquele jeito, ainda mais quando falavam de um garoto. Mas tentou não se importar muito, afinal, não ligava se aquelas pessoas iriam viver ou morrer. Só estava junto delas para conseguir a única coisa que tinha ido buscar no reino Presas de Lobo, a cabeça do alfa.

Matar o líder dos monstros o faria ganhar muito dinheiro com o corpo do homem fera.

Eles andavam por minutos. Os homens que nunca estiveram naquelas redondezas sentiram medo da floresta desconhecida, poderia ter qualquer tipo de animal perigoso, venenoso ou mortal, pronto para atacar.

Próximos à entrada da aldeia, Margaret aguardava ansiosamente a volta de seu parceiro. Correu depressa quando o avistou, se jogando em seus braços na frente de todos. Não se importava, na realidade, queria que os aldeões testemunhassem seu novo companheiro.

— Fiquei muito preocupada — falou com a voz embargada pelo choro.

— Não devia ficar, eu tinha dito que voltaria bem.

Margaret olhou para o menino no ombro de Charles, sentindo-se um pouco culpada pelo que aconteceu a ele, mas sabia seu proposito desde a sua chegada naquele vilarejo, era se casar para fugir da pobreza de onde veio, e passaria por cima de qualquer situação se fosse preciso.

— A onde irão levá-lo? — ela quis saber

— Para o mesmo lugar que antes.

Castiel fez um sinal com a cabeça para o caçador segui-lo. Andaram até a casa onde João estava antes, abriram a porta e Castiel pediu para os guardas impedirem qualquer pessoa de entrar além dele. Teve receio de que os guardas não obedecessem suas ordens, principalmente vindas de um menino qualquer, entretanto, teve uma grata surpresa quando os soldados ficaram de prontidão, cada um de um lado da enorme porta.

Charles Daniel subiu as escadas logo atrás de Castiel, no andar de cima, o homem depositou o menino em seus ombros na minúscula cama.

— E agora?

— Vamos chamar uma mulher que possa fazer alguns curativos — Castiel já descia as escadas de novo.

— Nenhum dos homens sabe fazer curativos?

— Claro, mas não temos tempo a perder, preciso de todos reunidos para traçarmos um plano.

— Certo chefe! — disse o caçador, usando um tom de ironia.

Os dois desceram. Lá fora Castiel precisava de uma mulher que soubesse cuidar de alguém, bom, todas sabiam já que muitas tiveram filhos. Então não seria muito difícil de encontrar.

— Olá, Castiel.

Ele se virou e logo estendeu o braço para cumprimentar o pai de João.

— Como vai? — Castiel olha para a noiva do homem, bem atrás dele.

— Encontraram meu filho?

— Sim, ele será queimado na fogueira em breve.

— Não gosto disso, mas também me nego a ter um filho pecador, que só me traga desgosto — a raiva era nítida na sua face, mas Castiel apenas percebeu quando o homem apertou forte a mão de sua noiva.

— Preciso dela para cuidar dos ferimentos do seu filho — Castiel apontou discretamente para a jovem.

O homem iria negar, sua desculpa era de que se negava a passar uma noite sozinho, sem a companhia de sua mulher. E isso não era lá verdade, mesmo que sua noiva não

estivesse em sua cama, ele arranjaria outra.

— Não se preocupe, passaremos boa parte da noite bolando alguma estratégia para a próxima Lua cheia.

O pai de João pensou por alguns segundos, até que enfim decidiu ceder a garota.

— Me siga — Castiel saiu andando com Jaqueline em seu encalço.

Ele andava como um líder, ereto e com as mãos para trás, podia não ser o rei, mas tinha plena e total certeza de que comandava. Quem estava em sua frente abria passagem logo que ele se aproximava. Só tomaria muito cuidado com aqueles que desejariam tomar sua posição, principalmente os poucos guardas do rei ainda vivos.

— Sabe tratar os ferimentos de alguém?

Jaqueline ficou meio relutante em falar alguma coisa que o ofendesse, no entanto, decidiu falar assim mesmo.

— Eu...eu cuidava do meu irmãozinho quando ele se machucava.

— Já serve!

Na casa no andar de cima, Castiel trouxe uma bacia com água e alguns panos grossos. A deixou sozinha com João. Depois pretendia voltar para tirá-la de lá para o antigo amigo aproveitar seus momentos sozinhos.

Jaqueline sentou na cama, não muito perto das pernas de João. Esperou para limpá-lo e tentar ajudar de alguma forma depois que ele acordasse. Ela o olhou com muita pena, sujo e com manchas de sangue por toda parte. Pensou nos maus bocados que ele podia ter enfrentado para sobreviver.

A jovem aproveitou para passar o olhar pelo lugar minúsculo, uma janela lacrada para João não pensar em fugir. As paredes tinham a cor de ferrugem, parecia que ninguém limpava o quarto a um bom tempo. Tinha a parte debaixo também, mas não havia quase nada, só um monte de palha.

Enfim chegou à conclusão de que João era um prisioneiro, seria mantido em completa reclusão.

—AAAAAAAAA!

Jaqueline pulou de susto abruptamente da cama quando João acordou gritando, ofegante e muito assustado.

— Onde estou?

— Acharam o senhor... na floresta e o trouxeram para cá — se encolheu na hora que ele a encarou. — Me requisitaram para cuidar dos... seus... ferimentos.

João tentou mexer os braços apenas para sentir uma enorme dor no local onde se feriu. Voltou a deitar as costas na cama, respirou calma e longamente, com esperanças da dor agonizante passar.

— Fique calmo — ela se move rápido para perto da bacia.

Pousou uma de suas mãos delicadas na testa dele para ver sua temperatura, não estava com febre, mas ainda parecia quase morto. Tocou no seu braço com cuidado, depois rasgou o pano e enrolou no braço, em seguida deu um jeito de colocar no pescoço para sustentar o peso.

— Não mexa muito seu braço. Irá ficar bom daqui alguns dias.

João olhou abismado para ela. Muitas pessoas o queriam morto, com exceção de alguns, o que era o caso daquela garota. Era difícil de acreditar na possibilidade da mulher de seu pai ser a única querendo ajudar. Parecia bom demais para ser verdade, então João rapidamente levantou e ficou atrás dela, segurando fortemente aquele pescoço com sua mão boa.

Jaqueline gemeu assustada, temendo por sua vida.

— Quem mandou você?

— Argh...seu...seu amigo — ela fechou os olhos, buscando por ar.

— Castiel? Ele não é meu amigo. Nunca foi.

Jaqueline tentou se soltar, mas acabou piorando o aperto em seu pescoço.

— Só vim lhe ajudar, eu juro — sussurrou, revirando os olhos sem ar.

Iria morrer, jovem e casada com um homem ao qual nunca quis, apenas por ter tentando ajudar um garoto da mesma idade.

João ainda desconfiando, a soltou.

Jaqueline caiu de joelhos no chão, seu pescoço queimava, puxava o quanto de oxigênio conseguia. Pensou realmente que aqueles eram seus últimos segundos com vida, ficou aliviada por estar redondamente enganada.

Viu os pés de João em movimento quando ele decidiu se sentar na cama. Com dificuldade ela levantou e o fitou de longe, assustada, horrorizada demais para dizer qualquer palavra. Ainda não parou de respirar rapidamente, e como poderia? Estava digerindo o fato de ter que ficar no mesmo lugar com quem acabou de tentar lhe matar.

— Ainda não confio em você — João disse, deitando em seguida. Ainda se sentia muito cansado.

— E não precisa, só me deixe limpá-lo.

Jaqueline pegou mais um pano e mergulhou na água, depois espremeu um pouco. Logo se aproximou da cama com bastante cautela.

— Tente tirar suas preocupações, não irei fazer nada — disse João.

Ela se aproximou e esfregou o pano primeiro no braço ferido, limpado o pouco de sangue na pele branca. Sentiu ele se contorcer um pouco, nada muito alarmante.

— Preciso que levante e retire a parte de cima da roupa.

João retirou sua camisa deixando seu peito à mostra. Tinha sangue no peitoral também, não tanto, mas ele mesmo limparia se estivesse em boa forma.

Jaqueline passou o pano no dorso, e devagar foi descendo através das costas até parar na cintura.

— Meu pai lhe trata bem? — perguntou sem a olhar diretamente.

Ela parou por segundos, com olhar parado no abdômen dele, pensando em uma resposta. Teve a leve impressão de que não devia falar nada a ele.

— Sim — tentou dizer com veracidade. Entretanto, pela contração rápida do abdômen dele, João pareceu não ter acreditado.

— Pode falar a verdade.

Jaqueline enquanto limpava, decidia se era uma boa opção de passar o tempo falando com ele ou apenas continuava o que foi ordenada a fazer.

— Não sei como dizer. Ele me trata bem.

— Ele por um acaso lhe forçou a fazer algo que não queria?

— Eu... — tinha de aprender a manter a boca fechada.

— Pode falar. Só estamos nós dois aqui.

— Na noite de núpcias, eu não queria fazer nada. Mas eu precisava, para consumir o casamento.

João apertou os dedos na própria pele, ultimamente sentia muito ódio daquelas pessoas. Sentiu ainda mais raiva dos pais de Jacqueline, por serem convenientes com esses abusos. Seu pai deveria ter sido homem o suficiente e se recusado a casar, mas para ele só importava o que uma mulher tinha entre as pernas, não importando a idade. Sentia nojo do homem, ânsia por ele ser seu pai.

— Casamentos não deveriam ser assim.

— Mas é, temos de nos contentar. A população está diminuindo cada vez mais, por isso esses casamentos arranjados são necessários.

João ficou um pouco assustado do jeito que Jacqueline se impôs, parecia ter se conformado com sua situação, ou estava num estado de negação. Se pudesse ajudá-la pelo menos, todavia, não conseguia nem cuidar de si mesmo quem dirá de outras pessoas.

— Hora de ir! — gritou Castiel, ele subia as escadas para ver João.

Jaqueline observou Castiel colocando os pés no andar de cima e caminhando até João. Ela então soltou o pano perto da bacia e saiu de lá apressada, deixando os dois garotos que se encaravam a sós.

— Está se sentindo melhor? — Castiel finge uma preocupação que não passara despercebida.

— Como se meu estado importasse a você.

Castiel sorriu em resposta.

— Eu comando o povo agora.

— Por enquanto.

— O que quer dizer? — ainda mantém seu sorriso de vitória.

— Você ainda é um garoto, quanto tempo acha que vai ficar no poder? No primeiro erro que cometer, e acredite, você vai. Estará na merda.

— Não mais na merda do que você, João — desfez o sorriso e franziu o cenho. — Como pôde ter traído seu povo assim?

— Como pode ser tão ingrato assim?

— Desculpe?

— Nem perderei mais meu tempo tentando explicar que quase perdi a vida tentando salvar as pessoas desse lugar imundo.

Castiel soltou uma risada gutural, para ele, os argumentos de João não passavam de desculpas esfarrapadas. Iria morrer e nunca admitiria seus pecados.

— Você foi julgado na igreja, teria de ficar vivo para o suposto pacto, mas matou o rei, e isso é inadmissível.

— Aquele homem nojento tentou me estuprar — gritou.

— Ainda mentindo — Castiel coloca a mão na testa e balança a cabeça, desacreditado. — Não aprende mesmo.

— Edmund tentou fazer o mesmo a Margaret, estava lá. Você viu — sua voz saiu fraca dessa vez.

Precisava muito de um descanso.

— Se fosse uma mulher eu acreditaria, mas agora, está me dizendo que o nosso rei de pouco tempo, iria cometer um dos piores pecados tentando forçar um homem a se deitar com ele? Isso não passa de baboseira.

— Vá se ferrar!

— Melhor do que isso, passarei esses dias ao lado de Margaret. E você, João, ficará aqui até ser queimado na fogueira — deu uma risada baixa, depois desceu as escadas, e enfim, deixou o prisioneiro sozinho.

João ficou ali deitado, muito cansado, triste, derrotado. A situação em que se encontrava não era uma das melhores, não havia jeito algum de escapar, de fazer nada. Só podia ficar naquela cama se recuperando para que quando saísse, fosse direto para a fogueira encarar sua morte de perto.

...

Na saída da aldeia, Charles e Castiel estavam de frente de um para o outro, numa despedida temporária. Eles já conseguiam sentir a chegada do frio, pelo vento e pelas

folhas caindo em breves intervalos de tempo dos galhos das árvores.

— Preciso sair e ver se acho comida.

— Temos de sobra. Evite se arriscar — Castiel achava uma boa ideia manter um caçador nas redondezas pelo máximo de tempo que conseguisse.

— Desculpe. Gosto de caçar minha própria comida.

— Pretende ir em algum outro lugar? — o garoto queria esclarecer suas desconfianças. Sua confiança no caçador continuava mínima.

— Aonde mais eu iria? As outras aldeias por perto estão desertas. O próximo vilarejo pertence ao povo dos lobos, então não, apenas irei caçar e voltarei para cá logo depois.

Castiel estreitou os olhos, e ficou mais ereto do que o normal. As palavras do caçador pareceram duvidosas, mas não tinha motivo em desconfiar do homem que ajudara na expulsão do lobisomem.

— Até breve.

Charles responde em um aceno de cabeça, antes de se virar e caminhar.

Castiel também decide cuidar de seus afazeres depois de ver o homem desaparecer entre as árvores.

O caçador se arrependeu de não ter pegado um cavalo, encurtaria e muito sua viagem. Pelo menos poderia chegar ao seu destino sem se preocupar em morrer de frio ou fome. Iria e voltaria antes do primeiro floco de neve aparecer, também já havia comido muitas carnes deliciosas antes de partir.

Depois de muito tempo, o Sol estava pondo-se em uma bela visão. Como costumava andar muitas horas viajando de reinos e reinos, seus pés não doíam, tão pouco seu corpo estava cansando.

Continuou em frente até uma casinha minúscula aparecer em seus olhos, estava um pouco distante e mesmo assim sorriu, sabendo que finalmente poderia beber um pouco. Precisava de água ou qualquer outro líquido ingerível.

— Tomara que esteja aí dentro, bruxa! — falou, ainda andando.

Teve a impressão de que quanto mais perto chegava, mais sombrio o lugar parecia. O céu escurece tão rápido ao ponto em que grandes nuvens começam a esconder à lua. Do nada um chuveiro grosso cai, segundos depois, o céu parece produzir um ruído áspero, e um rangido seguido de um trovão rasgando tudo. A chuva começou a ficar mais tensa, uma neblina espessa tomou forma ao redor da casa.

Seus passos passaram a ser ouvidos através de ecos. Chegando na porta, levantou a mão para bater, mas ela abriu sozinha e lentamente com um ruído de fazer os tímpanos estourarem e as orelhas sangrarem dos dois lados.

Dentro, lá no fundo, tinha uma chaminé onde o fogo aceso brilhava forte podendo queimar até a morte quem chegasse muito perto. Nas proximidades da casa era impossível ver algo naquele tom preto forte, poderia ser confundível a um local abandonado.

Charles entrou sentindo arrepios de leve. Por fora estava tranquilo, no entanto em seus pensamentos o lugar nunca deixava de ser sinistro, mesmo que não fosse sua primeira vez na moradia. Tomou um susto e evitou se mover muito ao escutar a porta atrás de si fechar num baque estrondoso, o fogo evaporou pela saída da chaminé numa fumaça, deixando o caçador desprotegido no escuro.

— Bem-vindo, caçador — uma voz sinistra soou.

De repente uma vela numa mesa desgastada ascendeu, e mais quatro depois dessa. Iluminando o lugar com a cor alaranjada do fogo. Uma mulher muito bonita estava na frente da chaminé, seus cabelos eram pretos e sua pele mais linda do que as nádegas de um recém-nascido.

— O que veio fazer aqui?

— Deixe de se fazer de idiota. Vim atrás de uma arma para conseguir deter os lobisomens — Charles falou.

Os olhos castanhos da bruxa se transformaram em um vermelho intenso.

— Nada de armas. Nosso trato foi outro!

— Sim, minha querida. Mas só em você me dizer como consigo minha imortalidade não serve, preciso de mais — Charles cruza os braços e levanta uma sobrancelha. — Gostou do menino que trouxe de um dos vilarejos?

A bruxa revirou os olhos, suas pupilas voltaram a cor normal. Passando a língua nos lábios, lembrou da carne grossa e nutritiva do garoto.

— Ele foi delicioso — sorriu, mostrando seus dentes podres.

— Esse seu feitiço de aparência é muito bom. Esconde o lado negro e podridão do seu rosto e pele — disse, soltando um pouco de veneno nas palavras.

A bruxa riu, uma risada maquiavélica, um hábito comum quando devorava suas crianças.

— Sei disso, afinal. Não achou ruim quando me viu pela primeira vez — ela num piscar de olhos, estava ao lado de Charles, passando os dedos no seu peito coberto.

Ele segurou a mão dela violentamente.

— Foi só uma vez, Elizabeth! — o caçador ficou cansando, desinteressado pelo que vinha a seguir.

— Façamos mais uma vez. E te direi o que quiser — sua voz saiu sedutoramente sexy.

Charles evitaria ter relações com a bruxa de novo. A primeira vez foi apenas para conseguir cumprir seus objetivos. Uma noite que apagaria de sua mente num futuro próximo, teria de convencê-la de outro modo.

O que uma bruxa forte como ela poderia querer?

— Quando conseguir minha imortalidade lhe trarei quantas crianças poder comer — arriscou um acordo.

Elizabeth estreitou os olhos em direção ao caçador, procurando algum indício na sua expressão que indicasse conversa fiada, no entanto, o homem estava bem sério.

— Dez é o número exato.

— Então dez você terá — cruzou os braços, mostrando suas veias do corpo em forma. — Agora me diga, existe uma arma capaz de matar aqueles monstros?

— Existe, mas não mata só a eles. E sim qualquer pessoa por perto. — Elizabeth caminhou até um altarzinho cheio de crânios.

Ela pegou o menor de todos eles, pertencia à menina de um vilarejo próximo. Na primeira vez da visita de Charles Daniel, a garota ainda vivia. A bruxa levantou suas mãos com o crânio, deixando a admiração em lembrar o gosto da pobre criança, quando a ingeriu em pequenos pedaços de carne. Depois num estalar de dedos, o fogo da chaminé ascendeu, dessa vez, mais fraco.

Elizabeth chegou mais perto, com os olhos fechados e falando algumas palavras estranhas e muito inaudíveis para que Charles conseguisse entender. Os olhos da mulher abriram numa cor preta, parecendo ter sido possuída por alguma entidade maligna. As mãos são estendidas para frente, e o crânio em restos de pele começa a levitar, e devagar vai em direção ao fogo, em seguida mergulhou nas chamas que se tornaram escaldantes ao entrar em contato direto com a cabeça, mudando de cor, tornando-se azul.

— Me diga o que está acontecendo! — exigiu o caçador, depois de sacar a besta e apontar em direção as costas de Elizabeth.

— Acalma-se, aproveite também e cale sua boca — ela ordenou numa voz baixa, e ainda sim, em tons ameaçadores.

Charles não acreditou no que seus olhos estavam vendo no exato segundo em que algo saia do fogo. Um objeto, um cabo de uma espada. E seu espanto aumentava no momento que vê a mulher sem nenhuma proteção nas mãos contra queimaduras, tirar a espada enorme e pesada. E ainda por cima levantar a arma como se não fosse nada.

— Ela é linda, não é? — Elizabeth virou-se para andar até o homem, ainda admirando a espada. — A escondi onde ninguém jamais a acharia.

— Magnifica! — o brilho em seu olhar indicava felicidade ao presenciar a arma mais maravilhosa e mortal em toda sua vida.

O pomo era de um dourado seguido de azul claro da bolinha no meio, o cabo cor marrom semelhante ao de madeira não ficara atrás se tratando de estética. A lâmina afiada da cor mais prata do que talheres, chamava muita atenção por sequer ter uma sujeira. Charles acreditou que poderia matar qualquer coisa, caso tivesse posse de uma arma tão poderosa como aquela.

— Tome, precisará disso se quiser se tonar imortal.

Charles pegou a espada estendida com bastante cautela, sorriu em imaginar aquele aço perfurando a pele dos seus oponentes. Também surgiu uma dúvida que fez sua testa franzir, então a encarou, cuidadoso a qualquer armadilha.

— Como essa espada vai me ajudar com o que eu quero? — observou um sorriso formando-se nos lábios de Elizabeth.

— Essa arma não é como as outras, essa é a espada dos demônios.

— E isso significa?

Elizabeth teria de enganá-lo agora. Sim, talvez ele pudesse ser quem estava procurando, um guerreiro forte, destemido. Via isso no seu olhar, querendo matar as feras a todo custo.

— Crave ela no lugar mais santo que encontrar, de qualquer lugar e todas as pessoas ao redor, terão sua proteção. Você as protegerá, caro Charles. Será o herói de todo um reino, só precisará oferecer sua alma por um certo tempo.

Charles ainda não entendia em como isso o ajudava em sua imortalidade e Elizabeth percebendo isso revirou os olhos.

— Preciso do coração do alfa. Os lobisomens não são imunes a velhice, mas o fator de cura deles é digno de aplausos. Preciso daquilo que representa vida.

— Então o coração é o que preciso tirar daquele homem-fera — o caçador sorri imaginando a diversão futura.

— Deixe de tolices. É impossível você vencê-lo, caçador. O garoto, ou garota!

— João?

— Não faço ideia de quem seja — a bruxa diz. — Eu preciso do coração de um lobisomem alfa, ou de uma pessoa ligada a ele fortemente.

— Como um casamento?

— Exatamente isso.

— Mas como sabe se eu não lhe falei nada? — a resposta era óbvia, a bruxa devia ter informantes a par de tudo. — Esqueça, quer que eu espere João consumir o casamento para eu tirar sua vida logo depois.

— Simples, não é? — Elizabeth virou e andou até a chaminé, observando o fogo. — Farei um feitiço com o coração e sangue para lhe tornar imortal.

- Ótimo, mas ainda não acredito que me dará a imortalidade por poucas crianças
- Charles sempre tinha um pé atrás com a bruxa.
- Acredite, será o suficiente. Também tenho meus planos ao qual interessam somente a mim — a mulher o encarou por cima do ombro. — E então?
- Temos um acordo!
- Ótimo, agora saia já daqui.
- Como quiser, madame!

Charles Daniel sai da casa sinistra, educadamente estendeu a mão com intuito de fechar a porta, mas ela se fecha sozinha num baque. O céu não mais rangia trovões e nem mais chovia, o que era de certa maneira bom. Sua caminhada de volta até o vilarejo seria sem grandes problemas.

Elizabeth sorria diante do fogo. Estava perto, muito perto de ressuscitar seu antigo amor e através dele, conseguir muito mais poder.

PARTE 2

OS LOBISOMENS

Capítulo 14

PROBLEMAS

Passou-se mais ou menos dois dias desde que Jordan fugiu do vilarejo e voltou a sua forma humana quando a Lua cheia desapareceu. Seus lobisomens o esperavam num dos vilarejos que dizimou, como combinado antes. Tratando-se de um nato caçador, foi quase que fácil ter de conviver nas matas e florestas nesse meio tempo, caçando animais que pudesse alimentar seu corpo da melhor forma possível. Banhou-se rapidamente no primeiro lago que achou e dormiu embaixo de uma árvore enorme.

Os treinamentos insanos de sobrevivência que seu pai o obrigava a passar foram muito bem usados.

A todo momento enquanto caminhava na floresta — perto da estrada principal — pensava em João, e o quanto os humanos daquele vilarejo adoravam intervir na sua relação com ele. Sempre que ficavam juntos por um tempo algo os separava, isso tinha de parar, estava cansado de perde-lo. Deu até a próxima Lua cheia para ele decidir se queria esses humanos vivos ou não, seria melhor tê-lo de livre e espontânea vontade do que o sequestrar para seu castelo. De qualquer maneira aquele vilarejo morreria, ficariam sem comida, mãos de obras e passariam todo tipo de necessidades, isso se sobrevivessem milagrosamente aos próximos ataques. João teria de ser levado em um momento ou outro. Seria inevitável.

Faltava pouco para chegar no próximo vilarejo, que foi dizimado a uma semana antes de sua alcateia chegar no vilarejo de João. Seus lobisomens já deviam ter queimado os corpos fedorentos e se livrado de qualquer animal impostor que procurava qualquer carcaça para se alimentar. O Sol desaparecia no céu aos poucos, em breve a noite surgiria para deixar a floresta mais sinistra, tenebrosa. Jordan apressou seus passos, pois negava-se a continuar mais um dia sozinho naquele lugar, sentia falta de um lugar para dormir. Seu corpo precisava de uma cama, confortável e com colchões agradáveis.

Começou a caminhar pela estrada ao sentir cheiro de outros predadores por perto, eles queriam devorar sua carne, e não andavam sozinhos. Teve de fazer muito isso no curto período na floresta, farejar onde estavam os predadores e passar o mais longe possível deles. A estrada também continha seus perigos, se avistasse alguma carroça ou humanos caminhando mergulharia novamente dentro da floresta.

Nesse tempo que passou sozinho, seus pensamentos só lhe mostravam João, como seria se conseguisse tocar nele de novo, como seria se deitar com ele de novo, agarrar

seu corpo, beijar seus lábios.... Foi praticamente uma tortura tê-lo para si só na imaginação, queria mais, ansiava por muito mais.

Jordan viu aos longes, uma cerca muito desgastada e larga que devia rodear o vilarejo por completo, na entrada bem no meio da cerca, havia o portão quase que totalmente destruído. Foi um erro ter atacado aquelas grades, qualquer animal com grande porte poderia entrar. Andando a muito mais tempo que um humano normal aguentaria, suas pernas estavam um pouco doloridas. Um pequeno descanso e a sua habilidade de recuperação trataria do assunto.

Quase atravessando a maldita entrada, tranquilizou-se ainda mais por sentir os cheiros dos integrantes da sua alcateia. Estavam todos vivos, e esperava que bem. Mesmo que fosse casca grossa demais para admitir, sentiu um pouco de saudades. Um lobo sozinho tornava-se uma presa fácil.

Seus irmãos devem ter sentido seu cheiro também, pois Jordan começou a sentir os aromas se entrelaçando, ficando mais fortes e juntos. Estavam se reunindo em um lugar e aguardando sua volta. Um ou dois estariam revoltados, o restante estaria no mínimo preocupado, a conversa iria ser no mínimo interessante.

Sua roupa estava suja de tal maneira que começava a pregar no corpo, seu cabelo brilhoso tinha areia e terra, estava tão imundo que precisava muito de um banho. Um lobisomem sujo fazia os narizes dos outros da sua espécie arderem de nojo. Ao menos estava melhor do que os humanos daquele vilarejo que saiu, pareciam não tomar banho a séculos, um bando de carcaças mortas ambulantes. E, adentrando o lugar sem humanos, veio a bela vista. Sem eles sujando sua visão conseguiu ver o verde lindo do bosque, o vento fresco soprou no seu rosto fazendo-o fechar os olhos, podendo assim, aproveitar o rápido momento.

Passando pelas casas vazias e algumas destruídas, viu Emily recostada numa delas, os braços cruzados juntamente com a cara séria. O aguardava todo esse tempo, Jordan teve de suspirar de cansaço ao vê-la, soube que ouviria poucas e boas da mulher. Aproximou-se dela finalmente, e ela aproximou-se dele.

— Jordan, estávamos ansiosos por sua volta — Soou sua voz, um pouco monótona.
— A alcateia aguardava seu retorno.

Jordan estreitou minimamente o seu olhar.

— Você está bem?

Emily contraiu a testa, descruzou os braços e ficou de frente para Jordan.

— Não finja falsas preocupações. Ficarei bem quando regressamos para aquele vilarejo e matarmos todos que lá vivem.

— Sabe que me preocupo com você. Com todos vocês.

Emily virou-se, vendo mais dois membros da alcateia na entrada de uma casa que continuava inteira. Ela deu de ombros para eles e voltou-se a Jordan, olhando-o com

extremo cansaço. O conhecia a poucos meses, contudo já sabia do seu temperamento e a mania de nunca contar tudo.

— Por qual motivo não vamos agora?

— Emily, falamos disso depois. Preciso tomar banho para tirar toda a sujeira — disse Jordan, passando por ela e ignorando seu pequeno rosnado de afronta.

Apertou a mão de Paul e Charlotte, feliz, recebeu um abraço rápido de ambos. Teve de falar novamente como estava tudo bem, e passando por eles também viu o engraçado Ezequiel comendo o que parecia ser uma carne bem suculenta em cima da mesa. O lobisomem parou de comer, limpou a boca com a mão e sorriu para seu alfa, depois apontou seu dedo indicador na direção da carne.

— Quer um pouco?

— Dessa vez negarei a oferta. Não é apropriado para esse momento.

— Poxa, não sabe o que está perdendo. Demorei um montão de tempo para caçar — o homem voltou a comer, bastante tranquilo.

Jordan respirou antes de continuar, faltava mais um. Esse era o seu mais antigo conhecido, amigo e irmão. O temperamento pior do que de Emily e as palavras mais afiadas do que as dele própria. Caminhou na direção do cheiro até o final de um pequeno corredor, onde no final havia uma porta de madeira com partes pretas de tão queimadas. Para seu desgosto pessoal lembrou do cheiro das pessoas tentando sair do quarto em chamas e não conseguindo, a carne podre estava impregnada no lugar.

Empurrou-a com um dedo só, a porta se abre devagar, emitindo um rangido horrível para seus ouvidos. Estava tão acostumado com sua aparência combinada a expressão de raiva que nem se assustou, deitado na cama virou o rosto para Jordan. Ergueu-se e ficou sentado no colchão.

— Mais um dia e teríamos voltado para buscá-lo — alertou Fury, dando de ombros. — E quem é ele?

— Desculpe?

— Você não perde tempo quando o assunto se trata de matar e aniquilar seus inimigos, a menos é claro que tenha algum juvenzinho envolvido — Fury cruzou os braços, e foi difícil saber se estava rindo ou não por causa das cicatrizes. — O nome dele, posso saber?

— Não há ninguém.

Fury cheirou o ar, tentando captar algum cheiro forte no corpo do alfa. Falhou miseravelmente, pois Jordan se banhara no primeiro lago que achara. Assim ninguém reconheceria João pelo cheiro se por um acaso voltassem para matar o vilarejo. O homem de Jordan deu de ombros e ficou de pé, um suspiro rápido escapuliu de seus lábios.

— Emily quer voltar ao vilarejo, você sabe o motivo. E nós também queremos vinga-lo — falou Fury, sério.

Lobisomens com sede de vingança eram difíceis de manter na linha, Jordan pôs as mãos nos cabelos, tentando não surtar. Antes de fazer qualquer movimento, pensou no que era agora, um rei. E nunca deveria deixar seus companheiros vê-lo desesperado, então ficou sério e encarou Fury.

— Buscarei uma tina, quero me banhar. Qualquer assunto sem a devida resolução será resolvida mais tarde — Jordan sorriu de lado. — Agora, se me der licença...

— Eles ficarão com raiva.

— Que fiquem! — disse Jordan, no seu tom ameaçador. — Terão de aguardar novas ordens.

Jordan teria de lidar com Emily, quando trouxesse João as coisas ficariam muito feias. No entanto, ninguém encostaria nele. A raiva fazia sua cabeça doer só de imaginar qualquer um dos seus lobos tocando num fio sequer do seu garoto. Jordan afastou-se um pouco da saída, Fury baixou a cabeça e saiu do quarto sem falar nada, não adiantaria aconselhar seu alfa, ele estava de olho em alguém, disso tinha certeza.

Dentro daquele quartinho sentia calor desnecessariamente, a roupa suja impulsionava o suor, deixando tudo pior. Fechou a porta e olhou para uma sacola grande no pé da cama escurecida, sorriu. Fury preocupou-se em deixar algumas peças de roupas, Jordan então arrancou as suas próprias, ficando completamente nu e procurou o que vestiria depois do banho gostoso que tomaria.

Do lado de fora, podia ouvir alguns cochichos furiosos da sua alcateia, falavam de si. E de como ele poderia estar comprometido, questionando suas intenções, se estava sendo manipulado por alguém. De nada adiantaria Jordan coloca-los para correr, tinham o direito de questionar, o que não significaria que Jordan deixaria barato depois.

...

Fury parou de caminhar ao chegar na área que Ezequiel acabara de comer sua deliciosa comida, Emily falava de maneira nervosa com Paul e Charlotte. Continuava brava por achar Jordan um completo lesado, queria voltar agora mesmo para o vilarejo, no entanto, desobedecer às ordens do rei poderia lhe trazer consequências graves.

— Ele está fazendo de propósito, acovardou-se. Sim, foi isso. Está com medo de voltar.

Charlotte tentou acalmá-la de todas as formas possíveis.

— Tenha calma minha irmã, estamos todos aflitos com a estranha calma de Jordan — Charlotte tentou leva-la para uma cadeira, Emily tirou o braço dela do seu ombro com agressividade. — Ele pode nos escutar.

— Que escute!

Fury pegou no seu ombro, imaginando que ela se calaria ao olhar para as suas cicatrizes, e foi o que aconteceu. Finalmente pôde guia-la para fora da casa, e fez sinal para que os outros lobisomens o seguissem. Andaram reto pelo caminho de terra, e cinco casas depois, entraram numa sexta. Não havia telhado, nem paredes, só alguns restos de madeira pregados no chão. Pouco sobrara daquela construção. Não importava, só estavam ali no intuito de inibir a audição aguçada do alfa.

— Quero saber o motivo de toda essa caminhada, considerada por mim, altamente desnecessária — disse Ezequiel, com um sorrisinho no rosto.

— Está falando bonito para impressionar quem, seu louco — xingou Paul.

Fury cruzou os braços e olhou para Emily.

— Tudo bem, pode despejar toda a sua raiva agora, ele não poderá escutá-la daqui.

— Está com medo, porra? — indagou Emily.

— Só quero te manter viva, sua idiota incompetente — responde Fury, sem paciência alguma. — Respeitamos suas motivações, mas já estamos cansados de ouvi-las. Então me faça um enorme favor, se não tem mais nada a acrescentar, cale a maldita boca!

Ezequiel ergueu as sobrancelhas, surpreso. Gostava de fazer muitas piadinhas com Fury, no entanto ele parecia mais nervoso que o normal. Na conversa atual tentaria passar o maior tempo sem pronunciar alguma palavra ofensiva.

— Acho que ele está tendo atrações sexuais por alguém do vilarejo — Fury supôs. — Tenho de ter certeza.

— Um humano do Sul? — Emily cuspiu no chão. — Estamos aqui, e provavelmente não mataremos mais por causa de um maldito humano do Sul?

— Não temos certeza — disse Charlotte.

— Mesmo que a matança tenha acabado, tenho certeza de que Jordan lhe dará sua vingança. Já sabe qual é o seu alvo? — perguntou Paul a Emily.

— É obvio que tenho certeza. O problema será voltar até lá, será que voltaremos realmente? — Emily cruzou os braços, acalmando-se aos poucos. — Sairei escondida se for preciso.

Fury franziu o cenho, medido suas palavras.

— Voltaremos, conheço Jordan a mais tempo. Se teve seu coração roubado por alguém, terá de volta-lo para revê-lo — Fury descruzou os braços e suspirou longamente, uma pequena nuvem de fumaça saiu de sua boca. O inverno estava mais próximo do que nunca. — Vamos voltar para nossas casas temporárias, será uma longa noite fria, precisaremos de um mínimo de aquecimento.

— Somos lobisomens — Ezequiel disse.

— Mas não somos imortais, vamos.

Fury foi o primeiro a sair daquela casa, logicamente poderia suportar o frio, no entanto ainda sentiria incômodos. Uma cama apropriada com cobertores apropriados não lhe faria nenhum mal. Ezequiel saiu, na sua casa ainda havia alguns poucos mantimentos que poderia degustar. Emily, mais calma agora, saiu devagar, pensando em muitas formas que completaria sua vingança.

Charlotte olhou para Paul, aproximou-se e colocou o braço dele ao redor do seu corpo. Ele então levantou o queixo dela com a mão livre e a beijou. Um beijo demorado, quente e molhado. Ambos saíram dali juntos, olhando para o céu onde a Lua já surgia, devagar.

— Acha que fizemos certo em entrar nessa alcateia? — Paul a indagou.

— Pergunto-me isso todos os dias.

...

A noite chegara com seu mau agouro, a coruja em cima de um galho crocitava, agitada. E quando percebeu uma cobra prestes a abocanhá-la, curvou-se e bateu suas asas numa fuga desesperada. A cobra, faminta, demorou um pouco para voltar ao chão. Ao ter êxito sentiu uma enorme onda de calor e então foi abocanhada por dentes enormes. Uma das várias criaturas horrendas da floresta.

A tina gigantesca ocupava metade do quarto, a sorte de Jordan foi ter escolhido uma casa bem grande. A água já estava completamente quente, quase fervendo. Teve de esperar um pouquinho na cama enquanto colocava metade dos dedos na água, para saber quando podia entrar. Queria João ali com ele, banhando-o, esfregando-o e limpando-o. Ansiava por ele em todos os momentos calmos que tem e teria durante os dias que viriam.

O toque de seus dedos na água sempre fazia seu corpo se arrepiar, adorava um bom banho, uma pena não ter nenhum escravo para banhá-lo. Sentar na tina, e fechar os olhos enquanto alguém o limpava era uma das melhores sensações que podia existir. Nesse momento onde o prazer habitava o fundo de sua mente, queria voltar ao castelo e fingir que todos os problemas já foram resolvidos.

Infelizmente a vida real tendia a ser de péssimo gosto.

Levantou-se, tirou o único pano que cobria suas partes íntimas. Ergueu a primeira perna e colocou-a dentro da água, devagar, o calor o fez tremer de uma maneira boa. Ao entrar dentro do objeto de madeira ficou submerso até o peito, os braços descansando nas beiras da tina. Balançou a cabeça até ouvir alguns pequenos estalos no pescoço, fechou os olhos cansados, e tentou recostar o tronco de maneira confortável.

Teve tempo de ter muitos pensamentos interessantes, e mais uma vez, sobre João. Sua oferta seria aceita? Sorriu, estava torcendo para que o garoto o aceitasse de

vontade própria. Seria divertido fazê-lo ficar com raiva e vergonha. O desejava tanto que podia voltar assim que terminasse seu banho. Contudo, prometeu vê-lo somente na próxima Lua cheia. O que ele estava fazendo agora? Não sabia, mas Jordan esperava que ele tivesse pensamentos consigo também.

Tratou-se de limpar direitinho, pois sempre que estava dentro da água, tomando seu banho, lembrava-se das histórias de sua mãe. A mulher vivia compartilhando história sobre os outros reinos, num continente chamado Europa, as pessoas tomavam banho uma vez ou duas no ano. Desse modo eram contaminadas por inúmeras doenças, contaminando assim uns aos outros, e andavam fedorentos por todas as partes.

E no seu reino havia humanos, precisava ter cuidado com os do Sul ao qual não conhecia, caso, o que achava impossível, fosse mesmo deixa-lo vivos, teria de cuidar para eles não trazerem nenhuma doença. Teve de suspirar ao sentir-se cansado, só de ter sido bom e ter pensando em salvá-los já imaginava os problemas que os acompanhariam.

Preparou-se para escutar mais reclamações no momento que ouviu a porta da entrada da casa se abrir e passos ecoarem pelo chão de madeira. Abriu os olhos quando a porta do quartinho rangeu. Fury entrara educadamente no minúsculo cômodo. E com dois homens enormes o quarto pareceu encolher ainda mais.

— Veio me limpar?

— De uns tempos para cá você anda muito engraçadinho, Jordan — disse Fury.

— Se fosse outro alfa, você o chamaria pelo termo correto, — Jordan começou a esfregar os ombros —, mas não o obrigarei a isso.

— Há-há-há, seu senso de humor me faz querer morrer — falou Fury de maneira irônica, cruzou os braços e as cicatrizes fizeram sua expressão ficar mais séria do que o normal ao franzir seu cenho. — Precisamos conversar.

Jordan resistiu muito a vontade de revirar os olhos, poderia parecer má educação. Parou de esfregar partes do corpo e voltou a apoiar seus braços nas beiras da tina.

— Tem minha total atenção.

— Quando vamos voltar? Emily está furiosa. De novo.

— E quando ela não está? — indagou Jordan, maneirando a raiva na voz. — A sorte dela é que uma loba forte não se encontra por aí todos os dias, ou já teria a expulsado da minha alcateia.

Jordan as vezes tinha de engolir seu orgulho de rei e pensar no bem da sua alcateia, e tirá-la do grupo os enfraqueceria muito. Emily tinha muita sorte, pois se fosse qualquer outro já teria arrancado sua cabeça e pendurado numa estaca. E também entendia um pouco da raiva dela, perder alguém amado nunca era fácil.

— Por qual motivo tudo isso? Sei que mentiu para mim, Jordan. Há alguém, e me lembrando dos seus gostos recentes, aposto que envolve um garoto.

— Quer parar de tentar me desvendar? É péssimo nisso — Jordan ergueu-se, virou-se para pegar o pano em cima da cama, depois começou a secar seu corpo. — Parece mais preocupado do que a mim sobre esse suposto garoto. Não é da sua conta!

— É da minha conta e do resto da alcateia, pois já teríamos voltado ao vilarejo para terminarmos o trabalho — Fury aproximou dele e colocou a mão no seu ombro no momento que o alfa amarrava o pano na cintura, voltando a cobrir suas partes íntimas. — Não vê, irmão? Quem quer que ele seja, está mexendo com sua mente.

Jordan tirou uma perna molhadas e colocou-a no chão, em seguida fez o mesmo com a outra. Pouco se importando com o que seu lobo pensava a respeito de João, eram suposições desnecessárias. Virou-se e curvou-se para pegar suas roupas caídas no chão.

— Vá dormir, está cansado, conversaremos mais depois.

— Lógico que estou cansando, estou exausto. Dizimamos quase todos os vilarejos sem folga praticamente — exaltou-se Fury. — Acha que vim aqui só para ver esse seu rabo branco?

— Acho que veio aqui como um bom irmão, — Jordan caminhou até Fury e colocou a mão no ombro dele assim como este fizera a um minuto atrás —, me avisar sobre suas preocupações e as do resto da alcateia. Tudo será levado em consideração. Agora. Vá dormir. É uma ordem.

Fury o olhou com uma carranca enorme, as vezes aquele homem podia ser muito infantil e insuportável. Socá-lo até tomar juízo estava fora de questão, uma hora ou outra ele perceberia que sua guarda continuava muito baixa. Antes de fechar a porta, pensou se esse garoto realmente valia à pena para Jordan reconsiderar sua dizimação em massa.

Para o bem do seu líder, era melhor o garoto ser algo especial mesmo.

Jordan esperou os sons dos passos de Fury estarem bem longe para emitir vários rosnados baixinhos, mas graves. Quando trouxesse João para seu lado, inevitavelmente os lobisomens teriam de conhece-lo, tal fato levantaria muitas questões e alguns poderiam não gostar da possibilidade de estar apaixonado por um humano. Nenhum humano ou lobisomem do seu reino veria essa relação com bons olhos, caso ele e João realmente fossem ter um envolvimento amoroso.

Deixando de se lamentar pelos problemas dos outros, pensou no que comeria naquela noite. Muito provavelmente teria de caçar, naquela noite seria muito mais fácil caçar os animais indefesos. Precisava de carne, não comia direito desde sua saída do vilarejo de João. Então sorriu novamente, lembrando-se da comida que o garoto lhe ofereceu. Algo espetacular e que desejaria naquele momento de raiva. Seria tranquilizante, acalmaria seus nervos e encheria sua barriga.

Lembraria de pedir uma refeição a ele depois de leva-lo ao seu castelo e impressioná-lo com o melhor do que há numa sociedade. Nenhum plebeu resistia a

tamanho luxo, o conquistaria fácil. Todos se apaixonavam em pouco tempo, só precisava de poucas palavras para levar qualquer um a sua cama.

Mas, diferente dos outros, pretendia que João ficasse mais do que uma só noite na sua cama.

Capítulo 15

FOGUEIRA

Escuridão total. Faminto, com sono, sem ideia de quanto tempo já passara. João estava em confinamento total, isolado de tudo e todos. Em certo momento, parou de contar os dias e passou a prestar atenção apenas na mudança climática, toda vez que um dos guarda abria a porta para vir deixar um pouco de comida, olhava para fora, seu único meio de saber se era dia ou noite.

Antes do guarda ter saído pela última vez, o ar gélido entrou. O inverno estava muito perto. Podia sentir.

E nada da Lua cheia.

Uma semana devia ter se passado, mas a mente de João não parava de se questionar, imaginar vários motivos para ainda não ter ido de encontro a fogueira. Perguntava-se constantemente sobre a possibilidade de Castiel vir até ele em breve, para finalmente, acabar com esse aprisionamento.

Já fazia tanto tempo que ele quase não se importava mais com aquele tipo de prisão abafada. As paredes estavam sempre frias e úmidas, cheirando a mofo. A luz entrava apenas uma vez por dia, quando a porta era aberta, e por minutos apenas.

A solidão o fazia querer morrer, a se matar, acabar com esse sofrimento de agonia. Tinha dias em que só queria falar com alguém. Em vez disso, em muitos momentos repetia as mesmas memórias em sua mente, mais precisamente na noite com Jordan, onde houve apenas um beijo.

Mais uma vez a porta se abre e João levanta rapidamente para ver um pouco de neve e um raio de luz meio fraco. O guarda com uma travessa na mão já subia a escada, com cuidado para não derrubar nada. João poderia atacá-lo para tentar fugir, entretanto a fome o impedia de fazer um grande esforço. Então ficou sentado na cama esperando, o que podia ser, sua última refeição.

— Tome — ele praticamente jogou o objeto com a comida na cama. — Seu julgamento será hoje à noite — O homem se virou para sair.

— Espera — João engole em seco por um segundo. — Como...como estão as coisas lá fora?

O soldado olha para o garoto por sobre o ombro.

— Estão como sempre, cada um tentando sobreviver.

No momento que o guarda saiu João devorou a coxa de frango, era tão deliciosa, tão apetitosa que quando piscou, acabou. Bebeu o copo de água, o pequeno momento onde refrescou sua garganta foi bastante prazeroso, desta vez a água não estava quente

como antes. Não restando mais nada no copo ou travessa, quase choraminga, se não se matasse, morreria por fome numa situação triste e precária.

Mesmo em seu minuto final, lutaria, tentaria fugir mesmo sem forças por causa da enorme fome e desidratação. Seria difícil fugir com os guardas lhe prendendo enquanto levam-no para a morte, pior ainda seriam as cordas apertadas em seu corpo em chamas, no entanto, ainda resistiria. De alguma forma, tinha de resistir.

Sem nada mais a fazer, a não ser esperar por sua execução. Deitou-se na cama com os poucos pensamentos que teve na vida. Como onde espiava sua mãe fazendo refeições do dia e noite, para aprender a fazer também. Na colheita teve bons momentos com certeza, e a noite do ataque, mais especificamente no quarto cuidando de Jordan, esse em específico, era seu pensamento mais forte, o pensamento que o impedia de querer morrer.

O tempo parecia ter parado, nada de conseguir dormir ou fazer qualquer outra coisa, até porque não havia nada a fazer. Rolou de um lado a outro na cama, irritado com o fato de esperar pela própria morte, mesmo sendo inocente. Se por algum milagre arranjasse provas de que não sabia quem era Jordan quando o salvou, as pessoas mesmo assim não acreditariam, queriam um bode expiatório a qualquer custo.

Nem sabia como ainda vivia com esse frio assolador, seus dentes trincavam e seu corpo tremia a todo momento. As roupas que usava eram insuficientes para esquentar qualquer ser humano, nunca em sua vida sofrera tanto com a temperatura.

— Arghh! — enlouqueceria. Sua paciência estava se esgotando, já ansiava a hora que iria sair dessa casa e ir direto para fogueira.

Seu maior inimigo dentro daquela prisão era o tédio. Nada para fazer, comer ou se entreter, só o nada. Poderia estar triste por as pessoas em quem confiou o terem traído na cara dura, mas sentia apenas pena, elas eram vazias, solitárias ao ponto de prejudicar o outro para ter uma chance de se sentirem bem consigo mesmas.

Bah!

O garoto levantou rápido como se a vida dependesse disso, e talvez dependesse.

Charles Daniel entrou e fechou a porta em seguida. Suas roupas pretas grossas caíam muito bem naquele corpo alto e magro, devia estar aquecido, isso era claro, pois ele não tremia nem um pouco.

Ele chegou ao andar de cima, sério. Como se para variar, trouxesse más notícias. Em um milésimo de segundo, seu ombro se contraiu, e João foi capaz de notar a tensão emanando do homem dentro do casaco de pele.

As dicas se encontravam na testa franzida do rosto dele. Parecendo um pouco desconfortável, segurando-se, definitivamente não queria estar ali. Charles ficou ali por algum tempo, em silêncio total encarando João, esse o encarava de volta, esperando ele falar uma palavra.

— Querem que eu o leve lá para fora, para seus últimos minutos — contraiu o lábio inferior quando terminou de falar.

João olhou para fora pela janelinha e, como sempre, o tempo era uma confusão tamanha, já era noite. Para seu azar, uma noite comum, e não uma com Lua cheia.

De repente engoliu em seco, o desespero passando por sua espinha e se espalhando pelo resto do corpo como uma doença incurável. Lembrou-se de que não queria morrer, mas não havia como escapar, Charles Daniel era um caçador treinado para matar, e, mesmo conseguindo passar por ele, teria de enfrentar mais uns poucos soldados.

Sua mente iluminou uma solução tão clara como o raio de luz invadindo a escuridão. Tentaria um acordo com Charles, ele era de outro reino, estava do lado dos aldeões apenas porque achava que teria vantagem contra os lobisomens.

— Como você pretende matar um lobisomem?

Charles franze o cenho mais uma vez, achava estranha a pergunta, mas decidiu responder.

— Essas feras são uma lenda, se pelo menos eu conseguir matar um na forma transformada, poderia vender a pele e ficar rico.

— Mas, se eu morrer na fogueira, Jordan virá com tudo e irá matar a todos!

Charles cruzou os braços, abriu um sorriso percebendo que João tentaria salvar a própria pele.

— O que propõe?

João tentou parecer calmo, entretanto sua respiração acelerada o denunciava. Hora de esquecer o resto do mundo e se preocupar consigo mesmo, nada de Margaret, Castiel ou até mesmo Charles, esse último seria uma ferramenta, seu meio de fugir, depois se livraria dele o mais depressa que conseguisse.

— O pacto. Mantenha-me vivo até lá, me use e faça uma armadilha para Jordan, em seguida você pode tirar a vida dele. Aposto que a pele deve valer uma fortuna, pense nisso.

Charles teria de admitir, poderia dar certo. Todavia, teria de arruinar uma execução do povo, ir contra várias pessoas não era de seu feitio. Veio para esse reino em busca de riquezas, assim que soube das lendas dos homens lobos, viu ali sua fortuna, se conseguisse capturar um vivo...mas era impossível, o máximo que conseguiria seria um deles morto.

Essas criaturas se negavam a perder uma batalha, lutavam até o seu último suspiro, ou até o último suspiro do alfa. O erro dessas pessoas era se preparar para enfrentar muitas feras, enquanto deviam se preocupar em matar apenas uma, Jordan. Caso conseguissem derrubar o líder primeiro, o mais forte e temível, faria os outros ficarem atordoados, e assim, acabar de vez com o restante.

— Proposta interessante, mas e se por acaso eu não aceitar? — disse, colocando uma mão no queixo, fingindo analisar as palavras proferidas pelo garoto.

— Então seu trabalho será dificultado. Terá mais chances ao meu lado, esqueça essa gente...

— Sua gente.

— Não importa. O que importa é se vai me ajudar a escapar daqui — praticamente implorou. Não lhe restava mais orgulho, apenas o instinto de sobrevivência, e faria qualquer coisa ao seu alcance.

O caçador realmente considerava ajudá-lo. Considerava as chances que tinha com a população, e com João. E João tinha uma vantagem ao qual os outros não tinham. Jordan estava completamente interessado no garoto, provavelmente muito apaixonado. Charles planejava usar esse amor ao seu favor.

Mas mesmo assim tinha de esconder suas intenções de ajudá-lo. Para a sua fuga dar certo ele tinha de achar que iria morrer.

— Não vou ajudar. Irá morrer, sinto muito.

João arregalou os olhos.

— Seu verme, espero que quando Jordan chegue, você seja um dos primeiros a ser esfaqueado.

— Acabou de tentar me convencer a matar esse monstro. Já está torcendo por ele de novo?

— NÃO É DA SUA CONTA!!!

Charles Daniel tentou segurar no braço dele, mas João se afastou rápido, como se o caçador fosse um parasita.

Não acreditava que depois de tudo iria morrer. Apoiou-se na parede, ofegante, o coração pulsando rapidamente, tentando puxar ar aos seus pulmões. É o fim, nenhuma de suas ações agora seria o suficiente para impedir de acontecer.

Segurou nas bordas do couro de Charles, apavorado. Tinha de implorar um pouco mais.

— Por favor...você tem que me tirar daqui!

— Sinto muito. Reze para Jordan vir salvá-lo.

Tentou segurar João mais uma vez, mas o garoto segurou seu punho com força.

— Você não entende — seus olhos quase saltaram para fora da cara, cada parte do corpo tremia muito, aquilo deixava o caçador com arrepios. — Quem garante que você sairá vivo, ou todas essas pessoas?

— Sei me cuidar! — avisou Charles.

— Contra toda uma alcateia? Eu duvido. A única chance de todos sobreviverem é através do pacto, e você poderá ter uma chance de matá-lo.

Charles já ficara cansando com todo aquele discurso. O empurrou de leve em direção à escada, esperava que ele se comportasse a ponto de descer sozinho, não queria ter de empurrá-lo lá para baixo.

Ficando ereto e se negando a deixar as lágrimas quentes rolares pelo rosto. João desceu, degrau por degrau, um caminho a mais para a morte definitiva. Desistira de tentar fugir, sabia que era uma opção impossível.

Andou de cabeça erguida em direção à porta, enquanto o caçador descia as escadas logo atrás dele. E como um sopro raivoso da natureza, a porta se abre sozinha devido ao vento forte e gelado. Seu corpo fica calmo dessa vez, sem tremer ou esboçar uma reação significativa.

A neve cobria um pouco o chão, não tanto, mas indicando o início do inverno. Colocou o primeiro pé do lado de fora, depois o outro, e seguiu andando através da multidão que abria espaço na medida em que João atravessava a rua até a praça, atrás dele havia guardas prontos para impedirem qualquer fuga.

— Sodomita! — gritou um homem.

João parou, mas não olhou em direção da voz. Ficara chocado um pouco, mas logo voltou a andar entre murmúrios da população.

— Pedaco de lixo! — disse uma mulher em alto e bom som.

O garoto se mantém firme sobre os olhares seguidos de xingamentos. Caminhava ao mesmo tempo em que sua alma era torturada por pessoas que um dia conviveu, ninguém merecia sua humilhação.

— Seu fornicador!

João sente algo verde acertar seu rosto e cair bem aos seus pés, rapidamente baixou a cabeça por segundos. Era uma alface fresca, os idiotas desperdiçavam comida bem no inverno, apenas pela a satisfação de verem um garoto sendo desprezado em público. Depois começaram a jogar maçãs, e outros legumes junto de algumas frutas.

— Uma pena o garoto não gostar disso aqui — uma mulher abriu o roupão que lhe cobria, mostrando tudo.

Um guarda a pegou pelo cabelo e a lançou de volta para multidão.

Dobrando uma esquina a praça ficou à vista. Ainda ouvindo palavras de baixo calão a sua pessoa, manteve-se calmo por fora. Foi então que jogaram fezes nas suas costas, o fedor inundou seu nariz e começou a sentir certa ardência.

Um jovem mais ou menos da mesma idade, se aproximou e socou João fazendo seu rosto ficar vermelho. Mais uma vez os guardas afastaram o jovem rebelde, dessa vez usando força bruta. A distração dos guardas fez um homem aproveitar e cuspir no rosto do garoto de forma violenta e nojenta.

João contraiu o rosto, fechou os olhos resistindo em não ceder ao choro. Voltou a ver com clareza só para conseguir continuar em pé andando sem tropeçar. O clima frio

impedia o garoto de ficar um pouco mais calmo, suas articulações doíam a cada mínimo movimento. Ansiava em chegar até a praça, entretanto o lugar parecia estar em outra aldeia devido à demora, ou talvez esteja devagar por causa das pessoas insistentemente atrapalharem o trajeto.

Tentava manter forças para continuar andando a meio desprezo e constantes humilhações, mas alguém chutou uma de suas pernas o fazendo desabar de joelhos. Os soldados, muito ágeis, ficaram em volta dele o protegendo da multidão que se aglomerava em um ponto, queriam aproveitar a vítima caída para descarregarem toda a fúria contida.

— Ande, levante logo — falou um dos soldados.

João não consegue mais ver Charles, devia ter sido engolido pelo amontoado de gente. Fez força para tentar conseguir ficar sobre dois pés novamente. Avistou a praça onde bem no meio havia um tronco enorme, enfeitado com vários galhos e juntos de palhas ao redor, o local de sua morte, onde a sua nem tão amada vida teria fim. A situação não podia piorar, e era exatamente um de seus pensamentos depois do ataque na igreja, como daquela vez, a situação está mil vezes pior.

Castiel e Margaret estavam bem no meio da praça, os dois sorrindo e de mãos dadas. João não se arrependia de tê-la salvado de ser violentada, ou ser um bom amigo e ter salvado Castiel, não tinha de sentir remorso por ajudá-los em algum momento, eles é que deveriam se arrepender de condenar uma pessoa inocente.

Margaret se aproximou do antigo amigo, e deu alguns passos para trás no momento que o olhar frio dele caiu sobre ela.

— Pode não parecer, mas meu coração chora por sua sentença — levou a mão até o meio dos seios fartos, e fez uma cara triste, a mesma que pessoas faziam num enterro.

— Mel escorre de sua boca, para esconder o veneno que acaba cuspiendo nos outros — cuspiu as palavras.

Margaret arregalou seus olhos de víbora, fingindo estar surpreendida com a reação. Era grata por ele ter salvado sua vida de Edmund, e ainda mais grata por ele ter sido aquele que fez Castiel e ela se aproximarem nesse meio tempo. No fim daquela sentença daria um jeito de convencer Castiel a fugir do vilarejo até a um lugar que seja totalmente seguro para viverem o resto da vida, juntos com a família que construiriam.

— Então, aqui estamos nós — Castiel andou para perto de João, com os braços atrás das costas e muito ereto, parecendo ser da alta nobreza.

— Infelizmente sim.

— Nunca pensei que acabaríamos assim, de lados opostos. Comigo declarando a morte de um amigo — disse Castiel, acreditando realmente que estava no controle de toda situação.

— Amigo? Um amigo de verdade não declara a morte de outro. Você nunca foi um amigo, mas sim um aproveitador. Acreditou em acusações falsas e para quê? Ter a chance de controlar esse povo idiota.

As pessoas ficaram chocadas com tal declaração, muitos gritavam vários xingamentos, insatisfeitas por terem sido taxadas de imbecis. Clamavam, exigiam a morte do garoto naquele instante.

João ergue a cabeça para o céu acinzentado, sentindo minúsculas bolinhas pousando em seu rosto. Eram flocos de neve. Sua esperança restante de viver se esvaia como fumaça, pois a Lua não se encontrava cheia. A atmosfera ficara mais densa, isso podia ser pelo fato de sua morte eminente o fazê-lo ver tudo ao redor com uma perspectiva diferente.

— Amarrem ele! — Castiel junto de Margaret se afastam, enquanto os homens trabalhavam.

Os soldados calmamente o fizeram ficar ereto no pedaço de tora, ele começa a ser amarrado com cordas enormes e grossas. Passaram um pedaço da corda em volta do tórax, fazendo João colar as costas no pedaço de madeira dura. Ele sentiu uma leve ardência no peito, depois viu a corda passar por seus pés de modo que foi forçado a juntá-los quando deram um nó firme. Um guarda robusto e, pelo que parecia, também muito peludo nos braços e peitos, se aproximou com mais uma corda. Fez João colocar os braços para trás, um de cada lado do tronco fino, depois amarrou dando voltas e voltas em seu nó, João fez uma careta de dor, isso fez o homem achar o suficiente, então se afastou igual aos outros.

Sem ter mais uma saída, apenas observou os olhos julgadores das pessoas que salvou. Alguns ansiosos esperando o momento em que pegaria fogo, poucos tentando não olhar, e muitos sorrindo ao imaginar em pouco tempo uma pessoa agonizando em sofrimento.

— Bom acho que não preciso dizer mais nada. Apenas encham as tochas — Castiel estava com um ar de arrogância insuportável.

Três soldados pegaram suas respectivas tochas. Após algum tempo acenderam todas, e o primeiro a acender a fogueira parou sua tocha bem perto da palha no momento que Margaret segurou sua mão, o impedido.

— Isso está errado! — ela disse.

João franziu o cenho, seu peito estufou devido a surpresa, nem conseguia emitir qualquer som ao ver os olhos arregalados de Castiel e da população. Era muito difícil de acreditar que seria salvo pela pessoa que deu início a essa confusão.

— O fogo se espalhará mais rápido se acenderem em vários lugares — soltou a mão do homem, esperando-o continuar.

João estava certo, ela iria ser uma cobra até o fim.

Os três homens ficaram divididos, um ficou na frente, outro atrás do tronco e o último do lado. Ao mesmo tempo incendiaram a palha, e rápido como uma presa fugindo do predador, o fogo se alastrou.

— Deveríamos fazer uma fogueira mais vezes — uma mulher cochichou no ouvido da amiga.

— Queime no inferno sodomita! — um jovem fez questão de sua voz ser audível a todos.

Queime no inferno sodomita, as pessoas repetiam, com as mãos para o alto, torcendo que o fogo queimasse o pecador.

Havia uma criança perto da fogueira, devia ter por volta de cinco ou seis anos. O garotinho estava com uma mão erguida para fogo, na palma da mão se encontrava um palito onde na ponta tinha uma coxa de frango crua, assando.

João sente os dedos dos pés começando a arder, não conseguia mais impedir de as lágrimas descenderem do rosto, o fogo já era imenso, morreria por inalação de fumaça. Melhor assim do que sentir sua pele arder como o inferno até toda vida se esvaír do seu corpo. Suas tosses pioravam a cada instante em que a fumaça aumentava, deixando-o incapacitado de pronunciar uma palavra sequer.

João estranhou a sensação de seu peito ficar mais leve, ficou chocado assim que constatou o desaparecimento da corda prendendo o tórax, pelo visto as pessoas nem se deram conta. No chão perto dos seus pés, tinha uma flecha perto das palhas em chamas. O garoto perto da morte olhou para os lados, depois para os telhados da casa, e no telhado de um balcão, estava Charles Daniel carregando mais uma flecha na besta.

Foi quando o caçador disparou a flecha que viajou numa velocidade impressionante, tanto que João nem viu o momento exato das cordas em suas mãos afrouxarem. Sem perder tempo, abaixou-se para desatar o nó em seus pés. Totalmente liberto, tentou achar um jeito de atravessar as chamas escaldantes, tão quentes, tão perto de viver, alguns segundos para morrer.

Simplemente pulou numa parte onde o fogo estava fraco, conseguido cair no chão sem queimaduras.

Suas pálpebras se ergueram e baixaram, ainda sem acreditar que escapara de morrer. No início, os sons não fizeram sentido, eram murmúrios de pessoas falando agitadas, espantadas. Tentariam matá-lo de outro jeito, João se recompôs, erguendo-se do chão.

— Peguem-no! — Castiel grita.

João tenta correr para a floresta, mas avista dois homens enormes empatando a saída, virou para trás e viu Castiel junto de mais outros homens, aproximavam-se rápido, estava cercado, o pavor inundado sua face pouco a pouco, procurava um jeito de escapar.

Flechas começaram a acertar o chão duro repetidamente e fez com que a população gritasse, assustada. Começam a correr para todos os lados. João aproveita a deixa e mergulha na multidão desesperada, ganhando tempo até sair do vilarejo, não poderia mais ficar em seu lar, teria de fugir se quisesse ter uma chance de sobreviver.

Correndo em busca de talvez um local bom para se esconder por tempo suficiente até a poeira baixar, encontrou Margaret e os dois se encararam, quando ela iria gritar para os homens ouvirem, João socou a cara dela fazendo-a cair no chão. O povo passava por cima do corpo inconsciente sem rodeios, buscavam suas próprias casas de madeira, queriam se sentir seguros, achavam que as feras de alguma forma tivessem voltado.

João correu em direção a uma casa enorme, chutou a porta e entrou, em seguida empurrou uma mesa média em direção à porta, com a intenção de dificultar a entrada de Castiel.

Afasta-se um pouco da porta para respirar com calma um pouco. Havia sobrevivido à fogueira, graças a Charles Daniel. O garoto começou a rir descontroladamente por sua tamanha sorte de escapar inúmeras vezes da morte, já perdera as contas de quantas foram. Mas ficou atento a qualquer movimento estranho, não podia manter a guarda baixada em nenhum segundo.

CRACK!

A madeira da porta rachou por uma batida forte. Castiel abriu passagem aos poucos com ajuda de um machado muito bem afiado. Quando formou uma fenda pequena, ele colocou o rosto na porta, sorrindo feito um lunático, dias atrás estava caçando um animal, agora caçava uma pessoa. Seus olhos passam pela área possível de sua visão. Não localizou ninguém, jurava ter visto João correr para esses lados.

Calmamente empurrou a porta, tirou a mesa do lugar e começou a vasculhar os cantos.

Seus passos barulhentos ecoam por todos os cômodos da casa silenciosa, deixando o clima o mais assustador possível. O lugar era bonito, provavelmente de uma pessoa rica, ou pelo menos com bastante dinheiro. Havia muitas comidas em cima de uma tábua, esperando alguém prepará-las. Duas camas, desorganizadas, com lençóis jogados e um travesseiro picotado.

Castiel se esforça para não tremer o corpo, tenta aguentar o frio, uma tarefa difícil e altamente impossível. O ar que saía de sua boca se transforma numa espécie de fumaça por causa da temperatura congelante.

Concentra-se um bocado em encontrar seu alvo, no entanto, também precisava vestir uma roupa adequada para suportar o frio, teria de sair dali, mas João poderia escapar. Então não era uma opção.

— Saia da onde estiver, não vai conseguir se esconder por muito tempo! — disse, descendo o machado numa tina de tomar banho partindo-a ao meio.

João não se escondeu lá, então Castiel voltou a procurar.

— Se entregue logo!

João prende a respiração ao máximo, tentando evitar o mínimo de barulho, o que estava sendo difícil, pois Castiel se aproximava mais e mais. Ele consegue ver o os dois pés de Castiel sumindo no cômodo seguinte, sentiu certo alívio, seria a hora perfeita para emergir de debaixo da cama e correr, entretanto, estava receoso, pois o conhecia há muito tempo, claramente era uma armadilha, esperando que João saísse.

A janela fechada com uma portinha de madeira estava mais próxima do que a porta, caso fosse rápido suficiente poderia pular antes que o machado lhe acertasse. Franziu o cenho percebendo que os sons de passos cessaram, e não soube quando.

Castiel era um caçador, João abusava da sorte que sempre esteve ao seu lado só de pensar em correr o risco de morrer, mais uma vez. As pessoas lá foram cessaram de gritar, poderiam já estar em suas casas, escondidas em baixo de suas camas igual a João.

Suor começa a escorrer de sua testa até o queixo para depois pingar no chão de tanta tensão que estava ao observar o cômodo onde Castiel tinha entrado. Fez-se algum tempo e ele não voltou ou emitiu som, então devagar, João se arrastou para fora da cama, procurando evitar fazer barulho. Levantou e atentou-se a qualquer coisa estranha. Curvou as pernas, puxando um pouco de impulso para conseguir atravessar a janela.

Quando correu, rapidamente olhou para a parte da casa onde Castiel se enfiara, o viu parado num canto com o machado levantado no alto, João acelerou ainda mais e Castiel arremessou o machado. João jogou seu corpo com tudo contra a portinha de madeira da janela, destruindo-a e atravessando com sucesso, mas não antes do machado acertar seu ombro esquerdo de raspão. Ao cair no chão sentiu dor e viu muito do seu sangue, colocou sua mão direita no ombro ferido, ligeiramente levantou-se e sentiu mais dor.

Olhou a rua deserta, parecia que estava em um vilarejo fantasma, o vento soprava de modo a causar breves e pequenos redemoinhos frios, o cenário era surreal.

— Achei ele!

João se vira e vê um guarda correndo em sua direção, tentou se virar para correr, mas mais três guardas vinham. Na casa onde conseguiu fugir, Castiel avançava para o machado caído. Virou-se de volta para o lado onde havia apenas um guarda, sem pensar muito correu em direção a ele, a rasteira que deu fez o jovem passar com tudo pelo meio das pernas do homem.

Conseguindo levantar para continuar a correr, dobrou em um celeiro enorme e parou. Procurava um lugar em que pudesse se esconder e ficar seguro. Tinha de ser rápido, o tempo estava esgotando. Viu uma pequena brecha no celeiro, então deitou-se no chão sujo de lama tentando ao máximo entrar no buraco, cortes foram feitos,

entretanto não foram graves. Sua mão vai à boca para evitar um grito devido ao susto de ver um cavalo.

— Onde ele está? — diz um dos soldados.

— Precisamos encontrá-lo logo. Dois de vocês precisam ficar na entrada do vilarejo, para que João não fuja — Castiel fala, já ficara enraivecido pela sorte de merda de João.

Partiria a cabeça dele em dois.

— E o caçador? Não o vi durante a fogueira — um dos homens de outra aldeia achou estranho Charles ter sumido tão de repente.

— O caçador não passa de um traidor, se o encontrarem, acabem com sua vida — Castiel começou a andar, procurando seu alvo principal.

O garoto avista Margaret caída no chão da praça, desacordada. Seu intuito era o de ir ajudá-la, mas caso o fizesse, João poderia aproveitar a deixa e fugir. Droga! Passou seus olhos pela fogueira já apagada, depois para onde João correu, ele dobrara num celeiro próximo. E que se dane, ajudaria Margaret.

Ela sente uma enorme dor de cabeça ao conseguir de volta a visão, estava tudo embaçado no começo, segundos depois começou a enxergar com clareza. Sentiu um peso nas costas, olhou para cima e vê Castiel a encarando com a expressão triste, desolado de preocupação. Partes das costas e a cabeça estavam recostados nos joelhos dele.

— Lembra de como você caiu? — Castiel pergunta, tirando um fio de cabelo do rosto dela.

— João veio em cima de mim, e eu apaguei — Margaret sente um pouco de dor de cabeça ao se esforçar para ficar sentada.

— Partirei o garoto ao meio com esse machado afiado — ele ergue-se para continuar a perseguição, mas Margaret segurou em sua mão o impedindo de prosseguir.

— Não me deixe aqui sozinha, tenho medo.

Castiel baixou-se, ficando de joelhos, a encarou nos olhos. Segurou no queixo dela e num segundo selaram os lábios um no outro. Aquilo passou confiança a Margaret que estava num emocional abalado depois de ter levado um golpe que causou sua inconsciência. Sentia-se segura por algum motivo, não pelo beijo em si, mas sim por Castiel estar tão próximo, a presença dele a fazia suspirar sempre.

— Nada irá acontecer com você — Castiel se questiona mentalmente os motivos de estar disposto a entregar sua vida por uma mulher que conheceu há poucos dias.

— Promete?

Castiel podia se fazer a mesma pergunta, poderia ter várias mulheres, principalmente agora que a maioria procurava um homem para casar. Mas Margaret

era diferente, sua beleza ofuscava a de todas as outras. Mais delicada que uma flor, e muito mais venenosa do que uma cobra, todavia, ele parecia ignorar esse defeito.

Ele era o que ela sempre quis em um homem, forte, bonito, guerreiro. Poderia lhe dar bons filhos. Teria sua família perfeita assim que finalmente conseguisse sair daquele vilarejo dos infernos.

— Prometo lhe defender com minha vida caso for preciso.

— Eu te amo — ela disse.

Castiel sentiu algo embrulhar o estômago. A garota disse o amar? Tão rápido?

Sentiu dúvidas nas palavras acabadas de serem proferidas. Decidiu contestar o que ela disse numa outra hora mais apropriada.

— Vá até minha casa, esconda-se com minha mãe. Fique lá até eu voltar para vocês

— Castiel encarou o celeiro, provavelmente *ele* estava lá.

Virou a cabeça para Margaret, parada feito uma estátua.

— Eu não quero deixá-lo aqui sozinho — ela colocou as mãos no meio do peito, uma palma sobre a outra, quase derramando lágrimas.

— Tem de ir, e tem que ser agora, vá! — apontou em direção a sua moradia.

Sentindo angustia em deixar seu amado sozinho, Margaret colocou forças nos braços e pernas para levantar. Antes de partir, beijou seu amado na bochecha, e movimentando seus pés os mais céleres possíveis, saiu do campo de batalha perigoso. Rezou usando todas as forças de sua fé para que ele permanecesse vivo.

Castiel segurou o machado com ambas as mãos, firme. Tomando muito cuidado avançou devagar em direção as duas portas enormes e desgastadas do celeiro. Fica imóvel quando um som estranho foi emitido, não pareceu ser de algo que acabou de cair no chão ou de uma pessoa chocando-se contra a parede.

Andou mais um pouco, a centímetros de abrir a porta, pôde ouvir claramente o som de antes. Um cavalo relinchando, aparentou estar assustado e com muito medo. De repente a porta abre num baque, João estava montado no cavalo, que passou por cima do seu inimigo. Castiel foi jogado no amontoado de areia do chão daquele celeiro, por pouco sua cabeça foi poupada de ser esmagada.

— Adeus *amigo* de merda! — gritou por sobre o ombro.

Seu garanhão corria rápido em direção à saída. Um soldado correu e parou na frente do cavalo, preparado junto de sua espada, para matar o animal caso fosse preciso.

João fez um movimento para o cavalo parar e dar meia volta. Na sua infância andava muito nesses animais, um velho amigo o ensinava sempre a como domar esses cavalos, infelizmente o homem morrera devido à peste bubônica. Antes de começar a correr o cavalo deu um coice no soldado usando as duas patas traseiras, o homem voou e caiu no chão de pedra, ficando desacordado.

João sorri, mas logo o sorriso some, pois na hora que vira sua cabeça vendo mais perigo, o cavalo relincha.

Castiel erguia-se, furioso. O machado em suas mãos firmes como se estivesse segurando um tesouro perdido, era afiado para tirar uma vida facilmente. Os dois se encararam, e segundos depois, os dois avançaram.

— MORRA! — Castiel golpeou João, no entanto seu alvo acabou sendo a garganta do pobre cavalo, João aproveita e lasca um chute no ombro dele. Os dois acabam indo ao chão quase que ao mesmo tempo.

O cavalo vai parando aos poucos, até cair no chão, esperando a vida se desvincular do corpo em frangalhos.

— Miserável! — Castiel cuspiu um bocadinho de terra.

— Não morrerei para a felicidade de vocês — João mesmo cansado colocou força nos braços e pernas para levantar.

Em pé, com o ombro sangrando. João respira forte, o sangue escorrendo pelo ferimento, passando pelo braço até a palma da mão. Foi apressado de encontro a Castiel, pegou o machado e colocou um pé no peito dele, o prensando no chão. Ergueu o machado, pronto para partir a cabeça daquele verme maldito, mas era isso que João queria que os guardas pensassem.

Eles sacaram a espada e correram para ajudar, deixando a saída completamente livre. João lança o machado que voa girando até acertar a perna coberta de prata de um dos soldados, levando-o a desabar. O outro estava pronto para lutar, mas João o rodeou devagar numa distância considerável, ambos mantendo o olhar um sobre o outro. O soldado o acompanhava, depois escolheu ajudar Castiel e deixar o outro garoto fugir.

— Não o deixe fugir! — Castiel ordenou.

— Cale a boca seu moleque, fomos inúteis em pensar que poderíamos ouvir uma criança — disse o soldado. — Quem manda agora são os homens do rei que sobraram ainda vivos.

Castiel arregalou os olhos, cometeu um erro e se aproveitaram, como João dissera.

— São fracos demais em cuidar de um vilarejo.

— E você mais ainda, agora, fica quieto enquanto lhe examino para ver se encontro algum ferimento grave. Ou posso deixá-lo aqui, o que prefere?

Castiel bufou, rendendo-se. Deixou o homem procurar ferimentos em seu corpo. Devido à adrenalina quase não sentia dor, mas se sofreu um corte profundo, com certeza a dor viria mais tarde.

— Está apenas com cortes superficiais, nada muito grave. Um descanso deve resolver — o soldado disse, depois caminhou até o colega caído, para verificar o mesmo.

Castiel olhou com muita raiva João correndo para a saída, respirou ao mesmo tempo que engolia a raiva enquanto o observava desaparecer na escuridão.

João mergulhou na floresta sem nenhum cuidado, despreparado e desarmado. Sem saber direito onde estava pisando ou para onde iria. Só sabia que tinha de correr, pensou em ir pelo rio como da última vez, mas o frio o mataria sem dúvidas.

Precisava sobreviver de algum jeito. Naquele tempo gelado e mortal, nem havia chances de ter algum animal por perto.

O jovem fica imóvel, recuperando um pouco de ar. Quando seu corpo gelou ao sentir algo quente tocar em seu pescoço, o coração quase para.

— Charles seu miserável, quer me matar de susto? — disse gritando.

— Não esqueça o trato, eu lhe salvei e terá de me ajudar a matar Jordan.

— Não!

— Como?

— Se bem me lembro, eu implorei e você disse não — João sorriu.

— Salvei sua vida inútil!

— E fez de graça, porque não fechamos nenhum acordo — O garoto se afasta, procurando uma distância segura ao ver o caçador sacar sua besta.

— Seu merda! — disparou a primeira flecha, que passou de raspão pela testa de João na hora que o mesmo mergulhou para o lado.

João rastejou-se pela grama alta, abismado e sem conseguir respirar direito. Virou seu rosto em direção a Charles, o homem recarregava a besta. Aproveitando a distração para passar sua mão na terra, pegou um pouco de areia, em seguida lançou na face de Charles.

— Arghh! — ele larga a besta no chão, então usa suas duas mãos para remover a terra.

João tinha duas escolhas naquele segundo, pegar a besta e atirar no caçador, ou aproveitar e fugir, pois mesmo Charles sendo experiente em caçar, nem ele seria louco em arriscar a vida naquela escuridão.

— Espero que fique vivo quando eles matarem o resto desse vilarejo — João ficou de pé. Já encharcado de sujeira e suor, tentando respirar o mais calmamente possível.

— Eu espero ver seu corpo futuramente sem vida quando o inverno passar. — disse Charles, ele piscava os olhos várias vezes, verificando se podia enxergar.

O homem abaixa e pega sua besta, carrega uma flecha e aponta para o local onde João tinha caído. Sentiu uma grande angustia percebendo que não conseguiria matá-lo, o garoto já desaparecera no meio do escuro.

Charles evitaria perder seu precioso tempo indo atrás do moleque, pois a floresta era muito perigosa naquele tempo. Se não morresse de frio, sua vida acabaria quando

encontrasse o perigo mortal da floresta, pois o caminho que tomara o levaria ao próprio inferno, e só Deus podia ajudá-lo a sobreviver.

Agora o caçador teria de se preocupar com outras pessoas, as pessoas que traiu. Precisava permanecer naquele lugar nojento até o alfa, líder dos lobisomens aparecer por lá. Teria de matá-lo, sua única chance seria na próxima Lua cheia, somente. Nunca ficou interessado em vender a pele dele, até porque quando eles morrem, voltam a sua forma humana. Seu motivo era maior do que isso, precisava do coração de Jordan para cumprir seus objetivos, tornar-se o mais forte dos homens e do que qualquer criatura existente.

Sorrindo, Charles Daniel caminhou de volta ao vilarejo...

Capítulo 16

SALIVA

O Sol iluminou o vilarejo onde os lobos estavam dormindo, ao menos três deles, pois os outros três, Fury, Jordan e Paul estavam na floresta. Escondidos em um tronco, na mata e outro num galho. O suor na testa de cada um brilhava, isso sempre acontecia no momento como esse. Tinham de permanecer mais imóveis do que um cadáver ou estragariam tudo. Tinham de avançar no momento exato que a presa estivesse distraída, qualquer movimento errado poderia espantá-la.

O veado macho, grande e com a cabeça baixa, comia calmamente suas folhas da manhã. As vezes erguia a cabeça juntamente com suas orelhas pontudas, esperando ouvir algo, depois voltava a inclinar seu pescoço para continuar se alimentando. As vezes dava pequenos passos para se aproximar ainda mais da sua comida.

Os arbustos na face de Jordan balançaram pela pequena rajada de vento, e, ao dar o sinal, Fury foi o primeiro a sair de trás da árvore, estando perto o bastante pulou em cima do bicho. O veado percebeu tal movimento e pulou para frente, desatando a correr com suas patas finas no momento que voltara ao chão. Fury tentou agarrá-lo, o que foi em vão.

Correndo na direção de Paul, o lobisomem saltou de cima da árvore, pretendendo cair bem em cima da presa. O que também foi um movimento perdido, já que o animalzinho parou e entrou na floresta, passando pela mata. Os dois lobisomens sorriram, finalmente conseguiram carne fresca.

O veado praticamente continuou saltitando na direção de Jordan, tentou parar os movimentos ao ver olhos entre as folhas. Jordan levantou-se num salto e abocanhou o pescoço do bicho, imobilizando-o com seus braços e pernas. Fez as presas crescerem ao máximo que conseguia, perfurando a carne do animal e sufocando-o aos poucos. A presa debateu-se bastante antes dos movimentos pararem completamente, tornando o animal apenas uma carcaça inerte.

Jordan pôde enfim tirar sua boca do amontoado de pelos. Levantou-se e pôs o veado nos ombros, o bicho daquele tamanho serviria para todos da alcateia. Esfregou com as costas da mão o suor na sua testa, finalmente conseguiram agarrar uma presa, pois as últimas três escaparam.

— Finalmente podemos descansar um pouco, e comer — disse Jordan.

Caminhando na direção do vilarejo, parou quando Paul chamou sua atenção.

— Espere, estão ouvindo? — ele perguntou.

— Não escuto absolutamente nada, Paul — Fury tentou dizer... — Agora escuto.

Jordan revirou os olhos ao ouvir o som, para encerrar logo o assunto caminharam na direção do som, que ficava cada vez mais forte a medida que os três homens chegavam mais perto. Passando por inúmeros troncos finalmente puderam ver a origem dos choros inconsoláveis. Eram vários filhotes de veado amontoados uns nos outros. Logo a frente estava o que parecia ser a fêmea e mãe dos filhotes, deitada, com uma das patas ferida.

Paul suspirou, odiava sempre que se deparavam com essa parte.

— Eles vão morrer — avisou para Jordan. — A fêmea está indefesa e matamos o macho.

— O matamos para nós alimentarmos, somente — Fury deixou claro.

— Sei disso — Paul sorriu. — Que foi? Está com medo do protetor da floresta ir atrás de você?

— Deixe de besteiras, é só uma lenda, e nem das nossas terras ela é — Fury rosnou.

Jordan deixou a carcaça do macho no chão, e aproximou-se lentamente da fêmea. Ela — com muito pavor — tentou afasta-se do toque do estranho, principalmente depois de ver o parceiro morto. Sua pata estava tão frágil que seria impossível ela proteger seus filhotes. Então Jordan cuspiu na palma da sua mão, e rapidamente agarrou a pata ferida, bem no corte. Tal movimento fez a fêmea se debater e gemer de dor.

Ao remover sua mão, o ferimento havia desaparecido completamente. A fêmea lambeu o local do ferimento, desacreditada.

— Deu sorte garota, de sermos lobisomens e não humanos — garantiu Jordan.

— Está aí um bom uso de nossa saliva — observou Fury. — Sempre estranhei nossa saliva poder curar ferimentos.

— Dizem que pode até quebrar alguns encantamentos — falou Paul.

— Como isso é possível?

— Devia perguntar a Deusa da Lua — pronunciou Jordan, levantando-se e saindo de perto do animal. Pegou a carcaça de volta e olhou para os dois. — Vamos tomar banho? Tem uma cachoeira aqui perto.

Fury e Paul balançaram a cabeça, concordando.

— Mas não podemos demorar. Preciso escalar esse bicho — disse Fury, caminhando na mesma direção de Jordan.

Paul olhou uma última vez para os animaizinhos, ao menos agora teriam uma chance para sobreviver. A fêmea poderia amamenta-los e caçar quando fosse necessário. Se pudesse escolher, teria deixado o macho vivo, no entanto, tinha de alimentar seus irmãos também. Isso infelizmente era a lei da sobrevivência. Deixou-os ali torcendo pela sua sobrevivência, afinal quanto mais eles crescessem e perpetuassem a espécie, melhor para os predadores.

Os três farejam os arredores para certificar de que não havia nenhum predador por perto. Ainda sim tinham de se apressar, o cheiro do animal morto poderia atrair as criaturas mais temíveis da floresta. Jordan queria os outros três ali com eles, mas Ezequiel negou-se a participar, Charlotte queria faltar naquela caçada e Emily continuava brava com tudo e todos, o seu luto permanecia presente em todas as suas atitudes.

Se Jordan estivesse com a alcateia inteira a primeira caça nunca teria escapado, e teriam poupado muito tempo. Mas isso passara e agora tinham o que comer, e quando Jordan emergiu por entre as árvores, achou o pequeno rio da qual falou. Colocou a carcaça no chão e olhou de relance para seus lobos sorrindo.

Ele tirou toda a sua roupa apressadamente, exibindo seu corpo branco totalmente a céu aberto. Já que estava entre sua alcateia não existia motivos para vergonha. E ele juntou os braços e pernas no momento que pulou na água para um mergulho. Ele nadou até o centro bem devagar, aproveitando a água gelada no corpo, acabando com o calor e em breve, o suor. Jordan virou-se para seus dois companheiros, desmanchou o sorriso franzindo o cenho.

— Não querem mergulhar?

Ambos se entreolharam e Paul foi o próximo a tirar a roupa, estava com nojo do seu suor, precisava daquela água. Exibiu seu corpo negro como uma escultura de gesso romana no meio de uma cidade, em seguida pulou na água sem rodeios. Mergulhou e ficou submerso por alguns segundos antes de voltar a superfície. Ele riu, levantou o braço chamando pelo seu irmão.

Fury jogou as roupas no chão, e assim como seus dois irmãos, mostrou a natureza o seu corpo pardo despido. Numa das poucas vezes na vida, sorriu, correu até a ponta da beirada de terra e pulou num mortal simples. Assim como Paul, ficou alguns segundos submersos, e jurou ter visto alguns peixinhos antes de voltar a superfície.

O som da pequena cachoeira os acalmava, a água caindo do topo não era muita, mas deixava-os animado. Pareciam pequenas crianças que tiveram a permissão dos pais para aprontar, só desejavam que os outros três estivessem ali com eles. A água estava gostosa, Fury até bebeu um pouco para matar sua sede.

— Cuidado Fury, para não ser puxado pela Alamo — Paul o alertou.

Fury revirou os olhos.

— Quem? — Jordan indagou.

— Uma mulher branca de cabelos loiros que costuma atrair os homens com sua beleza e voz, então os devora — comentou o lobo, mergulhou a cabeça na água e depois a trouxe de volta. — Ela vive em lagos esperando suas presas.

— Ela irá perder tempo, a muito tempo que não me atraio por uma mulher — disse Fury, mergulhando na água e ficando mais alguns segundos submersos.

Paul soltou uma risada, aguardou até que Fury voltasse para prosseguir com sua história. Viu na faceta de Jordan que ele não acreditara em nada do que dissera. E quem acreditaria realmente? Não passava de uma lenda urbana, no entanto, adorava deixar seu irmão puto da vida.

— Dizem que ela assume a aparência de algum amor seu, do passado ou presente — falou ao ver Fury retornando.

— Pare com essas baboseiras. Como sabe dessas histórias, afinal?

— Meus descendentes vieram de outras terras, as histórias foram passadas de geração em geração — Ele sorriu, e começou a nadar na direção da cachoeira. — Dizem que ela costuma usar uma espécie de vestido branco — gritou quando ficou longe dos companheiros.

Jordan fechou os olhos e deixou os membros moles para o corpo ficar boiando na água. Foi uma das melhores sensações que já experimentou, ninguém os incomoda no pequeno momento de lazer. Na sua cidade, costumava levar alguns homens para os rios mais majestosos que lá continham, para seduzi-los. Como sentia saudades de casa...da sua cama e de alguém nela para esquentá-la...

— Essas histórias o deixarão biruta — começou a dizer Fury.

— Ele só faz isso para te irritar — balbuciou Jordan. — Não se importe com isso, aproveite o momento.

Seu alfa tinha razão, ficar de cabeça quente por causa das histórias ridículas de Paul era uma completa perda de tempo. Fury nadou em círculos uma vez, exercitando os músculos, depois continuou mergulhando mais outras vezes. Ao conseguir tocar o fundo do lago sorriu, a muito tempo não tinha a liberdade de fazer essas pequenas brincadeirinhas. Sempre seguindo ordens do antigo rei, ao menos agora Jordan não o mantinha preso a correntes.

...

O sol ficou mais quente, depois de muito tempo Ezequiel, Charlotte e Emily acordaram e agora passeavam pela floresta em busca dos seus companheiros. Todos farejavam os rastros deixados por eles, bem como o cheiro de sangue do animal que provavelmente mataram. Emily achava que os desgraçados poderiam ser um pouco mais sutis, estava sendo muito fácil de achá-los. Outros predadores poderiam estar no mesmo caminho...

— Droga Emily, pode ficar menos... sei lá, tensa? — reclamou Ezequiel. — Consigo sentir seu temperamento a quilômetros.

— O problema é só seu. Estamos aqui para encontrar os três lobos idiotas que decidiram passear pela floresta, e não nos preocuparmos com o que você quer.

Charlotte revirou os olhos, tinha de lidar com duas pessoas infantis. Veio tentando acalmar Emily desde que saíram do vilarejo, mas até a mulher estava lhe dando nos

nervos. Só queria um dia em que a alcateia não discutisse ou quisessem se matar. Precisava de uma folga daquele bando de homens e da própria Emily. Ou melhor, queria um momento apenas com Paul, sem precisar ficar se preocupando com suas missões.

Ao escutarem o som de uma cachoeira descobriram o motivo deles estarem demorando tanto, Ezequiel, Charlotte e Emily ficariam por lá também se estivessem nos lugares deles. Saíram da floresta e olharam ao mesmo tempo para a carcaça enorme do animal. Surpreenderam-se por ser um veado de tamanho fora do normal.

Emily soltou pequenas risadas, depois cutucou Charlotte com seu ombro.

— É disso que eu gosto — Emily apontou para a cachoeira, onde debaixo dela, tomando banho estavam Paul, Fury e Jordan, de costas para ela e um do lado do outro. Ela focalizou nas bundas empinadas dos três, uma de cada cor diferente. Passou o olhar com calma, por cada uma delas. Primeiro a de Fury, depois Jordan e por último Paul. — Não tenho uma vista boa dessas a muito tempo.

— Faça-me o favor Emily... — Ezequiel começou a reclamar.

— Se não gosta, não olhe.

Charlotte tentou fingir que não ouviu as palavras da companheira, mas foi cutucada novamente.

— E então, qual prefere? — Emily insistiu.

— A do meu noivo é claro, e pare já com isso.

— Qual é, Charlotte. Não é traição olhar um pouquinho — Emily gargalhou. — Poderia ficar alguns minutos olhando para aquelas paisagens.

Charlotte cruzou os braços virando a cabeça para o lado, no entanto não resistiu e olhou para as nádegas de Paul. Revirou os olhos, estava ficando desvairada igual a Emily. Quando os três homens viraram, Paul acenou para Charlotte, esta ficou morrendo de vergonha quando Emily desatou a rir. Os três agora exibiam seus pênis, flácidos. A loba nunca chegou a se importar com a nudez deles, o problema era sua irmã brincando com a sua cara.

Paul começou a meter as mãos levemente nos seus cabelos, depois esfregou o corpo, lavando tudo que podia. Ao olhar para Charlotte, logo lembrou-se de mais uma história e sorriu.

— Sabe Fury, soube que por aqui há cavernas. Poderíamos encontrar uma górgona.

Fury virou-se, ficando de costas para Paul revirou os olhos.

— E lá vamos nós, mais uma vez.

Jordan riu.

— A conhece? — o alfa indagou.

— Soube de que quando Perseu matou uma das três irmãs górgonas, as outras duas fugiram de suas antigas terras. E vieram parar no nosso reino.

— Deixe de mentiras, a história se passa a séculos atrás. Se existiram, nem devem estar mais vivas — respondeu Fury. — De onde ouviu essas baboseiras?

— Charlotte me contou.

Ezequiel avisou para as duas mulheres que voltaria para o vilarejo em que estavam, com a carcaça do animal. Desse modo poderia fazer o jantar mais cedo, e no momento que a alcateia regressasse já poderiam comer. Normalmente Fury era quem preparava a comida, contudo parecia estar se divertindo muito naquela cachoeira, e Ezequiel não tiraria esse pequeno momento dele. Além do mais, se a carcaça ficasse por mais tempo exposta ao Sol a carne poderia apodrecer.

— Sabe, devíamos aproveitar também — Emily sugeriu.

Charlotte negaria, no entanto. Vê-la tão interessada em ter um pequeno momento de lazer a deixou feliz, por isso que sorriu.

— Eu não vou. Mas você devia aproveitar.

Emily correu na direção do lago e só tirou sua camiseta, havia um pequeno pano que cobria seus seios. Mergulhou na água e quando voltou para a superfície tentou mais uma vez convencer Charlotte a nadar com ela, e mais uma vez a companheira recusou educadamente. Emily não ficou brava, na água estava calma e um pouco alegre. Só queria ter a pessoa que gostava ao seu lado, soltando palavras engraçadas ou reconfortáveis para deixá-la com vergonha ou excitada, para sua tristeza, isso nunca mais seria possível.

Jordan viu Emily perto o suficiente para ouvir qualquer palavra que proferisse, esperou para que ela fosse embora, ou pelo menos de voltasse para a terra. Contudo isso não aconteceu, ela permaneceu ali. Devia ter dito aos seus lobos antes dela chegar, agora arrependia-se bastante.

— Fury, Paul. Amanhã teremos de caçar mais uma vez...um pouco mais longe...

Ambos estranharam, mas nada disseram. Emily continuou nadando de um lado para o outro, num outro momento só ficou boiando. Parecia não ter desconfiado de nada.

— Para onde vamos? — perguntou Fury.

Jordan o olhou de maneira nervosa, então Fury entendeu que tinha a ver com o garoto que supôs ser uma paixão do alfa. E julgando que Emily não pudesse saber...arriscou que talvez Jordan quisesse voltar ao vilarejo. E a loba ficaria furiosa se soubesse que iriam sem ela, isso seria uma baita confusão. Nada falou, se essa era mesmo a decisão de um alfa, teria de acatar somente.

O Sol desaparecia lentamente, estava anoitecendo e a floresta escurecendo, os predadores logo estariam à espreita. Jordan, Fury e Paul já tinham saído de debaixo da cachoeira e estavam em terra, vestindo suas roupas. Emily foi a última a sair da água,

muito inquieta e misteriosa, ainda pensando no que Jordan dissera. Havia algo de errado, mas longe dela questionar o alfa, por isso manteve-se calada ao lado de Charlotte.

Os cinco voltaram juntos para o vilarejo, nenhum animal selvagem ousaria atacá-los quando estivessem num grupo numeroso. Charlotte percebeu o enorme silêncio entre todos, para quebrar o clima ruim perguntou diretamente a Paul:

— Como foi a caçada?

— Foi boa, a não ser pelo fato de que conseguimos pegar uma presa somente na terceira tentativa — tagarelou o lobo. — E Jordan curou a fêmea com sua saliva para que ela pudesse caçar e alimentar seus filhotes.

— Mesmo depois de tantos anos, a parte da saliva ainda me intriga — disse Charlotte. — Será que somos capazes mesmo de quebrar encantamentos?

— Acho que não, com exceção daqueles que precisam de veneno ou que entrem em contato com o corpo do indivíduo. Mas isso é suposição de minha parte — Paul comentou. — E até hoje não sei como nosso povo não avançou nessas descobertas sobre a saliva lupina.

Charlotte não encontraria as respostas naquele lugar e nem com seu noivo ou companheiros, permaneceria com essas dúvidas na cabeça. E no momento nem importava, tinha tantas preocupações que era nelas que devia focar sua mente.

Todos regressaram ao vilarejo no surgir da Lua, e mais uma vez não estava cheia. Viram uma pequena fumaça perto das casas logo na entrada, em seguida veio o cheiro forte da carne assando, deliciosa. Charlotte e Emily apressaram os passos para chegarem primeiro dos que os homens. Nesse momento, que ambas estavam longe, Jordan aproveitou para parar os dois companheiros.

— Amanhã diremos que iremos caçar e sairemos.

— Para onde? — perguntou Paul.

— Ao vilarejo, preciso terminar um acordo que comecei.

— Jordan... — Fury chamou-o pelo primeiro nome de maneira ríspida. — Isso será um erro, Emily arranjará problemas.

— Sei disso. Infelizmente não posso arriscar que ela estrague tudo. Teremos de ir sem ela — Jordan olhou para Charlotte e Emily que já desapareciam de sua vista. — Ela terá Charlotte e Ezequiel para acalmá-la quando seu ataque de fúria começar ao descobrir nosso real destino.

Jordan viu seus dois lobisomens balançando a cabeça em discordância, eles reprovavam com todas as forças o seu plano. Ele próprio se importava muito com a opinião deles, mas ele tinha de se preocupar com João. Tudo tinha de sair perfeito, contava que ele aceitasse de livre e espontânea vontade sua proposta. E caso levasse Emily, o alvoroço que a própria causaria estragaria seus planos.

— Que a Deusa da Lua nos proteja e ajude — sussurrou Paul.

— Principalmente agora — Fury abraçou o próprio corpo.

Enquanto andavam uma rajada fria de vento soprou em seus corpos molhados, fazendo os três temerem de frio. Logo começaram a se arrepender de passarem tanto tempo no lago tomando banho. Um humano normal naquelas condições já teria morrido de hipotermia, dolorosa e lentamente.

Jordan sorriu, já esquentou João uma vez. Seria uma retribuição interessante se o garoto estivesse ali para ajudá-lo a se aquecer. Como sentia saudades...não estava mais aguentando. Tinha de ir busca-lo a qualquer custo, não importando o prazo que deu. Tinha de vê-lo novamente, e amanhã partiria em sua busca pelo garoto. E agradeceu por seus irmãos concordarem em ajuda-lo, mesmo que isso fosse trazer chateações para Emily ou problemas de relacionamento entre Paul e Charlotte.

Sempre poderia contar com a ajuda deles.

Capítulo 17

A BRUXA

Tinha passado quase um dia inteiro fugindo da sua própria gente. Estava exausto e suado, sujo e com muito sono, nem conseguia manter as pálpebras abertas direito. João nem notara que havia entrado numa parte da floresta que, mesmo sendo dia, permanecia no escuro, como se os raios de sol não conseguissem iluminar o lugar silencioso.

Andava fungando, a ponto de cair a qualquer instante, seu corpo implorava por um descanso, uma soneca, mas não podia baixar a guarda. Podia ter pessoas o caçando nesse momento, só esperando para que decidisse descansar, para conseguirem encontrá-lo e o levar de volta. Outro julgamento demorado se iniciaria, João queria a todo custo evitar tal situação horrenda novamente.

Dando um passo lento de cada vez, quase desmaiando, apoia-se no tronco de uma árvore podre, em seguida escorrega suas costas até ficar sentado. Respirava fracamente, não tendo forças nem para manter o fôlego, olhando para cima conseguiu enxergar algumas maçãs, esticou a mão para o alto, querendo alcançar uma delas sem precisar levantar, estava tão bom ficar onde estava.

Deixou o braço cair, e a cabeça tombar, os olhos quase fechavam. Precisava de um descanso apropriado, só um pouquinho, os olhos imploravam para se lacrarem, e foi o que fez. Seu corpo todo tombou para o lado e adormeceu por menos de três minutos, pois um barulho esquisito fez com que despertasse, ainda cansado, o pequeno cochilo não servira de nada.

Voltando a ficar em pé, começou a piscar rapidamente ao notar um líquido vermelho descendo do tronco e galhos da árvore onde dormiu. Parecia ser sangue, aproximou a mão para mais perto do líquido pegajoso, com seu dedo indicador tocou o tronco sentindo aquele fluido molhar sua pele, ficou espantado em constatar que realmente se tratava de sangue.

Começou a dar passos para trás, muito temeroso. Passou seu olhar ao redor, podia ver as outras árvores sangrando, então um grito ecoou por toda aquela área, como se a natureza estivesse gritando de dor, implorando por ajuda.

O garoto teve de tapar os ouvidos quando o som ficou mais estridente, fazendo até mesmo seus ouvidos sangrarem. Saiu correndo dali sem olhar direito por qual caminho seguir, a dor de cabeça foi forte a tal ponto do garoto conseguir superar seu cansaço e correr para o mais longe possível daquele local.

Parou de correr quando o som desapareceu. Sentiu alívio em um primeiro momento, no entanto, segundos depois percebeu que talvez o sono estivesse mexendo com seus

sentidos, fazendo-o ver e ouvir coisas que apenas eram frutos de sua imaginação, realmente pensou na possibilidade de estar ficando louco.

Começou a ficar assustado, sozinho na floresta, exposto a qualquer perigo, seria um atestado de quase morte caso acreditasse na possibilidade de estar louco.

Precisava sair dali, girou e girou, procurando um caminho, não sabendo por onde prosseguir. Todas as rotas eram semelhantes, assombrosas e assustadoras. Tinha de escolher uma e depressa, os gritos estridentes voltavam aos poucos, parecia até que o seguiam.

Olhando mais um pouco percebeu que era difícil escolher com tantas opções, qual poderia lhe levar a um lugar seguro, bem como a decisão errada o levaria a um lugar que encontraria sua morte. A visão começava a ficar estranha, piscava os olhos violentamente, tinha algo de errado. Além dos gritos estarem voltando, uma fumaça negra começava a subir no ar emitidas por plantas.

As plantas daquela parte da floresta eram venenosas, quem respirasse suas toxinas por muito tempo, morreria em questão de minutos. Começou a correr desesperado por qualquer direção sentindo seus pés doerem e seu fôlego mais pesado. Os galhos das árvores secas, que tinham aspecto de mortas, começam a se mexer, um galho tornou-se mole como um tentáculo, mexendo-se de um lado para outro. E acertou João no peito, fazendo-o voltar para onde as toxinas já estavam muito altas.

Caiu no chão sentindo uma enorme dor nas articulações, olhou para trás vendo a fumaça negra chegando mais perto, logo seu corpo foi coberto, teve de prender a respiração. Não conseguiria aguentar ficar muito tempo sem respirar, por isso, mesmo sentindo uma enorme dor em todo mínimo lugar, levantou, e começou a correr rapidamente.

Sem saber qual direção tomava, queria apenas sair da fumaça para poder respirar. Os músculos imploravam para que parasse, por apenas um segundo, só que ele não podia. Estava desesperado, sem sinal algum de que estava perto de sair da fumaça sem fim, continuou correndo.

Tinha que fazer um esforço de desviar de algumas árvores devido à visão turva, seu medo era encontrar um animal perigoso. Podia sentir o barulho dos galhos movimentando-se numa velocidade rápida, tentando alcançar o garoto, prendê-lo para que morresse asfixiado ou por inalação da toxina.

A planta *Andonias* contém uma toxina mortal que causa uma dor agonizante na vítima, e alucinações, a paralisando, a fazendo morrer lentamente. Caso João respirasse por muito tempo dentro daquela fumaça, sua vida estava acabada. Qualquer pessoa que desse valor a vida evitaria aquela parte a todo custo, até os animais evitavam lugares onde essas plantas nasciam e morriam. Muitos já foram ceifados de maneira dolorosa só por aspirar um pouquinho desse odor.

João nunca pensou que poderia morrer nessa floresta, jamais pensou que plantas podiam matar e que árvores tivessem vida a ponto de conseguirem se mexer. Os passos ficam mais lentos, a exaustão estava vencendo, podia sentir que a fumaça estava ficando fraca, mais um pouco e conseguiria sair...

Sentindo como se o peito fosse estourar, começou a andar, ainda com uma mão no nariz e a boca fechada, contendo sua respiração. Seus olhos reviram uma vez, não aguentava, era o fim. João para de repente, caindo no chão e soltando a respiração.

A sua sorte era que o corpo havia caído com a metade de cima para fora da fumaça, enquanto a outra metade permanecia do lado de dentro. Seus sentidos iam voltando aos poucos, sentia-se aliviado por ter escapado mais uma vez, tentou colocar forças nos braços para levantar do chão, no entanto caiu novamente.

Ficaria um pouco deitado até que sua respiração voltasse ao normal, no momento estava acelerada demais. Fez um esforço danado para não acabar adormecendo naquele lugar perigoso, precisava só recuperar um pouco de força. Olhando por sobre suas costas, a fumaça desaparecia lentamente, o que significava mais um alívio para aproveitar. O que ainda lhe dava forças para querer continuar lutando, a arma que usava para ainda querer viver, era Jordan. Parecia que seu tão aguardando encontro com o homem não chegava nunca.

Os ventos gelados sopravam nos seus cabelos desgrehados fazendo com que João pensasse na possibilidade de permanecer deitado no chão, talvez até conseguisse tirar uma soneca. Sabia que se fizesse isso, um animal grande e feroz poderia devorá-lo, por isso tratou de levantar, dando pequenos tapas nas roupas maltrapidas, tirando delas um pouco de terra.

Indo em frente até um lugar meio sombrio. Passou por uma poça de água suja, a todo momento olhando para os lados, certificando-se que não estava sozinho. Franziu o cenho ao notar enormes e espessas raízes espinhosas, grudadas umas nas outras, impedindo um caminho. João tentou olhar as laterais para ver se encontraria algum fim, mas não, os espinhos se estendiam até não ser mais possível vê-los.

Parecia estar encurralado em um lugar muito assustador, um pesadelo que não conseguia ter um fim. Seus neurônios começaram a ferver, estava começando a ficar angustiado, morreria de fome, precisava comer algo pelo menos para enganar o estômago por mais horas. O problema era a comida que parecia não existir ali, nenhuma fruta, nem um animal que pudesse matar, estava perdido e sabia disso.

Não esperava a maldita hora em que encontrasse a estrada, para poder ir até um dos outros vilarejos abandonados, para talvez conseguir uma cama quentinha, dormir um pouquinho sem ficar preocupado em qual caçador apareceria para matá-lo, ou animal perigoso que quisesse devorá-lo. Até mesmo um lobisomem muito bonito querendo levá-lo.

Balançou a cabeça tentando tirar esses últimos pensamentos, tinha de ficar concentrado em sobreviver, o que não pensava que seria algo tão difícil. Parecia que tudo conspirava contra o garoto. Parou de andar ao achar uma saída, tentando recuperar mais um pouco de fôlego, mais uma vez olhou por sobre o ombro, não vendo nenhum perigo, e isso o deixou muito mais tranquilo.

...

Seus pés doíam ao ponto de a pele da parte de baixo ficar descascando a cada passo contínuo. Podia sentir cada batimento acelerado mais que o normal do coração, enviando sangue para todo o corpo como uma luta interna para sobreviver. Seus tendões doloridos o impediam de se locomover direito, de modo que andava devagar, quase parando, quase desistindo, quase morrendo.

Sua sede incontrollável e a dor de cabeça interminável indicavam desidratação. Suas mãos estavam em seus dois rins numa forma desesperada de fazer a dor no lugar ir embora. A visão turva começa a piorar e por algum motivo irreconhecível os membros começam a tremer, os olhos reviram antes dele cair no chão. Cansando, sem forças, quase sem vida e manchado de sangue, respirava ofegante já aceitando o fato de que não conseguiria sair dali sozinho. Assim sendo, morreria sozinho sem ninguém para confortá-lo nesse último suspiro de vida.

As pálpebras o mergulhavam na escuridão aos poucos, tentou mantê-las aberta. E antes de fechar os olhos, viu uma figura se aproximar. Com a visão turva era um pouco difícil de identificar, todavia, pelas curvas e o jeito dos movimentos identificou uma mulher. Bom, João pensou que já estava no além e aquela era senhora dona morte vindo levá-lo para onde quer que seja. Esperava ir para o céu, as inúmeras vidas salvas por sua lealdade e bravura com o seu povo, deveria valer.

A última vista foi a mulher misteriosa chegando mais perto, e levando a mão em direção ao corpo do garoto, mas João nem tinha mais preocupações com o destino de seu ser, pois já se entregara a escuridão solitária e vazia.

...

Abriu os olhos muito sonolentos, a visão embaçada ficava clara aos poucos. João piscou algumas vezes, assustado com o teto desgastado que vê e não as nuvens do céu azul. Olhou para baixo e viu seu corpo reto deitado numa mesa de madeira dura e desconfortável. Sua virilha estava coberta com um pequeno pano, o suficiente para cobrir sua indecência. Levantou, ficando sentando e, por incrível que possa parecer, as dores no corpo, a tontura, ou a dor de cabeça, haviam sumido.

Ao redor havia outras mesas onde em cima tinha uma espécie de carne ao qual João nunca vira na vida. Dobrada em cima de uma cadeira encontrava-se sua calça,

rapidamente saiu da onde estava e pegou sua única peça restante de vestimenta, as partes rasgadas foram costuradas e a sujeira retirada. Estava praticamente nova.

Se vestiu sem baixar a guarda. Sabia que essa paz momentânea sempre o acompanhava junto de uma tragédia em seguida. Observando mais um pouco o lugar, vê uma figura de lobisomem num livro aberto em cima da cama no final da casa, seus membros agora tremem e os olhos transbordam com as lembranças de Jordan, e então um impulso irresistível quase desvairado fez o garoto ir adiante.

Chegando mais perto e vendo claramente que a figura do lobisomem parecia estar lutando com um cavaleiro, a espada do homem era enorme, diferente das que já viu. O texto tinha letras estranhas e juntas não faziam sentido para João, ficou decepcionado em não poder ler um texto de uma língua diferente, mas a história envolta do combate parecia ser bastante interessante.

Virou a página e as figuras mudaram. O cavaleiro estava ajoelhado com a espada cravado no chão em algum lugar com símbolos religiosos, os desenhos indicavam uns riscos amarelos saindo da espada, podendo ser raios de luz representando um imenso poder. O lobisomem estava caído e o desenho pintando no corpo dele, até mesmo no chão, devia ser o sangue derramado. Virando a página mais uma vez, percebeu a figura do cavaleiro transformando-se em algo, num tipo de demônio, a cor alaranjada de trás dele significava o próprio inferno.

João arregalou os olhos, nem precisava ler no final das contas, as imagens diziam tudo. Na folha seguinte, muitas pessoas se uniram para destruir o vilão, vários pereceram enquanto o demônio esfolava as vítimas. A próxima página revelou que um homem, em vez de enfrentar o ser mandado do inferno, juntou forças e retirou a espada do chão, aprisionando o demônio dentro dela e desfazendo todo o caos.

A história conseguiu fisgar a imaginação do garoto de tal modo que ele ansiava em poder ver o grande desfecho, mas quando pôs os dedos na folha, sentiu uma sensação estranha, seu corpo tremeu de repente e então uma voz o assustou:

— Parece já estar em plena e boa forma — sussurrou no ouvido dele, e em seguida fechou o livro de maneira rápida e ignorante.

João deu leves passos para trás, assustado. A mulher o encarava como se ele fosse um pedaço de carne. Ela avançou do mesmo modo que ele recuava. O medo era nítido nas suas feições, mas tentou raciocinar, não fazia sentido ela o ter salvado para matar logo depois. Talvez esteja tão acostumado a ser perseguido que desconfiava do seu próprio discernimento de decidir quem era confiável e quem não era, por isso ninguém era de confiança até provarem o contrário.

— Diga quem você é! — gritou, mais de medo do que raiva.

— É assim que agradece por eu ter salvado sua vida? — ela fez uma cara triste.

— Não pedi que me salvasse — engoliu em seco antes de dizer as palavras. — Onde estou?

— A salvo, por enquanto — a mulher apontou para uma tigela em cima da mesa. — Beba um pouco de água, consegui fazer você beber um pouco quando estava com febre muito alta, precisa se hidratar mais.

João lembra apenas de ter ficado inconsciente na floresta, mas podia ser que estivesse com uma febre forte. Agora parecia bem melhor, os ferimentos já estavam cicatrizando e o sangue em sua pele tinha evaporado como fumaça, estava novo em folha. Só não gostara de ser tocado quando estava inconsciente, ela podia ter feito qualquer ato imoral.

Tentou pensar em outros assuntos, em como refrescar a garganta por exemplo. Correu em direção à mesa e impaciente pegou a tigela com as duas mãos e virou tudo em sua boca. Aspirou fortemente pelo nariz, relaxado com a sensação do líquido descendo na garganta e diminuindo a dor de quando estava seca. Colocou a tigela de volta na mesa ao ver uma luz forte, algo queimando. Devia ser só lenha no outro cômodo, foi em direção da iluminação incandescente, pois ainda precisava fazer mais perguntas àquela estranha mulher.

A viu ajoelhada com as mãos sobre o fogo, aquecendo-as.

— Pareceu bastante interessado nas figuras — ela disse sem virar.

— O quê? — estava a observando tão atentamente que não prestou atenção no que ouviu.

— O livro.

João voltou a lembrar das figuras estranhas, mas que chamaram sua atenção. Um lobisomem lutando contra um cavaleiro que tinha uma espada aparentemente mística. Parecia ser uma história bastante interessante e com um final majestoso, se pelo menos tivesse chegado até a última página... e teria se não fosse a intromissão daquela mulher esquisita...

— Pode falar do livro depois de me informar seu nome!

— O livro conta a história da espada dos demônios. Uma arma poderosa que foi construída pelo próprio armeiro de Lúcifer, forjada do fogo do inferno. Como ela veio a terra? É um mistério. Mas um cavaleiro conseguiu encontrá-la, e ficou tão cego de poder ao saber o que aquela arma poderia fazer, que massacrou vilas, derrotou monstros. E um dia lutou contra um lobisomem forte, achado no meio de humanos, vivendo como se fosse um deles. O cavaleiro e o lobisomem lutaram até a morte. O humano queria provar ser o mais forte dentre todos, já o lobisomem queria somente manter sua família segura. A espada foi cravada no chão, exatamente em um lugar carregado de magia, fé e religiosidade. De força mística, cheia de fé humana. O vilarejo sofreu com seus próprios medos, e felizmente, o cavaleiro levou a melhor na luta, e infelizmente a população revoltada, decidiu lutar contra ele — nesse momento ela virou para o garoto, com os olhos vermelhos.

João engoliu em seco, procurou por uma saída rapidamente, o lugar era fechado, completamente isolado, a não ser pela porta a centímetros atrás de si. Podia arriscar correr, entretanto, o mau pressentimento de que a ação poderia desencadear consequências desagradáveis, o fez repensar a ideia.

— Aqueles insetos foram caindo, um após o outro, até que a imaginação fértil de um homem simples fez o mesmo conseguir tirar a espada do chão e desfazer o poder, o dono da espada anterior sofreu o resultado da derrota, foi aprisionado na espada com outras almas. Foi descoberto mais tarde que quem fosse dono daquela arma, teria a sua alma pura aos poucos... corrompida. Afinal, era disso de que Lúcifer gostava, ir destruindo uma alma pura aos poucos.

As unhas dela cresceram rapidamente, e ela passou a mão na parede da chaminé, rasgando o tijolo. Um fogo azul se formava nos riscos e numa forma assombrosa voavam para a fogueira, misturando-se com as chamas alaranjadas e tornando-as azul clara.

— Meu nome é Elizabeth e o cavaleiro morto era meu futuro marido — o tom de voz mudou para um mais escabroso.

João ficou perplexo ao sentir uma pancada nas pernas, fazendo-as dobrar e fazendo-o cair sentando numa cadeira, que se arrastou sozinha até Elizabeth. Agora sabia da onde vinha a sensação de medo, ela era uma bruxa, e pelo visto muito poderosa.

— Quando o trouxer de volta a vida, mandarei todos desse reino ao inferno. E quando não existir mais espaço no inferno cristão, os jogarei em outros muitos infernos.

João tentou levantar, no entanto, o medo impedia que as suas pernas se movessem. Sua única arma seriam as palavras, ganhar tempo era o que precisa até bolar outro plano.

— Isso foi recente? — ele perguntou, fingindo interesse.

— Há mil anos — aquilo fez o garoto arregalar os olhos e ela viajar pelo tempo. — Eu era apenas uma linda jovem quando fui oferecida a ele, o amor da minha vida. Quando ele se foi, eu jurei trazê-lo de volta de alguma forma. Foi nesses momentos de desespero que conheci bruxas, com elas pude aprender as artes das trevas.

— Como ficou viva por tanto tempo, e como pretende trazê-lo de volta?

— Veja bem, descobri que para trazê-lo de volta precisaria da espada, entretanto, a arma havia desaparecido, passando de mão em mão. Gastei metade de minha vida para encontrá-la, um homem inútil me deu depois de ter passado uma noite comigo. Depois descobri que para ver meu amado de novo, precisaria ativar a espada, então a cravei no chão em igrejas cristãs e até mesmo em outros santuários religiosos. Não obtive sucesso em nenhum dos locais. Depois de mais algum tempo, descobri que apenas um guerreiro com uma alma pura podia ativá-la. Dia após dia, mês após mês e nenhum homem foi capaz de usá-la — virou, sorrindo de um jeito maligno em direção a João.

— Até uns dias atrás, quando um caçador veio até mim querendo imortalidade. Então inventei uma história qualquer que se ele conseguisse segurar a espada e arrancasse o coração de um lobo alfa ou de alguém ligado a ele, eu daria sua tão sonhada imortalidade, mas na verdade, esses passos eram a forma de trazer de volta a vida, meu amado e conseguir mais poder

— De qual forma esse tal caçador conseguiria ativar a espada?

João nem ligou os pontos, ou teria descoberto que se tratava de Charles Daniel. O caçador novo no reino.

— Mesmo sendo egoísta ao ponto de querer a imortalidade. Ainda fará algo muito heroico, como salvar milhares de vidas ao matar o lobisomem alfa. Tornando sua alma pura o suficiente para meus propósitos.

— Entretanto, para isso, ele precisará matar... o alfa — João disse, chocado. O único alfa, o mais forte entre todos e o rei do reino.

— Exato, e respondendo sua primeira pergunta — ela lambeu os lábios. — Venho retardando minha velhice por meio de um feitiço onde preciso comer carne, carne de crianças.

— Merda, sua nojenta! — ele tentou mover seu corpo, sem sucesso, parecia estar amarrado por cordas invisíveis. — Me deixa sair.

— Você não é criança, mas parece delicioso. Será uma grande refeição — ela aproximou a cabeça lentamente, a boca se abriu, e constantemente foi se arreganhando de forma humanamente impossível.

João cospe dentro da boca dela, fazendo-a soltar um grunhido e se afastar com as duas mãos na boca, sentindo muito nojo do ato.

— Por que não me matou quando teve chance?

— Sua carne...estava com cheiro...podre naquele momento — ela cuspiu no chão, voltando a olhar para o almoço.

João tentou correr, logo seu corpo se derramou no chão na hora que a bruxa segurou no seu pé.

— Aaaaargh! — gritou quando sua pele começou a queimar. Deu dois chutes na cara dela, o primeiro desfez o feitiço que escondia sua aparência, revelando um rosto demoníaco. Já o segundo a fez soltar a mão da perna dele.

João rastejava pelo chão até a porta, vendo que não daria tempo, pois a saída encontrava-se longe demais, procurou rapidamente outro lugar em que pudesse se esconder. Viu a cozinha, e continuou se rastejando até lá. Na cadeira onde estava sua calça antes, também havia um facão. Antes de prosseguir com qualquer ato, olhou para trás notando tudo num silêncio tenebroso. Apenas podia-se ouvir sua respiração ofegante.

Lenta e de repente a bruxa apareceu, o rosto estava coberto com as sombras deixando-a mais tenebrosa. Ela parou e encarou sua comida, sentindo o aroma do temor sendo exalado do pobre garoto.

— *Ireeeiii teee pegaaarr* — a voz da bruxa surgiu como um eco, seguida de uma gargalhada maligna.

João rastejou mais depressa dessa vez, em direção ao facão, a única arma a vista com que pudesse ter alguma chance de se defender. Gritou, sentindo novamente a ardência infernal quando Elizabeth grudou a mão no pé bom dele. Lutou fortemente até que conseguiu livrar-se do agarro. Entretanto ela já estava bem ao seu lado, impedindo-o de pegar a única arma disponível. Tombou para o lado e chutou um dos pés de madeira que segurava a mesa, fazendo os outros se quebrarem já que não suportavam o peso, e cair tudo em cima da bruxa.

João se afastou alguns milímetros até suas costas baterem na parede, respirava rápido, com o olhar atento a qualquer movimento. Os dois pés doíam muito para ele correr ou andar, precisava de minutos até a dor tornar-se suportável. Engoliu em seco, preparando-se para qualquer movimento vindo dos pequenos escombros, todavia baixou o olhar até as queimaduras na pele.

— AAAAAAAAAAAAA! — gritou, sentindo o facão que atravessou a mesa e acertou a parede, raspando parte de sua coxa.

A bruxa rugiu feito um animal e o facão voltou pelo buraco de onde veio. João nem respirou direito e a lâmina afiada do facão surgiu novamente, passando perto do braço esquerdo, quase o ferindo. Quando o facão desaparece de novo o garoto aproveita para rastejar em direção à porta, no entanto, o facão voltou mais uma vez, cravando-se na parede e causando um leve arranhão no nariz do jovem.

Ele tentou suportar a dor agonizante das queimaduras e levantou, então correu para a saída, chegando até a porta tentou puxar a maçaneta. A sua liberdade parecia impossível no momento que a porta começou a entrar em chamas, teve de afastar a mão para evitar um ferimento grave.

João se afastou da porta, impressionado e com muito medo. As sombras ao redor da porta revelaram uma sombra obscura e demoníaca. Ele olhou por sobre o ombro vendo Elizabeth caminhando feito um zumbi até onde estava.

— *Eu vou te pegar, seu pedaço de estrume!* — a voz pareceu mais grossa e cheia de raiva.

João virou seu corpo, ficando de frente a ela. Encarou aquele rosto de demônio com coragem, já tinha visto monstros piores. A bruxa ergueu o facão pronto para cravá-lo no peito da sua presa, mas num movimento inesperado, João mergulhou para o lado oposto de Elizabeth, desviando do golpe mortal. E tomando coragem, juntando toda sua força, a empurrou. O corpo da bruxa se choca na porta violentamente, sendo consumida num piscar de olhos pelas chamas infernais de seu próprio poder.

As chamas tornaram-se azuis e a temperatura aumentou — assim como os gritos de agonia dela — de uma forma que era insuportável ficar perto. João apenas tapou os ouvidos e observou enquanto o corpo em brasas morria cruelmente. Antes de a bruxa partir direto ao inferno, ela falou muitas palavras estranhas às quais o jovem não conseguiu entender.

A tranquilidade invadia João aos poucos em constatar que Elizabeth realmente estava morta, inerte no chão.

Novamente, estava acabado depois de mais uma vez ter lutado para sobreviver. Saiu a passos apressados perguntando-se o motivo de ainda estar vivo, pensou em sua sorte, ela não duraria para sempre e também pensou que Deus ainda tinha planos para si. Sorriu, ainda estava de pé, injetando ódio naqueles que o queriam morto.

Ainda vivo para lutar em mais um dia.

A porta foi desintegrada pelas chamas, restando apenas cinzas. João passou pelos restos de Elizabeth e respirou aliviado em ver o céu cinzento, indicando a quase noite. As árvores com poucas folhas, mesmo assim bonitas do bosque, caíam lentamente no chão. João não sabia em qual direção ir, pois sair sem rumo, principalmente na escuridão sem dúvidas era um chamariz para problemas.

Desejou que a bendita Lua cheia aparecesse logo, assim teria esperanças de encontrar Jordan, ou que ele o encontrasse. Mesmo sendo essa a vontade do seu coração, as chances de ficarem cara a cara de novo eram muito remotas. Um ataque contra a sua vida era mais provável, na verdade, sentindo muito desgosto, já esperava por isso nos próximos dias. Até onde se sabia, podia estar sendo caçado, todo cuidado nunca era demais.

João colocou as mãos nos ombros sentindo um frio tenso, e que ia aumentando a cada segundo, mais...e mais. Um barulho sinistro começou a ecoar, deixando-o inerte no lugar, atordoado. Ainda precisava descansar, as forças que lhe restavam mal o mantinham em pé. De maneira surreal, veio do bosque um vento feroz que rapidamente dispersou as nuvens que tinham ficado no céu. Uma rajada de ar veio com toda força, como um poderoso furacão, produzindo uma espécie de insanidade em sua mente.

A bruxa ainda não havia acabado.

Quando tudo se acalmou, João observou, com cautela, pequenas folhas voando para o céu, em direção a Lua, não dando mais para enxergá-las. Uma luz vermelha, fina, e como uma corda, desceu do mesmo modo que as folhas subiram, desaparecendo assim que tocava na terra.

O garoto engole em seco, afastando-se em direção oposta ao da luz bizarra ao ver uma mão de ossos erguendo-se da terra. Parecia ser os restos de uma criança, o corpo começava a encher de carne enquanto saía da terra, a pele parecia apodrecida e por

incrível que pareça ainda havia roupa na criança, roupas esfarrapadas, com um cheiro forte e horrível.

O gemido do zumbi era baixo e mesmo assim terrivelmente assustador. João se virou para correr e viu outros emergirem da terra, mais crianças, alguns poucos adolescentes. A realidade precipitou-se em sua mente, os braços caíram, o movimento de cada músculo e de cada fibra cessou. Podia sentir o sangue correr nas veias, entorpecendo as extremidades dos seus membros. O estado não durou mais do que um instante.

Seu coração quase parou no momento que sentiu um braço no ombro, virou-se rapidamente e desviou de uma mordida do primeiro zumbi. Chutou, mesmo com o pé dolorido, a cabeça do morto-vivo, separando-a do corpo em uma facilidade impressionante. Eles eram perigosos, mas frágeis. João decidiu não enfrentar os outros, pois eram muitos, então correu em direção ao bosque, adentrando a floresta mais uma vez sem saber para onde ia, só sabia que tinha de fugir.

Sofreu alguns cortes rasos pelo trajeto, devido a galhos e espinhos. Chegou numa parte onde havia um lago, e para atravessar até o outro lado, tinha de atravessar pelo meio. Entretanto tinha medo de não suportar tamanho frio. Ouvindo os gemidos dos zumbis bem próximos, entrou no lago deixando a parte de cima do peito livre.

Começou a caminhar lentamente e rezando que não houvesse animais selvagens naquelas águas. Depois de poucos passos, parou, atônito, pois a luz vermelha surgira do nada, e entrava debaixo da água na sua frente. João achou impossível que ali também tivesse corpos, mergulhou a cabeça vendo a luz penetrar aquela terra suja, depois de segundos, corpos começaram a emergir do fundo do lago.

Quase foi pego, mas João conseguiu voltar de onde veio com muita dificuldade, quase morrendo outra vez. Aliviado ao sentir a terra de novo, todavia, outros zumbis apareceram por entre as árvores, caminhando devagar até o garoto. Ele não enxergava mais escapatória, quase desistiu, mas lembrou de que não daria o gosto da sua morte a ninguém. Juntando o pingo de força que ainda lhe sobrara, correu numa direção livre, a esquerda do bosque, entrando de novo nos matos.

Essas fugas ofegantes descascavam sua alma aos poucos, mesmo suas promessas de viver não lhe eram os suficientes, mesmo com sua sorte alta, algum ser ou até o próprio Deus queria acabar com sua vida. E sua teoria se provou uma verdade maligna quando as raízes das árvores junto de algumas plantas ganharam vida e agarraram seus pés, fazendo-o desabar no chão. Suas unhas encheram-se de lama na tentativa de cravá-las na terra com intuito de tentar se mover, suas coxas começaram a sangrar devido as raízes de espinhos o espremerem. Gritava alto, de dor e agonia, enquanto ouvia os gemidos dos zumbis, indicando a morte.

A bruxa mesmo queimada e praticamente no inferno, ainda conseguia usar muita magia.

João só conseguiu arrancar poucas raízes com a força dos dentes, mas novas surgiam e o agarravam de novo. Parou de se debater na esperança de livra-se do infortúnio, percebendo que aquele movimento só o feria dolorosamente. As raízes iam aumentando cada vez mais, preenchendo todo o corpo do garoto, fazendo qualquer movimento, sendo até o mínimo possível, ser impossível. Ele ficou imóvel, sem nenhuma esperança.

Acabou.

Era o fim.

Lutou tanto apenas para prolongar sua morte.

Os zumbis chegavam cada vez mais perto, e João apenas tentou imaginar Jordan de novo, como o vira pela última vez. O imaginou na suas frente agora, com aquelas roupas pretas que lhe cabiam tão bem, deixando-o charmoso e atraente. Tentou imaginar a mesma sensação de seus toques, sorriu ao sentir o toque da mão dele em seu queixo.

— Vai ficar tudo bem — ouviu a voz dele em seu ouvido num sussurro. Parecia tão... real. — Está me ouvindo? Vai ficar tudo bem! — a voz gritou, foi neste momento que João percebeu que o homem não era uma ilusão dos seus sonhos. Era real, e ele estava bem ali.

Ele cortava os galhos e raízes com suas garras bastante grandes e afiadas, com a ajuda de mais dois homens.

— Rápido, eles estão mais perto! — disse um homem ao lado dele, bem moreno, com uma cicatriz em cada braço, que começava do ombro e descia até a mão. Havia uma no olho também. Ele com suas garras afiadas, cortava tão rápido quanto Jordan.

Os galhos não paravam de crescer, os zumbis estavam a centímetros, o terceiro homem que veio junto de Jordan, matava quantos podia para ganhar o máximo de tempo possível. Não era um grande trabalho para ele matar várias coisas que já estavam mortas.

— Eles são muitos! — disse ele, matando dois de uma só vez.

— Vamos, mais rápido! — Jordan disse.

João sentia o aperto da natureza baixar, até ser puxado por Jordan, para junto de seus braços. Gostou tanto dos dedos mornos do homem nas suas costas que fungou, e sem mais forças, apenas tombou a cabeça, colando-a no peito do seu salvador, confiando nele para manter sua segurança.

— Jordan? — João perguntou, ainda desorientado. Tantas vezes que desejou esse momento, que Jordan aparecesse... ainda era difícil de acreditar que ele estava realmente presente. — Como...me...encontrou?

— Hora errada para fazer perguntas! — ele disse, olhando para onde os zumbis estavam.

— Agora, temos de ir agora! — O que estava encarregado das raízes da morte, conseguiu abrir caminho, Jordan e o outro homem correram.

Jordan se movia rápido, mas ainda sentia o perigo muito próximo. As raízes iam atrás dele numa velocidade extrema, nasciam de todo canto e lugares, tentavam agarrar seus pés para derrubá-lo, mas ele era tão rápido que conseguia escapar sem grandes dificuldades.

Os dois homens praticamente corriam com a mesma velocidade, cada um de um lado do alfa. A todo momento olhando pelas costas para se certificar de não estarem sendo seguidos. Pararam apenas quando chegaram na estrada, ao observarem as árvores, viram o bosque se fechando, impedindo a passagem deles novamente.

— Essa foi uma viagem e tanto! — exclamou um deles, com o tom ácido de ironia.

— O que importa é que todos estão vivos — Jordan disse olhando para João, dormindo tão tranquilamente, a salvo em seus braços.

— Espero que esse garoto valha a pena por todo o perigo que passamos — o homem com duas cicatrizes nos braços pronunciou, a expressão dele era de raiva. Principalmente de ter arriscado sua vida por um garoto da aldeia que queriam destruir.

Jordan passou a mão no rosto sujo por terra de João. Sua alma foi aliviada em apurar o garoto respirando normalmente e sem nenhum ferimento mortal.

— Confie em mim, meu caro amigo. Ele vale muito a pena — Jordan falou, em seguida começou a caminhar, sendo seguido por seus dois parceiros. Iam em direção a um dos vilarejos abandonados onde os outros de sua alcateia estavam.

Olhou mais uma vez para a floresta. Não sentia cheiro podre e nem ouvia movimentos, os zumbis devem ter parado de segui-los. Pelo menos era uma preocupação que não teria pela longa caminhada.

— Jor... — João tentou chamar o nome.

Jordan o encarou, o garoto ficava mais bonito quando chamava pelo seu nome dormindo. Ainda bem que decidiu ir para o vilarejo alguns dias antes da próxima Lua cheia, para ver João. Tanto que estranhou sentir o cheiro dele nessas proximidades, e quando o viu passando o maior sufoco, ficou cego de ódio por quem tivera feito àquelas magias demoníacas. Entretanto, nada disso importa mais, ele estava a salvo nos seus braços.

— Xiiu... — passou seus dedos na bochecha dele carinhosamente. — Apenas descanse garoto.

Capítulo 18

BANDO

Uma família, de uma aldeia que já estava deserta, caminhava até o vilarejo onde as pessoas estavam indo para conseguir proteção das feras sanguinárias. O problema era que a caminhada até lá estava sendo bastante cansativa, a mãe e seu casal de filhos iria ceder a qualquer momento.

— Vamos mãe, já devemos estar perto de chegar — o filho dela disse, segurando o corpo dela, tentando mantê-la em pé.

A família de três integrantes para de caminhar ao notarem uma mulher suja de sangue saindo da floresta e caindo no chão de repente. A filha correu para ver o estado da pessoa, chegando mais perto viu que a pele da mulher caída parecia estar...queimada.

— Oh, meu Deus. Me ajudem aqui.

O filho e a mãe andaram rápido até as outras duas.

— Você está bem? — a menina pergunta a mulher.

A mulher desnorteada, tenta visualizar claramente onde se encontrava. Vê uma mulher um pouco velha, e dois garotos jovens, exatamente o que precisava para se recuperar. Aproximou lentamente e com cuidado a palma da mão até o rosto da linda menina, sentiu a maciez da pele da jovem, a força vital dela parecia ser deliciosa.

—Argh — a menina gemeu ao sentir algo ser sugado de seu corpo, tentou se desvencilhar, o que não conseguiu, viu os olhos da mulher ficarem vermelhos.

Os dois integrantes da família gritaram ao ver o corpo da filha ficar envelhecido num piscar de olhos, até a pele ficar ressecada, como se não restasse mais nada dentro do corpo, agora, caída no chão sem vida. Eles desviaram o olhar para a mulher que teve a pele um pouco melhorada depois de tomar a vida da moça, então gritaram quando a bruxa avançou e ceifou suas vidas.

...

João abriu os olhos para ficar surpreso ao se deparar com um teto aparentemente de uma casa, significando que estava seguro, rezava por isso pelo menos. Respirou prazerosamente ao sentir, depois de muito tempo, uma cama macia, era tão bom que nem teve a intenção de vasculhar o lugar. Tentou virar de bruços, entretanto uma ardência o impediu, os ferimentos estavam umidificados com um tipo de seiva.

Funçou, irritado com seu estado. Decidiu contentar-se por ainda estar vivo, conseguiu sobreviver à bruxa, os zumbis e a floresta demoníaca. Aqueles pequenos arranhões não eram nada com que se preocupasse. Ainda sim tinha de saber onde estava, sua localização exata, ter certeza de que mais ninguém tentaria ceifar sua vida.

Ficou sentado na cama pronto para sair e explorar as redondezas. A porta abriu, e João ficou parado, atônito ao ver Jordan caminhar lentamente até a cama, onde sentou ao seu lado e o fitou.

— Tente evitar qualquer esforço, precisa descansar e se recuperar. Passou por maus bocados — o olhar de Jordan indicava que as palavras não eram um pedido.

— Não sabe nem a metade do que passei! — disse, trincando os dentes.

— Não sei, mas eu te salvei, e você vai ficar por bem ou por mal.

— Vou sair assim mesmo! — colocou forças nos membros para chegar até a ponta da cama.

Jordan apenas o empurrou com seu dedo indicador, fazendo-o voltar para o colchão. O homem sorriu, ele estava tão frágil que precisava de alguém cuidando dele de perto. O garoto bufou de raiva, feito uma criança de cinco anos, tentaria sair mais tarde, quando Jordan não estivesse vendo.

— Quando você melhorar, e tenho a impressão de que seja logo... — ele observou uma considerável melhora, considerando que o encontrou num estado pior — Poderá sair e respirar um pouco de ar fresco.

— Quantos dias terei de ficar aqui? — o jovem perguntou, revirando os olhos e aceitando o pedido disfarçado de ordem de Jordan.

— Apenas mais um dia, depois eu mesmo o acompanho para onde queira ir.

— Fico feliz em ter uma pessoa cuidando de mim o tempo todo — cruzou os braços e fez um biquinho. — Me virei muito bem sozinho antes, e posso me virar agora.

Jordan soltou uma risada leve e baixa.

— Considere-me como seu guarda-costas especial. Não tirarei os olhos de você, já que parece ser uma espécie de criatura sobrenatural chamadora de problemas — sorriu ao deixá-lo mais irritado, adorava ver seu garoto com as bochechas vermelhas.

Poderia pergunta-lhe sobre o pacto, saber se já tomou uma decisão. Sua consciência pesava, pois, transformaria o clima leve em um mar de remorsos e tragédias para o garoto, ele devia estar sentindo saudades de seu povo.

— Quer voltar para a aldeia?

João encostou na parede, ficando sentado, abraçou as próprias pernas com muito medo. Imaginar um regresso até aquele inferno só para tentarem um novo modo eficiente para acabarem com sua vida não era uma opção.

— Nunca mais quero voltar. Eu não quero morrer — disse sussurrando, seu olhar baixo demonstrava receio, medo.

O homem sentou-se ao lado dele, e ficou bem perto de seus corpos entrarem em contato. Descobriu uma nova coisa de que não gostava, odiava ver João com medo.

— Me diga o que houve!

João levantou o olhar, Jordan estava tão perto, sendo possível sentir e ouvir o bafo da sua respiração forte. O homem parecia estar segurando uma raiva potente, pronta a explodir em qualquer momento, João tentou escolher bem as palavras para tentar não irritar ele e causar alguma tragédia irreversível. O problema é que era impossível contar sua história num tom de leveza.

— Depois da sua partida, houve um julgamento onde Margaret informou a todos que eu podia te ouvir, fui condenado por bruxaria — jogou a primeira parte tudo de uma vez.

A reação do homem não fora nada boa, o corpo começou a tremer por segundos e depois rosnou, deixando amostra seus dentes afiados. Precisou de um tempo até conseguir ficar calmo, recolheu as presas e esperou para ouvir o resto da história.

— Sabia que devia ter matado aquela serpente quando tive chance. Ela cheirava a veneno.

João olhou para ele chocado, depois o repreendeu. Jordan apenas deu de ombros.

— Fui jogado num lugar escuro, depois de muito tempo. O irmão do rei, me libertou momentaneamente. Me levou para a floresta e me contou sobre o motivo de você ter atacado nossa aldeia, contou sobre seu pai.

— Prossiga.

— Devo acrescentar... seu pai não parecia um homem horrível quando ouvi Edmund falando sobre ele. Pareceu até receptivo.

— Ninguém o conhecia de verdade, não tão bem quanto minha mãe ou eu. Todos o conheciam como o melhor rei de todas essas terras, mas cedo ou tarde, todos os homens se revelam. E mesmo se soubessem de suas barbaridades, eram covardes demais para tentarem fazer algo — falou, ríspido. — Apenas continue.

João engoliu em seco as próximas partes, eram lembranças horríveis. Olhou para Jordan imóvel, sério, apenas esperando o restante do inferno o seguir. Mas não aguentou, assim como as raízes demoníacas da floresta brotaram da terra, as lágrimas brotaram de repente nos olhos, e João o abraçou forte, se derramando completamente em seu porto seguro.

— Ele tentou...abusar de mim — falou com dificuldades, com a voz embargada.

Jordan queria destruir objetos, matar pessoas. Estraçalhar o desgraçado de Edmund, havia tocado em seu garoto sem permissão deste. Caso João não estivesse em seus

braços caçaria o desgraçado até o fim dos tempos, mas sabia que quem precisava ser reconfortado não era ele, por isso apertou o abraço.

— Mesmo ferido, consegui acertar uma pedra nele. Depois subi em cima do corpo e continuei levando a pedra de encontro ao rosto nojento do infeliz, até sua face ficar irreconhecível — parou de chorar ao lembrar nitidamente dessa parte como um acontecimento recente.

Jordan ficou surpreso com tamanha agressividade, mas em nenhum momento o julgou, pois sabia que o ato foi em legítima defesa, e considerou o falecido Edmund um homem de sorte por ter sido morto por João, e não por suas garras e presas, que seriam mais dolorosas, mais torturantes de aguentar.

— Os aldeões viram o corpo e chegaram numa conclusão própria de que eu o havia matado por simples prazer. Então me caçaram igual a um animal, fui capturado e levado a minha prisão solitária, onde pensei que fosse enlouquecer. No dia da minha sentença fui humilhado de várias formas, fui amarrado em uma fogueira — seus olhos vermelhos junto da vista inerte o deixavam parecido com um cadáver.

Jordan começou a alisar carinhosamente os cabelos desgrenhados dele, queria tanto estar ao lado do garoto nesses momentos de terror. Tentaria impedir cada acontecimento terrível a um ser que não merecia tamanha frieza e crueldade que os seres humanos são capazes de demonstrar.

— Como fugiu?

— Enganei um caçador.

Caso João levantasse seu rosto, veria um sorriso na face do homem.

— No final da minha longa jornada de agonia e solidão, passando por florestas, fugindo de criaturas. Encontrei uma bruxa muito assustadora que contou um monte de besteiras para me manter lá no intuito de devorar minha carne. Consegui escapar dela, e o resto você já sabe.

— Fico feliz de ter chegado na hora certa.

— Bem que podia ter chegado antes — João ouviu uma gargalhada de Jordan e também riu.

— Seu corpo sofre com os ferimentos das lutas, mas os guerreiros não se importam com a dor. Mesmo depois de tanto sofrer, você ainda continua aqui, lutando para sobreviver — Jordan levanta a cabeça de João, de forma que os dois ficam cara a cara. — Isso tudo me lembra do inferno do treinamento que tive, meu pai era rígido num nível mortal. E mesmo assim não desisti nenhuma vez, continuei lutando e lutando, até me tornar o homem forte que sou agora.

— Lembranças são perigosas, eu nunca vasculharia meu passado... eu vejo o passado como um lugar cheio de ansiedade. No meu passado não há nada do que me orgulhar, só desprezos e tragédias.

— Daqui em diante, tentarei trazer muito momentos felizes para você.

Jordan o beijou possessivo, explorando todo canto que lhe era possível com a língua. Nunca sentiu tanto desejo por alguém, do sexo feminino ou masculino. Mas João era diferente, tentou ser suave no contato entre os lábios, o que parecia estar funcionado já que ele retribuía da mesma forma. Nunca alguém foi capaz de causar arrepios em seu corpo, ou tamanho desejo, não do modo carnal, mas sentia-se satisfeito apenas estando ao lado da pessoa amada, aproveitando a companhia.

— Te deixarei descansar, amanhã irá conhecer meus homens — disse ao levantar.

João ficou nervoso. O clima seria bem desconfortável, por que matou um dos companheiros deles e que eles quase o mataram na igreja. Poderia marcar presença, fingindo que os acontecimentos anteriores nunca existiram, esquecer o passado para abraçar o futuro, ser educado e receptivo, mas esperava o mesmo vindo deles.

— Não quero causar nenhum problema a você.

Jordan franziu o cenho.

— Sua alma é santa, brilha como uma lamparina, esbanjando sua compaixão, seu sorriso, sua voz suave, o doce vislumbre de seus olhos celestiais. Com certeza seu jeito irá animá-los de alguma forma.

E mais uma vez João corou ao ouvir as palavras bonitas.

— Espero que esteja certo. Sempre tive curiosidades sobre você.

— Sobre nós?

— Sim, nunca conheci pessoas de fora da onde eu morava.

— Bom, isso está prestes a mudar — Jordan levantou e foi embora depois de João ter se coberto com o lençol.

...

O garoto acordou, sentindo-se um pouco melhor. As feridas ainda ardiam, mas em um nível muito menor do que dias atrás. Quando colocou os pés no chão frio, sentiu um leve arrepiar na pele, esticou os braços e bocejou. Ficou descansando um dia inteiro a pedido de Jordan, e agora, finalmente poderia sair e saber onde estava.

A porta abre com seu rangido horrível, e o homem adentra o quarto. João tentou entender o sorriso de malícia estampada no rosto dele, olhou para si e viu apenas um mínimo tecido de seda cobrindo seus órgãos genitais, tentou lembrar, durante a noite de ontem, quando tirou as calças, entretanto, pouco importava.

— Tire essa luxúria de seu olhar — implorou, bastante envergonhado, voltou a cobrir o corpo com o lençol.

— Gosto quando fica envergonhado, principalmente quando eu sou o causador de tal reação — ele colocou as peças de roupas em cima da cama. — Vamos, se arrume, tem pessoas querendo te conhecer.

João tocou nas roupas e olhou para ele. Jordan sabia que o olhar queria dizer algo, principalmente quando ele franziu o cenho, suas dúvidas aumentaram quando João cruzou os braços, visivelmente chateado.

— Está esperando o que? — Jordan perguntou.

— Saia daqui, não quero que me veja nu.

Jordan soltou uma risada tão colossal que quase caiu em cima da cama para rir ainda mais. Teve de se controlar ao perceber que o garoto falara sério até demais.

— Somos homens, não há nada aí que eu já não tenha visto. Além do mais, já me viu nu antes, lembra?

— Pelo simples motivo de que estava ferido!

— Você também está — Jordan apontou para as feridas causadas pelas raízes.

— Pelo menos vire-se de costas!

Jordan levantou a mão em sinal de rendição, depois virou-se.

João olhou para ele, certificando-se de que não planejava espiar. Pegou as roupas e rapidamente pulou da cama, ficou de costas para Jordan e começou a vestir a calça, mas sentiu a sensação estranha de alguém...lhe observando. Virou a cabeça tão rápido que ficou chocado com a safadeza nos olhos de Jordan observando sua bunda.

— Cafajeste!

Jordan removeu o olhar, ficando pela primeira vez, envergonhado.

— Desculpe. Deixei meu desejo me enfraquecer, jamais acontecerá de novo — nem ele acreditou nas próprias palavras, pois queria ver o corpo do garoto de novo, e fez tamanho esforço para não o fazer.

— Pronto, vamos — João tocou no braço dele, depois tomou a frente.

Jordan descumpriu as palavras ditas há pouco tempo e o observou com muito desejo, que se dane, ele era sexualmente atrativo e não conseguiria controlar as reações de seu corpo, como a recente ereção.

— Você não vem?

— Estou logo atrás de você — tentaria esconder o que sentia, pelo menos por enquanto.

João estava nervoso, contudo, grande parte do nervosismo sumiu pela simples presença de Jordan. O homem passava um certo tipo de confiança e segurança, tinha uma leve impressão de que nada aconteceria estando ao lado dele. Ao sair da casa viu uma rua deserta, as casas pareciam abandonadas a séculos, não demorou muito para saber onde estava, era em um dos vilarejos abandonados.

— Pensamos em chegar alguns dias antes da Lua cheia, ficar próximo do seu vilarejo, mas não tão perto a ponto de desconfiarem. Em um lugar que pudéssemos

descansar. Então ficamos num dos lugares abandonados, chegamos a quatro dias atrás — Jordan ficou com raiva ao dizer isso.

— Algum problema? — João pergunta, curioso.

— Poderia ter o poupado de várias situações perigosas se eu tivesse ido mais cedo até você.

— Não foi culpa sua — ficou mais perto dele, pousando a mão em seu rosto. — Não tinha como saber.

Jordan sorriu, um pouco triste.

— Vamos, saíram para caçar e já devem estar voltando — Jordan tomou a dianteira.

João o seguiu, andaram por muito tempo até chegarem na entrada do vilarejo onde a poucos metros havia um bosque cheio de vida. Todas as pequenas criaturas aproveitavam o momentâneo tempo seco. Porém, o bosque parecia mais assustador quando João esperava pelo momento que a alcateia de Jordan surgiria lá no final, por entre as árvores. E esperava mesmo que eles viessem, não que ele e Jordan entrassem na floresta, ainda tinha medo depois do último ato contra sua vida.

— Estão aqui — Jordan informou.

João ficou ao lado de Jordan, varreu com seu olhar a floresta em busca dos homens-fera. Quando eles surgiram aos poucos, saindo de entre as árvores, o que tinha duas cicatrizes nos braços carregava dois animais mortos. João além de impressionado com o tamanho deles ficou surpreso em ver duas mulheres, por algum motivo, pensou que só homens podiam transfigurar-se em lobisomens.

Os homens seminus eram fortes, bem malhados, mas não eram altos igual a Jordan por centímetros apenas. Andavam em sincronia, feito soldados, os cabelos de dois, eram curtos, enquanto o do terceiro e o mais baixo, era loiro, caído até os ombros. As mulheres pareciam em forma, as duas tinham o cabelo preto comprido, uma delas tinha em cada bochecha, uma marca vermelha parecida com uma garra. A outra mulher, mais alta, era mais musculosa, e tinha uma aparência selvagem.

Assim que farejaram João, começaram a olhar cautelosos e curiosos. Quando os olhares deles se encontraram com o jovem, a mulher selvagem rosnou. Os outros, só pareciam incomodados.

— Olha só. Então esse é o tão falado garoto que enganou a morte por várias vezes — o de cabelo loiro disse, João lembrava que ele não estava junto aos outros, em seu resgate. — Muito bem Jordan, conseguiu um bem bonito.

Ele chegou bem perto de João, estendendo a mão.

— Prazer, meu nome é Ezequiel.

João olhou para Jordan antes de qualquer ação, o mesmo acenou com a cabeça, e o garoto apertou a mão do lobisomem carismático.

Em seguida a mulher com duas marcas na bochecha se aproximou, enquanto os outros três partiram.

— Não ligue para eles três, são legais quando não estão de mau humor. Meu nome é Charlotte — ela pegou a mão do garoto sem rodeios e a apertou, depois saiu rápido para acompanhar os outros.

João ficou aliviado, e ainda tendo várias dúvidas, tentou imaginar o motivo de apenas dois terem sido educados e os outros dois homens pareceram nem se importar. Enquanto a mulher alta deixou bem claro com o rosnado furioso que não gostava nem um pouco dele.

— Foi melhor do que pensei. Achei por um momento que iria ser esfaqueado — João tentou ser engraçado, mas pela expressão de Jordan, seu pequeno riso morreu no mesmo instante.

— Vamos, e não saia de trás de mim — Jordan avisou, antes de dar meia-volta e sair.

João sentiu o medo mais uma vez, as palavras o assustaram, temia ter de lutar para sobreviver mais uma vez. Estava cansando demais, queria apenas um dia em que pudesse relaxar, aproveitar o dia e noite. Decidido em acatar o que Jordan dissera, ficou ao lado dele enquanto caminhavam, ficando em sua vista para que não se perdesse ou algo lhe acontecesse.

Seguindo Jordan pela rua viu em uma das casas o homem com cicatrizes sinistras nos braços com uma faca afiada, ele descapelava um dos javalis que veio carregando nos ombros. Seu olhar ergueu-se por um momento, fitou o garoto e logo depois voltou ao seu trabalho.

Jordan e João entraram numa casa mais adiante, onde Ezequiel movia um barril, provavelmente de água ou vinho, para outro lugar. O homem que não se apresentou a João, segurava o rosto de Charlotte com as mãos largas, ele se inclinou para beijar as marcas vermelhas em cada bochecha antes de colar os lábios no dela. A outra mulher encarava o garoto mortalmente.

— Prefere jantar aqui, ou lá fora? — perguntou o homem junto de Charlotte a Jordan. — A propósito, garoto. Meu nome é Paul.

— Fico feliz em conhecê-lo — João tentou ser o mais educado possível. O que parece ter funcionado, visto que Paul deu um leve e rápido aceno.

Bem, agora faltavam dois, e tinham de ser logo os que não pareciam nada amigáveis. João respirou fundo, tomando coragem necessária para se aproximar da mulher ainda desconhecida, no entanto, foi impedido por Jordan quando moveu seu pé adiante.

— Vá descansar um pouco, o chamarei mais tarde, quando a comida estiver próxima de estar pronta — pediu educadamente.

João ficou um pouco apreensivo e então saiu, pois reconhecia aquele olhar, vivia na face de Jordan sempre que ele pressentia perigo, ou sempre que o salvava.

— Te vejo em breve — deixou o lugar com o estômago embrulhado de maus presságios. E sabia que essa sensação ruim de perigo era causada por aquela mulher.

Para voltar até a casa onde dormiu, teve de passar novamente pelo homem das cicatrizes. E parou bem na hora que ele desceu a faca na mesa, cortando um pedaço do javali. Notou que ele sabia da sua presença, mas nem fez questão de dizer alguma coisa, tentou prosseguir na sua tarefa sem incômodo.

— Quer alguma coisa, garoto? — ele perguntou, notando que João continuava parado ali, o encarando.

— Está cortando a carne errado — mesmo tendo dito baixinho, logo sentiu arrependimento.

O mais velho levantou a cabeça, lançando um olhar mortal e colocando a faca na mesa. Esfregou as mãos sujas de sangue, tirando restos de pelo e pele, seu corpo também havia resquícios do líquido vermelho. Foi até João em passos lentos, divertindo-se internamente por causa do pavor estampado na face dele, o garoto até tentava disfarçar um pouco, e não era suficiente. Mantendo uma distância significativa, e ainda sim perto, abriu passagem a ele, indicando com a mão os cadáveres dos animais.

— Por favor, me mostre o jeito certo então — sua voz era suave, mas carregada de ironia.

— Claro — respondeu na mesma altura.

João começou a andar, conseguindo manter a calma. Perto da mesa pegou a faca e começou a cortar o javali que já estava sem pelos. Demorava um pouco, pois sua força era menor do que a do homem de cicatrizes, a quem ainda não sabia o nome.

O lobisomem continuou olhando a figura engraçada, o garoto parecia ser confiável. Jordan confiava nele, então também devia.

— Pode dizer como se chama? — o jovem para um segundo, esperando uma resposta.

— Fury — cruzou os braços, desviando os olhos.

— De onde veio essas cicatrizes? — João revirou os olhos na hora que o olhar mortal de Fury voltou. — Deixe para lá.

O tempo passara e o suor na testa era intensificado com o trabalho árduo. Depois de João fatiar um grande número de carne, Fury decidiu ajuda-lo fazendo o mesmo no javali restante, e encurtando o trabalho pela metade, já que cada um cuidava de um corpo. Permaneceram calados até terem chegado ao fim, o próximo passo seria assar tudo.

Por mais estranho que parecesse a Fury, gostou da companhia do garoto.

— Tire as preocupações de sua mente, prepararei esse alimento ao calor do fogo — Fury tomou as rédeas, dando aval para João ir embora descansar.

— Caso precise de mais ajuda, estarei à disposição — passou a mão uma na outra, depois as limpou esfregando-as num pano.

Começou a ir em direção a sua tão confortável cama, mas parou ao ouvir Fury soltar um suspiro. O lobisomem nunca se abriria a um estranho, mas o garoto era o companheiro de Jordan, ou seja, alguém bastante amável.

— Fui fruto de um abuso — ele disse, fazendo João se virar e encará-lo. — A minha infância inteira foi uma luta para sobreviver. Nunca conheci meu pai ou minha mãe, quem me criou foi uma velhinha que morreu quando completei dez anos, e antes de dar adeus a essa vida, ela contou o trauma de minha mãe, a mulher nem aguentava olhar para mim. Passei muita fome, fui magro por muito tempo — levantou as mãos sujas de sangue, lembrando das coisas horríveis que fizera no intuito de zelar a própria vida.

Suas feições continuavam sérias, como se a qualquer momento pretendesse em avançar em João. O garoto pensava isso pelo menos.

— Também passei por muitas dificuldades, mas duvido que seja possível comparar as histórias — João sorriu, triste. Lembrou do esforço tremendo que fez para continuar vivo.

Fury olhou para ele e depois baixou a cabeça.

— Um dia o rei visitou a cidade, e junto trouxe o filho dele, Jordan. Tinha apenas oito anos na época. Por algum motivo, na minha cabeça fazia todo o sentido a culpa ser do rei por toda a miséria, então decidi matar o filho dele.

João arregalou os olhos, entretanto percebeu rápido que o plano falhara, já que Jordan estava vivo.

— Fui capturado e levado ao castelo do rei, onde fui amarrado nu, por correntes presas aos meus pulsos e meu pés nem chegavam a encostar o chão. Primeiro ele não me matou, decidiu antes me punir, com chicotadas — Fury mostrou as cicatrizes nas costas. — Depois em um dia, ele pegou uma faca como essa — agarrou a faca que cortou o porco e apertou a lâmina, fazendo escorrer um pouco de sangue da sua mão, — e começou a cortar meu ombro, até a mão. Foi assim que ganhei as cicatrizes.

— Sinto muito — João ficou desconfortável ao ouvir tamanha crueldade com uma criança.

Ainda sim continuava sentindo medo do homem.

— Neste momento de agonia, Jordan entrou e implorou para me soltar, para me deixar ir embora. Ele e o pai começaram a discutir feio, no final, fui solto. Eu poderia ir embora, mas o rei me fez uma proposta, eu passaria por um treinamento rigoroso, e

prometeria dar a minha vida apenas em prol de Jordan. Quando conquistei a confiança dele, ele me mordeu e fui transformado em lobisomem.

— Você era humano!

— Assim como você é agora — Fury o encarou. — Mas fique despreocupado, Jordan não pretende transformá-lo, na verdade, ele nunca transformou ninguém, ao contrário do pai.

— É uma espécie de guarda-costas para ele, não é? — Perguntou, cruzando seus braços já sentindo o frio do fim da tarde.

— Ele salvou minha vida, por isso devo a minha a ele — falou com muito orgulho.

Fury voltou a fazer os preparativos para o jantar.

— Terá uma fogueira no bosque hoje á noite, onde jantaremos. Jordan o chamará quando for a hora. Sabe da minha história, e agora acho melhor você ir descansar, pelo menos um pouco.

— Obrigado, não deve ser fácil compartilhar momentos tão íntimos.

João saiu do lugar, via o sol se pondo no céu, a noite já começava a ganhar forma. Estava tão cansando que pensou em pedir a Jordan que não insistisse para ir até o bosque, poderiam jantar numa mesa, como todo mundo. Ou talvez eles fizessem a refeição de outro jeito, pois eram praticamente outro povo, com seus próprios costumes, e esse fato atiçou a curiosidade de João. A vontade de saber mais informações era insuficiente para combater seu sono, queria apenas deitar um pouquinho.

Abriu a porta da sua “casa” e a fechou depois de entrar, sentiu-se familiarizado no ambiente, parecia seu próprio lar. Achou engraçado a construção da casa ser quase similar às outras espalhadas por todo o vilarejo, pelo menos por dentro, a que estava era bem bonita e confortável. Abriu outra porta para o quarto e percebeu que estava em um lar de gente rica, pois a sua cama antiga ficava à vista, assim que abria a porta da entrada. Agora, poderia desfrutar do pequeno privilégio, tirou a camisa e mergulhou para debaixo dos cobertores.

O sono veio aos poucos, pensar em Jordan só acelerou o processo, e logo, adormeceu.

...

Jordan estava furioso por seus sentidos estarem apitando para o perigo, perigo a João. E o que mais incomodava era o fato de que só havia sua alcateia no vilarejo, significado que um de seus guerreiros queria ferir seu garoto, isso o deixa com vontade de matar. Já supôs de onde o perigo vinha, olhou na direção da mulher alta.

— Sabia que não devia ter lhe levado, pensei que já tivesse superado isso — Jordan falou com tanta calma que os outros lobos, assustados, sentaram na mesa e ficaram sem dizer uma palavra.

— Ele matou meu marido, porra! Você quer que eu fique como? — ela gritou, as veias quase saltando do rosto.

Ezequiel olhou para o casal do outro lado, esperando que eles fizessem algo que pudesse amenizar a situação incômoda. Fingiram estar bem no clima pesado, voltaram a se beijar como se tudo estivesse normal, como se aquela discussão pudesse não acabar com uma morte horrível.

— Por favor, pensei que o assunto tivesse sido resolvido antes — Ezequiel levantou as mãos em sinal de paz. — Deve estar passando por uma fase difícil, Emily. Mas não vamos tomar atitudes extremas.

— Cala a merda da boca! — Emily olhou para o pescoço do rapaz, decidindo se enfiava as garras na jugular dele ou não. — Não sabe nada pelo que estou passando. O amor de sua vida não foi morto, e o assassino não está prestes a virar rei, ou uma rainha — disse essa última parte debochando de João.

Emily perdera o recém-marido na noite da igreja, quando João o matou colocando fogo na pele dele. Ela iria matá-lo na mesma noite, só não fez por Jordan ter dado uma ordem para que ninguém machucasse o garoto.

— Como se sentiria caso João morresse agora, e eu tivesse que casar com o assassino dele? — Emily ergueu uma sobrancelha esperando a resposta.

— Minhas ações iriam depender dos motivos do suposto assassino. Se fosse por simples prazer, acredite, o homem não estaria mais vivo. Mas se o homem matou João apenas para se defender, então o deixaria viver, e talvez o perdoaria — disse ainda calmo, o que querendo ou não, assustava muito os outros lobos.

— Seu doente!

— João matou nosso querido companheiro apenas para se defender, seria ele ou seu marido. João escolheu a própria vida, e não estou pedindo para que você o perdoe, só que o deixe em paz. Acreditem em mim, eu mataria todos da aldeia, mas vi uma chance de não derramarmos mais sangue inocente.

— E por que tinha de se casar logo com o assassino do meu marido? — as garras da mulher saíram para fora quando ela bateu as mãos na mesa.

— Eu já disse — Jordan cruzou os braços, perdendo aos poucos a paciência que ainda lhe restava.

— O quê? — ela coloca os braços na cintura e tenta imitar a voz do alfa. — “*Ele é meu parceiro perfeito, minha alma gêmea*” isso é besteira, apenas uma lenda. Não existe amor à primeira vista.

— Eu também pensei que fosse uma lenda inventada por idiotas, até acontecer comigo. Queria compartilhar as sensações com vocês, e poderiam sentir, que tudo que importa para mim agora é ele — Jordan lembrou da última vez em que os dedos do

garoto tocaram seu peito nu, quando o salvou da morte. — Além disso, não estaria vivo hoje, caso João não fosse uma pessoa boa e justa.

— Justa? Se você tivesse contado quem era, na noite que ele te achou, na noite do ataque, acha mesmo que esse garoto o salvaria?

Charlotte baixou o olhar e recostou a cabeça no ombro de Paul, já Ezequiel quis pensar que João apenas faria aquilo se fosse em segurança dos seus e não por maldade. Para Paul, o destino do garoto pouco lhe preocupava, queria só fazer o seu trabalho, relacionado a sua missão, e voltar para casa.

— Talvez sim, talvez não, dependeria só dele. E mesmo assim tenho a certeza de que faria apenas com intuito de salvar o seu povo!

Emily sentia mais raiva cada palavra do alfa, achava ele um incompetente e tremendo de um imbecil. Podia estar sendo guiada por um sentimento de vingança, mas esses sentimentos não mudam o triste e cruel fato de que seu marido foi morto pelo novo brinquedo sexual do rei, assim ela pensava.

— E você foi totalmente sincero com ele? Eu duvido muito que ele queira casar com uma pessoa que mata sem parar, muita das vezes sem motivos — disse Emily, querendo provocar uma briga. — Não é tão diferente do seu pai.

— Emily, já chega. Está passando dos limites! — Ezequiel estava de pé e mais furioso do que todos.

Charlotte e Paul também odiavam o que Emily estava tentando fazer, perder o controle nunca era a solução de nada, ainda mais uma mulher que deveria estar de luto.

— Deixe-a colocar tudo para fora — Jordan levantou uma das mãos, impedindo que Ezequiel avançasse na mulher. — Sempre matei apenas para proteger nosso povo, não há nada demais em se divertir no processo.

— Apenas em proteção do nosso povo — ela riu, ficando mais brava. — Já falou isso para aquele seu animal de estimação, que sentiu prazer em matar seus conhecidos e familiares? Você vive com essa máscara de bom homem apaixonado, mas não passa de um assassino como o resto de nós, essa é a verdade que ninguém aceita.

— Ninguém aqui nunca matou somente pelo prazer ou por vontades banais, matamos apenas quando precisamos, mas o que está querendo fazer com João é uma covardia, ele apenas se defendeu — Jordan franziu o cenho, não seria mais insultado.

— Covardia é o que você fez com os aldeões desse garoto, atacar na calada da noite, em um dia de casamento. E todos vocês se divertiram quando mataram as pessoas — Emily olhou para o casal, repreendendo-os.

— O fato é que o rei quebrou o pacto, pensamos que todos estavam envolvidos nisso. Por isso trouxemos poucas crianças, pois sabíamos da inocência delas — Disse Paul. — Além do que, certas pessoas mostraram desconhecer os planos daquele rei

fajuto deles, esse foi um dos motivos, tirando o amor por João, de Jordan ter proposto esse pacto — encerrou levantando junto de Charlotte.

Os dois saíram com esperanças de não serem mais incomodados.

Emily nem viu quando foi suspensa no ar, Jordan a agarrou no pescoço. Arrependeu-se de tê-la trazido junto nessa viagem, devia ter previsto essa loucura por causa do marido morto, principalmente por não terem conseguido achar o corpo para enterrá-lo. Mesmo nessas tragédias sem fim causada a um companheiro, não deixaria aquela mulher desrespeitá-lo.

— Talvez eu seja hipócrita, igual meu pai, um assassino — sussurrou no ouvido dela. — Então é melhor que não tente nada a meu futuro companheiro, ou eu mesmo me encarrego de matá-la — encerrou e a largou, em seguida deu as costas, saindo sem olhar para trás.

Emily caiu de joelhos no chão, com a mão no pescoço, tentando puxar o máximo de fôlego aos pulmões. Levantou a cabeça e viu Jordan indo embora, sentiu-se humilhada, e não deixaria a situação acabar assim, teria sua vingança, a custo de qualquer coisa.

Jordan andou feito um predador, pronto para destruir qualquer um que ousasse cruzar seu caminho no momento. Por isso Ezequiel se aproximou do lado esquerdo dele, preocupado, queria saber até onde esse clima de briga iria chegar, não queria problemas para ele mesmo.

— Ela não vai tentar nada, não é mesmo? — perguntou Ezequiel, incapaz de esconder a preocupação na voz.

Caminharam até a casa onde o menino João descansava, então Jordan virou-se para seu lobisomem.

Ele abriu a porta e disse:

— Me diga caso ache estranho alguma atitude dela, preciso ficar calmo hoje. Não tenho tempo para as loucuras dela — Jordan entrou na casa e fechou a porta bem devagar para evitar um barulho que acordasse o João.

— Como quiser... — disse Ezequiel, mas sabendo que o outro nem chegara a ouvir.

Jordan parou por um segundo, olhando a porta do quarto de João. Depois de anos, finalmente teria um relacionamento sério, o tempo solitário e amargo desde que assumiu o trono, a pouco tempo, havia acabado. E todo rei não podia governar sozinho, por mais absurdo que possa parecer, as pessoas não viam com bons olhos aqueles que governavam sem um parceiro. A maioria dos casamentos era arranjado, por posses de terra ou dinheiro, ou simplesmente com intuito de se livrar do filho ou filha. O casamento de Jordan e João havia amor, mas de brinde os dois lados saíam ganhado, João salvaria o povo dele, se ainda os quisesse vivos, e o próprio Jordan ganharia mais mão de obra e pessoas para reabastecer seu reino. Depois de várias

vidas terem sido perdidas graças a Desmond, o casamento também era um bom negócio.

A sensação de seu coração bater rápido, não de medo ou nervosismo, mas sim só de pensar em João, o impressionava, era surreal o efeito de uma pessoa sobre a outra. Sentia raiva só de pensar em alguém o ameaçando ou tocando nele de uma forma errada, mataria Emily se ela não fosse do seu povo, só por ter a audácia de citar o nome de seu amado em tom de aviso.

Novamente abriu a porta devagar, depois de entrar fechou para não fazer barulho, e sem fazer sequer um som com sua respiração, andou até onde o garoto repousava. Sentou ao lado dele na cama, e sorriu quando João apenas mudou de posição, sem acordar. Observou o rosto angelical dele, uma tentação da deusa da Lua, pelo cheiro o sabor dele devia ser tão delicioso, inevitavelmente suas presas afiadas saltaram para fora, cada vez se aproximava do pescoço do garoto, querendo cravar os dentes ali e fazer a ligação o mais rápido possível.

Rapidamente virou o rosto e recolheu as presas.

Arregalou os olhos consigo mesmo, surpreso por quase deixar seu instinto mais selvagem o dominar, deveria tomar cuidado para não colocar tudo a perder. Faria a ligação em sua noite de núpcias, muito em breve.

Aproximou-se, mas dessa vez, deu um leve beijo no rosto dele. E depois de abrir os olhos levemente e por um segundo, bocejou.

— Hum... Jordan? O que quer? — perguntou e em seguida bocejou de novo.

— Preciso que venha para a fogueira ao meu lado — estendeu a mão, sorrindo.

— Por qual motivo?

— Iremos nos reunir com minha alcateia e você poderá saber mais sobre o meu povo.

— Olha, juro por Deus que não quero ser mal-educado. Mas acho uma péssima ideia, tenho medo de alguns deles — seu corpo estalou e tombou para trás, colocou o cobertor por cima do corpo de novo, na esperança de dormir.

Logo suspirou quando o cobertor foi puxado para baixo.

— Prometo que ficará seguro comigo. Não deixarei nada lhe acontecer enquanto estiver ao meu lado.

— Jura?

— Juro!

João hesitou por um tempo, no entanto, sua curiosidade o venceu e ele de bom grado pegou na mão de Jordan. Curioso de onde seria essa fogueira, apostava que também seria o local do jantar. Todos ao redor de uma fogueira, jantando feito uma família feliz e problemática.

— Onde será? — Indagou, temendo ser em algum lugar dentro da floresta.

— No mesmo bosque onde conheceu Ezequiel e Charlotte — sentiu a tensão emanando dele, e decidiu tranquilizá-lo. — Nada acontecerá com cinco lobisomens o protegendo — Jordan lembrou-se de Emily. — Vamos diminuir para quatro.

João soltou uma risada, entretanto, parou no mesmo segundo sentindo vergonha.

— Eu não preciso me arrumar?

— Está bonito para mim, e isso já basta — Jordan não se importava com a opinião dos outros em relação a João, só a dele bastava.

Os dois saíram quase pregados um no outro, e João já podia ver uma luz flamejante no final do vilarejo, talvez um pouco depois. Deveria ser a fogueira. À medida que andavam, ele também podia ver três figuras, e quando finalmente estava na fogueira, reconheceu os rostos de Charlotte, Paul e Ezequiel, mas não viu nenhum sinal dos dois restantes.

— Olá — João falou.

— Oi — Disseram os três em uníssono.

...

Fury terminou de se limpar ao tomar um belo de um banho de um barril que Ezequiel trouxera, e vestiu a única roupa que trouxera nessa viagem. Pegou as carnes que estavam numa bandeja para facilitar a viagem, ficando com uma das mãos ocupadas. Na outra pegou pequenos pedaços de gravetos, depois abriu a porta com as costas e a fechou usando um dos pés.

Deu de cara com Emily.

— Pensei que já estivesse na fogueira com outros — Fury falou, sem emoção.

— Tenho uma proposta! — a seriedade no olhar indicava algo maligno.

— Estou ouvindo.

— Sei que não gostou daquele garoto também. Podemos matá-lo e fazer parecer um acidente. Em troca, se você me ajudar — ela chegou mais perto, passando os dedos naqueles peitorais malhados. — Posso te dar uma noite inesquecível. Perdi meu marido, preciso de uma distração e eu sempre te achei um bom partido.

Fury pensou um pouco nas vantagens e desvantagens que conseguiria com esse acordo suicida. A olhou de cima abaixo, analisando-a para ver se falava a verdade.

— Eu aceito a proposta.

Capítulo 19

HISTÓRIAS

As chamas se projetavam para o alto, tornando a noite nefasta com a luz da Lua. As faíscas tomaram o lugar das estrelas, o fogo estalou, afundando na terra, centelhas numa nuvem repentina de laranja vivo, João ficou surpreso um pouco quando nem notara que o Sol havia se posto, podia ser pelo fato de estar morrendo de sono.

Ali, no meio dos lobisomens, sentia não ser parte do grupo. Tinha a sensação de que nenhum deles estava gostando de sua presença, o medo de ter arruinando aquela festinha não era pequeno. Estavam num círculo com Ezequiel bem a sua frente, Charlotte e Paul no lado esquerdo dele, abraçados juntinhos, Emily do lado direito o encarando mortalmente, e claro, Jordan estava no meio e João ficou ao lado dele.

— Vai comer esse pedaço de carne? — perguntou Ezequiel, observou João quase caindo de sono segurando o espeto com a comida.

— Sua sorte é que estou quase dormindo e sem vontade de comer — educadamente passou o objeto a ele.

Jordan gostou do garoto pelo menos ter se dado bem com um de seus lobos. Qualquer pessoa se daria bem com Ezequiel, sempre alegre e sem se deixar abalar por tristezas ou mortes ao redor. No entanto, sua aparência e personalidade gentil eram sua maior arma para seus oponentes baixarem a guarda, a inocência não passava de uma máscara que sempre caía quando era irritado até limite.

Ele assou a carne que acabara de ganhar mais um pouco, depois comeu um pedaço, em seguida outro, e não tinha mais nada no espeto que fora jogado no chão.

— Devíamos fazer uma fogueira mais vezes — era nitidamente visível restos de carne em seus dentes quando abriu a boca para mostrar um sorriso.

— Você tem um apetite enorme, come tanto e não explode — soltou Charlotte.

— Fury come bem mais do que eu! — protestou.

— Cale a boca, ou eu como você! — Fury rosnou.

— De que jeito? — Ezequiel mudou o sorriso de satisfação para um mais malicioso.

Fury decidiu não responder, voltou a encarar as chamas, seu autocontrole era enorme, precisava disso. A abstinência de sexo o deixava louco. Odiava viagens longas por esse motivo, da próxima vez traria um escravo apenas para satisfazê-lo.

Sentiu uma vibração estranha, então olhou para Emily que o encarava sem piscar, ela queria executar o plano ainda hoje. Estava esperando apenas uma brecha, o momento em que Jordan deixaria João sozinho por um momento para enfim ter sua vingança.

— Está mais tenso do que o normal. Há algum problema? — perguntou Paul, envolvendo seu braço na cintura de Charlotte e a puxando até os corpos estarem mais colados ainda.

— Não... ainda não — Fury tentou ao máximo não olhar seus companheiros nos olhos, ou tudo iria por água abaixo.

— Para mim ele continua o mesmo casca grossa carrancudo de sempre — Ezequiel cruzou os braços, esperando a palavra do alfa.

Jordan ria sempre que cutucava João para o manter acordado, a fogueira foi feita por causa dele, não fazia sentindo contar a sua história e a do seu povo se o garoto acabasse dormindo. Contaria sobre as lendas, o que era verdadeiro, os rituais, e um pouquinho do povoado. Assim que terminasse o deixaria descansar o tempo que quisesse, queria ele pronto para o ritual do casamento.

— Quer saber mais sobre mim? — Ele perguntou a João.

— Claro... tentarei me... manter... acordado.

“Muito anos antes, antes mesmo de eu ter nascido. Meu pai ainda era uma criança, e o reino estava em guerra. O rei na época, e meu antepassado direto, perdia vários homens durante vários dias na guerra. Mulheres choravam por seus maridos e crianças por seus pais. Então o rei decidiu fazer um Pacto, e por meio de uma bruxa, todos os homens na guerra foram enfeitiçados com a maldição do lobisomem”

Jordan olhou para João, que parecia bem atento à história, e isso o deixou mais alegre para continuar a história.

“Nossos soldados esperavam até que os invasores pegassem no sono, e em plena Lua cheia transformavam-se em monstros. No começo não entendiam o que estava acontecendo com seus corpos, depois agradeceram ao divino por lhes abençoar com esta potente arma. Levaram dias até conseguirem manter o controle, e quando conseguiram, aniquilaram os inimigos, aqueles invasores nem tiveram chance, não tiveram tempo de piscar na primeira chacina”

“ Voltaram felizes para suas famílias, ficaram em paz até a Lua cheia seguinte. A cruel Lua fantasma”

— Lua fantasma? — João franziu o cenho.

— Sim, uma espécie de Lua que aparece ocasionalmente a quem possui tal maldição. E mostrando realmente o porquê de não termos recebido um dom, mas sim uma maldição — Jordan prossegue, aflito.

“Nesse dia trágico, os homens viraram feras sanguinárias e muitas mulheres junto de crianças pereceram, a cidade principal chegou muito perto de ser aniquilada. Quando o caos terminou e o rei viu o resultado, decidiu procurar a bruxa para remover a maldição, entretanto não queria abrir mão do poder, então decidiu que ela removesse apenas a parte dessa Lua fantasma. A bruxa negou e o rei a matou”

João não conseguia desviar os olhos arregalados de Jordan. O imaginou ficando sem controle, e o...matando.

“O rei conseguiu achar uma bruxa mais forte e mais antiga do que a última, conseguindo assim desfazer a parte da maldição, a parte em que ficava descontrolado. Depois de um tempo, descobriu-se que podia transformar outra pessoa com uma mordida, ou se seu filho ou filha tivesse nascido logo depois da maldição”

— Foi assim que as mulheres começaram a se transformar — disse Charlotte.

— Interessante — João perdera o sono totalmente.

“Descobriram também no tempo do meu pai, que existiam dois tipos de mordida, uma que podia transformar, se não matasse a pessoa, ou criar um vínculo, onde você passava a sentir o cheiro daquela pessoa a quilômetros de distancias, até em outros reinos. O tempo era limitado a mais ou menos três meses, depois tinha de morder novamente. Isso só funcionava com a pessoa que o lobisomem estivesse apaixonada”

Jordan encara João.

— Por algum motivo às vezes a mordida não funciona, pois, mesmo o lobisomem amando o parceiro verdadeiramente, o sentimento precisa ser recíproco — Jordan se lembrou de minutos antes da fogueira, onde quase mordeu o garoto, controlou suas emoções para não o fazer, tinha medo de que não funcionasse.

— Deve ser difícil não ser correspondido.

— Nossos sentimentos são mais fortes e intensos do que nos humanos. Amamos mais rápido, as vezes basta um único olhar para ficarmos perdidos em uma paixão avassaladora — Jordan tentou esconder os indícios de seus medos.

Quem diria que o único medo de que já teve na vida, era de que o garoto não o amasse.

— Continue a história — João pediu.

“Meu primeiro antepassado com a maldição morreu de velhice, pois era praticamente impossível de um lobisomem adoecer, mas podia acontecer exceções. O meu pai assumiu o trono ao passar dos reinados e o terror na família começou, sempre via ele maltratar minha mãe, queria poder fazer algo, mas era só uma criança, e mesmo me tornando um homem, não tive forças para enfrentá-lo. O infeliz chegou até mesmo a querer aprovar uma lei onde um rei poderia ter até três mulheres”

— Seu pai a traia? — perguntou João.

— Nunca houve provas. Mas receio que não. Pois a ideia veio de um tio meu, esse era mulherengo e pedira a aprovação dessa lei como um favor pessoal.

“O tempo se passou até eu ter amadurecido, e foi quando ele queria me forçar a me deitar com várias mulheres com o intuito de ter vários herdeiros”

— Não precisa contar a parte da mutilação — disse João baixinho, para os outros não ouvirem, o que era perda de tempo já que eles escutavam o mínimo de barulho.

— Obrigado — Jordan sorriu com o pequeno esforço.

“Obviamente eu me recusei, meu tio provavelmente adoraria. Como era seu único filho, ele queria netos o mais rápido possível. Meu pai ficou furioso, e infelizmente eu sofri o castigo desnecessário, e ele e minha mãe discutiram sobre a lei, o homem queria aprová-la para poder se casar com outras, e essas lhe darem muitos filhos. Foi nesse dia que desejei sua morte, pois naquela noite, minha mãe suicidou-se pulando do castelo. Não foi preciso descrever os sentimentos daqueles cujos laços mais queridos são rompidos pelo mal mais irreparável, o vazio que se apresenta à alma”

João ficou atordoado e olhou para o bando, vendo uma reação de solidariedade, pêsames. Como se pudessem sentir a dor do alfa.

“E como um passe de mágica, aquele Desmond apareceu, causando o estrago que fez e, o resto, infelizmente você já sabe”.

— Não sei o que dizer — confessou João.

— E nem precisa — Jordan voltou a olhar o fogo. — Lhe contarei sobre as alcateias.

João olhou para Ezequiel que estava comendo mais um pedaço de carne, para Fury que estava do mesmo modo de Jordan, sério e olhando o fogo. Paul e Charlotte abraçados, ela com a cabeça encostada no ombro dele, e ele afagando os cabelos dela. Depois havia um local vazio, onde Emily não se encontrava mais.

— Para facilitar a compreensão. Alcateias são divididas como vocês humanos dividem as famílias ricas e pobres. Casamentos arranjados sempre acontecem, disputadas de terras, e tem a mim, o alfa e rei que controla tudo. Tenho um número considerável de soldados, mas para essa viagem trouxe apenas os melhores. Infelizmente um de nós pereceu — disse ao fechar os olhos.

João não disse nada, pois ele matou um lobisomem, e as chances de que fosse esse de quem Jordan falasse eram altas. Entretanto, não tinha arrependimentos, fez aquilo para salvar sua vida.

— O que fez com as crianças que pegaram? — João teve de perguntar, lembrou que algumas crianças sumiram, e deduziu os sequestros. — Vocês... comeram eles? — perguntou engolindo em seco.

Ezequiel tossiu por ter engasgado com a carne, Paul riu feito um louco e Charlotte ficou com as bochechas rosadas, enquanto Fury não demonstrou reação alguma.

— Não, João. Ninguém foi comido — Jordan tentou parecer sério, mas o garoto pareceu perceber. — Olhe, elas estão sendo muito bem tratadas por ótimas famílias. Sei que não existe modo delicado de dizer isso, mas planejamos matar todos do vilarejo e poupar as crianças para que se tornassem cidadãos do meu reino, existem humanos entre nós também, sabia? Eles são tratados igualmente.

João só conseguiu pensar em uma palavra. Seu corpo estremeceu lhe passando uma sensação ruim e desagradável perturbação no organismo, fazendo o estômago emitir um ruído. Sua mente estava dividida, entre o povo na qual fez parte, de onde cresceu junto, e esses lobisomens que massacraram metade do vilarejo e voltariam a matar caso não fosse um pacto.

— *Planejamos* — João repetiu.

— O quê?

— Você pensou em quantas pessoas mataria sozinho, ou alguém colocou isso na sua cabeça — cuspiu as palavras.

Os outros lobisomens sentiram a tensão entre os dois subir, queriam ter coragem de levantar e sair igual a companheira Emily. No entanto tentaram evitar serem mal-educados, mas ainda teriam de presenciar, talvez, uma discussão.

— Seu falso rei matou meu pai, e alguns de meu povo.

— Então a resposta é essa? Desmond comete um erro e as pessoas que nada tem a ver é que pagam com a própria vida?

— Sangue se paga com sangue! — Jordan disse, em uma esperança inútil de tentar encerrar a discussão.

— Bastava apenas o sangue dele ser derramado, você matou pessoas inocentes. Talvez você seja um monstro mesmo — João franziu o cenho.

Fury sorriu, agora gostava mais ainda do garoto, ele tinha garras, ou era doido de enfrentar um homem que poderia matá-lo com um sopro. Rezava para que pudesse encontrar uma pessoa assim, bonita, forte, e que não tivesse medo de impor limites.

— Sou um monstro para quem merece. Aqueles que matei mereceram — falou, colocando força na voz, fazendo as palavras terem um grande impacto.

— Três de sua alcateia iriam me matar, eu também merecia morrer? Quem dera eu tivesse essa sorte — disse, fitando o fogo, tentando espantar a memória triste da noite trágica.

— BASTA! — Jordan levantou rugindo, deixando todos assustados, menos João. — Não irá acontecer nada com você, não irei permitir. Só irá partir dessa vida por conta da velhice.

João levantou, abriu os braços e disse:

— Isso é ótimo. Não tenho escolhas nem sobre minha própria vida — sua face ficou próxima da de Jordan, como se fossem brigar ali mesmo.

Jordan contrai os lábios num pequeno sorriso, apenas para deixar João irritado, e obviamente conseguindo já que o garoto ficou com o rosto vermelho de ira.

— Dependendo de mim, não tem mesmo —disse o alfa.

João colocou o braço para trás, e o lançou para frente, socando Jordan na boca com todo o poder que conseguiu forçar a sair do seu corpo.

O rosto de Jordan moveu-se poucos centímetros apenas, pensou que João o tivera beliscado na bochecha.

— Minha nossa, tentem se acalmar — Ezequiel tentou se aproximar, e parou quando Fury segurou em seu braço e o arrastou para longe. Charlotte e Paul nem estavam mais no bosque.

João gemia de agonia enquanto apertava a mão no seu peito. Ele podia sentir a enorme dor no seu dedo indicador e no do meio.

— Meus dedos, droga! — João gritou de dor.

— Foi você que causou isso — Jordan abriu as mãos perto do garoto, para examinar a gravidade do ferimento, agora totalmente preocupado.

— Não me encoste. Tenho nojo de você e sua raça!

Jordan afastou o corpo um pouco, espantado. Aquilo foi como se uma espada tivesse invadido seu coração e não houvesse chance de removê-la. As palavras foram a temível resposta de que tinha medo, ele não o amava, ele sentia nojo dele e de todos os outros de sua raça.

Seu peito começou a arder, sentiu uma coisa estranha nos olhos, ficou surpreso ao descobrir que tinha lágrimas, no momento queria ser reconfortado por alguém, mas não tinha nem pai e nem mãe.

A única coisa que fez, foi se virar, e sair a passos estrondosos até adentrar a floresta e desaparecer na escuridão. Caminhou até seus pés doerem, até cair no chão de joelhos, até aceitar o fato de que seu coração estava em frangalhos. Então rugiu alto, com toda a força que tinha nas cordas vocais, tentando livrar essa dor dominando seu corpo como as chamas do inferno que consumiam uma alma em sofrimento.

Preferia ter se ferido em uma luta, preferiria ter morrido ao ouvir o desprezo na voz de quem amava. Droga, queria que a dor passasse. Pelo menos naquele momento infortunado, não havia mais lágrimas, mas seu peito ardendo era agonizante de tal modo que o deixava louco, tentava se acalmar e não conseguia. Decidiu ficar no meio do nada até se senti melhor consigo mesmo, e talvez até que conseguisse superar aquelas palavras.

João ficou um pouco arrependido de ter dito aquilo, principalmente ao ouvir um rugido... diferente, sofrido. Queria ter tido tempo de pedir desculpas, dizer que as palavras saíram no calor do momento, que era tudo mentira, que gostava sim dos outros lobisomens, que gostava principalmente de Jordan.

Deu um passo em frente na intenção de seguir o rastro de Jordan, o medo de entrar na floresta desapareceu, pois precisava encontrá-lo. Precisava dele de volta aqui, em

segurança, poderia acontecer algo que acabasse o ferindo, e o pior, por causa do que falou.

Seu pulso foi segurado.

— Deixe-o. Ele precisa de um tempo — disse Fury, com a mesma expressão de sempre.

— Não queria dizer aquilo, foi sem querer.

— Eu sei — Fury suspirou. — Vamos sair daqui, na ausência dele, eu cuido de você. Então me faça um favor e vá para dentro de casa, descanse.

— E quanto a Jordan? — perguntou João ao desviar o olhar para a floresta quieta e sinistra.

— Ele sabe se cuidar muito bem.

João foi guiado por Fury, mesmo não precisando, até sua casa temporária. E ficou mais incomodado quando ele o acompanhou até o quarto. Tinha perdido o sono com a história toda contada na fogueira, e depois do acontecido com Jordan seria impossível pregar as pálpebras. Aguardaria o retorno dele com um pedido de desculpas sincero.

João se virou e viu Fury parado na porta.

— Algum problema?

— Dormirei do lado de fora do quarto, para não o incomodar — falou o lobo, em seguida fechou a porta devagar e saiu.

Seus passos não eram ouvidos, e João ficou abismado com o silêncio além da porta. Fury era uma arma mortal, podia pegar alguém desprevenido, movendo-se na escuridão sem emitir um único barulho.

João estremeceu só de pensar nisso, era assustador a ponto de lhe dar calafrios.

A noite não estava tão fria, e mesmo assim usaria o clima como desculpa para Jordan esquentá-lo, sabia que aquele grandalhão desejava isso mais do que tudo. Foi péssimo o que dissera, suas mãos suaram frio pela culpa, além do formigamento incomodo nos dedos lesionados. Pareceu alguém do seu vilarejo, ferindo outra pessoa apenas com palavras, e num mau momento de uma bonita noite.

Os lobos foram tão educados com ele...

Ofendeu o líder deles, o alfa. Teria de pedir desculpas a cada um deles, assim a alcateia poderia diminuir o ódio sobre a sua pessoa. Ficou tão decepcionado, pois agora teria de dormir sozinho, e queria repetir a noite em que se viram pela primeira vez, ansiava para repetir aquele momento. Dele abraçando seu corpo por trás, forçando a sua bunda a encostar na virilha dele, sentir ele fungando no seu pescoço...

João suspirou longamente e tristemente, tinha de tomar mais cuidado com suas palavras. Contudo naquele momento o pobre garoto nada podia fazer, a não ser esperar. Tinha fé de que Jordan estivesse bem, confortável e sem raiva dele. Seria

doloroso vê-lo com ódio nos olhos por sua causa, sentir sua mágoa pelo que dissera ou sua dor de quando ofereceu ajuda para olhar seus dedos e o rejeitou.

Ele tirou a camisa para jogá-la no chão, depois deitou na cama, cobrindo o corpo com o cobertor quentinho. Um tempo considerável passou, e nada de Jordan regredir, rolou de um lado a outro tentando se manter acordado, até esfregou os olhos algumas vezes, tentando lutar, e no final, acabou se rendendo ao sono.

Capítulo 20

VINGANÇA

Ao acordar de manhã cedo sentiu-se ainda cansado, pois acordou em pequenos intervalos durante a madrugada. Levantou e vestiu a camisa o mais depressa possível, pois Jordan já podia ter voltado, e quando abriu a porta deu de cara com Fury.

— Imaginei que estivesse acordado — ele falou. — Jordan está lá fora, te esperando. Eu mesmo disse que você queria falar algo diretamente a ele.

João sorriu.

— Obrigado — envolveu os dois braços no pescoço de Fury. — Você é uma ótima pessoa.

O garoto correu para o lado de fora e viu Jordan conversando com uma mulher. Ela parecia ser um pouco velha, mas ainda sim bonita. Os cabelos eram ruivos, não tinha manchas na pele, era tão bem cuidada que devido aos últimos acontecimentos, João pensou que fosse uma bruxa.

— Muito obrigado mesmo — agradeceu a mulher, já encerrando a conversa.

— O que está acontecendo aqui? — João indagou, se aproximando de Jordan.

Esse por sua vez nem o olhou na cara quando respondeu.

— Uma mulher que veio com seus dois filhos, veio para o vilarejo errado, na verdade ela queria ir para o seu, pois pelo que me contou, estão formando um tipo de exército — disse sem tirar o sorriso do rosto, ele encarava sem piscar a mulher.

João teve medo depois do que aconteceu ontem à noite, de que Jordan não conseguisse se segurar e acabasse matando todos. Seu peito começou a arder de culpa, seus pensamentos viraram um grande amontoado de corpos mortos no chão em poças de sangue.

— Vocês ficarão aqui e quando eu e meus homens terminarmos o que viemos fazer, irão com a gente em segurança para essa vila.

— Muito obrigada.

— Escolha onde quer ficar, as casas estão abandonadas, fique à vontade para escolher uma de seu agrado.

— Mas meus filhos... — ela nem teve tempo de dizer, foi interrompida por Jordan, ela começou a ser guiada numa direção boa para escolher onde dormir.

— Desocupe sua cabeça de preocupações, eu e meu amigo iremos achá-los, agora mesmo.

Jordan a deixou escolhendo sua moradia temporária e caminhou até João, sem dizer uma palavra, passou por ele, e o garoto apenas o seguiu, ficando ao seu lado.

— Preciso falar com você!

— Depois, agora procure os filhos dela, e diga a Fury que estou precisando dele urgentemente. Seremos mais rápidos se partimos caminho —Jordan dobrou para o lado esquerdo.

João suspirou, deixara mesmo o homem com raiva. Era só ter um pouco de calma que sua chance de se redimir chegaria em breve. Dobrou na direita e entrou numa calçada cheia de pedras, começando a passar pelas casas. Os filhos da mulher não pareciam ter entrando em nenhuma delas, passou um bom tempo procurando e nada.

Já sentia um pouco calor de tanto andar.

Até que ouviu e viu um discreto movimento vindo do estábulo quando chegou no final da rua. Imaginou que alguém estivesse lá, pois desde seu tempo aqui, não vira um animal sequer. Parece que os deixaram fugir ou mataram todos para servir de alimento.

Chegando ao estábulo, João pôde ouvir os ritmos de batida de pele contra pele, e desejou muito que não fosse o que pensava. Mas quando ele empurrou a porta da baia, vê Fury nitidamente fodendo um rapaz contra a parede dos fundos. A calça do rapaz de mais ou menos dezenove anos, estava perto de seus pés, bem no canto, suas pernas estavam bem afastadas, a camisa dele estava levantada nas costas. O rosto era prensado na madeira rústica, mantendo-se no lugar pelo punho de Fury no seu cabelo. O lobisomem estava vestido pelo menos, ele tinha desamarrado a própria calça o suficiente para tirar o pau.

Fury virou a cabeça ao sentir o cheiro de João.

— O que quer? — Ele parou os movimentos frenéticos, como se não fosse nada demais.

— Pare, ele vai contar aos outros — o rapaz passivo encarou João, chocado. — Não consigo com alguém olhando.

— Relaxe, ele é como nós.

Fury puxou a cabeça do garoto para trás, pronto para meter de novo.

— Jordan precisa falar com você — disse João.

— Ele pode muito bem esperar, garoto.

— É importante, então ele não pode — João cruzou os braços, impaciente.

Fury riu, depois falou:

— Ele quer mesmo que eu pare de comer essa bunda linda para suprir suas necessidades? Merda! — ele virou-se para João, mostrando aquele pau já amolecendo por poucos segundos, guardou seu membro e saiu andando.

João ficou abismado com a falta de vergonha daquele homem. Nem teve coragem de dizer nada quando viu o rapaz no fundo se vestir, furioso por terem atrapalhado um dos melhores sexos da vida dele.

João decidiu sair, morrendo de vergonha. Mas não sem antes dar o recado.

— Sua mãe está a sua procura! — gritou já um pouco distante do outro.

O garoto correu até Fury, e sentiu a onda de raiva emanando dele. Parecia que ter atrapalhado seu sexo foi como um atentado a sua vida.

— Desculpe — João baixou os olhos, ultimamente não parava de decepcionar as pessoas.

— Não é culpa sua, é de Jordan.

Os dois continuaram seguindo até a casa de João, onde sentaram-se à mesa e esperaram o alfa, que passado vários minutos ainda não retornara. E João ficou com receio dele está fazendo o mesmo ato de Fury, mas não seria possível, pelo menos queria pensar que não. Seria uma covardia sem tamanho estar prometido a alguém, e essa pessoa estar fodendo por aí.

— Ele não é esse tipo de homem, acredite em mim — disse Fury, como se pudesse imaginar os pensamentos do garoto. — Está comprometido com você, e ele é um homem de palavra.

— Vamos atrás dele.

— Como quiser — Fury revirou os olhos.

Saíram e passaram um bom tempo procurando, João esperava que ele não estivesse o traindo, logo tentou desfazer esse pensamento hipócrita, nem estavam juntos no final das contas. O que ele fizesse não seria da sua conta, mas era impossível conter o aperto em seu coração.

Logo o avistaram no final da rua conversando com uma jovem, e provavelmente filha da mulher. A menina estava muito próxima, bem perto do seu rosto, como se fosse beijá-lo, e Jordan estava com as mãos na barriga dela tentando afastá-la.

— Seja educada e vamos até sua mãe. Eu sou comprometido — João e Fury ouviram Jordan dizer.

— Aposto que ela não é melhor do que eu — disse a garota, ela deslizou o dedo indicador pela barriga de Jordan.

— Na verdade é *ele* — João chegou perto dos dois e ficou bem próximo de Jordan. — Eu sou o noivo dele.

— Noivo, de outro homem? — constatando a verdade na cara do homem que deu em cima: — Irão queimar no inferno!

— Irei queimar sua cara se não calar a boca e ir para sua mãe — disse Fury. — Não acredito que perdi um sexo bom para presenciar essa palhaçada.

Deixaram a garota até a mãe dela e viram o garoto lá também, e o mesmo deu uma piscadinha discreta para Fury. Os três em seguida voltaram até a casa de João, pois Jordan, ainda tinha assuntos para resolver, e João para com ele. Rezou muito para que tivesse seu perdão, não queria começar um casamento brigado com o futuro companheiro, contudo o pensamento de que iria se casar, realmente lhe causava assombro.

— Fury, preciso que tome conta deles, e certifique-se de que não precisem de nada — ordenou Jordan.

Seu lobo levantou, adorando a tarefa que foi lhe dada. Poderia acabar o que começou no estábulo, só teria de ter cautela com as mulheres, os humanos que acreditavam em Deus tinham um julgamento muito peculiar sobre sexo, só podiam se relacionar um homem com mulher e vice-versa. Para ele, todos poderiam se relacionar com quem quisessem, desde que ambas as partes concordassem.

João imaginou o que ele tentaria fazer com aquele garoto, achou nojento, e o mais hipócrita desse pensamento, era que queria que Jordan fizesse o mesmo consigo. O olhou, e o homem o encarava, sério, estando na cara uma expressão ao qual João não conseguia identificar.

— Queria falar comigo, bem, esse é o momento — Jordan cruzou os braços, aguardando.

— Bom... eu... eu queria me desculpar por tudo que disse ontem. Estava com raiva, as palavras não eram verdadeiras — seus dedos se cruzaram uns em cima dos outros, começou a esfrega-los sem parar.

Jordan ainda o encarava, analisando suas feições, procurando algum indício de que fosse uma forma de tentar enganá-lo, pois, sentiu na alma o estrago que as palavras lhe causaram. Ainda sofria do sentimento de rejeição, a dor rasgando seu coração, pedaço por pedaço até ele ficar em vários frangalhos, e só o tempo podendo curar.

— Preciso de um tempo só para mim — Jordan levantou e caminhou em direção a porta.

— Entendo.

Eles se encararam brevemente antes do homem fechar a porta e sair.

João respirou fundo, triste. Tinha certeza de que por sua causa, havia um lobisomem com o ego ferido. Pediu desculpas e só podia esperar que ele o perdoasse, decidiu esperar deitado na cama. Entrando no seu quarto, jogou seu corpo em cima dos lençóis, carregar a culpa era muito irritante e cansativo.

Estava prestes a tirar um cochilo, bem perto de fechar os olhos, quando um ruído veio do lado de fora, fazendo o garoto pular da cama, assustado.

Ele abriu a porta do quarto, onde no final do corredor havia a porta da entrada. Com marcas de garras, três arranhões enormes iam da ponta de cima e passavam pelo meio

até o ponto de baixo da madeira. João engoliu em seco, achando a casa silenciosa demais, Jordan tinha saído já fazia um tempo, então provavelmente não era ele, e infelizmente demoraria a retornar.

Caminhou até a mesa a passos lentos e tentando não fazer barulho. Só podia ser aqueles forasteiros, conseguiram enganar Fury de alguma forma, e vieram buscar João. Devia saber que eram espiões da vila, trabalhando para leva-lo de volta até a morte. Pegou uma faca de cortar carne e recolheu os braços no intuito de não deixar muito a vista.

Abriu a porta de uma vez, e não vendo nada, colocou a cabeça do lado de fora. Olhou de um lado para outro, vendo apenas casas e a rua vazia. Uma mulher pulou do telhado e pousou no chão, de costa para João, com facilidade.

Ele gritou de susto e fechou a porta, mas só conseguiu deixá-la apenas entreaberta já que um braço a impediu de ser trancada, as garras tentaram rasgar aquele rosto branco irritante. João virou e tenta empurrar a porta com as costas, colocando forças nos pés, no entanto nada adiantava. Então segurou a faca com força, e a enfiou bem no meio da mão da criatura, fazendo ela urrar de dor e puxar seu braço de volta.

Virando novamente, encarou a porta e começou a andar para trás, tendo esperanças de que conseguiria chegar até o quarto. Ele parou e olhou para o teto quando barulhos de passos foram emitidos, o som passou por ele e foi até o quarto, onde um estrondo aconteceu do lado de dentro.

Ela tinha entrando.

João piscou e a porta voou em sua direção, por sorte conseguiu se abaixar a tempo. Deitado no chão era como se de alguma forma pressentisse que sua sorte de sobreviver havia acabado e os pesadelos tivessem virado realidade. Emily andou lentamente até sair do quarto, ela estava com as presas a mostra, as garras afiadas do lado de fora e com a cor dos olhos mudados. Por sorte a Lua cheia não estava no céu já que era de manhã, e ela ainda estava na forma humana.

Havia uma qualidade felina na forma como ela curvava o seu corpo, esperando que João fizesse algum movimento brusco para poder atacar. O seu olhar assassino passava pelo garoto e por acima dele.

João notando, olhou para trás, e se deparou com Fury, no mesmo silêncio de antes.

— Seu traidor, me prometeu que mataríamos esse bosta!

— Nunca seria capaz de agir contra meu rei e tirar sua salvação — falou muito sério, ele não demonstrou nenhum medo diante dela.

João não entendeu quando ele disse a *salvação* do rei, de que modo poderia salvar Jordan de algo? Nem conseguia levantar com o medo de morrer. Voltou a encarar Emily, ela não conseguia manter os olhos longe do rosto de João por mais tempo do que João conseguia manter os seus longe do dela.

— Por que está fazendo isso? — perguntou João, olhando para Fury, agora em sua frente.

— Você matou meu marido, lembra? Na igreja — seu rosto se contorceu, ficando em fúria só de lembrar do acontecido.

O plano era tão obvio, ela tentaria tirar Fury do sério usando algumas técnicas, apenas para tirá-lo do caminho por tempo suficiente para conseguir acabar ceifando o garoto. Dava para ver em sua face, que seria rápido, um ato infeliz, já que ela planejava mantê-lo vivo por dias a fim de torturá-lo.

João imaginou as formas em que ela poderia tirar sua vida, tanto jeitos diferentes e criativos. Com a força Emily podia arrancar sua cabeça do corpo, parti-lo ao meio também deveria ser uma opção, talvez até arrancando o coração do peito e destruindo ele, do mesmo modo que o garoto destruiu o de Jordan.

— Emily — Fury a chama numa voz suave.

A mulher o olha já prevendo que ele tentaria convencê-la a não matar.

— Nós tínhamos um acordo — ela diz, com muito desprezo.

— Ele é o futuro companheiro de Jordan, nosso alfa. Ele finalmente achou alguém que o deixa feliz — disse Fury, ele colocou um dos pés para trás, armando-se para avançar.

João não concordava muito com que ele disse, conseguiu magoar Jordan de uma forma que talvez fosse impossível ter alguma chance.

— Nosso alfa está infeliz agora por causa dele, será um favor acabar com a vida desse assassino.

João franziu o cenho com a última palavra.

— Você mata inúmeras pessoas do meu vilarejo e eu é que sou o assassino? — João riu.

O que foi um erro fatal.

Com um grunhido estrangulado, Emily avançou em direção a João, mas Fury entrou na frente, e pela força do impacto os dois caíram e foram deslizando até a entrada. Ela usando sua flexibilidade, apoiou as mãos no chão e jogou o joelho no pescoço de Fury, o fazendo gemer.

Se virou rapidamente, os olhos dela, ficando parados por uma pequena porção de segundos, encontraram os de João, então ela avançou, e João ficou paralisado de medo, ela ergueu as garras para arrancar o coração dele, mas isso nunca chegou a acontecer, pois Fury silenciosamente, já estava atrás dela segurando seus longos cabelos, e com a mão livre segurou a cintura dela, lançou-a para o lado oposto, Emily caiu no chão do lado de fora da casa.

Emily num suspiro, já ficou em pé, pronta para atacar.

Fury colocou os dentes a amostra, e as garras para fora. Desistiu da ideia de tentar convencer uma companheira de longa data a cometer um erro terrível. Não deixaria esse garoto morrer por uma vingança que só traria mais tragédia.

— Meu marido morreu por causa desse idiota — rugiu, dizendo mais para si mesmo do que para o novo inimigo.

— Para defender a própria vida! — ele rugiu mais alto do que ela.

Os dois correram um na direção do outro e pularam, chocaram-se no ar e tombaram no chão novamente. Para o azar de João, Emily conseguiu ficar em cima dele, depois descarregando a fúria, começou a fatiar o peito de Fury, rasgando sua camisa e seu peito, deixando-o em carne viva.

João correu para pelo menos tentar conter os movimentos dela, e dar chance de Fury tentar algo. Mas sua ajuda foi inútil, pois quando a segurou, foi acertado no nariz e caiu no mesmo instante, com sangue espirrando dos dois buracos.

— Finalmente, poderei tirar essa sua vida inútil — ela levantou como um predador e todos os seus movimentos para chegar mais perto eram imaginando formas de matá-lo.

Emily ergueu a mão, a luz do Sol mostrou nitidamente as unhas afiadas que iriam tirar a vida de João. O prazer a inundou, ela sorriu de satisfação, tão perto de completar sua vingança e ficar em paz consigo mesma para conseguir superar o luto, sabendo que o assassino de seu amado estaria morto.

Um barril caiu contra seu corpo, quebrando e levando ela para longe do menino. Ficou deitada e encharcada de vinho. Até entender o que tinha acontecido, foi pega pelo pescoço e erguida. Seus olhos se arregalaram ao ver Jordan, furioso, e pela primeira vez em muito tempo, sentiu medo.

— Jordan eu...

Foi interrompida, pois Jordan arrancou metade do pescoço dela com os dentes, liberando litros de sangue, que escorreu por todo corpo. Ela caiu de joelhos no chão quando ele a soltou, Emily colocou as duas mãos no pescoço, inutilmente, já que sua cabeça tomba para o lado, se separando do corpo e caindo no chão quente.

E assim ela morreu, sabendo que sua vingança nunca fora cumprida, morreu infeliz, podendo ter evitado isso. Mas o ódio a cegou, e a matou.

João forçou os seus olhos - que estavam congelados e arregalados com o choque - a se moverem para que não pudesse examinar a cabeça de uma pessoa morta próximo de si. Viu Jordan ajudando Fury a levantar, João não podia ir até eles, pois não conseguia fazer seus pés responderem, estavam travados, de choque e medo.

Ezequiel chegou, ofegante, depois que se deparou com a cena de Emily, virou e vomitou o que tinha comido na fogueira. Depois Paul e Chalotte chegaram, ao ver o

corpo da antiga amiga, cada um teve a própria reação, ela se ajoelhou perto do corpo e começou a chorar, ele encarou João.

— Mais uma morte de um dos nossos, causada por você — Paul o acusou.

Fury, mesmo com o peito destruído, que estava sendo cicatrizado aos poucos, ficou na frente do companheiro, devia explicar o real motivo da morte dela.

— Ela tentou matá-lo, mesmo eu tentando fazer com que ela desistisse da ideia, me atacou e tentou tirar a vida do garoto. Emily fez isso com ela mesma — falou ofegante, e voltou para dentro da casa.

Jordan ajudou João a se erguer, depois o guiou para dentro da casa, mas antes virou para os membros da alcateia.

— Vivam o luto, o ódio a destruiu, a vingança corrompeu sua alma — ele não se sentia nada bem por tê-la matado. Tinha a impressão de que ficaria do mesmo jeito se alguém matasse seu garoto. — Desejo que o mesmo não aconteça a nenhum de vocês.

Ezequiel e Charlotte já estavam esperando que Emily causasse a própria morte, depois de tantos conselhos para seguir em frente, não adiantou de nada para uma pessoa teimosa. Paul, não era muito próximo dela, entretanto, fazia parte da alcateia particular do rei junto dos outros, portanto, a considerava uma irmã.

Dentro da casa, João observou espantado, os ferimentos de Fury fecharem bem diante dos seus olhos, e seus ouvidos presenciavam o homem gemer muito de dor.

— Você vai ficar bem?

— Sim, ferimentos causados por lobisomens são mais difíceis e dolorosos de se curar. Provavelmente ficarão cicatrizes — ele disse, tentando controlar a respiração que lhe causava dor.

Jordan chegou perto e colocou sua mão no ombro de Fury.

— Muito obrigado, irmão. Por proteger meu garoto.

João franziu o cenho para o *meu garoto*

— Não há de que, mas preciso dizer algo. Esse garoto tem um chamariz para problemas — falou soltado um riso dolorido.

— Eu sei disso muito bem — devolveu a risada.

Jordan olhou para João, depois com a cabeça baixa, andou até ele. Segurou suas mãos, e fez ele o encarar.

— Vai aceitar o Pacto por vontade própria? — ele perguntou.

— Se eu não aceitasse, você faria o que?

— Deixaria você ir embora para onde quisesse. Mas todos os adultos daquela vila iriam morrer.

— Não tenho outra escolha.

— E o mais engraçado disso tudo, é que ainda quer salvar as pessoas que te mataram — Jordan sorri de canto.

— Eu aceito o pacto. Eu quero me casar com você.

— Ótimo. Fury se encarregará de prepará-lo e explicará como funciona o ritual de nosso povo — Jordan não escondeu a felicidade. — Ainda hoje, seremos uma só carne.

De repente João o abraçou, e lutou contra a vontade de derramar algumas lágrimas.

Capítulo 21

RITUAL

Os dois estavam abraçados, Jordan sentia o desespero do garoto e desejou de algum modo ter o poder de acalmá-lo. Afagava os cabelos dele vendo seu sofrimento, podia senti-lo tremendo, assustado, como um filhotinho sozinho no escuro temendo a morte.

— Eu não aguento mais fugir, não aguento mais lutar pela minha vida, só quero um pouco de paz — disse João, que chorava no peito de Jordan enquanto este o cobria com seus longos braços musculosos.

— A vida é cruel. Venha, vamos entrar. — Jordan o puxou pelo braço.

O levou até o quarto, não falaria nada por agora para não perturbar sua cabeça ainda mais, mas o queria descansado suficiente para o ritual que participaria hoje à noite. Então ele mesmo colocou João sentado na cama, depois o forçou a se deitar com cautela, e lhe cobriu, pousando o cobertor em cima do corpo.

Na hora que saiu para ir conversar sobre o enterro de Emily com a alcateia, João segurou seu braço, o rosto dele estava suado, sentia medo de ficar sozinho novamente.

— Fique aqui, comigo — ele disse, implorando.

Jordan passou os dedos levemente no rosto dele, a pele era tão macia que poderia passa o dia todo apenas o alisando. Queria mais, queria se deitar com ele, provar e sentir o sabor daquela pele em sua boca, mas resistiu à luxúria sabendo que ao anoitecer teria o garoto todinho para si, imaculado de corpo e alma.

— Infelizmente não poderei. Mas Fury cuidará de você, agora descanse — depositou um beijo na testa dele, depois saiu.

Na mesa estavam o resto da alcateia. Examinou um após o outro, identificando os sentimentos do luto em cada um de modo diferente. Ezequiel se encontrava em pé no canto da parede, enquanto Charlotte chorava e Paul apenas a confortava, já Fury tentava resistir a dor na medida que os ferimentos iam fechando.

— Precisamos enterrá-la — disse calmamente.

— Estranho, você parece não se importar! — Charlotte cuspiu as palavras.

Jordan entendia o motivo dela sentir raiva, uma das melhores amigas havia partido, e não com uma imagem muito boa. Sorte que ainda tinham o que enterrar.

— Todos sentem o luto do próprio jeito — Ezequiel o defendeu, mas logo o atacou. — Mesmo que seja de um jeito frio.

Jordan sentia a perda tanto quanto eles, todavia aprendera com seu pai que um rei não podia demonstrar fraqueza, ou os seus soldados questionariam sua autoridade.

Além de aguentar a perda, teria de lidar com constantes críticas de três lobisomens, seria bastante incômodo, mas aguentaria sem arrependimentos, fez o que fez para manter João vivo. Dera várias advertências a Emily as quais foram ignoradas.

— Vamos, precisamos cavar. Ezequiel, Paul e eu cuidaremos disso — Falou Jordan, balançando a cabeça, fazendo os dois junto de Charlotte, saírem.

Jordan os seguiu, chegando à entrada, Fury decidiu confessar algo.

— Ela me pediu para me juntar a ela para acabar com a vida do garoto.

O alfa sentiu um tremor no peito, seu lobisomem em quem mais confiava foi perguntado sobre o trair pelas costas.

— Fiz com que ela pensasse que aceitei. Não lhe contei, pois Emily saberia e tentaria em outro momento, mas no final, seu destino seria esse uma hora ou outra. Até tentei convencê-la uma última vez e não obtive sucesso — disse, entre um gemido e outro.

Jordan virou e olhou para seu braço direito, sentado na cadeira com os olhos fechados, o peito subindo e descendo rapidamente, os cortes profundos se recuperando lentamente. Ele praticamente iria dar a vida pelo garoto se fosse preciso.

— Obrigado — os dois se olham momentaneamente. — Se não fosse por você, meu garoto... João teria morrido.

— Então é muita sorte você ser rápido e ter chegado bem a tempo. Eu levei uma surra — riu, e depois gemeu.

Fury faria de tudo por Jordan, sua vida foi salva por ele, sabia que o mesmo o considerava como um irmão, e ficou feliz pelo sentimento ser recíproco. Desde que ficou ao lado dele, era como se tivesse ganhado uma família de presente, Jordan podia ser até seu irmão mais novo caso pensassem na idade deles.

— Irei demorar nesse enterro, nesse meio tempo preciso que tome conta dele, e quando ambos estiverem em boa forma, prepare-o para a cerimônia.

— Confia em mim para...

— Sim, sei que não fara nada de inapropriado. Notei que você o respeita — Jordan levantou uma sobrancelha.

— Claro, ele conseguiu algo que jamais qualquer parceiro seu pensou em conseguir — Fury sorri.

— E o que seria?

— Seu coração.

Depois de darem uma risada gostosa Jordan saiu para ajudar os outros a enterrarem uma das melhores guerreiras. Seria trabalhoso substituí-la, do seu time particular já perdera dois lobisomens, e se negaria a perder mais um deles.

Observou Ezequiel levando o corpo e Paul à cabeça, Charlotte caminhava atrás deles, com o olhar baixo, faltava coragem para encarar sua falecida amiga. Juntou-se a eles, depois de um tempo pararam em terras em que pudessem fazer uma cova.

Os três homens começaram a tirar as garras para fora, então começaram a cavar, depois de um bom tempo, e já suados, saíram de lá. Ficaram surpresos ao verem Charlotte segurando o corpo com a cabeça em cima da barriga, ela pulou na cova e deixou o corpo na melhor posição possível.

Caso Jordan pudesse voltar no tempo e conseguisse convencer Emily de desistir da vingança maluca dela, nada disso teria acontecido, no entanto não possuía tais poderes, agora tinham de conviver junto dessa dor.

Os três homens voltaram a trabalhar, cobrindo o corpo com terra, também demoraram um tempo, e quando conseguiram, cada um prosseguiu em frente, se despedindo em intervalos.

— Adeus minha velha amiga — Charlotte estava ajoelhada perto do túmulo, falando uma última vez com a companheira.

Paul e Jordan lamentavam em silêncio, Ezequiel e Charlotte se encontravam mais próximos da cova, falando com ela e para eles mesmos. Nunca era fácil perder alguém querido, contudo, lidar com uma pessoa difícil requeria medidas extremas.

Cavaram uma cova no bosque mesmo, não teriam tempo de carregar o corpo até a cidade, pois ainda iriam no vilarejo, onde João uma vez morou. Precisavam deslocar as pessoas de suas moradias e guiá-las até as cidades principais. Assim teriam água, comida e roupas, tendo uma chance melhor de sobreviver no inverno.

Já estava anoitecendo, Jordan devia se preparar para o ritual, pois João e Fury provavelmente já iam a caminho da floresta, só esperava que seu lobisomem fosse o suficiente para manter seu garoto calmo, com a sensação de segurança. Por entre aquelas árvores, de noite, o clima era bem sombrio, e o ritual poderia assustá-lo muito.

— Ele não perguntou mais nada sobre nós? — Paul indagou.

— Como assim?

— Pensei que o garoto fosse ter alguma dúvida sobre Emily ter se transformado em partes, sem a Lua cheia.

— João deve ter chegado a conclusão sozinho. Infelizmente só poderemos atingir nossa forma completa nas noites em que a Lua está cheia no céu, dando o resto do poder necessário para mudarmos de forma.

Jordan não teve tempo de contar mais sobre as lendas, de sua história, e sobre ele mesmo para João, devido à pequena discussão no bosque. Depois de estarem casados haveria muito tempo para se conhecerem melhor. O homem passou a língua nos lábios, imaginando conhecer melhor o corpo do menino, explorar cada parte daquela pele pálida, com suas mãos, boca e língua.

Enrijeceu o corpo rapidamente, rezando para que os outros não tivessem notado o pequeno devaneio. Era bom em autocontrole, era frio nas mais diversas situações, mas o garoto tinha uma habilidade especial de sempre deixar Jordan bravo, com raiva, medo, triste e feliz, daria tudo para saber como ele faz isso.

— A Charlotte mexe com seus sentimentos?

Paul franziu o cenho.

— Perto dela você não conseguiu se controlar, é sempre imprevisível? — Jordan continuou.

— A resposta para as duas perguntas é sim. Está acontecendo o mesmo com você e João, estou certo? — Paul encarou Charlotte erguendo-se, que junto de Ezequiel, caminharam até eles.

— Sim, você está certo.

Sua boca se contorceu até formar um leve sorriso, o coração estava alegre e em paz sabendo que em breve se casaria, e com alguém que amava. Nada de casamento arranjado, e sentiu reciprocidade de João. Finalmente teria alguém com quem contar, dividir intimidades, compartilhar sentimentos.

— Vamos, precisamos nos aprontar e deixar Jordan no ponto — disse Ezequiel, dando uma piscadela ao alfa.

Todos caminharam de volta para a casa de João e lá juntaram-se todos a mesa. Charlotte tentou farejar algo, e percebeu que o cheiro estava bem fraco.

— João e Fury já não estão mais aqui — ela disse.

— Ótimo. Ezequiel, preciso que tome conta daqueles forasteiros, cuide para que nada aconteça — Jordan pediu.

— Pensei que fosse trabalho de Fury, afinal, não é ele que está se deitando com o moleque? E nem neguem, eu senti o cheiro dele praticamente pregado no rapaz — colocou as mãos na cintura, encarando o alfa de uma maneira engraçada.

— Por isso mandei ele cuidar de João e você dessa família. Sei que não irá traçar o garoto porque não gosta da companhia de outros machos, nem vai querer pegar as sobras de Fury. Quanto as mulheres, confio de que não fará nada — Jordan estava bem despreocupado de que seu lobisomem fizesse algo de errado.

Ezequiel bufou, inconformado de ser uma babá de pessoas adultas, mesmo odiando a tarefa lhe passada decidiu cumprir a ordem e saiu dali reclamando baixinho.

— Charlotte, o acompanhe e certifique-se de que tudo fique bem.

— Tem certeza?

— Tenho, preciso apenas de uma pessoa que me ajude na cerimônia — Jordan falou, olhando para Paul, a quem escolheu para prepará-lo.

Ela balançou a cabeça e saiu atrás de Ezequiel, pensou que provavelmente ele assustaria a família com seu temperamento chato, sempre acontecia quando estava de mau humor. Só esperava não ter muita dor de cabeça, planejava voltar cedo, logo depois do ritual, para deitar e descansar na companhia de Paul.

— Preparado? — Paul perguntou a Jordan.

— A muito tempo.

— Se não me escolher como padrinho, acabo com você — Paul ameaçou.

Jordan soltou uma gargalhada forçada e nada engraçada.

— Essa coisa de padrinhos existe apenas no ritual de casamento do povo de João.

— Exato, tente incluir no seu casamento algo do povo dele — Paul caminhou para a porta e Jordan o seguiu.

— Então todos da minha alcateia serão padrinhos.

Jordan sempre achou os costumes do povo do Sul muito estranhos. A começar de que viam com maus olhos os relacionamentos de dois homens ou mulheres, tanto que chegavam a extremos apenas para impedir esse amor, que segundos eles, eram causadas por influência do demônio. Ainda achavam normal uma mulher no começo da puberdade casar com um homem no dobro da sua idade, e ainda reprimiam as mulheres sexualmente, as proibindo de se deitarem com alguém a menos que já fosse casada.

Também tinha o fato da desigualdade, soube por meio deles mesmos que mulheres serviam apenas para serem submissas ao homem, cozinhando, lavando roupas, e principalmente para dar filhos a eles.

Isso era um problema também do seu próprio povo, algo menor, que já estava mudando.

Queria ordenar que Charlotte matasse os homens mais fortes daquele lugar imprestável, e então descobririam a força de uma mulher guerreira. Uma pena ter trazido apenas ela, mas as outras não eram de sua confiança a ponto de trazê-las junto nessa viagem, pois ainda não passaram pelo treinamento necessário. Podiam desobedecer suas ordens, igual a Emily, e matar pessoas que prometeu proteger.

Seguia Paul até a floresta, o nervosismo que não conseguia esconder o deixou incapacitado de dizer ou fazer algo, nunca havia presenciado um ritual com seus olhos, e agora o ritual seria praticado nele.

...

João engoliu em seco, esse ritual esquisito tinha de ser logo na floresta. E para seu azar, os resquícios dos pavores que passou permaneciam na sua mente. Só pediu para que Deus lhe protegesse de qualquer infortúnio que viesse daquele inferno. Continuou acompanhando o lobo que estava com um corpo morto de um javali nas mãos e uma

taça qualquer. Pensou por um momento que faria parte de uma seita demoníaca. Esses lobisomens eram muitos esquisitos.

— Por favor, fique parado e aguarde novas ordens — disse Fury.

Fury parou ao saírem quase que totalmente de perto dos troncos de árvores, estavam agora na pequena área livre. O lobo fez uma garra surgir do seu dedo indicador, então enfiou no tórax da carcaça e cortou o bicho até deixa-lo totalmente aberto. Ele guiou a enorme taça em direção a grande quantidade de sangue que caia sem parar, enchendo-a até o talo. Quando conseguiu o que queria, agarrou os pelos do animal morto e jogou o corpo para longe. Fury começou a andar devagar, derramando a taça na medida que seus passos avançavam. Num momento ele começou a inclinar a sua direção, dando uma volta, fazendo um círculo de sangue no chão. Terminando de completar o círculo macabro, andou até João e lhe entregou a taça.

— Beba tudo, até a última gota.

João engoliu em seco, segurou as beiradas da taça com suas duas mãos, olhando fixamente para ela. Pensava se realmente deveria continuar com aquilo, parecia estar dando as costas para Deus de alguma forma. Não perguntou nada, nem desconfiou das intenções do lobo, só bebeu, virando a taça e fazendo o liquido entrar na sua garganta até não sobrar mais nada. Limpou os restos dos seus lábios com o a mão, achando um nojo.

Deu graças a Deus por estar com os pés protegidos por sandálias que achara na casa, o chão já tinha um pouco de neve e fazia seus pelos se arrepiarem só de pensar em fazer contato com o gelado. Por um mísero segundo imaginou os zumbis surgindo da escuridão e o encurralando, mas parou, fechou os olhos e respirou calmamente, se concentrando em espantar os pensamentos assustadores. Quando abriu os olhos, Fury estava parado a sua frente, examinando-o de cima a baixo.

— Fique no centro do círculo, por favor — pediu ele.

João só balançou a cabeça, tremendo nervosamente. Caminhou lentamente na direção do círculo, por fora sentia o vento frio, no entanto por dentro, o sangue parecia esquentá-lo cada vez mais. Abraçou o próprio corpo ao parar mais ou menos no centro.

— O que faço agora?

— Já fiz um círculo de sangue, o pretendente está no centro e agora um lobisomem deve chama-la.

João não entendeu nada, Fury pareceu estar falando para ele mesmo. Olhou de um lado e depois para o outro, as folhas nas árvores chacoalhavam os galhos pela forte ventania que surgira. O medo crescia no garoto, queria sair dali o mais rápido possível. Só podia estar participando de algum ritual das artes das trevas. Fury ajoelhou-se fora do círculo, mas bem perto da faixa de sangue. Ergueu os dois braços para o alto como se estivesse prestes a sacrificar um virgem, olhou para cima e fechou

os olhos. E se mantém calado pelos próximos segundos, sem se mover e sem emitir qualquer barulho.

— Oh! Deusa da Lua! Presenteio esse garoto a um de seus filhos — Fury falou com o tom alto.

João, sem sair do lugar, girou o seu pescoço e inclinou a cabeça o quanto conseguia, para observar as folhas das árvores do seu lado direito, voando em muitas voltas e desaparecendo na escuridão da floresta ao seu lado esquerdo. O frio aumentou por algum motivo, ele até pensou em ter ouvido alguns sussurros vindos pelas suas costas. O círculo brilhou tão rapidamente que no primeiro piscar do garoto, toda a faixa de sangue estava chamuscando. Depois o fogo cresceu até ficar mais ou menos na altura da sua cintura, intensificando ainda mais seus medos.

— Há nele verdade, e não mentiras. Pode não amar verdadeiramente Jordan agora, talvez sinta paixão, mas não há nenhum indício de manipulação no seu coração — disse Fury, baixou a cabeça e abriu os olhos, encarando João. — Não se mexa, nem quando sentir uma leve pressão.

João estava prestes a pergunta qual seria a suposta pressão, no entanto, sentiu. Foi como se dedos empurrassem seu peito levemente, mesmo no lugar em que seu coração batia rapidamente, chegando a doer um pouco. Parecia que estava despido e alguém o apalpava sem parar, estava com vergonha e pavor.

No momento que a sensação foi embora, Fury levantou-se.

— Acabou.

— Só isso? — indagou João, trincando os dentes. — Posso sair daqui?

Ao balançar a cabeça quase riu vendo o garoto disparando para o seu lado, as chamas nem se apagaram direito e o garoto conseguiu saltar sobre os chamuscados.

— Quero explicações!

Fury revirou os olhos, cansado.

— Na sua religião não há nenhum ritual antes de se casarem de verdade?

— Não teve no meu, praticamente me jogaram em cima de uma mulher — disse João, esfregando o corpo, tentando esquentá-lo um pouco por fora.

— Entendo. Bem, nós também não costumamos fazer nossos rituais em lugares sinistros como esse, mas Jordan é um pouco impaciente — Fury pôs as mãos na cintura, baixou a cabeça, depois a levantou. — Em qualquer união do nosso povo, fazemos isso para que a Deusa da Lua abençoe a ambos. Precisam estar separados, pois ela necessita de certa individualidade de cada um. No seu caso é diferente, pertence a um outro povo, então além de te abençoar ela também precisa checar suas intenções para com seu lobisomem, principalmente se for o alfa de todo o reino.

João piscou várias vezes, chocado, então aquele toque...

— Sua Deusa existe de verdade então?

— Somos como seu povo nesse quesito, eu nunca a vi, mas acredito nela.

João queria dizer que não sentiu como se estivesse sendo abençoado. O ritual parecia mais como uma permissão para essa entidade, ou quem quer que ela fosse, para penetrar na sua mente e ver todos os seus pensamentos. Era quase como se esse ritual o fizesse ter dado permissão para tal entidade vasculhar o que ela quisesse.

— E se eu tivesse segundas intenções?

— Você teria sido arremessado do círculo — disse Fury.

João arregalou os olhos de tão surpreso. A Deusa até que não era totalmente boazinha.

— E agora, não vai ter nenhuma pergunta? Como, *aceita se casar com Jordan*, ou algo parecido?

— Não. Só precisa consumir o casamento. Vai ter que foder muito daqui a pouco.

João desviou o rosto do de Fury, o homem falou como se não fosse nada demais. Seu rosto encheu-se de vergonha, no entanto, seu corpo continuava a queimar por dentro. E aos poucos foi ficando excitado, mais do que já ficou na vida...

— Esqueci de informar, quando não estava vendo coloquei um pouco de *calorum* no seu cálice. O ritual também serve para acelerar os efeitos dessa planta — informou Fury.

— Me drogou com uma, o quê, planta?

— De modo algum. Mas sim, é uma planta — Fury alargou um sorriso. — Só o deixei no ponto.

João sentiu um enorme formigamento na área da sua virilha e no seu traseiro. O calor dentro do corpo crescia a cada segundo, o deixando louco.

— O efeito só vai parar quando se aliviar. Jordan me informou antes que estaria esperando você na casa ao lado da sua — Fury apontou a direção do caminho de volta. — Ficarei aqui, esperarei até você estar um pouco longe, depois irei dormir na minha cama. Pode ir.

Ele ficou calado, a onda emanando da sua espinha ficava mais forte, precisando ser saciada o mais depressa possível. Mergulhou na floresta sem se preocupar com seus medos. Andou por um longo tempo. Esse fogo aumentando no seu corpo deixava suas pernas moles de tanta excitação, só queria deitar na cama ao lado do seu lobo. Ansiava por ele, queria aproveitar cada parte do seu corpo.

Capítulo 22

O PACTO

João já andara por tempo demais, até que passou a conseguir ver os amontoados de casas. A onda no seu corpo começara a incomodar, não sabia que tipo de magia caiu sobre si, mas sabia que precisava urgentemente de Jordan, o homem poderia responder todas as suas perguntas.

Claro, só após consumarem a união.

João ainda estava meio receoso, recebeu instruções do que fazer, passo a passo. Mas ainda era puro de corpo e alma. Chegando ao vilarejo continuou andando sempre olhando de um lado a outro, tentando achar a casa certa.

Até que parou na casa do lado da sua.

Segurou na maçaneta fria da fechadura e quando adentrou decidiu levantar a cabeça de imediato, para enxergar o interior do lugar, Jordan não estava ali. Aquela casa era comum como qualquer outra. Nada nela indicava que tivesse sido abandonada há pouco tempo. Andou pelo lugar como um observador, de certa maneira deslumbrado pelo local lembrar sua própria casa, onde passou sua infância e grande parte da adolescência.

A diferença que notara era a de um corredor onde no final dava em uma porta desgastada pelo tempo. O jovem imaginava quem o esperava no outro lado, seguiu adiante, ainda nervoso e assustado pela inexperiência de nunca ter deitado com alguém na mesma cama, de um jeito sexual. E caso fosse horrível? Não fosse um amante bom o suficiente? A altura de outros com quem ele se deitou?

Infelizmente era impossível voltar atrás, no fundo queria entrar pela porta e ser o melhor amante que Jordan já tivera na vida. A porta estava próxima o bastante para João hesitar em pegar a maçaneta, por algum motivo havia pequenos desenhos de homens com lanças nas mãos lutando contra os lobisomens na madeira.

O medo de algo dar errado era constante em sua mente, suas pernas podiam bambejar por ter ouvido um fungo forte de macho do outro lado, mas conseguiu as manter firmes onde estavam.

— Sua mente diz para fugir, entretanto, seu corpo quer que se entregue a mim — Jordan disse, a voz saiu meio abafada, e ainda sim audível.

João engoliu em seco, tomou coragem e então abriu a porta. O quarto parecia ser bastante espaçoso, isso por só haver uma cama de casal no centro, onde em cima, Jordan se-debruçava nos lençóis.

Jordan sorriu ao avistar seu tão belo garoto, não conseguia mover os olhos em outra direção. João ficou de costas para seu prometido, de repente seus medos e inseguranças sumiram, dando lugar a luxúria enorme em entregar seu corpo ao homem. O garoto virou de costas e se despiu, ficando nu e dando tempo de ser observado por completo, virou de volta com ar de desejo. Os dois se encaravam ansiosos, e Jordan foi até João, lento, tendo todo o cuidado do mundo em deixa-lo o mais confortável possível. O pegou em seus braços e o beijou com ardor. Os lábios tentam incansavelmente saciar o desejo da saudade desde a última vez em que suas bocas tiveram contato.

De repente, Jordan ficou trêmulo com tudo o que queria, ele se sentiu atônito com os impulsos em conflito. Queria ser delicado, apertar mais forte. Não conseguia parar de passar as mãos na pele lisa de João. No momento em que pararam para respirar um pouco, Jordan levantou João no ar — as pernas do garoto enroscaram-se na sua cintura — e o empurrou na parede, sentindo as curvas daquele corpo bem desdenhado.

Jordan se viu satisfeito por provocar cada reação, com a tensão da barriga, o leve tremor das coxas dele em sua cintura. Podia sentir o ciclo de reação e repressão de João à sua frente, à medida que o ímpeto se acumulava, crescendo nas linhas do corpo de seu garoto. O beijo recomeçou tão intenso quanto antes, as línguas exploravam cada canto da boca de ambos, lutando uma batalha molhada e prazerosa. Os dedos de Jordan correram pelas costas do garoto até as bandas das nádegas duras. João em resposta tirou a camisa de Jordan, e pôs os pés no chão, enquanto o homem chupava seu pescoço.

— Quer me possuir, agora? — João disse, ofegante.

— Nos meus vinte e dois anos de vida, ninguém me deixou dessa maneira, ansioso e desesperado. Então sua resposta é sim — Jordan disse, e em seguida voltou ao seu trabalho. Depois parou de novo. — Quero que esse seja seu primeiro sexo, mais especial e gostoso, quero dar prazer ao seu corpo com o meu. Quero me derramar dentro de você — sua respiração acelerada não diminuiu seu fôlego.

— Quero montar em cima de você, e fazer o melhor sexo que já teve — João segurou nos cabelos do amante, gemendo baixo.

Jordan o colocou na cama deitado de bruços, no lençol branco como uma assombração. Tirou suas calças exibindo seu longo sexo, grosso e duro feito rocha, que se libertou, estando pronto para ser saciado.

João por algum motivo decidiu não olhar, talvez para prevenir o assombro que sentiria ao ver um enorme órgão entrar dentro de si, rezou a Deus que fosse pequeno, isso faria menos estrago. O jovem também não imaginava perder a virgindade naquela posição ousada.

Jordan colou seu peito nas costas de João. Cheirando o pescoço com o odor delicioso, mordeu sua orelha bem de leve, sentindo o tremor dele, e soube que, mesmo

o garoto tentando esconder, havia gostado. Seus corpos encaixavam-se perfeitamente, as palmas de suas mãos ásperas desceram nas pernas de coxas grossas, apreciando a pele macia.

— Seu corpo é tão macio — disse o mais velho. — E só meu.

João sente algo duro no meio das nádegas, esfregando para cima e para baixo, implorando, querendo invadir a entrada e causar dor e prazer. O ar entrando e saindo rapidamente do corpo indicava o enorme nervosismo do garoto, mas logo se acalmou quando lembrou que nada de ruim aconteceria enquanto estivesse envolto nos braços do homem mais forte já conhecido. Nem sentia o frio assolador pelo motivo da pele de Jordan ser quente e estar grudado na sua, o calor era tão gostoso que poderia ficar na mesma posição por dias a fio apenas com a satisfação de não sentir mais o gelo ardente queimando a sua pele no inverno.

João moveu o corpo na intenção de sair de debaixo do Jordan, que colocara a mão em seu sexo duro.

— Algum problema? Não queria assustá-lo — Jordan tirou as mãos dele, rápido e com muito medo de ter feito algo de errado.

— Nunca fiz isso antes. Não sei muito bem o que fazer, me desculpe.

— Sem desculpas, deixe-me guiá-lo nesse trajeto de prazer — a voz de Jordan foi tão hipnótica que João estava impossibilitado de negar, então deu sua permissão.

Jordan pediu educadamente que João ficasse de joelhos em cima da cama. Encararam novamente um ao outro, depois Jordan começou a beijar o pescoço do garoto, descendo lentamente até o mamilo esquerdo, começando a mordiscá-lo e causando vários gemidos de prazer como reação. Ele foi deslizando seus lábios macios pela barriga até chegar ao órgão masculino de seu prometido, tão lindo e saboroso. Deu uma lambida lenta na glândula, limpando todo o líquido pré-goço que havia ali.

Jordan, querendo enlouquecer o seu garoto ainda mais, lambeu em seguida da base do membro até a ponta lentamente, para só em seguida finalmente abocanha-lo com seus lábios, babados de saliva. O corpo do João contorceu-se ao sentir a sensação quente e úmida da boca evoluindo sua parte mais íntima, quando os movimentos de sobe e desce começaram, o garoto jurou que morreria de prazer, caso fosse possível.

Jordan parou quando percebeu que o parceiro já estava perto do ápice, então levantou para beijá-lo.

— Viu? Não precisa dessa preocupação toda.

— Suas palavras estão cheias de razão — João sorriu.

O lobisomem quase uivou, mas reprimiu o desejo, podia fazer o seu jovem sentir medo, cortando o tesão, acabando com o momento maravilhoso. Então rastejou para as costas dele e o abraçou, enquanto rapidamente uma das mãos desceu até a entrada

minúscula e rosada. Fez movimentos circulares na entrada antes de um dedo penetrar fundo. Sentiu João se retrair, sentindo um desconforto passageiro.

Jordan retirou o dedo para posicionar o corpo de João para baixo, deixando-o de quatro. Antes que João pudesse fazer qualquer protesto, sentiu a invasão em seu corpo até então imaculado. Quase gemeu de dor, o que denunciaria o desconforto ao ser rompido de maneira tão voraz, resistiu ao máximo em lutar contra a dor, pois estar ali era a declaração física do seu amor, e evitaria estragar a união a todo custo. Seus esforços foram recompensados, quando finalmente, tornou-se sensível aos prazeres do sexo e as estocadas lentas, mas fortes de Jordan.

Gemeu baixo, sorrindo ao mover os quadris sutilmente. A estocadas penetravam abrindo tudo, e o garoto gostava desse jeito. Jordan percebeu o seu conforto, e isso o excitou ainda mais, aumentando a velocidade e a força da penetração.

A cena de Jordan desabrochando João era muito excitante.

O garoto tentou falar algo, mas apenas gemidos eram emitidos da boca. Seu corpo ia para frente e para trás freneticamente, sua bunda batia nos quadris de Jordan causando um som do atrito de pele com pele.

Jordan puxou o seu menino pelos cabelos, fazendo a cabeça dele ficar na altura do seu pescoço. Sem perder o fluxo das estocadas, as presas emergiram, então emituiu um som gutural e rouco, se derramando por completo dentro de João, segundos depois os dentes perfuraram a pele macia e deliciosa do pescoço cheio de veias quando João chegou ao ápice.

O jovem sentiu um imenso prazer ao invés de dor, levou umas das mãos à cabeça de Jordan, e empurrou de leve fazendo os dentes afiados penetrarem ainda mais o seu corpo magro. Sangue descia rápido, passando pelo dorso até a coxa, o sexo sombrio pelo lobisomem era exatamente o que João precisava na sua vida triste, nem tinha lembranças de quando fora tão feliz como agora.

O corpo de João tombou no colchão, satisfeito. Jordan debruçou seu corpo suado sobre o do amante.

— O pacto está completo. Você é meu para sempre, assim como sou seu para sempre — exausto, Jordan aconchegou-se nos braços do amado e beijou-lhe a testa antes de adormecer.

João afagou os cabelos loiros de Jordan, antes de sorrir e adormecer.

...

Os raios solares invadem a janela clareando todo o quarto, ponta a ponta. João esfrega os olhos e se arrepende profundamente por não ter levantado e coberto cada buraco do lugar. Tentou sair da cama, mas o braço de Jordan é tão pesado que o garoto se viu preso por um grandalhão dorminhoco.

Tentou tirar o braço cheio de veias, contudo a reação acabou fazendo Jordan apertá-lo ainda mais em seu peito.

— Merda!

Jordan abre seus olhos de maneira lenta, depois pisca por pequenos segundos e dá um longo bocejo. Quando sua visão ficou clara em João, franziu o cenho vendo-o acordado naquela hora da manhã, quase de madrugada.

— Aconteceu algo?

— Acordei o seu companheiro — apontou para o grande membro duro com veias quase saltando para fora, no meio das pernas do homem.

Jordan desatou a rir.

— Preciso que me responda pequenas dúvidas.

O mais velho parou de rir, sentiu seriedade no olhar de João. Era algo relacionado ao que tinham feito há pouco tempo, e sobre os termos do pacto. Pensou em algumas desculpas para discutirem os termos mais a frente, no momento Jordan tinha outros planos.

— Me solta, faremos isso depois — disse João, impediu Jordan de se aproximar com segundas intenções.

O lobisomem, forte, frio e assustador, pareceu um garotinho triste ao não conseguir o que queria. Sentou na cama e cruzou os braços, teriam a conversa agora, e assim seria melhor do que atrasar o inevitável por muito mais tempo. Jordan tirou as cobertas do seu corpo e levantou, caminhou nu até a janela para cobrir os raios de luz, feito a tarefa, não se virou. O quarto era iluminado por pequenos buracos onde os raios de luz passavam com facilidade.

João observou a visão linda de seu agora marido, de costas, pensativo. Suas costas eram grandes e cheias de músculos, as coxas grossas e bem malhadas não ficavam devendo, e então havia a bunda grande e durinha... balançou a cabeça, livrando qualquer pensamento impuro que o distraísse do seu real objetivo.

— Não irá matar ninguém do meu antigo vilarejo, então o que irá fazer?

— Tentaram tirar sua vida, e ainda os defende...

— Jordan!

O homem virou-se, exibindo o membro flácido e com os pelos que deixavam a virilha com uma aparência bonita.

— Farei o que quiser — sua voz transpareceu a certeza de que João precisava.

— Então prometa, que caso aconteça algo comigo...

— Nada irá acontecer — Jordan o interrompeu de propósito, era impossível deixar seu garoto acreditar que algo pudesse lhe acontecer.

— Caso aconteça. Prometa que salvará a todos como se fossem o seu próprio povo!

Jordan tentou desvendar qualquer expressão denunciante naquela face, que fosse uma brincadeira de mau gosto. No entanto, não havia pistas para contestar o pedido formal. Era inacreditável que uma pessoa quisesse salvar pessoas que quase tiraram a sua vida por puro capricho.

— Não estou pedindo para o rei, estou pedindo ao meu *conservis*.

O grandalhão sorriu, aquilo o pegou desprevenido, algo inesperado de ouvir logo na primeira noite de núpcias. Nem seus lobos-guerreiros mais fortes o encurralaram desse jeito alguma vez, a tal ponto que ficasse sem saída.

Mas já pensava em levar aqueles habitantes consigo já fazia algum tempo.

— Apenas isso?

— E que não durma com outras pessoas a não ser a mim — Infelizmente não conseguiu esconder o olhar triste.

Jordan aproximou-se rápido, num piscar de olhos estava sentando com a mão no queixo do garoto, levantou seu rosto para encará-lo.

— Nunca dormirei com outras pessoas, se isso acontecer, não serei um homem digno do seu amor — ficou triste em ver que João desconfiava dele.

João percebendo isso, se adiantou em explicar o motivo.

— Meu pai traía minha mãe apenas por prazer carnal, com desculpas idiotas, do tipo que apenas os tolos acreditavam.

— Seu pai não é um homem, mas sim um dos vermes mais nojentos da terra.

O casal riu por um breve momento, antes do jovem sentir as mãos duras de Jordan tocarem em sua coxa, o homem adorava alisar a pele para sentir os pelos arrepiados de João. Sempre tão tímido, sempre tão bonito, e sempre tão gostoso.

E o melhor? Ele era todo seu agora.

— Tentarei poupar o máximo que eu e meus soldados conseguirmos, depois levaremos eles conosco para a cidade e farão parte de meu povo. Nosso povo.

João sorriu e o beijou. Puxou o homem para cima da cama, sentindo o suor de macho emanando dele, queria senti-lo de novo, queria que Jordan entrasse em seu corpo com força, queria ser possuído e dominado. Embrenharam-se embaixo dos lençóis e a cama começou a tremer em segundos, devido à movimentação rápida e pesada.

Os termos foram aceitos, e o pacto feito.

...

João voltava do cômodo de onde os moradores anteriores faziam suas refeições, carregando nas mãos dois recipientes metálicos com uma vela em cada. Pelo corredor estreito andou até a porta do quarto com bastante cautela para os objetos não escapulirem. Meio desengonçado ainda tinha de suportar o ar frio soprando nas suas

partes desnudas, fazendo-as encolher. Parou para conseguir inclinar umas das mãos sem derrubar os objetos, e ao conseguir abrir a porta vê a luz da Lua iluminando Jordan, que estava parado em frente à janela de costas para João. Os ombros largos, as costas grandes, a bunda durinha...João engole em seco.

Uma segunda visão daquela na mesma noite...se tivesse uma terceira vez morreria.

Procurou nas extremidades do quarto os lugares que o luar não conseguia chegar. No canto da parede a noroeste de onde ficava a entrada, bem do lado esquerdo de onde o Alfa olhava para o lado de fora, coloca uma das velas. E depois seguindo o lado direito até o outro extremo, coloca outra, fazendo o quarto ficar mais iluminado do que antes.

— Venha para a cama, querido.

João pulou em cima da cama, cobrindo o corpo ao puxar o cobertor para si, mordera o lábio inferior quando Jordan o fitou por sobre o ombro, suas mãos desceram pela cintura até começarem a alisar as próprias coxas, um desejo quase que involuntário. A luxúria o consumia, era impossível resistir aos encantos do lobo.

Jordan virou-se completamente passando a mão nos cabelos louros quase brilhantes. O corpo esculpido em músculos, a barriga quase sem gorduras, as coxas grossas...seus pelos pubianos grandes o suficiente para ser belos aos olhos de quem apreciasse. Nada que causasse incomodo em João. Seu pênis espesso estava mole no momento, vendo seu garoto se tocar intimamente deu leves contrações, o sangue concentrando-se no pau e fazendo-o ficar ereto. Quase totalmente duro a pele não era mais capaz de esconder a glândula completamente, que brilhava pelo líquido viscoso expelido.

O membro era um pouco curvado para a esquerda, e à medida que o membro endurecia até se tornar completamente firme, a pele automaticamente se retrai deixando a cabeça inteiramente libertada. As veias começam a ficar evidente, aquilo começava a se mexer por vontade própria, como uma cobra sendo hipnotizada pela sua presa, armando um ataque.

E como João gostaria de ser atacado...estava ansioso pela investida, se tocando sem parar. Deixava o amante mais duro e com mais desejo sobre seu corpo menor. Ergueu seu dedo indicador e o moveu para frente e para trás, chamando Jordan para a cama.

— Irá me deixar esperando? Já estou no ponto — João franziu o cenho. — É quase como se estivesse doendo.

Jordan sorri.

— Essa dor só irá passar quando você for saciado por mim.

— O quê?

— Devido aos efeitos da planta *Calorum* — Jordan andou até a cama, curvou as pernas e ficou de joelhos em cima do colchão. — Falemos disso depois.

Curvando a cintura e colocando as mãos no colchão, em cada lado do corpo de João, avançou de quatro e o beijou. Em cima do outro o contato entre os dois lábios durou, a troca de saliva escapando das brechas e escorrendo pelo queixo do garoto fez com que este passasse o cobertor no queixo, secando tudo.

Jordan sabia que o que João estava sentindo agora nem se comparava com o que ele sentiria daqui alguns meses, estava pegando leve com ele por ser sua primeira vez no sexo. Jogando-se em cima dele os corpos se entrelaçaram como um só, abraços, afagos e beijos eram distribuídos pelo alfa. O braço esquerdo rodeava o corpo menor enquanto a mão do braço direito apalpava as nádegas um pouco cheias, do agrado de Jordan. A língua escorregava pelos lábios de cima a baixo, sentindo fome só de olhar aquele rabo. Um pouco de saliva gotejou de sua boca e pingou na pele macia e fofa que queria morder.

João fechara os olhos para aproveitar com mais intensidade os toques lentos do seu lobo, a corrente elétrica de cada contato dava-lhe mais fôlego, o anestesiando. Deitado de costas, ter suas bandas exploradas era como se já estivesse nos céus. Se inclinando com um pouco de dificuldade, mas o suficiente para ter uma imagem engraçada e bastante excitante. Conseguiu ver seu alfa movendo os lábios na sua extremidade, enfiando a língua, beijando... tudo rapidamente como se estivesse comendo uma comida com a boca enfiada numa tigela, tendo suas mãos sustentando o objeto.

João sentiu a corrente elétrica novamente, gemendo alto, um espasmo involuntário. Interrompeu a ação de Jordan e virou-se, gemendo ofegante.

— Droga, acho que devo agir com mais intensidade — disse Jordan.

Aproximou-se do rosto do garoto e lambeu sua bochecha, esfregando sua língua através do pescoço até chegar no mamilo esquerdo. Jordan percebeu a relutância do outro, mexendo as pernas para os lados e batendo as laterais dos joelhos na sua cintura.

— Baixe as pernas e tente ficar parado!

A voz saiu como uma ordem, João ficara mais excitado e baixou os membros rapidamente, quase no automático.

— Não sei por qual motivo está tão relutante, eu sei que gosta de receber na bunda — Jordan segurou-o pela lateral da cintura com uma mão. — Então vire logo, *eu* é que não estou mais aguentando.

Forçou o corpo do garoto a voltar a posição de antes, de costas para ele. Pronto para penetrá-lo. A língua mole e molhada deslizava para dentro de João com facilidade, deixando tudo mais fácil de entrar por aquela fenda.

— Está se sentindo um pouco melhor agora? — indagou Jordan.

João se sentia melhor, com o prazer tão alto não seria louco de falar nada para estragar aquele momento. Optou por bancar o amante rebelde e desobedeceu a ordem

do lobo, virou-se novamente e mais uma vez interrompeu as chupadas do alfa.

Jordan nada falou, a expressão séria em todo o curto momento que ele avançou para o pau de João. A lambida começou no escroto e terminou na glândula, ele abocanhava sem dor, salivando o membro cada vez que subia e descia. Ele encarou João com a cabeça já deitada de lado na porção direita da virilha, a nuca encostada na coxa do garoto.

Jordan abriu a boca e deixou o pênis do outro cheio de saliva entre seus dentes, que logo cresceram lentamente até se tornarem presas afiadas.

O olhar ameaçador de um predador para uma presa.

— Ouse me desobedecer de novo e o arrancarei numa mordida!

João nada falou só foi capaz de engolir em seco, tamanho nervosismo.

Jordan sentiu um gosto salgado na boca, normalmente nunca estaria naquela posição, só arranjaria alguém para chupá-lo e então o colocaria de quatro para fodê-lo até que ficasse satisfeito. Contudo, com João seria diferente, proporcionaria tudo a qual ele tinha direito. A experiência que adquiriu ao longo dos anos estava lhe servindo agora, satisfazer alguém era algo novo. As veias expostas e o órgão de João tornando-se mais duro mostrava que andava pelo caminho certo. Desde o primeiro sexo naquela noite ele começara a se preocupar com o prazer que conseguia conceder, sempre olhando as expressões do amante para saber o máximo que conseguia.

João pensou numa atitude arriscada, era coragem demais, mas também estava tão excitado...

Agarrou nos cabelos loiros do alfa e o forçou a engolir, podendo sentir seu pênis ficando muito molhado. Jordan não tirou sua mão ou tentou negar o movimento, ao invés disso continuou seu pequeno trabalho, movendo a cabeça para cima e para baixo como ninguém. A sucção alta fez João sorrir, depois de quase morrer diversas vezes, lutar pela vida todo santo dia, finalmente desfrutava de um dos melhores prazeres da vida: a boca de um homem.

Nem o alto frio foi capaz de fazê-lo cobrir o corpo com cobertor, Jordan proporcionava tanto calor que quase fazia todo o seu corpo arder em chamas. Sentia-se tão quente por dentro que começou a alisar seu corpo enquanto era chupado lentamente. As pernas eram sustentadas pelos ombros de Jordan, em seguida este mesmo as levantou para conseguir melhores movimentos da sua boca.

Além das velas fornecendo-lhes luz, o banho do luar nos seus corpos era como se um pintor mostrasse a uma multidão de pessoas curiosas sua bela obra de arte. Dois homens se amando como um só, a troca de prazeres fornecendo gemidos agradáveis e capazes de deixar qualquer ser humano excitado. João baixou sua agressividade, passando a alisar a cabeça de Jordan, hora tocando nos fios de seu cabelo, outra esfregando o couro cabeludo usando os dedos finos.

— Hora de irmos ao próximo passo — Jordan quase pulou em cima de João, os peitorais quase colados. — Quero provar de seus lábios novamente, mastigar cada parte do seu corpo, sentir mais do que tudo o gosto da sua bunda.

João nada falou e nem esperou Jordan levantar suas pernas, as ergueu sozinhas e abraçou a cintura do homem, puxando-o para si. Sentiu a glândula encostada na extremidade inferior, bastante molhada, causando-lhe arrepios. Quase implorou a Jordan que o penetrasse de uma vez, era ele quem não suportava esperar dessa vez.

Queria saber o que estava acontecendo, parecia ter perdido seu autocontrole no próprio corpo, sendo guiado pelo seu instinto sexual. Nunca agira dessa maneira, tentou pensar nesse fenômeno estranho, mas tudo que sua mente lhe mostrava era o corpo nu de Jordan e como poderia obter prazer usando ele.

— Temos que completar nosso amor essa noite — Sussurra Jordan no ouvido dele. — Precisa ser saciado.

Jordan agarrou no seu pênis e o esfregou sua glândula umas três vezes em João, ele o penetrou no movimento seguinte. Dessa vez não houve dor e aquela parte do rapaz ainda estava um pouco dormiente do sexo de antes. No intuito de abraçar o garoto inclinou o seu corpo, a língua escorregou pelo pescoço dele deixando um rastro melado. Empurrava a cintura para frente e depois voltava, para então reiniciar o movimento.

João podia sentir a respiração forte de Jordan bater no seu pescoço a cada estocada, os gemidos grossos o deixavam mais relaxado. Mesmo tendo feito aquilo antes sentiu um pouco de dor depois de algumas estocadas, nada que o fizesse pedir para parar, no entanto achou que seria diferente. Percebeu que seu alfa parou de lambê-lo, estava de olhos fechados focando nos seus movimentos de vai e vem. Então segurou nos cabelos dourados novamente e deu início a pequenos beijos no pescoço, como uma espécie de elogio pelo ótimo trabalho.

— Isso meu amor, gosto desse jeito. Precisa continuar, não pode parar — sussurrou.

— Pela Deusa da Lua!

As palavras excitaram tanto Jordan que ele quase gozou, mas conseguiu segurar um pouco mais. Sentir João por dentro foi bom na primeira vez, e na segunda vez estava sendo melhor. Continuou a estocar sem parar, sem respirar direito. E já estava quase lá, lutando contra o impulso poderoso de gozar, no entanto a vontade de terminar era tão insuportável que precisava esvaziar suas bolas depressa.

Depois de mais alguns movimentos, Jordan jorrou bastante sêmen quente, começando com quatro fortes jatos que preencheram o interior e em seguida mais dois jatos fracos, de pouca quantidade. O último quase não saiu nada, por fim, depois do choque de prazer moveu-se mais um pouco, dando leves estocadas.

Após tirar seu pau o líquido branco começou a escorrer do corpo de João, chegando a pingar na cama pela tamanha quantidade. A respiração de Jordan estava tão

ofegante que jogou seu enorme corpo ao lado do de João no colchão.

O garoto estava como ele, a respiração ofegante acompanhada de um sorriso satisfeito.

Um tempo se passou, o Sol iluminaria os horizontes logo. João deitou de lado para conseguir fitar Jordan, este quase dormindo, lutando contra a vontade de fechar os olhos. Tinha dúvidas que mereciam ser respondidas, mas agora ou depois? João não conseguiria dormir sem ter um pouco de respostas.

— Jordan. Ei, não durma ainda — João o cutucou para que ele mantivesse os olhos abertos. — Não sinto mais a sensação estranha no meu corpo.

— Eu o satisfiz, não foi?

— Eu sei, mas por qual motivo isso começou, como senti essas sensações estranhas — João engoliu em seco. — Digo, queria fazer sexo a todo custo, agora não mais.

Jordan respirou de um modo cansativo, queria tanto dormir, mas sabia o quanto seu garoto conseguia ser insistente, caso o deixasse sem informações ele o perturbaria a madrugada inteira. Esfregou os olhos no intuito de tentar tirar o sono do seu corpo, manda-lo para longe por um tempinho.

— O que Fury deu a você? Lembra?

— Ele me falou que era sangue misturado com essência de alguma coisa, algum tipo de planta — João sentou na cama e cruzou as pernas tentando se lembrar das palavras de Fury. — Não me recordo.

— Ele colocou essência de *calorum*, uma planta que se tomada ou esfregada no corpo faz o indivíduo ganhar uma espécie de vigor sexual. Seu corpo começa a sentir uma sensação boa, muito boa, aumentando internamente até que não consegue mais se mover direito — Jordan riu. — E só poderá ser resolvido quando seu parceiro consegue satisfazê-lo, ou depois de alguns longos dias.

— Então preciso tomar essa *calorum* de vez em quando?

— Só se estiver com pouca ou quase nenhuma vontade de fazer sexo, mais ou menos uns seis meses sem desejos — Jordan sentiu o odor de sexo pelo quarto, como se o chamasse para comer João mais uma vez. — Meu sono está passando e meu pau está endurecendo novamente.

— O que?

— Não devia ter me impedido de dormir, garoto!

João soltou pequenas risadas involuntárias ao sentir Jordan o puxando para seu peito, lambendo seu pescoço e em seguida beijando suas bochechas. O arrependimento logo preencheu sua mente de tal forma que fizera o sorriso morrer. Percebera que seria impossível de aguentar outra rodada nesta noite. Os carinhos passaram a ser nas suas partes íntimas, olhando para as de Jordan percebe-se que ele realmente estava pronto.

João tentou empurrá-lo levemente o que foi impossível pela diferença de tamanho, o outro nem sentiu. Retribuiu os pequenos beijos rapidamente, queria falar para ele se afastar, precisava de um descanso. Era impedido constantemente pelos seus gemidos dengosos, parecia que Jordan sabia exatamente onde tocar, o maldito era realmente um conquistador pois já dominava cada parte do corpo de João.

— Espere, que tal fazermos isso num outro dia? — as risadas retornaram no momento que suas bolas foram apertadas.

— E por que não agora? — indagou, passando a língua no peitoral do *conservis*. — O quero por inteiro novamente.

— Sentirei somente dor, não quer me causar dor, quer?

João evitou de usar essa chantagem antes, no entanto Jordan sabia como galantear alguém.

— Não preciso penetrá-lo, dessa vez pode usar sua boca — Jordan sorriu e abriu as pernas. — Para voltar a dormir preciso que alguém cuide desse probleminha.

João ergueu as sobrancelhas surpreso, o sorriso malicioso inevitavelmente estampou seu rosto, as bochechas tornando-se rosadas aos poucos. Sentiu água na boca, uma vontade súbita de cair de boca naquele membro. Não soube da onde esse foge surgira de repente, contudo, tinha de aproveitar, ser o marido e amante perfeito que seu alfa poderia ter.

Jordan encostou as costas no cabide da cama, sentando e com o membro duro, cruzou os braços atrás da cabeça aguardando João começar seu pequeno trabalho. Se ele fosse uma mulher teria garantido uma gravidez de tanto que o fodeu. Agora relaxaria ao prazer que seu marido lhe forneceria.

— Bem, pode começar a chupar, João.

Capítulo 23

O RETORNO

— Tenho tantas perguntas sobre você — João disse, se vestindo.

Jordan e ele haviam saído de fininho bem cedinho, João cobrindo as partes íntimas com as mãos e Jordan rindo dele. Foram para casa onde o garoto escolhera ficar e, assim que chegou, pegou uma roupa limpa e a vestiu.

— Deixe para depois — cruzou os braços, lembrando do jovem correndo como um ladrão. — Responderei quando estivermos na caminhada até seu vilarejo — Jordan sorriu de canto. — Conhecerá meu lindo castelo, seguro e livre para você fazer o que quiser sem temer pela própria vida.

João o encarou com os olhos brilhando, desejava tanto a paz que pela primeira vez, sentiu que escolheu certo em aceitar esse pacto de bom grado, agora só precisava ir a sua vila e informar que todos estavam em segurança, e talvez passar mais um pouco de perigo antes de finalmente ter paz.

João não trouxera nada de terrível da viagem pela floresta, então obviamente não levaria nada embora. Jordan o deixou na casa e saiu para chamar Fury, pois queria poupar João de ver uma cena de sexo explícita novamente. Retornou depois de um tempo com os outros quatro lobisomens e a família formada por três integrantes, cada um pronto para a longa viagem.

— Pensei que chegassem ao lugar mais rápidos por serem... — João logo se calou, pois, além dele, tinha três pessoas que não desconfiavam das verdadeiras identidades da alcateia.

— Normalmente sim, chegaríamos em um dia. Mas como temos companhia, chegaremos lá em dois ou três.

— Por mim tudo bem. Passar uma noite perto da floresta será bem legal e assustador — Ezequiel sorri, animado demais para o gosto do alfa.

— Dormiremos perto da floresta? — João perguntou, cruzando os braços. — Não gosto disso.

— Também não gosto disso — diz Daniel, o garoto que tivera um caso com Fury, e pelo que parecia, ainda estava rolando algo.

Fury se aproximou do garoto e colocou o braço em volta dele, com cuidado, para as outras duas mulheres pensarem que eram algum tipo de amigos, e não amantes. O lobisomem parece ter sorrido, mas o sorriso desapareceu tão rápido que ninguém fora capaz de ver.

— Não se preocupe, eu te protejo — Fury prometeu.

A irmã e a mãe pareceram não desconfiar de nada. Fury realmente achou que seus anos sozinho acabaram, tinha esperanças, de que assim como Jordan, Daniel e ele fossem ter algo de verdade, que surgisse um sentimento maior e verdadeiro.

Sentia-se estranho, pois nunca teve sentimentos tão rápidos assim por alguém...

— Estamos levando água e algumas frutas — disse Paul.

Ezequiel choramingou, não gostava nada de frutas, ou legumes. Tinha de comer carne, passava mal só de pensar em comer outras comidas, dois dias só com frutas não iria aguentar, e seus companheiros sabiam sobre seu comportamento quando estava sentindo fome. Era tão chato que os outros tinham vontade de matá-lo da pior maneira possível.

— Por favor, não seja tão chato! — Paul reclama. — Coma as frutas e não reclame, ou dessa vez nem Jordan vai me impedir de te matar — a voz saiu com raiva, mas a alcateia começou a rir como se tivessem acabado de ouvir uma piada.

João se certificou de que as roupas lhe aqueceriam no frio, e ainda tinha o corpo de Jordan, tinha certeza de que o frio não poderia tirar sua vida. Água e a comida seriam levadas em embornais. Ezequiel e Charlotte carregariam duas amarradas nos ombros, espaçosas o suficiente para caber os mantimentos.

— Não vamos mais perder tempo aqui. Quero chegar o mais rápido possível — Jordan estendeu a mão para João, e este não a pegou, preferindo caminhar ao lado do homem.

Começaram todos a andar, e em pouco tempo estavam na estrada de muita terra esburacada. Jordan andava meio duro, emburrado e chateado, por João ter tido algum tipo de vergonha em segurar sua mão.

— Está bem? — João o indagou.

— Eu é que lhe pergunto, por que agiu estranho antes?

— Eles são muitos religiosos, se me virem segurando a mão de outro homem...

— Não irão fazer nada, pois corto a gargantas deles.

— Jordan!

— Escute, João — Jordan agarrou a mão dele. — O garoto não falará nada, pois está com Fury, e as mulheres parecem ser fracas demais.

— Mas uma delas estava dando em cima de você — arqueou uma das sobrancelhas. — Mate ela!

Jordan piscou várias vezes, e enquanto ria, tentou não parar de andar.

— Estou falando sério, Jordan. Não confio nela, nem na mulher e nem naquele garoto.

— Ah, faça o favor — Jordan levantou os braços. — Eu não podia cair nas investidas dela, estou apaixonado por você. — Voltou a pegar na mão do garoto sem a

permissão dele e prosseguiram desse jeito.

Nenhuma das pessoas a poucos passos atrás escutaram a pequena discussão, estavam ocupadas nas suas próprias discussões amigáveis. Paul conversava com Charlotte sobre filhos, onde ela ficou meio desnorteada. Ezequiel conversa sobre diferentes tipos de carnes com a garota e sua mãe, já Fury, alisava sempre que podia, as costas do rapaz por quem estava começando a se apaixonar.

Se João não tinha preocupações quanto ao frio, agora tinha com o Sol. O calor estava deixando todos suados, a água trazida na bolsa de Ezequiel estava perto do fim. Seria difícil chegar ao vilarejo desse jeito, desidratados e cansados. Já no meio da tarde, as pessoas que não eram lobisomens, impossibilitadas de continuar, recostaram-se perto de troncos de algumas árvores.

João se lembrava de ter sido carregado até o vilarejo abandonado nos braços de seu salvador, bem que não seria má ideia caso Jordan quisesse fazer isso novamente. Suas pernas já estavam doloridas e sua garganta seca, falar era difícil. E pensar que só passava por esse sufoco apenas para salvar pessoas que tentaram tirar sua vida.

— Como vocês três conseguiram vir de outro vilarejo até esse abandonado? — perguntou Paul.

João podia perceber que ele não era o único desconfiando daquela família.

— Simples, sempre parávamos um pouco para descansar. Andamos sem parar e já está perto de escurecer — falou a menina. — Então me dá um tempo.

Paul contorceu o cenho com a resposta carregada de arrogância.

— Vamos montar nossas tendas aqui — falou Jordan. — Depois eu, Fury, Charlotte e Paul vamos pegar água de noite.

— Noite? Não seria melhor agora, de manhã? — Daniel se dirigiu a Fury.

— Somos caçadores melhores à noite, acredite — Fury sorri, tranquilizando Daniel.
— Talvez, se a sorte estiver a nosso favor, podemos encontrar carne.

Disse essa última para Ezequiel, que acenou e sorriu.

Paul chegou próximo de Jordan para falar numa altura em que os humanos não pudessem escutar.

— Prefiro ficar aqui, leve Ezequiel.

— Por qual motivo, não confia neles? — Jordan encarou os três estrangeiros, também não confiava neles, mas não os achava uma ameaça.

— Você confia? Não sabemos nada sobre eles, podem tentar algo.

— Não diga besteiras, são inofensivos — Jordan colocou a mão no ombro de Paul —, mas atenderei seu pedido. EZEQUIEL! Você vai conosco, e Paul fica.

O lobo concordou sem questionar a mudança.

— Em todo caso, proteja João — Jordan o olhou, sério.

— Digo o mesmo, proteja Charlotte — Paul devolveu o olhar.

Os dois então acenam com a cabeça, confirmando a proteção de ambos os parceiros.

As tendas foram armadas, quatro no total. Estavam separados em duplas, Fury e Ezequiel, Paul e Charlotte, os integrantes da família eram os únicos que ficaram em três, e por fim e mais óbvio, Jordan e João.

Fury estava deitado, afastado um pouco do chato Ezequiel, este que não parava de se mexer ou tagarelar por um minuto sequer. Seu nariz se contorce com um odor maravilhoso invadindo-o de repente. Daniel, ele se aproximava, devagar, com medo de que não acharia só Fury dentro da tenda.

— Preciso que saia, e me deixe só.

— Por qual motivo... — logo o aroma forte do garoto atingiu seu nariz e ele sorri, malicioso — olha só, parece que vai se dar bem, não é.

— Saia!

Ezequiel se rendeu.

— Está bem, mas lembre-se, Jordan irá chamá-lo muito em breve. Tem pouco tempo.

Pouco tempo da saída do lobisomem, o humano entrara na tenda. Sorriu ao ver em cima de um pano, Fury — com os braços cruzados embaixo da cabeça — retribuindo o sorriso. Daniel se aproximou e sentou em cima da virilha dele.

— Minha parte favorita do seu corpo — disse o rapaz.

— É? E minha parte preferida sua é essa — Fury apertou a nádega direita do outro.

Os dois se encararam por um breve momento, Fury não sabia o motivo de estar se apaixonado tão rápido, pensou que talvez pudesse ser pela grande influência de Jordan e João, de tanto esbanjarem seu amor pelo os quatro cantos, fazendo respingar em quem estivesse por perto. Achava mesmo que quando tudo isso acabasse, pudesse falar a Daniel mais de seu povo.

— O que fez para despistar sua mãe? — Perguntou Fury, movendo o braço da bunda de Daniel para a cintura.

— Disse que iria dar uma volta.

— Por onde, pelo meio da floresta? — Fury soltou uma risada.

— Sou um homem feito. Ela acha que posso me virar sozinho faz tempo — ele se aproxima e beija Fury no rosto. — Gosto do sabor da sua pele, não sei porquê, mas é bom.

O calor dos corpos, a excitação de ambos, o sangue bombeado rápido no peito, deixava Fury louco. Seu pau começara a enlouquecer, e pela primeira vez não quis

sexo, apenas ficar conversando com Daniel, apreciando a sua presença. Só de olhar o rosto do amante já ficava satisfeito.

— O que vamos fazer? — Daniel pergunta.

— O que quer fazer?

— Me surpreenda — o rapaz começou a cheirar o pescoço de Fury, o deixando extasiado.

Fury não aguenta e muda as posições, agora Daniel estava debaixo dele com as mãos presas pelas a de Fury. O mais velho começou a lamber o pescoço do rapaz, faminto de desejo, e em seguida o beijou. Então tiraram as roupas e começaram a se amar lenta e prazerosamente.

...

Jordan estava deitado com as costas de João repousada no seu peito. Alisava os cabelos do garoto e escutava o coração acelerado, também sentia a respiração pesada. Teve a impressão de que receberia perguntas, mas estava demorando demais, provavelmente pelo nervosismo de João. Não iria perguntar, deixaria ele mesmo tomar a iniciativa.

— No dia do ritual eu senti algo queimando...

— Queimando onde, no seu corpo? — Jordan perguntou preocupado.

— Não foi nada com que se preocupar, só senti certas partes quentes. — Enrubescu, não queria falar disso, mas tinha de saber o que acontecera.

— João, está me deixando assustado, quente onde?

— Na minha bunda!

Jordan piscou, olhou para ele tentando se encolher, e riu, quase como um urro.

— Não tem graça! — João cruza os braços.

— Já te respondi antes, foi o efeito da planta — Jordan o respondeu entre pequenos risinhos.

— Pare de inventar história!

— Não estou inventando nada.

João ficou sem ter o que dizer. Ele viu que era o momento de mudar de assunto.

— Como... — João começa — como Emily conseguiu se transformar, digo, pela metade.

— Aquela é a forma primaria, só conseguimos nos transformar totalmente na Lua cheia — Jordan começou a passar a mão na cintura dele. — Mesmo assim conseguimos um pouco de velocidade e força.

— Você também fica daquela forma? — ele se virou para encará-lo.

— Claro.

João voltou à posição de antes.

— Algum problema? — Jordan perguntou.

— Deve ser... estranho. Se algum dia eu ver você naquela forma.

— Teremos toda uma vida, juntos, então é óbvio que em um momento ou outro me verá desse jeito — sua mão parou no topo da cabeça de João. — É um problema?

— Não, te aceitei no casamento da forma que você é. Só que... vai ser estranho.

Jordan riu.

— Estou ansioso para ver sua cara de espanto, ou prazer.

— Prazer? — João perguntou assustado. — Você pretende se transformar no nosso momento íntimo...

— Olhe, quando eu voltar podemos falar mais sobre isso — o homem levantou. — Tenho de sair e buscar água para você não morrer de sede.

Jordan saiu, ouvindo aos longes os cricrilar, a Lua pairava no céu, e infelizmente, não estava cheia. O vento soprou no pequeno bosque onde estavam, as folhas formavam um redemoinho e depois sumiam no ar no espaço entre as enormes árvores que chacoalhavam liberando mais folhas.

O alfa caminhou até a tenda de Fury, e sentiu cheiro de sexo. Sorrindo, abriu o pano que revelou dois homens, nus, se beijando embaixo de um pequeno pano que cobria as pernas até a cintura. Fury parou o que estava fazendo e levantou, exibindo tudo e deixando Daniel envergonhado.

— Cubra-se, estamos saindo agora — Jordan fechou o pano e saiu para chamar os outros.

Fury vestiu suas calças e beijou Daniel no rosto, depois pegou sua camisa e saiu. Lá fora viu Charlotte e Ezequiel já apostos.

— Vamos, quero voltar de pressa para João — Jordan tomou a frente, entrando por entre as árvores.

Seus passos faziam sons, e as folhas também quando abria passagem pelos galhos das árvores, assim como o crocitar das corujas. Tudo estava muito quieto, mais quieto do que o normal. O vento estava frio, batendo nos corpos dos lobisomens como um beijo da morte, seria impossível um humano sobreviver por muito tempo em um local como aquele, caso não estivesse com vestes apropriadas.

Jordan sentia o instinto gritando dentro de si para que voltasse, seus pelos todos arrepiaram por um momento. Várias possibilidades de perigo passaram voando em alta velocidade em sua mente, inúmeras delas relacionada a João. Tratou de tirar esses pensamentos que o atrapalhariam na sua viagem simples, voltaria em pouco tempo.

Demoraram um tempo até encontrarem o lago, souberam a direção por se concentrarem o bastante e ouvirem um animal bebendo água, e o som de uma pequena

cachoeira, o lugar era lindo, e familiar.

— Jordan, não foi aqui que...

— Sim, Fury. Foi aqui onde os zumbis perseguiram João.

— Você sabia que viríamos por esse caminho? Eu nem lembrava mais — Fury cruzou os braços, um pouco tenso.

— Eu não contei a ele para evitar assustá-lo.

Jordan e Charlotte foram até a beira do rio pegar um pouco de água. O alfa notou alguns corpos de crianças e adolescentes no gramado e perto da lama. Engoliu em seco imaginando os sofrimentos que passaram na mão da bruxa. Ele e ela tentaram não pisar nos corpos em decomposição.

Entretanto, Charlotte pisou com descuido em cima de uma mão, rapidamente olhou com nojo, e logo seus olhos se arregalaram. Ela chamou Jordan, e este quando chegou para ver o mesmo que Charlotte, ficou chocado.

— Ei, olha só. — Ezequiel chamou Fury para perto de uma árvore.

Recostado no tronco, com a cabeça tombada para frente, morto, estava o corpo de um adolescente. Fury, mesmo sentindo um cheiro podre, também sentiu algo familiar. Ezequiel puxou a cabeça do defunto por um pedaço de pele na careca, fazendo a cabeça dele ficar em pé.

— Nossa, ele está horrível — disse Ezequiel. — 'Não parece horrível?

Fury nem tentou olhar mais do que o necessário, pois, a escuridão atrapalhava a sua visão da cabeça humana.

— Deixe isso aí, e vamos sair — sussurrou.

Ezequiel só fez uma pequena força quando levantou e a cabeça foi separada do corpo do defunto, indo junto da mão de Ezequiel. Assustado, ele levantou a mão e ela foi iluminada pela luz da Lua, e então Fury ficou apavorado, um dos olhos da cabeça estava branco e uma parte do rosto praticamente estragada, mas conseguia reconhecer.

— Daniel! — virou-se para o lado e vomitou.

— Como? — Ezequiel dando-se conta de que era ele mesmo, jogou a cabeça de volta no corpo.

A cabeça caiu entre as pernas do defunto. O corpo tremeu, e simplesmente momentos depois pegou a cabeça e a colocou de volta no lugar, errada, depois a girou até ficar do jeito certo, e começou a gemer, assustadoramente.

— Merda! — Ezequiel correu para o lado de Fury.

Fury não estava entendendo nada, era impossível aquele ser Daniel, caso fosse, então quem seria aquele na tenda? Com quem, inclusive, se deitou?

— Vamos embora — Charlotte grita fortemente, sua garganta chegou a arder. Parou de correr perto dos outros dois. — Perto do lago, o corpo daquela menina e mulher

estavam lá.

— E eu acabei de achar o amante de... — viu Fury praticamente passando mal, o que nunca vira antes. — Apenas olhe!

Ezequiel apontou para o zumbi Daniel, levantando-se lentamente. Em seguida um redemoinho começou a se formar onde estavam. As folhas eram levadas para o lago, e a luz vermelha apareceu, mergulhou dentro da água até se espalhar por todo o riacho e mais zumbis começaram a emergir do fundo.

Os quatro viraram para a direção ao qual vieram, e a luz vermelha também estava lá, descendo até as folhas dos bosques, passando pelas raízes, e penetrando na terra. Inúmeros mortos-vivos começam a emergir do chão e os que estavam deitados por ali se levantavam devagar. Sentiam fome, queriam carne, e o alvo eram os lobisomens frescos.

— Vamos por ali — Ezequiel apontou para uma brecha entre os zumbis.

— Péssima ideia. Teremos que entrar pela floresta, mas bem longe dessas coisas — Fury olhou para Jordan, tinham receio de que as plantas e raízes com espinhos comessem a prendê-los.

— Por ali! — Charlotte não esperou pelo os outros e começaram a correr.

— Droga, não podemos lutar contra milhares deles, ficaríamos cansados demais para ajudar João e Paul com o que estiver junto deles — informou Jordan.

Só restou um lado, o direito da onde vieram, teriam de entrar na floresta por aquele lado e dar uma volta de distância, para não ter perigo com as raízes e plantas. E os zumbis naquela direção eram em menor número, pelo menos por enquanto. E Jordan nunca desejou tanto que à Lua estivesse cheia, teriam muito menos trabalho na forma transfigurada.

Cabeças de mortos-vivos eram decepadas aos montes, e felizmente, os quatro lobisomens conseguiram adentrar a floresta, depois aceleraram os passos, pelo menos no começo. Ao sentir algo tentar agarrar seus membros inferiores, começaram a correr e os espinhos não conseguia acompanhar a velocidade da alcateia, ficaram seguros até se afastar do lago.

Tinham de saber o que estava acontecendo, que espécie de maldição os afligiu de forma tão violenta. A floresta parecia estar viva, e desejando a morte de todos os lobisomens.

...

João estava deitado, aguardando ansiosamente a volta de Jordan, seu coração já sentia falta do corpo quente dele colado ao seu. Levantou a cabeça num susto ao ouvir um som repentino que veio do lado de fora. Conseguiu ver a silhueta fraca de alguém se aproximando, devagar e com cautela. Olhou para os lados, tentando achar algo para se defender, só que dentro da tenda havia apenas lençóis. A sombra chegou mais perto,

e ficou imóvel perto da entrada. João levantou e ficou preparado para fugir por qualquer brecha que conseguisse ver.

A pessoa entrou de uma vez, e voltou caindo para o lado de fora, pois levava um chute na face.

— Merda! Qual seu problema?

— Paul? O que está fazendo? — indagou João, ele saiu para o lado de fora.

— Temos de sair daqui, agora — Paul estendeu a mão, mas não esperou João pegá-la, ele mesmo a puxou.

— Tem algo de errado com essas pessoas — ele disse caminhado para a floresta, na mesma direção que Jordan fora. Seu olhar passou pelas tendas vazias, inclusive a da família estrangeira.

De repente, os dois param. Uma menina, a irmã de Daniel, começou a emergir da floresta, caminhando na direção dos dois de uma maneira sensual, como a meretriz de um prostíbulo. Seus olhos eram vermelhos como o mar de sangue, parecia um demônio surgido das profundezas do inferno.

— Eu sabia que havia algo de errado com vocês! — Paul falou, e sentiu a mão de João escorregando da sua.

Paul se virou e vê Daniel o segurando, tapando sua boca, ele tinha os mesmos olhos vermelhos da irmã. E sua aparência estava se deteriorando, a pele estava, pelo que parecia, rasgada, podre. Não eram humanos. Escutou um som e recebeu um soco da mãe deles, apagando na hora. No mínimo tempo que sentiu a dor, ficou impressionado pela a mulher humana ter a força necessária para nocautear um lobisomem.

Ao abrir os olhos pouco tempo passou, mas entrou em pânico, todos haviam sumido. João fora sequestrado. Agora tinha duas opções, esperar Jordan chegar ou ele mesmo ir em busca do garoto, poupando assim, muito tempo. Não sabia se Jordan demoraria a voltar ou não. Fechou os olhos, usou de todos os seus esforços para manter a mente limpa, concentrando-se somente em conseguir alcançar um objetivo: o cheiro de João.

Lembrava-se do cheiro dele na primeira vez que o sentiu, na floresta quando o salvou dos arbustos e mortos-vivos. O problema real era diferenciar os vários cheiros, de animais, de terra, e de mijo e merda. Poderia seguir o rastro daquele lugar em que estava mesmo. Só desejava que conseguisse chegar em qualquer canto que João estivesse.

Posicionou o corpo e curvou os joelhos um pouquinho, captando o cheiro de podridão aos longes, na direção oposta de onde Jordan partira, não tardou para conseguir o cheiro de João. Disparou como se sua vida dependesse disso, mergulhando na floresta. As malditas carcaças ambulantes jamais escapariam, prometeu a Jordan que manteria o garoto em segurança. Conseguiu desviar dos galhos

com louvor, e cada vez que se aproximava dos sequestrados o cheiro de podridão ficava mais forte. Os rastros de João ficaram tão potentes que estranhou quando emergiu num pequeno bosque e a podridão no ar havia desaparecido completamente.

No meio da terra estava o corpo encolhido de João. Paul estranhou a facilidade, estava bem óbvia que se tratava de uma armadilha mortal. No entanto, tinha de ajudar o garoto. Usou todo o alcance de seu nariz para tentar encontrar os três monstros, nada, nenhum sinal. No seu primeiro passo em direção a João, o ar começou a ficar diferente, podia ver espécies de nuvens se formando, com certeza uma neblina espessa. Mesmo tendo suas ressalvas teve de continuar andando, alarmado, olhando para todos os cantos. Prestes a se abaixar para poder pegar o garoto, risadas ecoaram tão histericamente que curvou o corpo em defensiva, fez suas garras crescerem e as presas ficarem visíveis.

“Paul”... “Paul”... “Paul”... “Paul”...

Falavam as vozes, rindo. O som estridente virou um eco do seu nome por toda a floresta, o medo instaurou-se na sua mente. Girou o corpo tentando de todas as maneiras captar os malditos cheiros, quem quer que eles fossem realmente, eram bons, usavam alguma magia de ocultação. A neblina dificultava seu trabalho, e ficava cada vez mais forte. Devagar, agarrou o corpo de João com uma só mão, começou a andar lentamente, voltando com todo cuidado para dentro da floresta.

Parou ao ver Charlotte na sua frente, que acabara de sair da escuridão da floresta.

— Deixou-me, fui sozinha para a floresta... — seu corpo inteiro começou a mudar. Feridas nojentas e expostas de arranhões e mordidas aparecem por toda parte. Barriga, pescoço, pernas, e os olhos mudam para um vermelho brilhante — morri por sua causa, fui oferecida a você, e não me protegeu!

Paul começou a tremer, a fraquejar. Seus braços ficaram tão moles que deixou o corpo de João cair na terra. Um lapso o abateu inesperadamente e esqueceu do seu objetivo ali. As vozes chamando por seu nome prosseguiram a todo vapor, a Charlotte com olhos brilhantes avançava devagar na sua direção. Lembrou-se dos seus pais convencendo os dela a aceitarem o casamento, unindo as famílias numa só. Enquanto prometida, teve seu juramento que a protegeria de todos os perigos. Outra Charlotte apareceu no seu lado esquerdo, e outra no seu lado direito. E assim como a que estava na sua frente, ambas começaram a andar na sua direção chamando por seu nome várias e várias vezes. Sua mente borbulhava sentimentos ruins, os ecos das vozes destruíam sua cabeça. Ajoelhou na terra dura e pôs as mãos em cada lado da testa, urrando de dor.

— Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me... — repetiu incansavelmente.

A Charlotte na sua frente parou a centímetros, erguendo o braço e posicionando os dedos finos, estava prestes a tirar a vida dele, foi quando arregalou os olhos.

— Por isso — Paul ergueu-se de uma vez e cravou suas garras no queixo dela, duas das garras perfuraram a pele com facilidade, e as pontas peludas de duas delas emergiram num ferimento na testa de Charlotte. — Pode morrer agora.

Removeu as garras e sangue espirrou, o corpo de Charlotte caiu no chão, sua aparência se desfez e Paul voltou a ver a menina arrogante de antes. Olhou para as duas Charlottes que restaram, as aparências delas também mudaram. Uma voltou a ser o amante morto-vivo de Fury, já a outra, uma linda mulher, com uma aparência nada horrível. A pele estava em perfeito estado, parecia forte e em bom vigor.

— Desista, lobo. Sua carne me trará forças inimagináveis — disse ela.

— Terá de me matar.

— É o que pretendo — Elizabeth acenou com a cabeça para seu morto-vivo.

O zumbi caminhou na direção de Paul enquanto Elizabeth foi atrás de João. Depois de descobrir que o alfa almejava o coração do garoto, usaria aquele fedelho para atraí-lo. Infelizmente ainda tinha de acabar com aquele lobo que insistira em ficar para protegê-lo. Paul avançou no zumbi, jogando seu ombro e toda a força do seu corpo em cima dele. Conseguiu arremessa-lo em cima da bruxa, fazendo-a desequilibrar e a tirando de jogo, suas ofensas foram como músicas aos ouvidos de Paul. Correu na direção de João e nesse instante ouviu palavras desconexas vindas da bruxa, o corpo do zumbi levitou e foi arremessado por uma força invisível na sua direção. Teve de desviar jogando-se no chão.

Elizabeth ergueu-se o mais rápido que conseguiu, ela deu um salto e praticamente voou até o corpo de João como se fosse um fantasma. Curvando-se para encostar seus dedos finos nas costas do garoto, Paul agarrou seu braço e Elizabeth pôs a palma da sua mão livre, num impulso, no peito do lobo. Uma luz vermelha saiu rapidamente por de trás do homem, lançando-o para longe dela.

Mas não tão longe o quanto Elizabeth almejava. Continuava fraca...necessitava de mais almas inocentes.

— FIQUE LONGE DELE!

Elizabeth ergueu a cabeça para a floresta, Jordan emergiu da floresta e avançou na sua direção tão rápido que num piscar, Elizabeth o viu pulando na sua direção. Tinha de fugir, teve pouco tempo e conseguiu usar os restos das suas forças.

Jordan conseguiu o impulso que queria de tanto correr, no momento que saltou posicionou as garras para perfurar o coração da maldita. E no momento que encostaria no corpo dela, a mulher se desfez numa fumaça densa cor de sangue. O alfa caiu de cara no chão. Os outros companheiros chegaram e pararam ao ver a cena, João desacordado no chão, Paul respirando pesadamente e Jordan erguendo-se.

Caminhando na direção do seu amante, Jordan ajoelhou-se diante do corpo e virou-o na sua direção. Ficou cutucando o rosto de João e chamando por seu nome até fazê-

lo acordar. E quando ele abriu os olhos, Jordan beijou-o na bochecha muitas e muitas vezes, ganhando algumas pequenas risadas em troca. Observou a expressão de confusão de João, pois ele olhou ao seu redor, e então suas últimas memórias vieram-lhe à mente.

— Quem fez isso, o que... — João lembrou-se da menina, da mãe e do... — Oh! Fury, sinto muito.

Fury estava no corpo do falso Daniel, olhando. Sem falar nada. Tinha sido um encantamento para enganá-lo no final das contas.

— Nossa, minha cabeça está doendo — João sentou-se e olhou para Jordan. — Sabe quem fez isso?

— Vi uma mulher, morena, sinistra. Parecia muito interessada em você — Jordan o abraçou, estivera com muito medo.

Paul aproximou-se com Charlotte abraçando-lhe com força.

— Ela parecia muito interessada em você. Tudo isso foi armação dela, uma espécie de feitiço de enganação e ressurreição — Paul virou o rosto e beijou sua amada.

— Deve ter sido a mesma mulher que mandou os zumbis atrás de você, João. Pois, ela fez o mesmo conosco — Jordan comentou. — Foi lá que achamos... o Daniel verdadeiro.

João começou a sentir calafrios, não podia ser verdade. Negava-se a acreditar nisso, não podia ser.

— Achei que a tivesse vencido, mas ela continua viva. A bruxa de alguma maneira sobreviveu. Elizabeth.

A alcateia dali em diante ficaria atenta e preparada para um próximo ataque, pois a bruxa escapara com vida. Algo de que Jordan não iria se perdoar. Todos tentaram consolar Fury, inclusive o próprio alfa, e infelizmente obtiveram pouco ou nenhum sucesso. Nada restou aonde estavam, só os restos decompostos de cadáveres e catinga de podridão. O clima tornava-se úmido rápido demais, indicando que um pequeno chuvisco estava prestes a acontecer.

Os lobisomens voltaram as suas tendas, com as mentes cheias de desconfianças, alarmados depois dos acontecimentos recentes. Alguns ainda achavam que esse garoto de Jordan era o problema de tudo, enfrentavam desastres por causa dele. Primeiro Emily, e agora essa Elizabeth. Estavam tentando gostar dele de todo o coração, todavia os seus estorvos tornavam a tarefa muito difícil.

— Se arriscou muito essa noite, querido — falou Charlotte, baixinho. — Fiquei com muito medo por você.

— Sinto muito.

— Me deixe sozinha nesse mundo e acabo com você.

Paul riu.

Ao voltarem aos lugares das suas tendas, os panos continuavam armados. Jordan entrou na sua carregando João, só queria tirar uma baita de uma soneca gostosa ao lado de quem amava. Vendo indícios que o corpo dele já começava a tremer, o fez deitar e logo cobriu com o lençol. Num piscar ergueu o lençol o suficiente para seu enorme corpo entrar.

A noite seria bastante longa, e só desejava conseguir dormir.

A chuva que caiu a pouco começou a aumentar e os trovões rasgavam os céus num grito de terror. Jordan abraçava João contra seu peito nu, o esquentando. O garoto estava se tremendo dos pés as cabeças, os dois estavam sem roupas debaixo do lençol, João sorria ao sentir um membro duro na sua bunda.

— Tem de se acalmar — João trinca os dentes.

— Você é bonito demais, seu sabor... — Jordan cheira o pescoço dele — me deixa delirante.

João virou a cabeça para encará-lo, e Jordan baixou a cabeça, então se olharam e o maior pôde perceber algo de estranho.

— Está preocupado com Fury?

— Sim. — João hesita por um momento. — Ele não merecia passar por aquilo.

— Ninguém merece perder alguém que ama. O problema de Fury foi ter se apaixonado rápido, assim como me apaixonei por você.

— Nosso amor é um problema?

— Não, só é algo que não podemos controlar. Como agora, tenho de entrar em você, ou ficarei louco — Jordan mordisca a orelha de João levemente.

— Ficou louco, quase morremos agora pouco, e você quer entrar em mim?

— Por favor — Jordan choramingou.

João então o beijou, e Jordan tomou isso como uma permissão para seguir em frente. Jordan o vira rapidamente, deixando as costas do garoto coladas no seu peito, então segurou o quadril do garoto e com a mão livre agarrou seu membro, e devagar começou a introduzi-lo na entrada do outro, ouvindo vários gemidos como reação. Em seguida começou a beijar João no pescoço, enquanto metia lentamente. João achava aquilo tão bom e perigoso, estavam se amando debaixo de um lençol dentro de uma tenda.

João pôs os dedos na nuca de Jordan e o fez beijar seus ombros. Jordan começou a mover, com uma mão, o quadril de João para frente e para trás mais rapidamente, não conseguindo controlar sua respiração ofegante. João gemia baixinho, mas com bastante gosto, definitivamente estava viciado no pau de Jordan, e recebia com vontade e de bom grado cada estocada forte e violenta.

Jordan gemia intensamente, pouco tempo depois derramou-se dentro de seu parceiro, liberando litros do seu vigor, deixando o interior de João preenchido. Mas

não tirou seu pau, pois ainda queria mais, continuou a morder o pescoço de João.

— Está de brincadeira?

— O que? — Jordan se fez de desentendido.

— Ainda não se satisfaz?

— Preciso de mais, e só posso comer você. Então, por favor.

— Jordan! Eu não vou conseguir andar de manhã.

— Eu carrego você.

E mais uma rodada se passou...

João tomba para frente, colando seu peito no de Jordan, depois de terem feito amor novamente. O topo da cabeça batia na do alfa, e ali ficaram por um bom tempo, tentando recuperar o fôlego através da respiração acelerada.

— Você tem uma habilidade incrível, me satisfaz por completo — Jordan diz, com sono.

— Meu amor, não lute com o sono, durma — João levantou o rosto e o beijou nos lábios.

Como ordenado, Jordan pegou no sono, e logo em seguida, João também.

...

Logo o Sol começou a emitir seus raios de luz, João acordou e começou a bocejar e a esticar os braços. Olhou para Jordan que dormia como um bebê, despejou vários beijos por toda a face dele, o despertando de seu sono.

— Bom dia, meu príncipe — Jordan disse, sonolento.

— Deve ter sonhado com algo bom.

— Sonhei que estava comendo você novamente — sua voz saiu um pouco abafada dessa vez.

— Pelo amor de Deus, Jordan! — João ergueu os braços, mais de vergonha do que de raiva.

João então veste suas roupas ligeiramente e aguardou que Jordan fizesse o mesmo. Já vestidos, saem e notam que Fury e Charlotte já estavam do lado de fora, apenas esperando todo o resto acordar.

— Vamos, o quanto antes chegarmos ao vilarejo, mais depressa voltaremos.

João reconhece aquele jeito frio na voz de Fury de quando falou com ele da primeira vez. Sentia-se triste pelo homem, mas ele era bonito, arranjaria alguém que o amaria de verdade bem depressa, talvez se apaixonasse por um jovem no vilarejo, do mesmo jeito de que Jordan.

Passou-se um pequeno intervalo de tempo, e Paul junto de Ezequiel saíram, um depois do outro.

— Temos de ir, agora! — Jordan começou a caminhar na frente.

Paul e Fury só tiveram tempo de recolher as tendas. Começaram a seguir o grupo pouco tempo depois. Caminhavam pela estrada desejando que mais nenhum imprevisto acontecesse, pois não queria mais aborrecimento para conseguir completar o que vieram fazer.

Capítulo 24

PREDADORES

Fury ainda estava triste, em luto pela morte de sua paixão passageira. Ninguém poderia culpa-lo, os forasteiros conseguiriam enganar todos, mas se tratando de um lobisomem, o homem sentia-se péssimo, na verdade todos da alcateia tinham o mesmo sentimento. O Sol escaldante queimava as costas dos lobos, menos de João, que andava na frente de Jordan a poucos centímetros de distância, a altura do alfa servia como uma sombra, uma barreira que impedia os raios solares de incomodarem o garoto.

Faltava muito ainda para que chegassem ao vilarejo, teriam de descansar outra vez, talvez encontrar um lugar em que pudessem dormir sem serem incomodados pelos predadores da floresta. A Lua cheia estava próxima, os lobos sentiam isso, ficavam mais fortes a cada dia, suas emoções à flor da pele poderiam ajudá-los a enfrentar qualquer desafio no lugar onde haveria muitas pessoas assustadas e burras, e seres humanos desse tipo faziam muitas coisas erradas.

Ezequiel caminhava alegre, sempre olhando para os lados, farejando o ar e só sentindo as frutas frescas nas árvores que passavam pelos olhos dele. A maioria da comida estava dentro da floresta, inclusive animais com a carne saborosa, para o seu azar, Jordan não queria que nenhum dos lobos entrasse na floresta, poderiam encontrar criaturas malignas.

Achava que poderia cuidar delas facilmente, em todo caso, teria de ficar longe do interior daquela mata. Queria chegar depressa no vilarejo para voltar depressa a sua casa, aquela viagem estava sendo um tédio, só andavam e andavam. Queria um pouco mais de emoção, como na noite que mataram milhares de inimigos. Inimigos esses que estava indo salvar agora, o jogo tinha virado, e não a seu favor.

João diminui seus passos, o suficiente para Jordan ficar mais no seu encalço. Ele observou Charlotte e Paul conversando animados, tinha muita intimidade entres os dois, pareciam se conhecer a muito tempo.

— Qual é a história deles? — João sussurrou.

Jordan soltou uma risada gutural, o seu garoto podia ser esquecido um pouco das coisas.

— Queria saber o motivo de estar falando baixo, eles dois podem ouvir tudo.

João ficou um pouco nervoso pela vergonha, tinha esquecido momentaneamente desse fato. Felizmente, tanto Paul como Charlotte pareciam nem ter ficado incomodados ao escutarem a pergunta, a distração sobre o que fariam no reino de volta parecia mais interessante. Parando e pensando um pouco, João sabia apenas o

nome do reino em geral, Presas de Lobo, mas desconhecia a cidade em que Jordan morava, onde tinha o seu castelo.

— Como se chama o lugar onde moram? — perguntou o garoto.

— Coração da Lua — a voz de Jordan mudou de sintonia, parecia ter certo orgulho do nome.

— Sabe o motivo de se chamar assim?

— A Lua deu o poder que precisávamos para sobreviver, meu antepassado pensou em homenageá-la — Jordan sorri, o nome era bonito pelo menos.

João ficou pensativo, imaginando quando finalmente pusesse os pés em Coração da Lua, o lugar deveria ser maravilhoso, com pessoas magnificas da alta realeza, ou talvez estivesse pensando demais e só fossem pessoas assassinas e sem caráter. Preferia a primeira opção, e só saberia depois de muito tempo. Apenas por pensar na caminhada de agora e mais a que teriam quando derem a volta pelo mesmo caminho, já o deixava exausto.

— Alguma outra pergunta? — quis saber Jordan.

João pisca quando encarou novamente Paul e Charlotte.

— Eles foram obrigados a ficarem juntos?

— Quer saber se foram oferecidos um para o outro de maneira forçada, prometidos em casamento? — Jordan ergueu uma sobrancelha, não era de seu feitio falar da vida dos membros de sua alcateia, mas João queria saber, então teria suas respostas. — Sim, desconheço quem foi oferecido a quem primeiro, mas sei que eles nunca causaram problemas sobre esse assunto, pois deram uma chance ao relacionamento, começaram a se conhecer intimamente, depois de poucos dias já sentiram o amor os rondando.

João balançou a cabeça, era bom conhecer um pouco daqueles que em breve poderiam virar sua família. Tirando o alfa, o mais próximo em amizade era Fury, foi com quem teve mais convivência, mesmo que pouca. Dentro do seu âmago, sentia o lobisomem bondoso na alma daquela aparência impregnada com ar maldoso que era Fury, ele era uma boa pessoa passando por muitos maus bocados.

Tinha fé nos próximos dias, tentaria conhecer seus companheiros melhor, passar mais tempo conversando, tentando descobrir mais, sem bisbilhotar, só tentando conseguir obter confiança, passou muito tempo desconfiado de tudo e todos, precisava urgentemente mudar essa questão.

— Tem mais alguma pergunta, garoto tagarela? — Jordan estava adorando proporcionar entretenimento a João.

O garoto pensou... havia várias questões rodando sua cabeça agora, poderia perguntar sobre a ilha, sobre o mundo em geral, apostava que Jordan detinha todas as respostas. Podia começar pelas criaturas da floresta e as plantas assassinas, só não o

fez por que queria esquecer aquele dia sofrido, nada de ruim lhe aconteceria com aqueles lobisomens por perto.

— Não tem medo de alguém tomar o reino na sua ausência?

Jordan suspirou, tão jovem...

João nasceu numa aldeia que nunca soube da beleza ao redor, várias cidades por entre as montanhas onde poderiam buscar comida, casarem suas filhas com guerreiros fortes para darem início a uma descendência forte, explorarem terras para cultivarem suas colheitas, darem sua obediência ao rei verdadeiro para terem apoio e até uma vida melhor, mas não, preferiram ficar onde estavam, burros e sem informações do que acontecia ao redor de onde moravam.

— Fique despreocupado quanto a isso, ninguém terá coragem de fazer isso, nenhum homem ou lobisomem, e nem minha família, pois sabem que muito sangue será derramado. E para tomarem meu lugar precisarão de um exército, exército esse que obedece somente a mim. — Jordan não se sentiu muito confortável em pensar na sua família. — Além disso, tem um lobo de minha alcateia e de extrema confiança tomando conta do trono.

João sentiu um certo tremor na voz de Jordan, preferiu ficar calado do que fazer mais perguntas quanto a isso. Ficou interessado na família do seu marido, mas poderia irritá-lo e não queria fazer isso. Estremeceu quando sentiu os braços deles massageando seus ombros, a sensação era tão boa que poderia se jogar nos braços dele e dormir naquele instante.

— Sinto medo em você, você não deveria ter medo de mim, nunca. Pergunte!

João engole em seco.

— Quero saber mais sobre sua família.

— Achei que já tivesse dito o bastante — Jordan respirou fundo —, mas sua curiosidade parece que não irá cessar até que eu te conte. O que quer saber primeiro?

— Quantos membros da sua família existem?

Jordan ri alto, chamando atenção momentaneamente de seus lobos. Poderia dizer que existiam vários integrantes da sua família pelo mundo caso considerasse os bastardos, seu pai era inteligente o suficiente para não dormir com qualquer uma, mas já seu tio...aquele incompetente.

— Tenho dois tios, um primo legítimo com o nome da família, muitos primos distantes e acho que só.

João contorce o lábio inferior.

— Então, caso você viesse a morrer sem um herdeiro...

— Meus tios ou o meu primo herdariam o reino.

Jordan encerrou de tal jeito que João nem ousaria fazer mais perguntas sobre sua família, ainda sim os conheceria, o encontro entre eles seria inevitável. Já podia imaginar a confusão futura, saber que Jordan, o rei de um reino se casou com um simples camponês inimigo os deixaria loucos, e o pior, não poderia dar um filho a Jordan como uma mulher fazia, isso poderia enfurecer mais sua família que continham o sangue real.

Começou a rodear o corpo com seus braços, o frio aumentava indicando que já estavam perto da aldeia, e mostrando pelos quase inexistentes flocos de neve que o inverno estava muito próximo. As árvores tinham os galhos secos, o gramado antes verde começava a ficar branco aos pouquinhos, os animais deveriam estar migrando para outros locais ou se escondendo.

— Acha que sobreviveremos a volta? — perguntou João, muito baixo, apenas o suficiente para Jordan o ouvir. — Os sobreviventes e eu.

— Você, pode apostar que vai. Os aldeões? Tentarei salvar o máximo.

João poderia considerar uma vitória, o lobisomem líder iria fazer o seu máximo para salvar aquelas pessoas que foi destruir, uma grande reviravolta do destino.

A estrada parecia silenciosa demais, sendo iluminada porocamente pelo Sol, o único som além dos passos na terra e o som de vozes era o vento gelado. Tudo tão calmo e perigoso. João procurou relaxar, caso uma criatura estivesse por perto os lobisomens sentiriam o cheiro aos longes, estavam muito tranquilos, nada que os ameaçasse devia estar próximo.

Fury estava ainda andando solitariamente sem falar com ninguém, Ezequiel ainda procurava comida. Paul e Charlotte conversavam calmamente, como se fizessem planos para o futuro já que o casamento seria muito em breve, ele matinha o braço envolto da cintura dela, e ela repousava sua cabeça no ombro esquerdo dele.

João parecia exausto novamente, malditos lobisomens que não usavam carroças ou cavalos para se locomoverem, um humano como ele tinha desvantagens em longas caminhadas com quase nenhuma pausa.

Já teriam de buscar água em outro lugar, e parecia não haver rio naquelas terras abandonadas pelo tempo. Se um simples humano jovem dava um problemão, imagine um turbilhão de pessoas, novas e velhas atrapalhando a viagem constantemente, a caminhada de volta seria um pesadelo a todos os envolvidos. Maldita hora que Jordan fora bonzinho concordando em salvar inúmeras vidas.

O alfa planejava dar uma vida digna a eles, pelo menos por enquanto, até se adaptarem. Em um momento ou outro teriam de se virarem sozinhos, conseguiria um pouco de terra a cada família, faria os homens mais fortes entrarem no seu exército, algumas mulheres poderiam trabalhar no castelo, havia uma cozinha enorme, e vários quartos, além dos corredores imundos enormes. Todos teriam uma maneira de

conseguir moedas para sobreviver. Não teriam do que reclamar, e se arranjassem problemas, seriam punidos pelas leis do rei, como cidadãos do reino.

Ao andarem por quase um dia inteiro, decidiram parar próximo a um pequeno bosque onde ainda havia gramado verde, pouco, o suficiente para dormirem, passarem mais uma noite.

O Sol sumiria logo.

Saindo da estrada o bando entrou no gramado gelado, demoraram um certo tempo para arrumarem suas tendas. Seriam quatro, uma destinada a Charlotte e Paul, outra a Jordan e João, as duas últimas seriam de Fury e Ezequiel.

— Gosta de Jordan? — perguntou Charlotte a João.

Os dois estavam em pé, vendo os homens suarem, as tendas eram médias, era difícil montá-las, tinha de ter muito cuidado ou tudo cairia.

João nunca de fato se perguntou sobre seus sentimentos por Jordan, tinha medo de ter feito o pacto apenas por medo daquelas pessoas na aldeia morrerem, mas sempre sentiu uma certa atração na primeira vez que o viu, quando cuidou para que ele não morresse na sua cama. Claro que tinha a resposta, sentia algo muito forte por ele, amor ou paixão, eram dois sentimentos poderosos e muito diferentes, e João tinha certeza de que era amor.

— Muito — João encarou as costas dele no momento que o viu mexendo no pano enorme. — Caso não houvesse essa situação que eu fosse obrigado a me casar com ele, eu esperaria mais um pouco, mesmo assim eu o escolheria como meu companheiro.

— Mesmo indo contra o seu povo? — Charlotte sorriu, já sabendo da resposta.

— Sim, Jordan mataria a todos se tentassem algo contra mim.

Charlotte ri brevemente, não duvidava disso. Homens-lobos eram um pouco protetores demais, chegando a matar sem se importar com as consequências a pagar, somente para salvar a quem amavam. Seriam capazes de lutar até a morte. Quem tivesse coragem o suficiente para causar problemas a um companheiro de um lobisomem, tinha de saber que a sua vida corria risco eminente.

Os meninos terminaram suas casas temporárias, suados o bastante para encherem uma taça inteira, levantaram e ficaram de pé, respirando ofegante. Cada tenda tinha espaço o suficiente para cinco pessoas, todavia, no máximo duas ficariam em cada uma delas.

— Precisamos de lenha para uma fogueira — Fury soltou as palavras depois de quase um dia. Surpreendendo João, mas não os outros.

— Para qual motivo? — João queria esquecer, era uma pergunta óbvia.

— Iremos caçar, assaremos a carne do animal, e bom, você precisa ficar esquentado — Jordan informou rapidamente.

— Na tenda não teremos esse fogo, como irei me esquentar lá dentro? — o garoto parecia estar sendo dominando pelo sono, não raciocinando rápido o suficiente. Tinha feito outra pergunta óbvia.

Ezequiel soltou um risinho.

— Que história é essa? Eu vou te esquentar é claro.

João rodou a cabeça para cima, os lados e o chão, envergonhado, sentindo as bochechas ficarem vermelhas. Jordan podia evitar falar suas obscenidades na frente dos seus companheiros, queria um lugar para enfiar a cara de tanta vergonha. Estranhou o fato dos lobos nem terem ficado com piadas sem graça ou risinhos infantis, com exceção de Ezequiel.

— Ezequiel, você vem comigo — Fury o encarou, o semblante franzido. — Se tagarelar muito eu te mato e vamos nos alimentar da sua carne.

— Também te amo, sabe disso não é — Ezequiel caminhou na frente, penetrando a floresta. Fury ia logo atrás.

Jordan puxou João para dentro de sua tenda, enquanto Charlotte fazia o mesmo a Paul. Teriam de esperar os dois voltarem com a comida, esperava que conseguissem encontrar um animal apetitoso para comerem, a comida que vieram trazendo ficou estragada devido ao ataque surpresa daquela bruxa nojenta.

João nem pensou duas vezes em encostar sua cabeça no peito de Jordan, eles permaneceram calados, com o alfa alisando os cabelos do seu garoto.

Era bom ficar somente daquele jeito, pensando no futuro, ou em seus terríveis passados. O corpo do alfa era tão quente, muito bom de ficar abraçado. João lutava com o sono, só queria comer antes de dormir. Procurou lembranças que o mantivesse acordado, o motivo era desconhecido, mas os primeiros pensamentos foram da primeira noite de sexo com Jordan.

No entanto, outro pensamento surgiu. Que tipo de criaturas viviam na floresta?

Conhecia as normais, cavalos, cachorros, veados. No entanto os lobisomens já avisaram que existiam as criaturas malignas.

— Conhece as criaturas que rondam esse reino, essa floresta? — sua voz saiu quase inaudível, os olhos quase fechando.

Jordan sorriu, poderia responder e João nem prestaria atenção.

— Nem todas, dessa parte do reino só conheço poucas — Jordan o beijou cabeça do garoto. — Quer saber sobre uma?

— Sim.

— Há uma criatura que vive por essas redondezas, agora que o tempo está ficando frio, já devem ter ido para outro local. Costumam ser encontradas em locais muito quentes — Jordan levou seus dedos aos fios de cabelos de João para alisa-los. — Chama-se *Ignis*. A criatura tem a pele muito dura, parecem rochas de tão

impenetráveis, talvez até seja. Sei que são lentos por pesarem toneladas. E contam algumas histórias, que até são capazes de cuspir bolas de fogo.

João voltou a deitar e virou o corpo para o lado contrário ao de Jordan, indignado, pois agora sentia muito medo. Logo sentiu um braço grosso e grande rodeando sua cintura, os sentimentos ruins desapareceram na hora.

— Sinto muito se o deixei apavorado, isso jamais acontecerá de novo.

Um sorriso brotou no rosto de João, gostava da pequena inocência de Jordan envolvendo poucos assuntos. Achava fofo o desconhecimento de como ser amoroso com pessoas, agora tinha a vida toda para conseguir ensiná-lo a não ser tão...bruto.

Quando ouviram um estrondo de algo caindo no chão souberam que Fury e Ezequiel voltaram com lenha e provavelmente um animal grande e morto. Do lado de fora o lobisomem ranzinza carregava pedaços de troncos, os colocando juntos em um canto, tendo calma para montar a fogueira.

Paul e Charlotte saíram em seguida, meio sonolentos.

Ezequiel tinha o javali morto nos ombros, enorme, daria para comer e repetirem uma vez. A carne era tão deliciosa que João teve de passar a língua nos lábios, mal esperando o momento que o devoraria.

— Eu irei escalpelá-lo — Jordan tirou uma lamina que João nem sabia que ele possuía. — Me dê aqui esse bicho.

Jordan teria um demorado trabalho pela frente, ainda cortaria em pedaços o suficiente para alimentar o estômago de cinco lobisomens, provavelmente não sobraria nada.

— Charlotte e Paul, tentem achar um rio por perto, precisamos de mais água — Jordan apontou para a floresta.

— Deixe que eu vou — João pegou os objetos que encheria de água.

Ezequiel se aproximou dele, sabia que Jordan mandaria alguém acompanhá-lo, e queria passear mais um pouco, por isso não houve problemas.

— Não tire os olhos dele — os olhos do alfa quase mudaram de cor.

Ezequiel só revirou os olhos entediado com aquela agressividade toda. Já bastava Fury sendo ignorante o tempo todo, agora recebia ameaças de morte do próprio alfa, tinha se acostumado com os homens agressivos da alcateia. Acompanhou João, entraram na floresta e desapareceram de vista.

Jordan começou seu trabalho para deixar a carne no ponto, pediu educadamente para que Paul procurasse gravetos finos que pudessem usar, espetariam a carne na ponta, aproximariam do fogo e esperariam a carne ficar torrada ou assada, como cada um preferisse, e então aproveitaram o pequeno momento de lazer.

Charlotte foi ajudar Paul no pequeno trabalho. Cada um tinha a sua parte bem dividida e assim terminariam o dever bem depressa, em muito pouco tempo estariam

sentados num círculo comendo o jantar.

— Sinto muito, pelo garoto que você perdeu.

Fury franze o cenho, pensado ser uma voz de sua própria cabeça ou se realmente Jordan havia dito aquelas palavras a ele, olhando por sobre o ombro quase arregalou os olhos.

Jordan ficou com raiva e voltou a trabalhar.

— A culpa é de João, a bondade dele está me afetando.

— Estou vendo, tenho falado mais sobre o meu passado por causa dele — Fury voltou ao trabalho, desviando o olhar do alfa. — Arranjou um garoto enviado dos céus.

O sentimento no peito de Jordan foi estranho, nem soube quando tinha ficado tão bonzinho, normalmente não diria nada para um de seus lobisomens com uma perda enorme, esperaria mais alguns dias ou então simplesmente o deixaria em paz. Agora tinha João o influenciando, realmente sentia a necessidade de soltar palavras reconfortantes a Fury, a cada dia ficava mole, menos durão e mais amável.

...

Dentro da floresta escura, João tinha uma distância mínima do companheiro de viagem. Ezequiel o guiava, seu nariz trabalhava sem parar em busca de frutas ou animais que pudesse matar e se alimentar. Ficava alerta também ao perigo constante.

O frio não incomodava nenhum pouco o lobisomem, pelo menos não ainda, já que o clima se mantinha fraco, quando o inverno de verdade chegasse aí poderia ficar preocupado com o calor do seu corpo. João, por outro lado, sempre trincava os dentes, a sensação era muito ruim, só queria ter forças de achar um lago e conseguir voltar sem precisar de ajuda.

— Acha que conseguiremos voltar logo? — João perguntou.

— Era difícil saber, podemos demorar para encontrar um lago, ou, poderemos achar depressa — Ezequiel deixou as orelhas atentas, parecia ter conseguido ouvir um som estranho. Começou a ficar cauteloso. — Estou morrendo de fome e quero retornar rápido.

— Eu também quero, estou morrendo de fome — João franze o cenho ao começar a notar o estado das árvores, pareciam estar...queimadas.

Ezequiel encarou o gramado em que pisava, estava com um cheiro horrível de queimado fazendo seu nariz ficar irritado. Um brilho forte ascendeu e apagou aos longes na mesma direção que tomavam.

João engoliu em seco, parando no lugar, Ezequiel fez o mesmo. O brilho ascendeu e apagou mais uma vez, mais perto. Conseguindo ouvir passos pesados, Ezequiel percebeu algo se aproximando depressa, o brilho ascendeu e conseguiu ouvir o que parecia ser uma explosão, e então, a luz sumiu novamente.

— Vamos sair daqui! — João deu meia volta, só esperava de Ezequiel a mesma atitude, ou iria sem ele.

Sabia qual tipo de criatura era, só queria ter certeza de ficar longe o suficiente de *Ignis*. Uma bola de fogo atravessou perto de Ezequiel, passou por João e acertou uma árvore na frente deles. Os dois veem *Ignis*, igual a um gorila, bufando de ódio. Seus olhos passam por Ezequiel, o cheiro da comida era muito bom.

— Nada de movimento bruscos! — Ezequiel faz um movimento com a mão, indicando que João permanecesse parado, que ficasse o mais quieto possível.

Ignis permaneceu imóvel no lugar, estava caçando comida até que sentiu o cheiro de suas vítimas. Examinava-os cautelosamente, tinha de ficar atento. Queria perfurar aquelas peles maravilhosas para sentir o gosto da carne, do sangue misturando-se com sua saliva, engoliria a presa toda, cuidaria de devorar cada pedacinho.

João teve de dar um passo para trás, engolindo em seco vendo a saliva descendo da boca daquele monstro.

Ignis avança rugindo, dando um golpe com sua mão dura em Ezequiel, o lançando numa árvore. O impacto foi tão grande que João pôde ouvir um osso estalando muito alto, ficou horrorizado vendo o amigo inconsciente no chão, provavelmente morto.

O garoto se embrenhou mais ainda na floresta, correndo sem parar, nunca olhando para trás. *Ignis* estava logo do lado dele, esperando uma brecha pelos malditos troncos, impaciente soltou uma bola de fogo, que se partiu ao meio devido aos troncos grossos, o poder ficou tão fraco que nem chegou a encostar no garoto, mas foi suficiente para fazê-lo se distrair. João nem viu quando aconteceu, só soube que estava agora caindo numa rampa de lama cheia de folhas e raízes de plantas, sua cara batia em várias folhas. Chegando no final, sentiu uma dor enorme no rosto ao dar de cara no chão.

Mesmo acabado, soube que tinha de fugir, ou o sofrimento recomeçaria, Ezequiel morreu sem ter chance alguma, os outros estavam muito longe. Se encontrava sozinho novamente, lutando pela sua vida mais uma vez.

Olhando para trás, fungou, seria impossível subir tudo de volta, teria de dar a volta, era sua única chance. Sem ficar perdendo tempo achando que iria morrer, começou a andar para pelo menos ter uma chance de sobreviver.

Notou que naquela área tinha corpos de animais pretos, queimados, era estranho, *Ignis* estava caçando lá em cima, e pela pequena fumacinha voando ao céu, as mortes eram recentes. Andando mais um pouco, tendo que afastar enormes folhas para poder passar, ficou estático, via *Ignis* destroçando uma criatura, a boca arrancando o pescoço da vítima, uma cena horrível de presenciar.

João começou a movimentar o corpo para o seu lado esquerdo, querendo alcançar uma árvore, ocultar seu corpo no tronco, desaparecer da vista do predador. Um passo, o animal não viu, no segundo passo fez um barulho minúsculo, parou e olhou a

criatura. Vendo que nada aconteceu, continuou prosseguindo e finalmente encostou as costas na madeira dura, aliviado.

Agora era só contornar o outro lado, uma direção segura...

Ignis aparece sorrateiramente o fitando curioso, o mesmo de antes, mas havia outro comendo...

Eram dois.

João abre a boca para gritar e infelizmente nada sai do fundo da garganta. Os olhos da criatura ficaram brilhantes e João jogou o corpo no chão, desviando da bola de fogo. Desatando a correr quando levantou, olhou para trás e os dois *Ignis* o perseguiram, eles o alcançariam depressa, tinha de conseguir achar um lugar em que pudesse ficar escondido, se não isso, pelo menos para ganhar um pouco de tempo.

Vendo um tronco enorme caído no chão, o interior parecia uma caverna com o tamanho o suficiente para que João pudesse enfiar seu corpo, e foi o que fez. Dentro do local, começou a se arrastar quando viu o *Ignis* sedento por sangue tentando entrar.

João começou a jogar terra nos olhos do bicho, mesmo assim ele continuava perseguindo a presa, o tronco era destruído na medida do avançamento da criatura cuspidora de fogo. O corpo do garoto precisava de um descanso, tinha de parar.

De repente *Ignis* gemeu de dor, um gemido agudo de um animal amedrontado. Som de algo sendo mastigado foi emitido, *Ignis* recua um pouco, mais uma vez o som de mastigo foi ouvido juntamente com o barulho de algo se quebrando. *Ignis* recua novamente. O garoto percebeu que a criatura tentava avançar, não para caçá-lo, mas querendo sobreviver.

Os olhos ficam arregalados quando o monstro parou os seus movimentos, e de repente a criatura foi arrastada rapidamente para fora, ele...estava morto.

João saiu devagar, do lado de fora notou que o *Ignis* restante tinha ficado encolhido em um canto, assustado demais. O outro permanecia morto no chão, aquele desgraçado demorou muito para morrer. Virando-se viu algo impressionante, um lobisomem de pelos marrons claros com a boca suja de sangue, os pelos eriçados e o olhar mortal direcionando ao outro inimigo, aquele não era Jordan, aqueles olhos eram assassinos, maníacos, de um ser demoníaco. Suas pernas que pareciam patas, eram musculosas e peludas, os braços eram do mesmo jeito, enormes e cheio de pelos pontudos.

Era Ezequiel. Sabia que era ele por sua forma ainda parecer um pouco humana. Não parecia ser sua transformação completa.

Ignis viu a presa muito perto, só precisaria passar pelo inimigo e finalmente teria o seu tão esperado jantar. Movimentou-se um pouco para frente, preparando-se para o combate. O lobisomem também ficou em posição, pronto para avançar no inimigo.

João meio abobado com essas duas criaturas sanguinárias, ficou no meio. Olhou para Ezequiel e correu na direção dele, ficando nas suas costas, onde esperava ficar seguro.

Os dois monstros rugiram e avançaram, embrenharam-se no chão trocando mordidas e arranhões, os estragos que Ezequiel causou foram muito mais danosos do que as que sofreu nas mãos de *Ignis*.

A criatura de fogo cuspiu uma bola de fogo que passou de raspão na cara de Ezequiel, conseguindo sua libertação pulou em João, abrindo sua enorme mandíbula, prestes fechar os dentes na cabeça do garoto, Ezequiel conseguiu agarrar em uma perna de João, puxando-o para perto do seu corpo. *Ignis* cai de cara no chão, furioso. Virando-se tentou mais uma vez fechar sua mandíbula no garoto. Ezequiel lançou João ao rio, que tinha a um metro de distância, pois ficaria seguro na água.

Ezequiel segurou aquelas mandíbulas enormes enquanto recebia socos fortes em cada lado da costela, desviou de uma bola de fogo vinda do interior do inimigo. E então começou a levá-lo violentamente para o rio onde enfiou a cabeça do animal na água, *Ignis* começou a se debater, em segundos, os movimentos ficaram lentos até que param completamente.

João com a cabeça fora da água e com o corpo mergulhado, olha sem reação. Dois *Ignis* mortos. Saiu do rio, quando sentiu a terra novamente levantou a cabeça e viu um membro mole e grosso diante dos seus olhos.

— Vai pegar água ou não? — Ezequiel cruzou os braços, de volta a sua forma humana e completamente nu.

João virou a cabeça muito rápido, tentando esconder a vergonha, já era o segundo lobisomem da alcateia de Jordan que via o pênis, tinha fé de que Paul não fosse o próximo.

Começou a pegar o máximo de água, e ficando de pé percebeu que teriam de dar uma longa volta se quisessem subir sem grandes problemas.

— Onde estão suas roupas? — Indagou o garoto, ainda sem conseguir olhar o amigo.

— Ficaram rasgadas quando me transformei para te salvar.

— Então voltará nu?

— É claro, aqui é que não irei ficar. Vamos. — Ezequiel tomou a frente, dando a linda visão da sua bunda malhada ao companheiro do alfa.

João desviou a vista para o caminho, em seguida começou a andar. Na caminhada de volta, o semblante mudou de vergonha para pensativo, Ezequiel parecia ser o mais inofensivo dos lobos na alcateia, e como sempre estava enganado a respeito deles. É um dos mais mortais, podia jurar que ele sentia prazer em matar suas vítimas.

Mantinha a cabeça sempre erguida, o olhar sempre para frente, queria evitar as partes expostas do lobisomem, pois seria estranho. Achava que nunca ficaria

acostumado com essa nudez toda, algo que eles tomavam como grande naturalidade.

Voltaram molhados para onde estavam acampados, João mais do que Ezequiel, podia-se dizer que ficaram limpos na medida do possível com todo esse pequeno momento de adrenalina misturado com desespero para pegar um pouco água.

Na lenha já acesa, Jordan sentiu o cheiro de sangue e olhou para floresta onde João e seu lobo saíam, estranhando o fato de Ezequiel está nu e o garoto com as roupas um pouco rasgadas.

— Sei o que está pensando — Ezequiel ergueu os braços quando Jordan avançou com o semblante nada bonito.

— Não faz a mínima ideia do que estou pensando!

Passando pelo subordinado, colocou as mãos em João, passando os olhos por todas as partes do corpo, farejando, pois quase não sentia o seu cheiro. Era muito importante que o garoto tivesse seu cheiro, impedia qualquer outro lobisomem de se aproximar, e caso ainda sim o fizesse, teria de enfrentar a fúria do alfa.

— Que isso? Estou bem — João tentou empurrar a cabeça de Jordan, mas ele voltou a passar o nariz em seu pescoço, como um cachorrinho insistente.

Fury entrou na tenda de Ezequiel e saiu de lá com peças de roupas, jogou-as na mão do amigo meio exasperadamente.

— É uma de suas últimas roupas, pare de ficar se transformando ainda vestido.

— Tá, tá, tá. — Ezequiel começou a vestir as roupas, em seguida caminhou para o centro da fogueira, onde sentou numa pedra ao lado de Paul.

Jordan segurou no pulso de João e o levou em sua tenda, colocou-o em sua frente e passou os olhos por toda a parte.

— Tire a roupa.

— Ficou louco? Tem gente acordada lá fora, e já disse que estou bem.

— Só sairá dessa barraca quando eu ver seu corpo, tire logo! — Jordan ficava impaciente toda vez que ficava preocupado com o garoto e ele sempre bancava o teimoso. — Quero ter certeza.

— Já disse não — João cruzou os braços.

— Podia começar a me obedecer, pelo menos uma maldita vez!

— Obedecer? Só pode estar ficando maluco — João pensou que as palavras foram fruto de sua imaginação, percebendo realmente que vieram da boca de Jordan, ficou bravo. — Não serei submisso a você, Jordan. Sou seu companheiro, não um escravo.

Jordan colocou a mão na testa, arranjou um garoto que testaria sua paciência pelo resto da vida. Desobediência lhe tirava muito do sério quando não partia dele próprio. Também tinha o fato de não saber o que fazer com um companheiro mau criado.

— Eu sou seu rei agora, tire a roupa! — Jordan fez um biquinho ao ver João levantando uma sobancelha. Ele não estava disposto a obedecer. — Por favor?

João considerou obedecer por Jordan ter sido bonzinho.

— Bom garoto, não foi tão difícil, foi?

Jordan fechou os olhos, pensando em qualquer pensamento feliz, pareceu funcionar, sua mente viajava nos momentos que tinha João em seus braços, na cama, concretizando o pacto, consumando seu casamento.

João começa a tirar a roupa bem devagar, propositalmente para irritar Jordan. Quando enfim ficou totalmente exposto, esperou Jordan prosseguir.

O alfa muito irritado começou a cheirá-lo, passando suas mãos pelas laterais dos braços, olhando ao redor do pescoço, passando o nariz por entre as coxas, esse último ato fez João dar um risinho rápido.

— Isso é sério, quero ver se aquele bicho nojento não deixou qualquer parte do cheiro dele em você, mais um *Ignis* pode aparecer.

Aquilo deixou João nervoso, poderia ter tirado as roupas muito antes se Jordan deixasse de enrolar com as explicações. Ele devia saber de *Ignis* pelo cheiro do sangue em Ezequiel, quando chegaram.

— Pronto, está limpo. Venha aqui — Jordan abriu os braços.

O garoto franziu o cenho, mas decidiu avançar. Se aproximou e foi engolido por um abraço forte. Jordan remexeu um pouco e começou a beijar o rosto de João, alisando toda parte do corpo.

— Está feito, meu cheiro está em você. Qualquer predador que tenha amor a vida deverá ficar longe de você.

Aqueles costumes eram estranhos a João, tinha de conhecer a alcateia mais afundo. Chegando na cidade queria está familiarizado com os lobisomens de lá, queria ser bem aceito pela comunidade do rei.

PARTE 3

A BRUXA E O DEMÔNIO

Capítulo 25

FINALMENTE

— Ouvi sobre uma Deusa Da Lua, no ritual — João perguntou, enquanto caminhava ao lado de Jordan. — Fury parecia rezar para essa deusa, poderia me falar mais sobre ela?

Jordan fez um barulho estranho. Não queria falar sobre sua religião agora, era muito complexa, queria mostrar e explicar tudo quando estivesse no seu castelo.

— A bruxa que nos fez conseguir controlar nossas feras interiores, praticamente nos deixou mais fortes e meu povo renasceu. Desde sua morte, rezamos para ela, cumprimos alguns rituais que ela fazia no tempo que estava viva, e isso nos faz bem e traz certos milagres.

— Certos milagres...

— Ela ainda vive como uma entidade, pois nós a mantemos viva. Ela aparece de vez em quando, pelo menos é o que alguns lobos dizem.

— Essa deusa já apareceu para você?

— Nunca, eu queria, já rezei muito para ela, mas nunca a vi — Jordan disse, um pouco triste.

João então ficou com várias dúvidas na mente, como ele sabia que tal entidade existia?

— Meu pai a viu — Jordan continuou, como se pudesse ler a mente de João. — Ele disse para mim, que a deusa pediu que ele, como rei, aprovasse a lei de que um homem, pudesse ter várias esposas.

João arregalou os olhos, pensou em como um ser divino poderia pedir algo tão inesperado.

— Por qual motivo?

— Pelas palavras dele, ela queria que a raça se reproduzisse mais rápido.

— Por isso seu pai fez...

— Infelizmente — disse Jordan, e para esconder sua tristeza, abriu um sorriso. — Ele acreditava realmente nessa hipótese, e queria começar tal tradição comigo. Se Deusa da Lua disse isso mesmo, o que duvido muito, ela deve me odiar.

— Por quê?

— Me casei com outro homem.

João arregalou os olhos, não tinha pensado nisso, a população de Jordan podia ver isso com maus olhos, um rei que não teria filhos era inadmissível.

— Você é um rei, precisa de herdeiros.

— E terei. Quando chegar a hora, você pode escolher uma criança órfã e eu a morderei, transformando-a e colocando parte de mim nela, e pronto, um herdeiro.

— Como fará dele meu filho também? Se for só seu, poderá ser considerado um bastardo.

— Existem rituais para isso também João, fique tranquilo.

João sentiu o vento ficar um pouco mais forte, era refrescante. Nunca pensou em ter filhos, mas não seria de todo ruim. Alguns pássaros cantavam no momento que os viajantes passavam, e logo saiam voando pelo céu, e João os olhava batendo as asas, imaginando sua nova vida num castelo enorme, ao lado de um rei. O sonho de toda mulher e homem. Todos da população de Jordan o deviam querer, ele era um homem de verdade, muito adorável e amável, mas horrível e cruel em guerras quando se fazia necessário.

Pensou em quão generoso ele fora em poupar a vida de seus inimigos, as árvores, pelo menos algumas não tinham mais folhas, tendo perto de suas raízes, um pouco de neve. O tempo ficava ruim, por isso Jordan apressava a viagem, queria chegar o mais rápido possível para ir embora na metade do tempo, temia que pessoas morressem de frio numa viagem extensa.

O vilarejo já podia estar passando por dificuldades, mesmo depois de quase o terem matado, de terem o humilhado, de quase ser violentado. João ainda esperava que eles estivessem bem, não estivessem lhes faltando vestes, comida e água. Ele não entendia muito bem a preocupação com eles, deveria ter raiva, implorar para Jordan matá-los e não pedir para salvá-los.

Sua mente não parava de imaginar o que Castiel e Margaret faziam, ele deveria estar tentando achar um jeito de matar João ainda, e Margaret já deve ter trocado Castiel, se não trocou, ainda vai. Bastava um homem com mais poder e riquezas de que Castiel aparecer e num piscar de olhos perderia a adorável Margaret.

— Você devia deixar essa preocupação de lado, pois quem deveria estar temeroso, somos nós — Jordan se referiu a ele e a própria alcateia.

— Não tem como, eu nasci e cresci com eles. Aceitar a verdade crua e sombria de que eles querem te matar é muito difícil.

— Aquelas pessoas não merecem um pinga de minha misericórdia, mas estou aqui, caminhando até lá para ajudá-los, e por sua causa. Você é uma pessoa boa, não deixe que nada e nem ninguém tire isso de você.

— Caso eles não aceitem ir embora com a gente? — João ergueu uma sobrancelha.

— Os deixarei para morrer no frio.

— Jordan!

— Não há nada que eu possa fazer, se eles quiserem ficar, muito provavelmente morrerão para o frio, já que meus lobos e eu fizemos um bom estrago — Jordan não sentia prazer e nem arrependimento nas palavras, apenas narrou os fatos. — Aposto que não conseguiram nenhuma caça nesse tempo que estivemos fora, e nesse clima frio não conseguirão muita coisa.

— Talvez possamos ajudá-los. — João notara que já pedira favores demais, e Jordan podia já estar de saco cheio.

— Talvez — foi o que se prestou a dizer, mais sério que o normal.

Continuaram andando por um bom tempo até pararem para todos beberem um pouco de água. Adentraram a floresta e dessa vez, para o alívio de todos, encontraram apenas o rio, sem zumbis ou uma bruxa demoníaca. O rio era o mesmo que João mergulhara para fugir da população, o que significava que já estavam bem perto do vilarejo. Faltava apenas aguentarem andar mais um pouquinho, resistiram à dor nos pés para respirarem de alívio quando viram os portões, e onde poderiam entrar e descansar em uma cama quentinha.

Ezequiel enche a embornal de Charlotte e depois bebe tudo, em seguida a passou para Fury, que fez o mesmo, e continuaram repassando até chegar em João. Colocando a boca do objeto na água, lembrou-se do momento que entrou dentro do rio, muito ferido. Pensou mesmo em sua morte, lenta e dolorosa recostado no canto de um tronco, devido a hemorragia ou algo do tipo. Mas foi capturado, trancado, curado e torturado.

— Anda muito pensativo... — Ezequiel falou ao garoto.

— É esse vilarejo, me deixa temeroso, sinto que algo de ruim está prestes a acontecer.

...

Voltaram para a estrada de terra e começaram a andar mais algum tempo, até que finalmente puderam enxergar os portões do vilarejo. E antes que qualquer um desse mais passos adiante, Jordan levantou o braço e todos pararam.

— Está tudo muito calmo.

Jordan foi na frente com os outros logo em seu encalço. Já estava perto de escurecer, então se admirou pelo vilarejo estar em completo silêncio, a não ser por barulhos de alguns animais. Ezequiel e Charlotte correram, cada um para um lado e se embrenharam nos matos, Fury ficou na frente de João, de maneira a protegê-lo, Paul ficou bem ao lado de Jordan, quando este chutou os portões da entrada e foi recebido por flechas vindas do alto.

Jordan pegou duas nas mãos e as quebrou como se fossem palitos. Paul pegou uma também segundos depois, e a joga no chão simplesmente. Ficaram observando o alto. Depois de um tempo, Ezequiel e Charlotte voltaram com dois garotos, eram arqueiros.

Jordan segurou no colarinho do mais novo, arregalando as presas, quase deixando cair um pouco de baba no rosto do garoto, só para deixa-lo ainda mais assustado.

— Tem mais arqueiros nos altos? Escondidos? Em qual parte? — perguntou, arranhando levemente o rosto do rapaz com os dentes.

Ele não fala nada e Jordan decide tomar medidas extremas.

— Olha meu garoto ali — apontou para João. — Quer que eu os mantenha vivos, mesmo depois dessa população nojenta tentar de diversas formas matá-lo, então colabore...

Jordan sentiu algo molhado e gosmento no rosto, havia levado um cuspe.

— SODOMITAS NOJENTOS! — o arqueiro gritou.

Jordan levantou as garras e as deixou prontas para arrancarem o pescoço dele, adoraria sentir a carne do moleque insolente nas suas unhas, só para depois passar na cara do outro garoto. Aquelas pessoas realmente tinham um certo saber de irritá-lo, teve vontade, naquele momento, de deixar todos morrerem no frio, que suas carcaças fossem cobertas pela neve e depois pela terra.

— Jordan! — João esbravejou.

O alfa revirou os olhos azuis e, então, fechou o punho e acertou um soco forte no roto do menino, deixando o inconsciente no mesmo momento. O corpo caiu como um animal quando era abatido num celeiro.

— TOMAS! — o outro arqueiro que tinha as mãos seguradas por Charlotte, tentou desvencilhar da mulher se debatendo, o que obviamente não adiantara.

Jordan deu um passo após o outro, lenta e assustadoramente, exalando poder, seus olhos se cruzaram com os do garoto, e este sabia que corria sério risco de morrer caso não desse o que queria. Jordan ajoelhou uma perna, ficando cara a cara com o prisioneiro, segurou no pequeno queixo e fez ele o encarar mais de perto.

— Diga o que quero saber, e se me cuspir igual ao outro verme, não terei misericórdia.

E mais uma vez o silêncio, o alfa apagou esse garoto também, deixando o corpo junto do corpo do irmão. Jordan sabia que tinha mais do que apenas dois arqueiros jovens, os homens tinham se preparado para sua chegada, e apostava a bunda de João de que tinha mais inimigos e armadilhas. Respirou lentamente, manter esses humanos vivos estava sendo um enorme trabalho.

— Fury, carregue esses dois, por favor! — Jordan ordenou

Ele é o primeiro a entrar no vilarejo.

Fury põe os dois garotos arqueiros em seus ombros, um de cada lado, e os carrega sem grandes esforços. Sentia um cheiro delicioso emanando deles, mas não sabia dizer de qual exatamente, e de verdade nem isso importava, as preocupações eram outras.

Com dois pesos, seria quase impossível ajudar se algo de ruim acontecesse, mas como eram humanos burros, estava confiante de que não haveria mortes.

Jordan caminhava a passos sorrateiros, tinha algo de errado, sentia o cheiro de alguns humanos, em menor escala, então sorriu em desafio. Eles estavam ocultando o cheiro e estavam escondidos em algum lugar, à espreita, esperando um momento para atacar. Também ouviu sons vindos do celeiro. “*Vamos esperá-los se aproximar, então atacaremos*” Disse uma voz, e Jordan a reconhecia, o dono era o amigo de João, aquele Castiel não era flor que se cheirasse, infelizmente tinha de reconhecer que ele era bom de briga, afinal, quase lhe tirou a vida no último encontro deles.

Jordan olhou para Ezequiel, e o mesmo seguiu os sons das vozes já esperando por uma armadilha. Paul e Charlotte começaram a vasculhar as casas para colocarem as pessoas do lado de fora e irem logo embora, no entanto, as moradias se encontravam completamente e misteriosamente vazias.

— Não tem ninguém — Charlotte sussurrou.

— Continue procurando, e não baixem a guarda! — Jordan continuou ido em frente, enquanto seus lobos se separavam cada vez mais. — Fury, fique do lado de fora e proteja João.

Fury revirou os olhos, por ter o trabalho de carregar dois corpos nesse trajeto, não que fosse difícil, mas fora uma completa perda de tempo já que tivera de voltar para onde veio. João não falou nada, apenas obedeceu a ordem de Jordan e ficou perto de Fury.

— Vamos ficar por aqui mesmo — Fury disse já do lado de fora, ele colocou os corpos no chão e aguardou por novas ordens.

— Não devemos ajudá-los? — João indaga.

— Se a situação ficar ruim, entramos e tentamos fazer algo, combinado?

— Concorde.

A escuridão aumentava enquanto o tempo passava, parecendo uma eternidade, tudo ficava mais frio. As ruas, os becos e as casa começam, aos poucos, a serem iluminados pela Lua. Jordan ouvia apenas os sons de seus passos pesados, via cada canto do vilarejo deserto, um vazio imenso que lhe causava até arrepios. Os humanos esperaram esse momento, atacariam com tudo que tinham, precisava estar preparado para se defender e evitar matá-los.

Ouviu um som, muito baixo, quase inaudível, mas o suficiente para chamar sua atenção. No seu lado esquerdo um homem com machado avançou e tenta cravar a arma no seu corpo, mas desviou e o chutou nas pernas, e o homem robusto caiu no chão emitindo um enorme baque, entretanto, ele não desistiu, gemendo muito o homem levantou pronto para continuar o combate.

Jordan virou a cabeça para o lado, o examinando. Ele parecia coberto de lama, e seus olhos se arregalaram, por isso não conseguia sentir o cheiro deles, pois substituíram o cheiro por algo mais podre. Inteligente, mas agora sabia qual cheiro seguir, o cheiro podre estava por todo lugar, o que era muito ruim. Tinha de achar os outros e avisá-los para poderem contra-atacar.

Antes de fazer qualquer movimento, o machado desceu em direção ao seu peito, e Jordan conseguiu desviar dando um pequeno pulo para trás. Poderia tirar a vida do homem facilmente, mas entendeu o motivo de João proteger tanto esses humanos, esse homem grande e barbudo em específico, atrás da sua expressão de fúria, havia medo em seus olhos, medo de acabar morrendo.

Jordan segurou o machado e o quebrou fazendo uma pequena força, o adversário ficou chocado, e Jordan logo sorri, para segundos depois seu sorriso morrer ao sentir uma enorme pancada na cabeça. Virando-se para trás, havia um homem de mais ou menos trinta anos segurando um pedaço de madeira enorme. O barbudo agarrou o lobisomem por trás, tentando manter ele preso, o indivíduo que segurava uma madeira a partiu no meio, deixando amostra a ponta afiada que poderia matar qualquer um, depois avançou para cima do inimigo mirando o seu coração. Jordan se abaixou curvando o corpo para frente, lançando o barbudo e fazendo ele se chocar com o outro humano, levando-os a caírem no chão.

— Parem agora, ou então morram! — Jordan rosnou, o que não adiantou muito.

Os homens começam a se erguer prontos para lutarem novamente. Tinham medo de morrer, mas o orgulho em defender o território falava mais alto, queriam vencer, no entanto os instintos de ambos gritavam para que fugissem do predador em suas vistas. Avançaram mais uma vez e num piscar, caem no chão sem saber direito o que os atingiu. São nocauteados pelo chute de Jordan no rosto de cada um.

— Humanos... — ele continuou a procurar mais pessoas, conseguiu ouvir um discreto barulho vindo da igreja, quando chega mais perto do lugar, sorri. — Achei vocês.

No outro lado do vilarejo, alguns homens incluindo Castiel, estavam escondidos dentro do celeiro, esperando que um dos monstros entrasse, para encontrar sua morte. Tentavam controlar a respiração, e se encharcaram de tudo de podre que acharam, tudo para conseguir se esconderem dos inimigos. As duas portas enormes do lugar se abriram num baque, mas não havia ninguém do lado de fora.

Uma brisa entrou apenas para deixar os homens assustados e os pelos dos corpos arrepiados. Sentiram um súbito embrulhar no estômago, apenas alguns, já que Castiel continuava imóvel, feito uma estátua só esperando uma chance, por menor que fosse.

O primeiro homem, com as pernas trêmulas saiu do lugar de onde estava, e mesmo com os protestos silenciosos de Castiel, o homem não parou, seguiu em frente até estar totalmente do lado de fora. E antes que pudesse fazer qualquer movimento, voou

de volta para dentro do celeiro e desmaiou. Ezequiel montou em cima dele, as garras saíram e rasgaram a face do homem levemente, bem próximo do olho direito, o pouco sangue que saiu misturou-se com o suor do medo.

— Que cheiro de merda! — o lobo diz, estupefato.

E tombou para o lado por uma pancada recebida mesmo na lombar.

Urrou de dor e Castiel acertou o rosto do lobisomem tão forte que Ezequiel virou a cabeça e cuspiu sangue. Depois mais homens chegaram e não estavam armados com pedaços de madeira, tinham espadas, lanças e mais outros objetos cortantes, Castiel preferiu algo que não o matasse de imediato.

Uma espada foi enfiada na coxa de Ezequiel e seus gritos se tornaram agonizantes, as pancadas continuaram, e o macho lobisomem indefeso pôde apenas proteger o rosto com os braços, para evitar golpes nos olhos que o deixasse cego, sentiu a madeira acertar suas costas e depois ouviu um estalo alto, os cortes das armas afiadas não eram fatais, eram superfícies para prolongar o sofrimento antes que o inimigo perdesse a vida.

Ezequiel jamais pensou em morrer nas mãos de simples humanos, viu sua vista ficar branca, certamente pelos golpes terem aumentado a gravidade, sua recuperação não era rápida o bastante para cuidar dos ferimentos, iria morrer, não devia ter ido sozinho para o lugar.

Droga, havia cometido um erro de principiante, subestimou seus inimigos além da conta, agora estava deitado no chão, indefeso e prestes a morrer, pagando por seu erro que poderia facilmente ter evitado se tivesse um pouco de cautela.

— Parem! — Castiel gritou.

Ele olhou para o inimigo caído, sangrando em várias partes, principalmente na boca. Os lábios estavam inchados e molhados de vermelho, seu prazer foi em ver aquele monstro gemendo e se contorcendo de dor. Sua reação poderia ser considerada errada aos olhos de Deus, mas não importava a ele, queria apenas que o inimigo sofresse. Pisou no peito dele, o deixando imobilizado, indefeso. Castiel pôde ver a humilhação no rosto do macho, largou a madeira e recebeu de um dos homens ao lado, uma lança bastante afiada. A posicionou perto do coração do inimigo, e então levantou para poder pegar impacto e descer com toda força para perfurar o peito e acertar o coração.

— SOCORRO!

Uma mulher gritou ao fundo.

A lança para a centímetros de distância do peito de Ezequiel.

Uma mulher aparentemente nua e indefesa começou a adentrar o local, tampando as partes dos peitos que estavam cobertas apenas por um pano, e as partes íntimas por

uma túnica que iam até os joelhos. Olhava de um lado a outro, assustada e espantada quando encarou os homens machucando outro caído.

— Preciso de ajuda — ela implorou, com os olhos lacrimejando para um deles.

Um dos homens nem pensou muito e correu para socorrer a mulher.

— Não seu idiota, é uma armadilha!

Mas já era tarde demais, Charlotte arranhou o peito do homem o fazendo cair no chão urrando de dor, os ferimentos queimavam na sua pele bronzeada. Tentou levantar, felizmente fora impedido por um soco que o apagou no mesmo instante.

Capítulo 26

DERROTADOS

Outro homem tombou próximo aos pés de Castiel, então o garoto segurou a lança firme em direção a Paul que havia entrando pelos fundos, num ataque surpresa, o lobisomem sorriu e colocou as garras no pescoço dele num movimento tão rápido que Castiel não conseguiu se defender.

— Melhor se render — Paul faz contato com a pele do rapaz usando suas garras, apenas o mínimo, um corte leve.

— Digo o mesmo para você.

De uma forma inexplicável, Charles apareceu atrás de Paul, sem que ninguém o visse. A ponta da sua espada enorme encostou no dorso do lobisomem, e o caçador a prensava cada vez mais, quase perfurando a pele do outro.

Paul recolheu as garras e levantou as mãos, se ajoelhou por causa do chute levado nas pernas por Charles. Merda, tinha ouvido falar desse caçador, mas não esperava que o mesmo fosse tão eficiente em combate.

— Se ele morrer, esse moleque também morre! — Charlotte falou ao agarrar o pescoço de Castiel e com a mão livre, aproximar suas garras próximos aos olhos dele. — Eu irei cegá-lo!

Ela esperava estar conseguindo esconder o nervosismo com a possibilidade cruel de aquela espada golpear fatalmente seu amado, não deixaria isso acontecer, e dane-se o pacto, mataria quantos fossem precisos. Pelo o olhar do caçador ele não planejava ceder, mas Charlotte também não, precisava apenas ganhar tempo.

— Sei o que está fazendo, esperando o lobo ferido se recuperar para ajudá-la. Uma pena isso não acontecer — ele disse, abrindo um sorriso de canto e pressionando ainda mais seu aperto no cabo da espada, preparando-se para um movimento.

Charlotte sabia o que ele queria, então olhou para Castiel e depois voltou a encarar Charles.

— Só vocês dois? — ela pergunta.

— É o necessário para acabar com vocês — o caçador responde.

A espada começou a brilhar, e depois o braço do caçador, Paul franziu o cenho ao ver o olhar incerto de Charlotte. Parecia impressionada, e também percebeu uma luz forte no chão, vinda pelas suas costas, só que não se atreveria a mexer um músculo, ainda era refém e o caçador tinha habilidades.

O brilho cessou.

— Abaixa! — Charlotte gritou.

Paul mergulhou para o lado, sentindo a espada passar de raspão em seu pescoço. Charlotte acerta o pescoço de Castiel com um golpe forte que o levou ao chão, em seguida começou a correr em direção ao caçador, e este também avançou para ela. Os pés de Charlotte saíram do chão, e ela começou a dar um giro reto pelo ar. Seus dois pés pousaram no peito do caçador, fazendo-o tombar e ficar prensado no chão.

A espada caiu para o lado.

Castiel tentou pegar a espada, mas sua mão é cortada pelas unhas afiadas de Paul. Depois Castiel pisou na ponta da lança ao seu lado fazendo a arma saltar direto para sua mão. Tentou golpear o inimigo, mas Paul era muito rápido e desviava dos golpes sem grandes dificuldades, no entanto, estava atento para evitar cometer o mesmo erro de Ezequiel de subestimar o inimigo.

Charles foi rápido e pegou a espada, Charlotte assumia uma forma diferente, pelos começavam a crescer, as garras aumentarem ainda mais, e as presas ficaram um pouco maiores.

— Está em desvantagem, ainda não é Lua cheia. — o caçador voltou a sorrir.

— Tenho certeza de que não sou eu que estou em desvantagem aqui — ela rosnou, e a luta recomeçou assim que seus olhos assumiram tons de amarelo.

E não só a luta deles, Castiel manuseava a lança como um mestre, precisava mirar no coração, então o lobisomem estava acabado, nunca errou e não iria começar agora, só precisava de uma chance. Tentou descer a lâmina da lança no peito de Paul, mas este bloqueou o golpe usando as garras que aumentaram rapidamente, assim como os pelos em seu rosto. Paul tentou acertar os braços e ombros de Castiel, infelizmente o garoto sempre defendia usando o cabo da lâmina. Os dois eram bem treinados, seria difícil alguém sair vivo. Paul nem viu, apenas sentiu a lâmina cortando um pouco seu rosto, ele parou para passar o dedo na bochecha, arregalando os olhos ao ver o sorriso de Castiel. O humano o conseguira acertá-lo num combate corpo-a-corpo.

Castiel tentou acertar a lança de novo, Paul defende e ataca. As garras por pouco não rasgam o pescoço do garoto. Castiel deu um mortal e pousando no chão girou o corpo e acertou um golpe forte com a lança nas costas de Paul, o lobo urrou de dor. Paul chutou uma perna de Castiel, o fazendo ficar de joelhos, depois agarrou a lança e a partiu no meio com seu joelho.

Charlotte desviava dos golpes de Charles como se estivesse dançando, cada movimento era planejado e muito bem executado, tentou um chute no rosto do homem, mas ele defendeu com o braço livre. Aproveitando a brecha o caçador tentou acertar sua espada e Charlotte desviou suavemente, ele tentou mais uma vez acertar seus pés, e ela deu um salto para trás, apoiou as mãos no chão e depois os pés, erguendo-se ereta e pronta a continuar a batalha.

A espada cortou um pouco a cintura de Charlotte, e as garras sangraram o lado direito do rosto daquele caçador. Nenhum dos dois parecia querer desistir, Charles

tentou a golpear, mas a espada foi movida de direção pelas garras delas, o contato do metal com as unhas fez um som alto e estridente.

Castiel, com uma perna ainda ajoelhada, sentiu Paul por trás tentando sufocá-lo, golpeou a virilha do lobo com o cotovelo, conseguindo virar um pouco, tentou acertar um chute, mas Paul pulou sobre ele e suas garras voaram na direção da face de Castiel, este conseguiu defender e acertou um chute na perna do lobisomem, o desequilibrando, não o suficiente para levá-lo ao chão, mas o suficiente para conseguir afastá-lo.

— Pensei que vocês fossem fortes, para mim são inimigos até que comuns — Castiel respirou ofegante.

— Um pacto foi feito, e aos contrários de vocês humanos, junto daquele falso rei imundo falecido, não iremos quebrá-lo — Paul rebateu.

Castiel balançou a cabeça em negativa, sorrindo. Saber que o inimigo se esforçava para não tirar sua vida podia ser uma vantagem.

Charlotte avançou usando o máximo de força, conseguindo perfurar o peito esquerdo de Charles com as garras, enquanto este faz um corte profundo no braço dela, fazendo muito sangue sair. Vendo a lobisomem fêmea gemendo de dor, aproveitou a brecha e tentou acertar o coração dela, sua espada passou de raspão na barriga de Charlotte, pois ela usou o braço bom para desviar o percurso da lâmina.

O chute no estômago a fez cair em cima de um amontoado de palhas, Charles mais uma vez tentou enfiar a espada no coração da inimiga, e mais uma vez Charlotte usou o braço bom, dessa vez para segurar a saliência central da espada, o caçador coloca o dobro de força e a lâmina escorrega um pouco pela mão dela, rasgando a pele, sujando a prata com sangue, e a ponta toca o peito de Charlotte.

Ela desvia a espada e devolve o chute no estômago, diferente do golpe do humano, a loba o fez dar um salto para trás. E num piscar de olhos ela levantou, deu um giro e acertou outro chute no rosto do caçador, provocando um baque do corpo do homem com um barril próximo a uma parede.

Castiel avançou para Paul e tentou um soco, e Paul já cansando dessa briga, deu uma testada no punho do garoto. Castiel urrou de dor, já o lobisomem sofreu danos mínimos, depois saltou e chutou a costela de Castiel, o golpe causou um estalo e o derrubou no chão, com os urros se transformando em gritos de pura agonia.

— Droga — Charlotte correu até Paul com passos lentos e colocou a mão em cima do braço ferido. — Esses deram trabalho.

— Não teria dado se pudéssemos lutar para matar.

Paul andou até Ezequiel, sentindo dores no corpo que logo diminuía. Abaixou-se junto de Charlotte e cada um serviu de apoio para os braços de Ezequiel, este já tinha

uma aparência melhor que segundos atrás, o fator de cura começou a ajudar os lobos. O ferimento no braço de Charlotte começou a fechar, a ardência ficou suportável.

— Vamos até Jordan primeiro, ou para Fury, e aí esperamos até estarmos completamente curados? — Perguntou Paul.

— Vamos á Fury.

Ezequiel gemeu um pouco, quase acordando, mas logo desmaiando de novo, a surra tinha sido tão surreal e causou tantos estragos que demoraria mais do que o normal para se curar totalmente. O casal ainda em plena consciência, matinha o foco a qualquer som, tinham de ficar atento a passos ou ruídos, algum sinal de que indicasse uma pessoa chegando perto, para poderem colocar o lobisomem inconsciente no chão e lutarem.

Saindo do celeiro suas vistas passavam por todas as áreas no campo de visão, nada, como um vilarejo fantasma. Parecia que as mulheres e as crianças, junto de alguns homens, haviam simplesmente sumido. Ou podiam estar escondidos, aguardando que os lobisomens baixassem a guarda, pois aqueles humanos ficaram espertos desde o último ataque.

— Espere aqui! — disse Paul, adentrando o celeiro novamente.

— O que vai fazer? — Charlotte não obteve uma resposta. — Droga!

De repente escutou gemidos de dor e Paul apareceu carregando Charles e puxando o braço de Castiel, fazendo o pobre garoto gemer muito.

— Esse moleque vai chamar a atenção, faça-o calar a boca — ordenou ela.

— Deixe os outros ouvirem, esses dois não sairão das nossas vistas — ele levantou o braço de Castiel, se deliciando com os gemidos e gritos fortes do mesmo. — Levaremos esses dois humanos para fora do vilarejo, e ficaremos de olhos neles até Jordan regredir.

Charlotte posicionou melhor Ezequiel para carregá-lo sozinha. Paul a seguia carregando o caçador desacordado e puxando pelo braço sem nenhuma sensibilidade Castiel, que estava aos berros, com a dor só piorando.

...

As mulheres, crianças e alguns poucos homens estavam escondidos no canto da igreja, escondidos não era bem o que faziam, só estavam juntos perto na enorme cruz gigante. Várias mulheres ajoelhadas rezavam para que os homens não morressem arriscando suas vidas, nem que as feras sanguinárias e monstruosas as encontrassem.

As crianças não tinham medo, pois nem sabia o que temer ou de quem fugir, muito menos o motivo de estarem ali. Ficavam apenas sentadas nos degraus de uma escadinha no chão, sérias. Os de idades mais avançadas e os poucos homens que ficaram, estavam em pé, esperando que os outros chegassem e dessem uma confirmação que aliviasse seus corações, precisavam saber que tudo estava bem.

O rangido alto ecoou e as enormes portas da igreja se abriram, revelando uma pessoa coberta na escuridão. As pessoas olhavam assustadas e ao mesmo tempo esperançosas, a silhueta se aproximava e o rosto coberto pela escuridão era revelado devido a claridade de velas em cima dos bancos para iluminar o interior do lugar, as pessoas viram que se tratava de uma figura com vestes estranhas e um rosto desconhecido.

— Esse lugar não é um bom esconderijo... — Jordan falou ao se revelar por completo.

Tentou, mas não conseguiu evitar um sorriso ao ver as expressões assustadas da pequena população. Podia ouvir as batidas dos corações nervosos, o som das respirações angustiantes, eles sentiam como se a morte estivesse os encarando, vinda de longe para ceifar suas vidas. Não havia saída, nem para onde correr, restavam-lhes apenas implorar a Deus, no entanto, um número pequeno já havia perdido sua fé e aceitado o fato de que iriam morrer.

— Eu vim para salvá-los — não se surpreendeu em ver as pessoas com dúvidas. O mesmo homem que matou milhares de pessoas do vilarejo antes, agora diz que veio salvá-las, era no mínimo duvidoso. — Permanecerão vivos, fiquem tranquilos. —

Os humanos ficaram um pouco mais calmos, mas ainda com receios.

Uma mulher tentou segurar um menino de cinco anos que corra em direção a Jordan, este pegou o menino nos braços e sorriu. A inocência do pequeno era contagiante, os dedos da mãozinha dele seguraram o nariz de Jordan, fazendo um leve carinho no homem.

— Vamos sair daqui, se ainda quiserem permanecer vivos é claro — Jordan virou e saiu, colocou a mão no cabelo do garoto e o deixou desganhado.

A mãe do menino sem saber o que fazer e sabendo que os outros não levantariam um dedo para ajudá-la, correu e ficou bem atrás do homem. Os que restaram se juntaram a ela. Jordan sabia que eles ainda sentiam muito medo, mas estava sem tempo de convencê-los totalmente que não iria matá-los, queria sair o mais rápido possível daquele lugar.

— Como podemos acreditar que não nos fará nada? — perguntou a mulher, baixinho, não tirando o olhar do seu filho.

— Fiz um pacto.

— Então... aquele garoto... João, ainda vive?

— Pode apostar que sim — ele virou e entregou o garoto para a mulher, conseguindo ver melhor as pessoas e viu pelas olheiras nos olhos das mesmas que não dormiam há vários dias, as roupas na maioria delas, estavam sujas e rasgadas. Se não tivesse vindo para resgatar as pobres almas, o vilarejo ia sucumbir, levando todos que lá habitavam junto. — Temos de ir.

Quando Jordan e os outros chegaram até seus lobos e João. Fechou os olhos, com raiva de si mesmo, queria tanto sair que se esqueceu de comida, água, roupas e tendas para as pessoas durante a viagem. Infelizmente para o alfa, teriam de permanecer aquela noite no lugar, as chances de João não ficar feliz em saber que ficaria a onde quase foi morto diversas vezes, eram altas.

João correu e abraçou Jordan, nem se importou com os olhares de repreensão e julgadores das pessoas, pois caso tentassem algo, provavelmente morreriam. Gostou em ver o ódio, o nojo e a raiva na cara dos homens, os mesmos que consideravam esse afeto entre homens abominável.

— Temos de ficar — Jordan se preparou para a reação do garoto quando ele se afastou.

João o encara por um segundo antes de gritar.

— O QUÊ? — João olhou para os outros lobos e depois novamente para Jordan. — Prefiro enfrentar a bruxa de novo!

— Deixe de bobagens. Descansaremos e depois vamos nos preparar para uma longa viagem.

Um homem os interrompe.

— Viagem?

— Sim, não irão mais morar aqui, os levarei para a cidade principal do reino Presas de Lobo, onde reside meu castelo, terão comida, água, roupas, moradia e qualquer outra coisa que precisarem — Jordan disse, passando os olhos pelo homem e pelo resto das pessoas. — Se eu estiver certo, e caso formos embora amanhã, chegaremos em casa antes do inverno piorar.

Começaram murmúrios no amontoado de pessoas, elas finalmente acreditando que Jordan iria salvá-los, dar-lhes uma vida melhor, e outras ainda achando as palavras um veneno de cobra, para levá-los a uma emboscada.

— Ficaremos essa noite aqui — Jordan informou, e olhou para os corpos inconscientes perto dos lobos e Ezequiel com ferimentos já se curando. — Que droga aconteceu aqui?

— Era uma emboscada, não matamos ninguém, tem alguns homens inconscientes no celeiro e trouxemos esses dois aqui — Paul apontou para Castiel e Charles. — Precisamos ficar de olhos neles, são bastante habilidosos e perigosos.

— Certo os mantenham presos em algum lugar seguro — Jordan sente João cutucar seu braço. — Diga!

— Sei de um lugar perfeito — João deu instruções de como chegar na casa onde ficou prisioneiro, sem saídas, um lugar fechado, apenas com um local de entrada. — Precisam apenas de um segurança na entrada, quem estiver lá dentro não poderá sair.

— Eu fico de guarda — Ezequiel resmunga. — Estarei esperando que os desgraçados tentem fugir, estou louco para me vingar.

— Acha que pode...

— Claro que posso, já estou quase curado.

— Tudo bem, Paul e Charlotte, ajudem Ezequiel a levarem os corpos para lá — Jordan disse e estava prestes a ordenar que Fury fizesse algo quando foi interrompido pelo mesmo.

— Deixe que eu cuido dos irmãos — falou cruzando os braços, a expressão séria escondia algo que Jordan nem tentou adivinhar.

— Ótimo, depois de fazer o que quer que seja, quero você ajudando os inconscientes no celeiro. — Jordan virou-se para a multidão: — Voltem para as suas casas e durmam bem, amanhã partiremos.

As pessoas começaram a se espalhar, indo embora para as suas residências, umas até esbarraram nas outras, nervosas, querendo sair o mais depressa possível.

— Como muitos já morreram desde a última vez que estive aqui, obviamente há algumas casas vagas. Fiquem à vontade para escolher, eu e João dormiremos em um lugar onde haverá só nós dois.

Ezequiel, Charlotte e Paul começaram a carregar os corpos de Charles e Castiel para onde João havia dito. Fury pegou os dois garotos e começou a caminhar, desaparecendo da vista de todos momentos depois. Jordan e João caminharam por onde o mais novo guiava, queria dormir aonde nasceu, aonde cresceu e passou parte de sua vida, voltaria a sua casa. Além do mais, o sentimento de nostalgia o invadiria, foi lá onde salvou Jordan e o conheceu mais a fundo, onde a atração, a paixão e o amor de um pelo outro começou.

João abriu a porta e viu Jaqueline dormindo na cama, e se lembrou do seu pai. Ficou imóvel na porta, lembrou-se dos rostos na multidão que veio junto de Jordan, não se lembrava de ter visto Jaqueline, nem seu pai e muito menos... Margaret. Ou podia tê-los vistos e os esquecido rapidamente.

— Você já está aqui, moleque! — disse o homem indo de encontro ao filho, furioso. Entretanto, recuou no momento que seus olhos cruzaram com os de Jordan. — Mais que merda!

Jaqueline levanta da cama de maneira apressada e o abraça.

— Escute o que vou lhe dizer com atenção — João põe as mãos nos ombros de Jaqueline, assim que recebeu a confirmação dela prosseguiu. — Não precisa mais ficar com esse homem, os lobisomens estão do nosso lado, se decidir sair agora, eles te protegerão, se decidir sair agora, estará livre!

O pai de João ficou transtornado, mas nem sua fúria era capaz de ofuscar seu pingote de inteligência, não seria burro o bastante para ensinar uma lição ao filho sabendo que

o grandão atrás dele podia se meter.

— Jaqueline! Venha já para cá.

Mas a garota não foi. Ela pensou nas possibilidades de João estar falando a verdade, decidiu confiar na pessoa que fugiu da morte inúmeras vezes, nem piscou, só balançou a cabeça confirmando que concordava com João.

— Quero ir embora.

— Ache Ezequiel, ele está na casa onde João foi mantido prisioneiro na sua estadia. Vá, agora! — foi Jordan que falou, abrindo espaço para a garota, que saiu correndo, feliz.

O pai de João tentou segui-la, sua esposa precisava ser castigada. A raiva dentro de si só aumentou quando Jordan o impediu de passar.

— Saia.

— Espere um pouco, até que ela esteja longe de você.

— Como ousa...

— Pode ir — Jordan abriu a passagem.

João olhou para o marido chocado.

— Retire as preocupações de sua mente. Ezequiel matará o homem num piscar, caso ele tente algo com Jaqueline.

— Acho bom.

— E agora? — Jordan perguntou ao ver o garoto caminhar e sentar na cama.

— Vamos dormir. O único problema vai ser o meu pai, podemos ser atrapalhados... não sei... fazendo atos impuros — disse João, ele mordeu o lábio de baixo de um jeito sexy.

Jordan sorriu. Aquela cama pequena era perfeita para ficarem com os corpos colados, devia ir lá para fora cuidar de algumas coisas, só que tinha de controlar os desejos, e João provou mais uma vez que quando estão juntos, Jordan não tinha controle de nada. Podia aparentar ser o mais forte, o temível rei do reino Presas de Lobo, aniquilar seus inimigos sem nenhuma piedade, mas quem mandava na relação com certeza era João, algo que jamais pensou que aconteceria, outra pessoa que seria capaz de controlá-lo, felizmente de um jeito bom, pois se o garoto não existisse, os humanos desse vilarejo já estariam mortos.

Ele começou a caminhar, por certo tempo, de um lado para o outro nos dois cômodos da casa, mais precisamente na cozinha, inspecionando cada canto que pudesse ter uma pessoa escondida.

— O que o perturba?

O alfa não responde de imediato.

Ele estivera calmo durante o dia, mas a noite já obscurecera as formas dos objetos, milhares de temores surgiram na sua mente. Ficou quieto e vigilante, tentou não esquecer que estavam no vilarejo onde João quase perdera a vida, sair do lado dele era impossível no momento. Os sons dos gritos de João na floresta, presos nos espinhos ainda o aterrorizavam, no dia da sua união com o garoto, decidiu protegê-lo de qualquer perigo, daria sua vida por ele sem muito custo, não se furtaria de um conflito até que sua existência, ou a de qualquer adversário, fosse exterminada.

— Vamos dormir — Jordan deitou na cama dando o espaço ao garoto.

— Meu pai pode...

— Ele não tentará nada comigo aqui — disse e em seguida seus olhos se fecharam, sentiu João encostar-se ao seu peito.

O garoto hesitou, mas então lembrou de que Jordan já sabia que ele iria falar algo.

— Pode ser estranho, mas sinto uma nostalgia nesse lugar.

— Claro que sente, você nasceu e foi criado aqui — Jordan envolveu seu braço na cintura dele, o puxando para mais perto, até ficarem colados.

— Me sinto desconfortável em saber que jamais retornarei — falou João.

— Às vezes, temos de simplesmente dizer adeus para que possamos seguir em frente.

Depois de um tempo, os dois adormeceram.

Capítulo 27

PREPARAÇÃO

Ezequiel em frente à porta já sabia o que aconteceria, perderia muito do seu tempo vigiando prisioneiros que quase o mataram, teria de reprimir a vontade de querer matá-los a todo instante por causa desse pacto idiota. Seria tão fácil... Entraria lá e cortaria os dois rapidamente, eles nem saberiam o que os atingiram. Para o seu sofrimento prologando, tinha de obedecer às ordens de manter esses humanos inúteis vivos. Não conseguiria passar uma viagem inteira sem querer ceifar a vida desses ordinários. Caso estivesse certo, a Lua estaria cheia amanhã, praticamente ficariam imbatíveis a esses humanos.

Podia estar em qualquer lugar com muitas jovens mulheres em seu encalço, mas estava naquele lugar frio de braços cruzados, sentia-se cansado, já poderia estar deitado na cama macia e quentinha da sua casa, no entanto, precisavam honrar o maldito pacto. Ainda podia ver as pessoas caminhando para suas casas e algumas aproveitando para ficarem com os lares daqueles que se foram. Arrependeu-se de ter se oferecido ficar de guarda.

Sentiu um cheiro se aproximando depressa em sua direção, olhando no caminho estreito de onde Jordan e João sumiram, observou uma linda menina correndo em sua direção, estranhamente conseguia farejar um misto de sentimentos, felicidade e medo.

— Olá — Jaqueline parou, ficando com certo receio do enorme homem na sua frente.

— O que quer? — Ezequiel a olhou indiferente.

— Aquele homem grande...o lobo maior...

— Jordan?

— Sim, o homem de João. Ele me pediu para encontrar Ezequiel, suponho que seja você — Jaqueline cruzou as mãos abaixo da cintura e tentou desviar um pouco o olhar.

— Sou eu mesmo, porque você está aqui? — Ezequiel levantou uma sobrancelha, levemente interessado.

— Eu sou casada com um homem...era pelo menos, estou o deixando agora, Jordan disse que você me ajudaria caso o meu agora, antigo marido tentasse algo contra mim — Jaqueline foi suave com as palavras.

Ezequiel gostou daquele tom de voz.

O ruim era que Jordan já lhe deu um trabalho, ficar cuidando de uma garota linda e bonita... pensando bem, talvez não fosse tão ruim assim. E se ela veio quase correndo

para se livrar do marido, então esse homem deve ser um humano péssimo.

Tinha de admitir que certos humanos chamavam muito sua atenção, aquela garota por exemplo deixava seus olhos brilhando de interesse, talvez se não estivesse ali, como um guarda, poderia pensar em gastar um pouco de seus esforços para levá-la para cama.

— Escute, ache qualquer casa e durma, amanhã bem cedo estaremos fora dessa vila — Ezequiel voltou a sua posição original, ereto e olhando para frente, sempre com os braços cruzados no peito.

— Mas o meu marido pode aparecer e...

— Olhe, ache uma casa vazia, caso esse homem lhe incomode, venha me procurar, está bem? — Ezequiel a encarou, sentindo mais tédio.

Jaqueline só balançou a cabeça, numa concordância silenciosa e temerosa. Sozinha em uma casa onde a qualquer momento o seu antigo marido poderia aparecer e causar qualquer tipo de confusão não parecia ser uma boa ideia, todavia também não era inteligente ficar irritando um lobisomem com perguntas idiotas.

Ezequiel sentiu o cheiro maravilhoso da garota sumindo aos poucos, quase nem sentia mais quando a viu desaparecendo por um beco entre duas casas enormes. Ficar parado naquela posição sem fazer nada era muito tedioso. Ficaria louco de ódio de Jordan, se por um acaso ele desse uma ordem parecida quando estivessem viajando na estrada, para proteger esses humanos. Iriam ter uma briga muito feia, mesmo que ele fosse o alfa, o daria uma bela de uma surra.

Ao ouvir o som de alguém se chocando contra algo, seguido de um grito agudo, ficou atento a qualquer sinal de ameaça por perto. No mesmo beco que Jaqueline entrou, ela saiu e caiu no chão com a mão no rosto, um homem velho emergiu pronto para desferir outro tapa.

— Como ousa me desobedecer, sua puta! — o pai de João levou a mão na direção ao rosto dela mais uma vez, a fazendo gritar muito de dor.

Mais uma vez ergueu a mão, ansiando que os dedos da palma de sua mão encontrassem o rosto dela, quando sua mão caiu na direção dela sentiu um forte aperto no pulso.

— Me solte! — o pai de João franze o cenho enraivecido a Ezequiel.

Ezequiel não tinha mais aquele olhar abobado no rosto, ficou somente sério, parado ali tendo o pulso do asqueroso homem em posse na sua mão. Um movimento simples e o faria sentir muita dor.

— Diga-me o porquê eu não deva quebrar seu pulso agora? — movendo os dedos estrategicamente faz o homem gemer de dor e medo.

— Não pode fazer isso! Ela é minha esposa e tenho direito de puni-la!

Ezequiel sorriu, deliciando-se pelo medo daquele homem.

— Se me lembro bem, a poucos minutos, essa linda jovem disse que não tinha mais marido, que havia se separado a pouco tempo, não exatamente com essas palavras, mas foi o que eu entendi — Ezequiel deu uma leve virada na cabeça, o suficiente para seus olhos se cruzarem com os dela. — Estou errado?

Jaqueline fitou o chão, esforçando-se para cuspir o pouco de sangue preso em sua boca. Colocando um pouco de forças nos braços, voltou a ficar de pé, pela primeira vez ergueu a vista diante da face daquele homem, o encarando de igual a igual, não mais sentindo nenhum medo, pois sabia que aquele lobisomem poderia matá-lo rápido.

— Nada mais tenho com ele — A voz sai forte, uma verdade que lhe trouxe uma certa paz ao ouvir saindo de sua própria boca.

— Pois bem. — Ezequiel voltou seu olhar sério ao homem. — Acontecerá o seguinte, a deixará em paz, nunca mais encostará nela ou chegará perto dela de novo. Caso desobedeça minhas ordens terá mais do que um pulso quebrado. — Fitando-o, sorri. O semblante curioso na vítima foi o mais encantador.

— Meu pulso não está quebrado!

CRACK!

— Agora está — Ezequiel soltou o homem e o observou cair de joelhos urrando de dor.

Pegando em um dos braços de Jacqueline a levou educadamente para um caminho cheio de casas ocupadas e um chão esburacado, andaram por um bom tempo, infelizmente para o que ia fazer, Ezequiel precisava ficar fora do seu posto por um tempo. Os dois pararam em frente a uma casa média, o suficiente e confortável a uma família humilde, construída através de pedras, o lugar era bonito e bem enfeitado, teve curiosidade de saber quem os lobisomens mataram para Paul e Charlotte conseguirem aquele lugar.

Seguiu o cheiro dos dois a esse lugar, e por sorte não havia cheiro de sexo, então eles não estavam no meio de nada embaraçador. Dando leves batidas na porta de madeira, aguardou calmamente que os moradores temporários atendessem. Nem precisava farejar o ar para sentir o medo da garota, estava impregnado por todo lugar, mesmo depois de a ter a salvando, Jacqueline ainda sentia muito pavor.

Quase ficara impaciente pela demora dos seus companheiros.

A porta de madeira se abriu num rangido um tanto quanto irritante aos ouvidos dos lobisomens.

— O que quer Ezequiel? — Charlotte perguntou.

— Para o azar de vocês dois, Fury escolheu uma casa longe daqui. Jordan me confiou uma tarefa e preciso que você e Paul cuidem daqueles prisioneiros enquanto eu ajudo essa humana a achar um lar.

Charlotte encarou a garota com um pouco de tédio, ficar vigiando prisioneiros sempre era um completo porre. Entrou a procura de Paul e voltou com ele extremamente ranzinza, parecia não ter gostado nada de saber que ficaria na rua quase a noite inteira.

— Não acredito que perderemos uma noite só para vigiar dois humanos que deveriam estar mortos — Paul saiu na frente de Charlotte, muito bravo.

— Agora vão saber como eu me sinto — Ezequiel diz, sabendo que Charlotte e Paul o encaravam mortalmente.

Saindo de lá junto de Jaqueline, Ezequiel começou a caminhar devagar pela rua, farejando, tentando encontrar uma casa grande e confortável onde estivesse vazia, a dificuldade era imensa, a maioria das pessoas estavam nas casas luxuosas, malditos aproveitadores!

— Não...não preciso de uma casa grande, só confortável e segura — Ela engoliu em seco quando Ezequiel a encarou.

— Nunca foi acostumada a grandes luxos — Ezequiel suaviza suas expressões. — Então andaremos somente mais um pouco.

Andaram por mais um tempo, Ezequiel farejava pelo ar muitos tipos de cheiros, de comida deliciosa, de podridão, excitação, sangue e sexo. Muitos cheiros variados na medida em que passava pelas casas, até que parou em frente a uma que não havia cheiro de lobisomem ou humano, a casa era pequena, o suficiente para uma família com três integrantes.

Empurrando a porta lentamente, ficou atento a quaisquer sinais de perigo, já caiu em uma emboscada a pouco tempo atrás, tentaria não cair novamente. Na escuridão não podia ver quase nada, por isso pediu que Jaqueline ficasse parada do lado de fora e entrou no vazio.

Jaqueline abraçou o próprio corpo, sentindo muito frio, com medo de ser atacada por lobisomem ou qualquer homem. Uma mulher sozinha do lado de fora de uma casa não era bom, ao sentir o vento forte e frio chocando-se no seu corpo, os dentes dão início a uma tremedeira, quando viu uma árvore com o tronco fino chacoalhar violentamente, entrou na casa escura, ficando cega momentaneamente, não conseguia enxergar nada.

— Você pode dormir ali!

Jaqueline gritou de susto ao ver a luz de uma vela ascendendo e Ezequiel apontando para uma cama. A palma da sua mão direita vai ao coração, sentindo-o bater rapidamente no peito, nunca pensou que poderia morrer de susto. Estreitou os olhos, pensando ter visto um rápido sorriso no rosto da fera.

— Quer que eu te leve até lá? — Ezequiel perguntou num tom divertido.

— Não sou mais uma criança, sei caminhar muito bem sozinha! — Jaqueline de cabeça erguida, andou até a cama e sentou. Ajeitando o corpo adequadamente deitou e sentiu um alívio por estar em um lugar confortável sem aquele homem asqueroso por perto.

Virou a cabeça e fitou Ezequiel caminhando em busca de algo, ficando aparentemente irritado, pegou uma tigela e colocou a vela dentro, em seguida depositou-a no chão perto da cama, iluminando os dois. Jaqueline teve de afastar um pouco para o lobo conseguir sentar.

— Ficarei aqui só mais um pouco, quero ter certeza de que aquele homem não lhe incomodará mais — Ezequiel fechou os olhos, suspirando lentamente, concentrando-se nos muitos cheiros aos arredores.

— Ele deve ter ficado abismado com sua força, sabe que deve ficar afastado de mim agora. Estou tranquila.

Ezequiel por algum motivo não a olhou diretamente.

— Quer que eu saia?

— Quero que fique mais um pouco, sua presença aqui faz com que eu fique mais calma — ela estava encarando as costas dele, até que consegue ver uma rápida virada de cabeça.

Ele a olhou, mas ficou envergonhado. Normalmente Ezequiel não tinha pudor nenhum na hora de seduzir uma mulher, só passava uma noite de puro prazer onde sempre as fazia gemerem loucamente pelo seu nome e depois ia embora. No caso daquela garota, não queria nada sexual, só em vê-la segura o deixava mais calmo.

— Você é o mais bonzinho deles, ou o mais...assassino? — Jaqueline pergunta virando o rosto, evitando encará-lo.

Um meio sorriso surgiu no rosto de Ezequiel.

— Sou bonzinho, mas um belo assassino quando preciso ser — Olhando-a de relance, notou que ela nem estremeceu.

É mais corajosa do que imaginado.

— Como criou coragem para deixar aquele homem? — Ezequiel conseguiu que Jaqueline o encarasse. — Muitas mulheres não tem a força necessária para deixar seus maridos horríveis.

— Jordan, ele disse que se eu quisesse deixar o pai de João, o homem não poderia fazer nada a mim. E como ele é quem manda, confiei na palavra dele.

— Isso é bom, foi inteligente e muito esperta, confiou em um homem mais forte e poderoso do que seu marido — Ezequiel voltou a encarar a porta aberta, desejando que alguém tentasse invadir a moradia. Queria matar alguém para o tempo passar mais rápido.

O vento ficou mais frio, e durante o muito tempo que passou, o antigo marido de Jaqueline não deu nenhum sinal de que ainda viria atrás dela. Ezequiel ficou triste, queria que o homem fosse burro o bastante para desafiá-lo, todavia a esperteza o avisou que o melhor era fugir, só enfrentava um predador cara a cara se tivesse certeza de que haveria uma chance de vitória.

...

Em frente à casa onde os dois prisioneiros estavam, Charlotte e Paul ficavam em pé um tempo, depois sentavam no chão duro, e novamente ficavam em pé. As únicas ordens que odiavam obedecer de Jordan eram de vigiar alguém, mesmo que só estivessem apenas cumprindo o favor de um companheiro.

— Aquele desgraçado do Ezequiel está demorando de propósito — Paul rosna.

Queria estar na casa temporária dormindo.

— Fique calmo, ficaremos pouco tempo aqui.

— O cheiro dos prisioneiros me dá nojo!

Charlotte sorri, não tinha nem como discordar. Queria matar aqueles dois humanos tanto quanto qualquer um desses lobos, o caçador tinha de pagar, poderia ter matado um deles. Ficou agradecida internamente por eles provavelmente estarem dormindo e o casal não precisar usar a audição para ouvi-los.

— Em breve estaremos em casa, com a nossa gente — a voz de Paul soou baixa, sentia muita saudade do seu lar. Gastavam muito tempo naquela viagem por causa daqueles humanos. — Nossa família deve estar preocupada.

— Eles já sabem que somos grandinhos, Paul! E em breve começaremos a caminhada de volta — Charlotte cruzou os braços, enraivecida por sentir o cheiro de Ezequiel aos longes, ficando forte muito devagar. Aquele estrume dava passos lentos propositalmente, o esganaria quando chegasse mais perto.

A madrugada era muito sombria, as pessoas estavam em suas casas morrendo de medo que os lobisomens decidissem repetir o ataque à igreja, que invadissem as moradias e matassem a todos. Era muito cedo ainda para conseguirem esquecer o acontecimento horrendo. Charlotte e Paul conseguiam sentir um pouco o medo emanando pelo ar, aquelas pessoas eram realmente um caso intrigante, só conseguiam imaginar o desastre que seria a viagem com esses humanos desconfiados e medrosos.

Avistaram Ezequiel chegando mais perto, quase parando, com a face num meio sorriso, adorando ver a expressão raivosa do casal.

— Seu idiota! Esse é seu trabalho, não o nosso! — Paul fechou os punhos, no entanto, logicamente não iria fazer nada.

— Desculpe, estava cuidando de outro trabalho — Ezequiel continua com o sorriso. Um belo e lindo trabalho.

— Volte ao seu posto e preste atenção nos prisioneiros, ou podem lhe pegar desprevenido novamente! — Charlotte pareceu ter tocado na ferida.

Ezequiel desmanchou o sorriso e formou uma carranca, nunca mais deixaria outro humano vencê-lo numa luta.

— Podem acreditar, eles ficarão onde estão — Ezequiel voltou a ficar em pé, de costas para a porta da casa onde Charles e Castiel eram prisioneiros.

Charlotte e Paul finalmente conseguem se abraçar e saem dali.

...

Do outro lado do vilarejo, Jordan abriu os olhos, seu nariz vai de encontro a um pescoço delicioso, o cheiro era bom e o gosto também, queria tanto continuar deitado com seu garoto, no entanto tinha trabalho a fazer. Levantando-se e colocando os pés no chão frio, deu um bocejo prolongado, esticou seus braços e pernas, ficando de pé caminhou até a porta. Antes de abri-la, virou a cabeça um pouco, vendo João ali dormindo calmamente, temendo pela sua vida, teve uma péssima experiência da última vez que o deixou sozinho, por isso pensou em sair rapidamente e chamar um de seus lobos para manter a guarda do garoto.

Na rua já conseguia ver algumas pessoas andando de um lado a outro. Teve a impressão de que os humanos queriam ir embora daquele vilarejo mais rápido do que os lobisomens. Era bom, assim não precisava obrigar ninguém a trabalhar.

— Precisa de ajuda?

Um homem que estava carregando uma carroça com dois imensos barris de água parou e encarou o lobisomem enorme se aproximando lentamente.

— Não, meu senhor — por algum motivo baixou o olhar, talvez de medo, ou de vergonha por não ter força o suficiente.

Jordan não deu ouvido ao homem, simplesmente pegou a carroça das mãos sofridas do homem e começou a movê-la na direção dos portões do vilarejo. No caminho podia ver mulheres com roupas nas mãos, alguns homens carregando comidas em caixas e alguns levando mais alguns barris. Ao finalmente chegar ao ponto, vê mais cinco carroças, duas com barris, duas cheias de comidas, e uma com muitas tendas. Provavelmente a que estava em mãos agora era reservado para as roupas.

Parando perto das outras carroças, tirou os dois barris que estavam em cima e colocou na carroça que já tinha três barris, formando cinco.

Era muito bom ver as pessoas se adiantando nos seus trabalhos sem Jordan ter precisado dar a ordem. Podia sentir o cheiro de muitas pessoas, significando que poucas restaram dormindo. Ninguém mais sentia medo deles a ponto de tremerem na hora de falar, mas ainda tinham receio de estarem próximos, e era melhor mesmo, depois do que fizeram a João, tinham sorte de ainda viverem.

— M-Muito obrigado, meu senhor.

Jordan teve de se virar para ficar mais surpreso com aqueles humanos, pelo tom de voz daquele homem e o modo como se dirigiu, ele e os outros deviam achar que eram escravos, e não seria de todo ruim, no entanto...evitaria irritar o garoto, mas a ideia pareceu tão tentadora...

— Não foi nada — Jordan responde simpaticamente.

Saindo daquele ponto, deu passos em direção a uma rua estreita, seguia o cheiro de dois dos seus lobisomens, Paul e Charlotte. A rota escolhida estava totalmente vazia, muitos dos cheiros que sentiu, estavam do outro lado do vilarejo, trabalhando, então Jordan estava andando na parte em que todo mundo ainda dormia.

Chegando à casa média dos seus lobos ficou meio orgulhoso de saber que eles não precisavam de muitos luxos a fim de poderem viver como casal, o importante era somente a presença do parceiro.

Nem precisou bater na porta, ela se abriu sozinha e Paul apareceu com o cenho franzido, um pouco preocupado.

— Algum problema, Jordan?

— Nenhum, só preciso que um de vocês fique vigiando João, aquele garoto tem uma sorte imensa de atrair problemas.

Charlotte sai da casa e cumprimenta o alfa.

— Sem problemas, deixa que eu cuidarei dele — estalando o pescoço num segundo, cruzou os braços. — Quando o garoto acordar, quer que eu peça para ele ajudar as pessoas?

Jordan confirmou.

— A ideia de salvar essa gente havia sido dele. É bom ele trabalhar um pouco — Jordan voltou a encarar Paul. — Preciso que me acompanhe, dois lobisomens ajudando podem encurtar o trabalho e fazer nossa partida daqui ser mais rápida.

Charlotte saiu no caminho oposto ao de Jordan e Paul, ela ficou um pouco feliz em ficar de guarda de João, gostava do garoto, e o melhor, ele não dava muito trabalho. Os dois machos conversavam sobre o fato de Ezequiel estar odiando seu atual posto, estava mais ansioso para sair dali do que os outros.

— Aquele lobisomem é muito impaciente — diz Jordan. — Caso aconteça algo que nos atrase, e isso é muito improvável, peço a Fury para vigiar os prisioneiros, ou eu mesmo faço isso.

Paul coloca um meio sorriso na face, ele mesmo ficaria um pouco bravo de ter de manter a guarda de dois humanos que quase o mataram. Ezequiel devia estar tendo muito autocontrole em não entrar naquela casa e ceifar a vida dos dois miseráveis.

— Onde está Fury? Desde a noite passada que não o vejo — Perguntou Paul olhando Jordan.

— Bom, ao passar pelas pessoas e essa estrada esburacada, eu consegui sentir o cheiro dele e de mais duas pessoas muito perto. Provavelmente são aqueles dois garotos, e sinceramente? Não quero pensar no que devem estar fazendo agora.

Paul franziu ainda mais o cenho, depois desatou a rir, aquele desgraçado conseguiu dois aldeões jovens, nada mal para um macho viril. Só esperava que o lobisomem não se arrependesse de nada depois...logo revirou os olhos, Paul já devia saber que sexo para Fury nunca era algo ruim.

Agora Paul se concentraria em ajudar seu alfa no que fosse preciso.

...

— Temos de dar um jeito de escapar — Castiel sussurrou a Charles.

Para o azar deles, estavam no mesmo lugar onde João tinha sido mantido em cativeiro. Um lugar escuro e abafado, sujo e malcuidado. E desde a fuga do último prisioneiro o lugar não havia melhorado no aspecto, os dois novos prisioneiros evitavam qualquer parte da casa onde pudessem se acidentar e ter um corte que sem sombra de dúvidas deixaria o local infeccionado.

Charles estava preocupado com sua espada, pensou que poderia ter encontrado o alfa ou João, e ter arrancado o coração de um deles antes de cravar a espada no lugar mais santo, na igreja. Foi um pensamento ingênuo e idiota. Agora rezava para que a espada estivesse no celeiro, ninguém podia tocá-la a não ser ele próprio, era sua arma, a arma que o deixaria imortal.

Castiel já achava que ele próprio era um fraco, já travou tantas batalhas e essa em que foi derrotado foi a mais humilhante, estava bem perto de matar um deles, entretanto, não aproveitou e foram derrotados. Passou a madrugada toda deitado naquela cama dura, imaginando como iria morrer, lembrava muito bem do jeito que pessoas morreram no último ataque, caso fosse mesmo perder a vida, queria que fosse de alguma forma indolor, rápida.

Enquanto nada acontecia, os homens conversavam baixo para Ezequiel não escutar, sobre um jeito de sair da casa-prisão.

— Podemos pegá-lo por trás e... — seu sorriso com o plano que havia pensado desabou quando foi interrompido.

— Idiota! — Charles disse baixinho. — Ele provavelmente pode ouvir nossos passos ou ruídos, talvez esteja até nos escutando nesse exato minuto.

O caçador tinha dito uma vez, no bar onde vira João pela primeira vez, que já tinha matado um lobisomem, o que era uma completa mentira, obviamente matou algumas criaturas em seu tempo de vida, ogros, bruxas, vampiros, e quando estava vindo para esse reino, sereias e tritões. Nunca cruzou o caminho com o de um lobisomem, conhecia as lendas e tudo mais, no entanto, na sua mente e vê-los pessoalmente eram duas coisas completamente diferentes. Na sua cabeça sempre imaginou um lobo de

quatro patas, enorme apenas, mas pessoalmente eram metade homem e metade fera, bípedes, musculosos e fortes, com sentidos aguçados e muitos sanguinários.

Teve sorte de provavelmente João ter feito o pacto e salvado sua vida mesmo que indiretamente. O engraçado era que dois homens se “casaram” e um deles fazia parte de um povo com a religião que condenava tal ato, mas Charles, durante o seu trabalho de matar monstros já vira de tudo, os seres sobrenaturais não tinham maldade, ou não achavam o amor entre iguais algo condenável de morte.

Em seu último trabalho, em outro reino, muito distante de Presas de Lobo, foi pago por um casal para resgatar o filho que fora sequestrado por ogros que destruíram sua aldeia. Vários dias se passaram seguindo os rastros dos ogros, chegando onde moravam, pretendia matar o sequestrador e devolver a criança, mas para sua sorte, o ogro que raptou o menino de quinze anos, pagou muito mais dinheiro para os deixarem em paz, e Charles aceitou de bom grado, e antes de sair, soube que o ogro de quarenta anos — palavras do próprio — pretendia casar-se com o garoto e tomá-lo para si.

— Uma hora ou outra eles irão ter de entrar aqui. Podemos tirar vantagem — Castiel fala, os olhos brilhando, queria pelo menos tirar a vida de um deles.

— Não temos armas para atacar e nem escudos para nos defender. Morreremos antes de tentarmos qualquer ataque.

Castiel tentava manter o ânimo, bolando planos e mais planos, e Charles sempre achando alguma forma de informar que daria tudo errado e morreriam. Queria ter sido preso com qualquer outra pessoa disposta a correr o risco de tentar sair com vida daquele lugar horrível, disposta a lutar para salvar aquele vilarejo das feras. Sentia uma chama queimando ardentemente dentro de sua alma, e que só seria apagada numa batalha.

— Preciso achar minha espada.

— Por qual motivo, se por um acaso sairmos, poderemos arranjar outra.

— *Outra* não serve. Preciso daquela que estava comigo, aposto que consigo matar um deles.

— Então conte comigo, qualquer arma que ajude a matá-los é bem-vinda — Castiel diz, sério. — Mas não podemos fazer nada se ficarmos parados aqui, imóveis, aceitando nossa provável morte.

— Não há nada o que fazer — Charles estava sentado no canto da parede, com os joelhos das pernas colados no peito, pensando em várias maneiras de sair, e quais as chances de ter sucesso.

— Na verdade há sim uma maneira.

Charles levantou uma sobrancelha.

— Só espero que Margaret tenha escutado o plano direitinho.

Antes da batalha, antes de terem armado as emboscadas para a alcateia, Castiel havia feito um pedido a Margaret. Caso tudo desse errado, disse a ela que poderia usar sua beleza para distrair um dos machos para de alguma forma ajudá-lo, caso estivesse preso. E que se houvesse uma chance de ela matar um deles, que o fizesse sem hesitar. Em uma guerra não poderia ter medo de tirar uma vida, pois era matar ou ser morto.

Pedi também que ela junto de sua mãe, não fossem para a igreja com os outros, mas sim que procurassem um esconderijo e não contassem a ninguém, nem mesmo a ele, e confiou em Margaret, ela era muito boa em achar esconderijos, foi assim na noite do ataque que nenhum lobisomem a encontrou. Sua noiva era forte e muito astuta, pelo menos para conseguir escapar da morte, sua sorte poderia até ser rivalizada com a de João.

Charles levantou do chão e sentou na cama ao lado de Castiel, que também estava sentado esfregando uma mão na outra rapidamente, e nervoso. Só agora, depois de passar a madrugada naquele local fechado, pensou que talvez tivesse pânico de lugares fechados, escuros, e vazios a não ser pelo caçador, nunca ficava em um lugar igual aquele por muito tempo.

— Vamos sair daqui logo, se sua mulher for rápida o bastante.

— Ela é, tenho fé nela, aposto uma garrafa de vinho que só está tomando coragem para chegar perto desse lobisomem de guarda na porta — Castiel fechou os olhos e tentou se imaginar do lado de fora, vendo o pouco volume de neve que crescia aos poucos a cada dia, as pessoas andando de um lado a outro cuidando de seus afazeres, qualquer pensamento que o distraísse daquele lugar era de grande ajuda. — Preciso sair desse inferno depressa.

Charles observou seu pânico. Os olhos arregalados junto da testa suada, e decidiu esperar que o estado dele piorasse, isso se quisessem mesmo sair da prisão.

— Fique calmo, eu tenho um plano... — Disse ao passar a mão na testa do garoto e remover um pouco de suor.

Capítulo 28

SONO ETERNO

João despertou sentindo pequenos raios solares invadirem os buraquinhos da casa e encontrarem seu rosto pálido. Sentia uma sensação estranha, suas costas não estavam suadas ou com algo encostado, virou a cabeça para trás e Jordan havia sumido. João suspira rapidamente e levanta da cama, tremendo um pouco de frio. Perguntou-se mentalmente o motivo do cônjuge ter saído cedo sem avisar nada.

Esfregou os punhos nos olhos tentando tirar a remela que tinha toda vez ao acordar, bocejou uma vez e longamente. Jordan devia estar junto dele, o protegendo de qualquer ameaça eminente, e estando naquele vilarejo, qualquer pessoa tentaria matá-lo.

— Ótimo, já que acordou, me acompanhe — disse Charlotte.

Mas é claro que Jordan deixaria um de seus lobisomens de vigia.

— Para onde? — conseguiu falar entre um bocejo e outro.

— Te levarei até Fury, Jordan quer que ele o leve até a floresta com um cesto e tragam o máximo de frutas possível. Eu e Paul vamos ajudá-lo com os materiais da viagem aqui — ela abre a porta e franze a testa, o esperando.

— Como quiser. — João andou até a porta feito um zumbi.

Caminharam por bastante tempo, e João pôde ver, quando já estavam atravessando o parque, pessoas com comidas, água, roupas e bolsas, andando de um lado para o outro. E dois homens com uma carroça, cada um indo em direção a Jordan. Este acenou a cabeça no momento que seus olhos cruzaram com os de João e Charlotte.

João teve uma impressão ruim, Margaret não estava na vista novamente, talvez fossem só preocupações desnecessárias e ela estivesse em casa dormindo, ou poderia estar certo e a menina acabasse causando problemas, ainda mais com Castiel preso. João sorri, seu antigo amigo tomara agora do próprio remédio, nem tentou esconder a satisfação que sentia, com ele sua preocupação era zero, estava sendo vigiado por Ezequiel, portanto a chance de escapar era muito mínima.

Charlotte e João pararam perto de uma casa, média, de gente que devia ter muito dinheiro.

— Entre e diga o que irão fazer, tenho de ir, até depois — Charlotte sorriu antes de tomar seu rumo.

O garoto entrou devagar chamando por Fury, mas não obteve uma resposta, então fechou a porta e começou a vasculhar o lugar, num cômodo havia uma mesa linda e

limpa, parecia ter muito tempo desde que alguém esteve ali, lembrou-se de que talvez os antigos moradores pudessem ter morrido durante o ataque.

Passou por um corredor curto até uma porta com a madeira descascada, suja e a ponto de cair. Sua mente viajou no tempo, exatamente quando flagrara Fury fazendo atos impróprios com um rapaz, levantou a mão e parou no mesmo segundo, receoso do que encontraria do lado de dentro do quarto, caso Fury estivesse mesmo dentro.

Infelizmente seus medos tornaram-se realidade e ficou vermelho igual um tomate, Fury estava deitado com os dois irmãos que atiraram flechas contra a alcateia, um de cada lado, estavam todos nus, e os garotos abraçando o lobisomem. João ficou aliviado, por pelo menos dessa vez não o ter flagrado no ato, e um lençol cobria suas cinturas.

Aproximou-se devagar para não acordar os irmãos, tomando cuidado, cutucou o peito do lobisomem.

— O que quer? — disse Fury, mal-humorado.

Ele já estava acordado ao ouvir a porta sendo aberta.

— Precisamos pegar frutas na floresta, e Jordan quer que você me acompanhe.

Fury arregalou os olhos, impressionado com algo.

— Sempre que ele lhe dá alguma ordem para você vir me comunicar, são nessas circunstâncias — rapidamente tirou o lençol, e riu baixinho vendo João fechar os olhos e se virar.

— Ele não me dá ordens — João cruzou os braços.

Ninguém o controlava, não mesmo.

— É óbvio que ele é quem manda, e como boa esposa, você deve submissão.

— Uma ova! — João se virou vendo o sorriso de Fury, desistindo de argumentar, o lobisomem só o queria irritar.

Os irmãos por coincidência bocejaram ao mesmo tempo. Depois de constatarem a ausência de Fury na cama, olharam para ele pelado, tendo uma linda visão da bunda dele, em seguida viram João.

— Houve algum problema? — Tomas pergunta.

— Apenas relaxem. Irei na floresta recolher algumas frutas, e estarei de volta em pouco tempo.

— Tome cuidado — disseram os garotos em uníssono.

João ainda se encontrava chocado por Fury ter conseguido levar dois inimigos recentes para a cama, e o mais impressionante na situação toda, era de que se tratava de dois irmãos. Irmãos a propósito que atentaram contra a vida da alcateia, e mesmo assim achou surreal o modo como eles dividiram um homem normalmente, o mais velho devia ter feito um estrago nos garotos, de um modo bom e prazeroso.

Eles saíram e quando Fury fechou a porta João colocou o dedo bem no meio do peito dele, o olhar acusador e as bochechas vermelhas, ainda envergonhado.

— Você não tem vergonha? São irmãos.

— Sou homem — ele aproximou a boca até o ouvido de João. — E o mais importante: solteiro. Ou seja, posso dormir com quem, e com quantos eu quiser.

Fury abriu um sorriso ao ver a expressão de João mudar de vergonha para irritação, pois ficara sem argumentos. Achava errado o que ele estava fazendo, sexo apenas para tentar de alguma forma esquecer a dor da perda daquele que o enganou, mas sua opinião não importava na vida do lobisomem, cada pessoa lidava com o luto de uma maneira diferente. Rezava para que Fury encontrasse um amor verdadeiro depressa, para enfim poder ter um pouco de paz.

— Vamos, quero voltar para os braços dos meus garotos logo — Fury sorri de lado, ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços. — Está parado me encarando por qual interesse? Me acha atraente?

João balançou a cabeça tentando evitar a vermelhidão, o que falhou miseravelmente. Achava ele um homem bonito e atraente, as cicatrizes davam um ar de um cara marrento e cruel, o que muitas mulheres adoravam, se não tivesse numa união com Jordan, Fury sem sombras de dúvidas seria um bom partido.

Droga!

No que estava pensando? Pensamentos impuros de cobiça, seu marido era Jordan e devia ser leal a ele.

— Não se preocupe, Jordan não fará nada — Fury respondeu como se pudesse ler a mente de João. — Todas as pessoas escondem pensamentos impuros com outras pessoas, até mesmo Jordan, o que importa são suas atitudes.

João sentiu alívio com as palavras.

— Obrigado. E vamos logo, assim você poderá voltar para os seus companheiros — João disse, andou em direção a saída sendo seguido por Fury. — E também quero pegar uma dessas frutas para mim, estou com muita fome.

Eles andaram um pouco depressa, e durante o trajeto até a floresta, João não falou uma palavra sequer, ainda estava com vergonha, e o próprio achou isso uma atitude infantil. Lembrou-se da última vez que caminhou por aquelas redondezas, estava com Castiel, e voltaram com um cervo enorme. Nas árvores perto da aldeia havia frutas em algumas, na maioria maçãs, as pessoas cultivavam perto por a terra ser ótima para plantas.

Haviam poucas frutas devido ao inverno, que estava bem próximo de piorar. A maioria da comida estava podre, mas João conseguia ver maçãs maduras. Pensou na viagem de que fariam até a cidade principal desse reino, logo depois das montanhas, as frutas seriam a comida que salvaria as pessoas de morrerem de fome, a carne e

legumes não durariam muito. A população iria reagir mal ao saber que terão de se alimentar de frutas pelos próximos dias.

Fury arrancou uma maçã e comeu um pedaço.

— Vamos levar quantas pudermos.

João fechou os olhos, sentindo-se tolo.

— Não trouxe uma cesta, conseguiremos pegar poucas, o que será insuficiente, pois tem outra árvore com bananas bem próxima daqui.

— Irei voltar para pegar uma cesta, será bem rápido — Fury revirou os olhos e depois voltou ao vilarejo

João começou a observar os flocos de neve caindo do céu e pousando até o chão, ficou distraído achando a cena tão linda que nem percebera quando Jordan aparecera.

— Oh, olá.

— Está tão bonito... — ele disse, com um sorriso malicioso.

João estranhou aquele sorriso, pois não parecia malícia, mas sim... maldade. Talvez estivesse tão faminto que sua mente estava lhe pregando peças, assim pensou. Os flocos nos cabelos louros de Jordan o deixavam mais fofo, seus braços estavam cruzados para trás e ele estava ereto como um soldado.

— Algum problema no vilarejo, ninguém está dando trabalho, está? — João perguntou, se aproximando um pouco dele. Sentindo uma energia muito negativa, no entanto, aproximou seu rosto do dele.

— Fique tranquilo, estão sendo melhores do que eu pensava — Jordan o beijou.

João fechou os olhos e, sentindo os lábios deles no seu, franziu a testa sentindo algo diferente. Aquele beijo era diferente do que os anteriores, não tinha emoção ou luxúria, amor ou ternura. Em vez de imaginar Jordan nu ou qualquer outro ato excitante, seus pensamentos, estranhamente, voltaram até o ataque que dizimou metade do vilarejo, sentiu uma carga emocional de pura tristeza e se afastou, respirando ofegante.

— Algo de errado? — Jordan pergunta, preocupado.

João o olhou, talvez o problema fosse consigo mesmo, talvez só acordara de mau jeito, nem lembrava de ter tido pesadelos, ao contrário disso, sonhava que estava dentro do castelo enorme de Jordan vivendo uma vida tranquila ao lado deste.

— Não. — João ficou mais calmo, recuperando o autocontrole e sorriu. — Está tudo bem.

Só que Jordan não achava exatamente isso, o garoto estava agindo estranho, então ergueu um dos braços até ele, e na palma de sua mão estava um pedaço de torta, quentinha.

— Coma algo, acho que se sentirá melhor.

João imaginou que ele havia feito a comida com as próprias mãos, parecia ser suculenta, apetitosa e pronta para ser ingerida. Pegou-a na sua mão e depois mordiscou um pedaço pequeno, o sabor era diferente do que pensava, parecia ser de frango. A última vez que comeu uma dessas fazia muito tempo. Retribuiu o sorriso de Jordan enquanto pedaços da torta desciam pela sua garganta.

Sentiu uma onda estranha percorrer o seu corpo, olhou para o pedaço fatiado e depois desviou para Jordan, ele estava com o sorriso mais largo, quase cobrindo todo o rosto. Afastou-se dele, lentamente por estar sentindo uma dor que aumentava a cada segundo. Ele olhou para Jordan novamente, e o vê chegando mais perto, começando a rodeá-lo.

Que está acontecendo? Estou morrendo, socorro, SOCORRO!

— Amor verdadeiro é uma mentira, ele sempre nos trai — Jordan chegou mais perto.

João tentou respirar, sentia-se engasgado, com dificuldades de puxar ar até os pulmões. Caiu de costas no chão, gemendo, nem gritos de dor conseguia emitir. Começou a tossir com esperanças de que o que tivesse comido pulasse para fora, ia perdendo as esperanças ao ver que a dor piorava e os gemidos ficavam sufocados. Seus olhos quase sem vida observam Jordan ficar de joelhos, próximo ao seu corpo.

— Achou que te deixaria ir embora, realmente? — o corpo de Jordan começara a mudar, e sua aparência voltou ao normal, era Elizabeth novamente. — Amor verdadeiro não existe seu tolo, e só consegui me vencer por meus poderes estarem enfraquecidos!

João não conseguia respirar, tremia muito, estava sofrendo.

— Agora que está sozinho e indefeso, finalmente posso ter o que quero — Elizabeth ergueu a mão, prestes a prendê-lo numa prisão de magia.

— Nãããooo!!! — O Jordan verdadeiro correu rápido, ele pulou e se curvou no ar, apontando suas duas mãos com garras afiadas para a bruxa, e conseguindo atravessar parte de sua pele.

O corpo de Elizabeth começou a ficar mole, e depois desapareceu para virar uma fumaça vermelha que aos poucos começou a adentrar a terra.

— De novo não — choramingou Fury.

Jordan colocou João em seu peito, implorando para que acordasse. Sentiu algo errado enquanto ajudava um homem a locomover uma carroça, podia ouvir seu garoto implorando por socorro. Podia ser uma travessura da sua mente, e ainda bem que não ficou no vilarejo para descobrir que se tratava de um aviso verdadeiro.

Fury estranhou assim que voltava para a floresta com uma cesta grande, Jordan pousou a mão em seu ombro, assustado. Nunca vira aquela expressão no rosto do alfa,

a não ser quando se tratava de seu pai. Ficou chocado ao ver João agonizando no chão, e agora estava muito arrependido e cheio de culpa de tê-lo deixado sozinho.

— Não faça isso comigo, já perdi minha mãe, não aguentarei se perder você — Jordan sussurrou, sua mão pousando no rosto do garoto que fora tocado pela morte.

...

Margaret já tinha saído do esconderijo há algum tempo, estava na lateral de uma casa observando o guarda da prisão de Castiel e Charles, teve a sensação de já ter cruzado com aquele lobisomem, procurou dentro da sua mente, mas logo tratou-se de esquecer, pois não importava. Precisava distraí-lo de algum modo. Pensou em várias maneiras, para a sua sorte era jovem e bonita, conseguiria ter qualquer homem a seus pés, conseguiu distrair um dos lobisomens uma vez, no ataque na igreja, onde correu para se esconder enquanto muitas vidas eram perdidas.

Como não quisesse nada, andou em direção a ele, tímida e sorrindo um pouco. Chegando bem próximo dele, encarou seu rosto franzido, tinha algo errado.

— O que quer? — ele a perguntou com as sobrancelhas erguidas.

— Estava pensando se não poderíamos ir para outro lugar, sabe, ficarmos um pouco sozinhos... — ela colocou dois dedos no peito dele e ficou os movimentando para baixo. — Será bom, eu prometo.

Ezequiel aproximou o seu rosto do dela, quase tocando os lábios nos da garota, rapidamente segurou o pescoço de Margaret e a levantou com uma só mão.

— Da última vez mostrou seus peitos a mim e quebrou uma garrafa na minha face! Felizmente já conheço seu truque, dê o fora daqui.

Ezequiel a arremessou no chão igual uma boneca de pano estragada.

Margaret agora soube de onde o conhecia, era o lobisomem que teve de distrair para sobreviver, que má sorte teve de ser logo ele quem matinha a guarda da casa-prisão. Colocou a mão no pescoço e começou a massageá-lo, ele tinha muita força, precisou de um pouco de tempo para levantar, puxava ar com intuito de recuperar o fôlego perdido devido ao aperto na jugular.

Olhou para ele novamente, o mesmo estava de braços cruzados a encarando com um sorriso maldoso, já sabia qual era o interesse dela, causar uma distração, removê-lo do lugar para que os dois prisioneiros tivessem chance de fugir, o que não aconteceria sem uma luta sangrenta.

— Nossa, poderia... ter sido... um pouco mais gentil! — disse entre tosses.

— Melhor você dá o fora daqui antes de morrer — Ezequiel diz, com muito tédio.

Sua paciência estava esgotada, passou quase a noite toda vigiando os dois humanos que quase o mataram, trocou de turno com Paul por pouco tempo. Era um imenso trabalho junto de um enorme autocontrole, não entrar lá e ceifar a vida daqueles homens. Ainda sentia raiva por quase ter morrido, e pior, por um erro seu, o erro de ter

subestimado seu inimigo, podia ter acabado com os inimigos se tivesse deixado sua arrogância de lado.

Agora ainda tinha de aturar essa garota maluca, que já conseguiu escapar de suas mãos, poderia ter colocado as tripas dela para fora na igreja, mas ela usou uma arma fatal para os homens. Aquela garota era perigosa, tomaria cuidado com ela.

— Irá arrepender-se de ter me tratado de tal maneira — Ela levanta ainda tossindo muito, e lacrimejando um pouco. — Lembre-se de minhas palavras! —

A cuspidinha que deu caiu perto dos pés de Ezequiel.

— Saia daqui, agora! Irei arrancar suas entranhas e comê-las no jantar — sorriu ao ver a expressão de terror no rosto da garota.

Margaret saiu espumando de ódio e com um pouco de medo, não achou que ele fosse mesmo fazer tal barbaridade, mas era difícil evitar o medo estando perto daqueles monstros sanguinários. Queria salvar Castiel e ir embora para longe, agora ele não tinha motivos para ficar e lutar, já perderam, hora de desistir e viajar para outro reino, para um que não tivesse lobisomens.

Decidiu voltar para casa, onde a mãe de Castiel também estava. Melinda devia estar preocupadíssima com o filho, já estava pensando até o pior. Mas Margaret sabia que os prisioneiros não morreram por causa de João e o pacto que fizera com o alfa da alcateia, ninguém do vilarejo poderia morrer pelas mãos de um lobisomem.

Então Margaret pensou, e se o pacto fosse quebrado por um dos lobisomens? E se um deles acabasse tirando a vida de alguém mesmo que por acidente? Depois balançou a cabeça livrando-se desses pensamentos impróprios, não tentaria armar uma emboscada, pois assassina era algo que jamais seria.

Ezequiel esqueceu a garota no momento que a mesma desapareceu de sua vista, e começou a tentar imaginar um motivo para seu alfa ter saído correndo em direção a floresta de forma estranha, ele parecia assustado, nervoso, nunca vira Jordan daquele jeito, sua vontade era de sair do posto e ver o que tinha acontecido. Mas era um bom soldado, a menos que fosse algo grave. Infelizmente era impossível de saber, teria de ficar e se certificar de que os prisioneiros continuassem onde estavam.

Começou a levantar e baixar seu pé direito repetidamente, a sensação estranha ainda estava no corpo, tinha quase certeza de algo ruim ter acontecido, queria apenas uma prova para sair, mandaria outro lobo ficar de guarda em seu lugar, mas precisava ver Jordan e saber o motivo de toda a agitação.

Franziu o cenho, curioso com as pessoas correndo para a saída do vilarejo, chocadas e pôde até ver alguns poucos humanos sorrindo. Olhou na direção que eles iam, os amontoados de pessoas começam a abrir passagem para duas figuras. Ezequiel depois de algum tempo ficou sem reação ao ver Fury e Jordan com João nos braços, imóvel, mais branco do que o normal. Saiu do seu posto nem ligando para os prisioneiros, provavelmente não conseguiriam sair, estavam fracos, pelo menos era o que esperava.

Correu até Jordan que parou, e rapidamente Ezequiel cheirou o corpo de João, arregalou os olhos com tal probabilidade, era impossível, devia ser alguma magia maligna de ilusão ou coisa pior.

— Ele não pode estar...

— Sim, ele se foi. Todos nós sentimos muito — Fury disse, se referindo a alcateia. Pensava que os humanos estavam adorando a morte do garoto, depois de tudo que foi feito para matá-lo.

— Como? — Ezequiel pergunta, ainda atordoado.

— A bruxa! — Respondeu Fury.

Todas as perguntas eram direcionadas a Jordan, mas sempre quem respondia era Fury, pois ele compartilhava da exata dor do alfa pela perda de João, gostava muito do garoto. Pelo pouco tempo que passaram juntos, descobriu alguém que pudesse salvar Jordan da escuridão que rondava o trono do rei.

Agora era tarde...

Muito tarde.

Paul e Charlotte chegaram. Ao se depararem com a cena, ela gritou e ele a abraçou. Jordan continuou seguindo em frente, em direção à igreja, estava em negação, seria respeitoso fazer o ritual de enterro daquela religião, deixaria o corpo do garoto em cima de uma mesa para que quem gostasse dele pudesse se despedir. Sentiu e ouviu passos atrás de si, um grande número de pessoas os seguia, tristes e pôde escutar murmúrios de pessoas felizes com tal tragédia, mas estava tão em choque que nem ligou de imediato, tudo que importava, que ainda importava, era João.

Fury foi até a casa onde estava dormindo, informou aos irmãos que deveriam ir à igreja para um enterro, e pegou uma mesa enorme de madeira. Demorou um tempo, mas chegou na igreja e Jordan o estava esperando, Fury então colocou a mesa perto do altar e o corpo do menino depositado em cima.

Os sinos da igreja badalaram três vezes, e quem não estava sabendo de nada começou a ir até o local para saber da situação.

Passaram-se várias horas, e algumas pessoas saíram, outras ficaram para saber o que Jordan iria fazer, o garoto morrera, tinham medo do pacto não ser mais honrado, medo de até o fim do dia estarem todos mortos.

Jordan estava sentando perto de uma das pernas da mesa, cabisbaixo, triste. Não sabia o que fazer, nem o que sentir, raiva, ódio, tristeza, sentimentos que vinham e desapareciam no mesmo momento. Ele levantou e encarou o corpo do garoto.

— Droga, você foi capaz de me seduzir com um simples olhar, e agora está deitado, como se a qualquer momento fosse abrir os olhos e me seduzir novamente — sussurrou. — Me convenceu tantas vezes, a fazer várias coisas que jamais pensaria. — Se aproximou ainda mais do rosto dele, ficando apenas centímetros de encostar seus

lábios no dele. — Queria que me convencesse agora de que ainda estava vivo, que só estivesse dormindo e sonhando com nós dois no meu castelo, vivendo felizes para sempre.

Observou as lindas feições do rosto de João, queria chorar, mas as drogas das lágrimas não desciam.

— Lutou tanto para sobreviver, você não merecia isso. E ainda nem sei o motivo da bruxa querer tanto assim matá-lo.

O beijou, deixando as lágrimas que finalmente começaram a cair, molhar o rosto do garoto. As pessoas e a alcateia começaram a sair, deixando-o sozinho naquele momento, Jordan passou a mão na testa de João, e depois saiu para puxar um pouco de ar do lado de fora do lugar. Seu coração batia rápido quando estava no meio do caminho da saída, e finalmente do lado de fora, pôde ver milhares de pessoas com os olhos fechados, recitando palavras desconexas, algum tipo de oração.

— Sinto muito — Paul falou.

— Agora que ele morreu, pretende... nos matar? — Margaret perguntou de dentro da multidão temerosa.

Todos ficaram em absoluto silêncio. Tinham o mesmo pensamento da menina, o pacto fora feito por João e ele morrera, pelo que sabem, podiam acabar sendo os próximos.

— Sou um homem de palavra! — diz alto, para ouvirem muito bem. — O termo era ele casar comigo e assim poupar a vida de vocês. O casamento foi feito, não na cerimônia desse povo é claro, mas foi feita. O pacto continua de pé.

O alívio tomou conta de todos, a sensação de saber que não seriam mortos era boa. Então pensaram no trabalho que ainda tinham, preparar os mantimentos para uma longa viagem. Temiam morrer congelados, devido ao longo frio dos próximos dias.

— E os prisioneiros, foram presos por atacarem você e seus homens, mas apenas dois foram presos — Margaret falou mais uma vez, chamando a atenção de poucos. — O que acontecerá com eles?

Jordan a encarou, lembrando-se muito bem dela, no dia em que propôs o pacto ela estava ao lado dele, e lembrou de João lhe confidenciando que a mesma o entregara a um julgamento injusto que quase custou sua vida. Caminhou até ela com passos lentos e pesados, quem estava perto de Margaret decidiu se afastar um pouco, ele a encarou com nojo, desprezo por ter traído um companheiro.

— Seu amado de merda e fraco ficará bem, não se preocupe.

Sua voz saiu como uma espada, Margaret sentiu a humilhação dela mesma e por Castiel, que agora era julgado pela população como fraco, inútil e incompetente. A garota pensou em sair, entretanto a expressão de Jordan lhe chamou a atenção, o podia ver espantando, chocado com algo.

...

— Você não parece muito bem, sua aparência no momento é igual à de um guerreiro ferido mortalmente, implorando pelo golpe de misericórdia.

Castiel nem dera ouvidos, estava de joelhos no chão, tentando vomitar, o problema é que não tinha nada para colocar para fora, a comida era muito pouca, davam o mínimo com intuito de não os matarem de fome. Sentia-se enjoado, por algum motivo não conseguia respirar normalmente, tentou falar e nenhum som saiu de sua boca, olhava para cima, para baixo, para todos os lados, e pensou que fosse morrer.

— Posso lhe ajudar de alguma forma? — Charles já perguntou ciente da resposta.

Nada poderia ajudar o garoto, e era isso que o caçador queria, precisava que ele piorasse um pouco mais. Certamente evitaria que ele acabasse morrendo de verdade, não que importasse, mas ainda poderia precisar do garoto. O único problema era presenciar o sofrimento do colega de prisão, por isso, quase nunca o olhava diretamente, jamais pensou que não aguentaria ver uma pessoa naquele estado. Talvez por sempre ter matado alguém em sofrimento, uma morte rápida e limpa, infelizmente não poderia fazer o mesmo naquela situação específica.

— Preciso ir, tenho de sair daqui agora! — Castiel começou a dar socos na parede, depois de sentir muita dor, passou as mãos no corpo, agitado, como se tirasse insetos.

Charles levantou, finalmente o garoto chegou ao limite, os punhos sangrando e o nervosismo parecida com a de um lunático provavam isso. Mesmo tendo o que queria, sentiu-se na obrigação de pelo menos carregá-lo até o andar de baixo. Aproximou-se, tendo muito cuidado, tocou nele e franziu a testa quando Castiel parou de se mexer, respirava calmamente, mas ainda estava assustado, com os olhos arregalados e parados num ponto vazio da parede.

— Vamos lá para baixo, tudo bem? — Charles sussurrou.

— Tenho... de... sair... daqui.

— E nós vamos. — Charles pegou um dos braços dele e o colocou envolto ao pescoço. — Apoie-se em mim. Vamos. Isso, assim mesmo.

Os dois muito devagar, desceram as escadas, Charles não queria um acidente nem uma morte, então ficou atento aonde Castiel pisava. No momento que seus pés tocaram o andar de baixo, fechou os olhos e tentou transparecer desespero no momento que caminhou até a porta. Finalmente sairia daquele lugar sujo, imundo, e cheio de animaizinhos nojentos.

Ezequiel, que havia voltado ao seu posto, virou a cabeça para encarar a porta que estava sendo batida constantemente.

— Precisamos sair, agora! — disse uma voz.

Ezequiel abriu a porta e o corpo de Castiel caiu nos seus braços, o mesmo parecia debilitado, respirava forte, a testa suava e os olhos se arregalaram quando viu que

estava do lado de fora. Sua respiração agora ficava lentamente calma, no entanto, ele ainda estava nervoso, como se a qualquer momento algo ou alguém fosse atacá-lo.

— Temos que ajudá-lo — disse Charles.

Ezequiel soube que teria problemas, aquele garoto poderia morrer e tinha medo de levar a culpa dessa fatalidade. O pacto seria quebrado, havendo muito mais problemas. Também se sentia estranho só de pensar em ajudar uma pessoa que quase ceifou sua vida, mesmo assim o levaria a Jordan, o alfa saberia o que fazer.

— Fique... — o lobisomem não vê mais Charles. *Droga!* O caçador havia escapado, mas no momento tinha preocupações maiores.

Charles correu até o celeiro onde a espada estava, depois de tê-la deixado cair no combate. Chegando ao lugar, viu palhas e mais palhas. Olhou por todos os lugares e não a achou, ao sair pelo o outro lado, viu um barril encostado na parede do lado de dentro, e no chão estava sua espada.

Pegou-a e a segurou firme em sua mão, quando a segurou na casa da bruxa pela primeira vez, sentiu poder, mas no combate não sentiu nada. Tentou lembrar o que fez a primeira vez que não dera certo agora, e percebeu que sua sede de conseguir imortalidade ao deter os lobisomens lhe deu forças, estava disposto até a oferecer sua alma.

Então pensou na imortalidade, e como faria de tudo para conseguir tal objetivo. Mataria quem fosse preciso, crianças, mulheres, homens ou lobisomens, não importava, o ser que decidisse cruzar seu caminho iria direto ao inferno. No começo sentia-se feliz ao segurar aquela espada, querendo proteger a população para conseguir sua imortalidade. Na medida que o tempo passara foi mudando de opinião, destruiria tudo e todos para conseguir conquistar seus objetivos. Começou com um motivo nobre, mas agora? Que se danassem todos.

Do outro lado, na igreja onde a maioria dos habitantes se encontrava, os sons dos sinos ecoaram por todo vilarejo misteriosamente, causando estranheza em quem estava do lado de fora, ninguém poderia ter os tocados, havia apenas o corpo do falecido no lado de dentro, o vento não estava muito forte para os moverem sozinhos, mas estava assustadoramente arrepiante e frio.

Jordan olhou para trás, e quase desmaiou ao ver João parado entre as portas da igreja, em pé, com vida. Achou que podia ser ilusão da bruxa, ou fruto de sua imaginação tentando suprir a perda que assolava seu coração, mas começou a ouvir os batimentos no peito mais rápido, e então percebeu que nunca fora de seu coração, e sim de João, ele estava vivo, seu garoto estava vivo.

Todos olhavam assustados para o garoto, consideravam um milagre de Deus que ele ainda estivesse vivo. Outros achavam que era alguma obra do demônio, pois Deus não salvaria um homem que se deitou com outro, e as mais diversas teorias começaram a se espalhar como a peste bubônica.

Jordan estava imóvel, sem conseguir se mexer, observou atentamente enquanto João descia os pequenos degraus e caminhava em direção ao alfa. A própria alcateia não sabia o que fazer, Ezequiel nem presenciara a cena por já ter voltado ao seu posto da casa-prisão.

João tocou a bochecha direita de Jordan, este fechou os olhos e sentiu os lábios do garoto nos seus, a língua dele invadindo a sua, como se quisesse provar que anda vivia.

— Fiquei com medo de você me deixar — Jordan estremeceu ao tocar a mão de João.

— Eu também, não tenho certeza, mas acho que apenas adormeci, tive muitos sonhos. Principalmente de nós dois em um castelo grande — João sorriu.

Fury rapidamente pensou que a maçã envenenada que João comera não estivesse envenenada, mas sim enfeitiçada. Ele chegou mais próximo do casal, não muito para atrapalhar o momento.

— A maçã devia conter algum tipo de feitiço do sono. Lembro-me que ela tentava prendê-lo, e não tirar sua vida... — Fury informou.

— Ela nunca planejou matá-lo — Jordan o olhou, pensando com cuidado. — A bruxa quer a mim por algum motivo.

— Eu não sei o que possa ter quebrado o encanto, talvez tenha sido amor verdadeiro — Fury soltou uma risada ao ver João em pleno vigor, mesmo nessas horas, tinha que ironizar a situação.

João tentou não pensar nessa parte, nunca pensou que um beijo fosse ter tanto poder.

— Lembro-me vagamente... — João começou. — Quando estava na casa dela, ouvir da sua própria boca, algo sobre um guerreiro enfrentando um lobisomem com uma espada maligna, e que o tal guerreiro perdeu sua vida. Algo no livro dizia sobre precisar de um coração ou um corpo forte para ressuscitar alguém dos mortos.

Fury e Jordan tentaram pensar em algo que faria sentindo nas palavras ditas, talvez o coração fosse para um ritual de ressurreição no final das contas. Mas onde essa espada misteriosa se encaixaria?

— Deve estar falando da espada dos demônios — Charlotte se aproximou junto de Paul e tornou a falar. — Ouvi histórias de que um lobisomem de algum outro reino distante enfrentou um guerreiro cuja espada carregava imensos poderes. A luta terminou com o guerreiro sendo absorvido pela espada quando esta foi retirada por outro guerreiro de alma pura.

— Agora me lembro que a história era quase dessa maneira no livro dessa bruxa — João tomou a vez. — A espada pode corromper as almas desses guerreiros puros, caso eles não sejam fortes o suficiente seus motivos nobres são transformados em motivos

egoístas. E por isso o último ao qual removeu a espada, livrou-se dela no minuto seguinte.

— Então ela pretende trazer de volta a vida alguém que está dentro da espada? — Paul perguntou. — Mas para isso ela não precisaria de um guerreiro com a alma pura?

— Talvez ela realmente precise de um guerreiro de alma pura, ou que tivesse metade disso ao menos. Apenas para conseguir ressuscitar quem ela queira. — Fury colocou a mão no queixo, pensativo.

— Quem poderia ser? Nessas redondezas não há muitos guerreiros. — Charlotte pensou nas possibilidades.

— Temos dois grandes guerreiros trancados e com Ezequiel de guarda — Jordan disse, atraindo os olhares.

As pessoas começaram a sair, pois não estavam entendendo nada, Margaret só franziu o cenho, curiosa, quando ouviu dois nomes.

— Charles e Castiel — João diz, chocado.

Ezequiel abriu passagem sobre os humanos para chegar até Jordan, parou de frente para este que lhe olhou com dúvidas. Castiel tinha um braço em volta do pescoço de Ezequiel, era carregado para que evitasse uma queda feia, o pânico nem sequer havia diminuído do trajeto da prisão até a igreja, precisava de mais tempo, mal conseguia mexer uma parte do corpo que fosse.

— O que está fazendo aqui? — Jordan perguntou, sua voz exaltada de surpresa.

— Se continuássemos lá, esse pobre garoto morreria. Olhe o estado dele — Ezequiel levantou Castiel, mostrando o rosto assustado.

Margaret correu e o abraçou, o lobisomem o soltou e ela sentou no chão e pôs a cabeça dele nos seus joelhos.

— Onde está o caçador? — João indagou.

— Você... está...

— Vivo? Sim, agora responda à pergunta. As explicações de minha volta ficam para depois.

— Bem... ele aproveitou minha distração para fugir. Mas ele não deve ser uma ameaça sozinho.

Uma voz chama atenção de todos.

— Receio que você esteja completamente errado — Charles soou, com a enorme espada brilhante nas mãos. — Agora senhores, vamos começar o espetáculo!

Capítulo 29

ILUSÕES MORTAIS

Jordan andou alguns passos apenas. Os dois encaravam um ao outro. De um lado, o caçador com uma espada afiada e enorme, preparado para usá-la sem rodeios, do outro, Jordan, o companheiro e a alcateia ansiosos pelo que viria a acontecer, e no meio, a população assustada.

— Largue a arma agora, antes que alguém acabe machucado — Jordan advertiu.

— Essa é a ideia, vossa alteza pode ser deveras forte... — Charles curvou o seu corpo, debochando do seu oponente. — Felizmente, para mim, tenho a espada que pode destruir qualquer ser humano, sobrenatural ou entidade existente.

João gritou do fundo.

— Fez um pacto com a bruxa!

— Muito bem, João, pensei que você fosse burro o suficiente para não perceber. Sim, eu fiz uma espécie de pacto com ela! Eu conseguiria o coração do seu lobisomem, ou o seu próprio e em troca, ela me daria a imortalidade.

— Seu tolo! O único burro aqui é você por ter confiado naquela meretriz!

João se lembrou de como foi ingênuo em ter acreditado nele antes, durante, e depois do ataque. Devia saber que não deveria confiar em estranhos, principalmente nos que vieram de outro reino. Ele apontou o dedo para o caçador, de um jeito irritado, acusatório.

— Você mentiu para mim! Para todos nós.

— Acha que eu comecei a mentir no dia que cheguei aqui? — Charles riu de um jeito nojento. — A bruxa me convenceu, pois foi ela quem fez os lobisomens virem atacar esse vilarejo nojento!

Todos arregalaram os olhos chocados. Jordan foi o único que pareceu não expressar reação nenhuma.

— Em algum momento, que Desmond estava com seus homens visitando o rei, o pai de seu amado alfa. Ela infiltrou-se no castelo, transformada e matou aquele rei fraco, de uma maneira pouco criativa até, como vocês bem sabem.

João ficou atordoado, aquela bruxa nojenta tinha tudo planejado para virar uns contra os outros, mas ainda queria saber porque somente agora ela decidiu fazer tudo isso, ela de alguma maneira sabia que Jordan, mesmo não gostando muito do pai, o vingaria, e que a situação se resolveria...

— Isso é insano, e por qual motivo? Diversão! — João diz furioso.

— Não exatamente. Ela precisava de um guerreiro que pudesse usar a espada e defender essa população dos seres malignos. E essa pessoa era eu.

João pensou no motivo da bruxa querer o coração de Jordan ou o seu. Devia estar relacionado a ressurreição de alguém que ela pretende trazer de volta. Uma vida por outra. O coração do alfa deveria ser forte o suficiente, mas o seu? Era um humano comum.

— Ela quer o coração de Jordan, pois de alguma maneira ela vai usá-lo para ressuscitar alguém que ela queira! — esbravejou, chocado em imaginar tal monstruosidade.

— Não sei nada disso. Viajei por muitos lugares tentando encontrar um jeito de viver por muito tempo, e o mais surpreendente foi que ela me encontrou, assim que pisei nessas terras, impressionante, não?

Ezequiel olhou para Margaret e apontou para ela do mesmo jeito que João fizera com o caçador.

— Aposto que você estava com eles também! Afinal, é de outro reino assim como Charles.

— Ficou louco? Só vim para cá com objetivo de casamento e nada mais — ela disse, exaltada, colocou muita força para arrastar Castiel para longe daquele combate que estava prestes a eclodir.

Charles levantou a espada e mirou em João, mas Jordan ficou na frente.

— Hora de libertar todo o poder dessa espada e acabar com você — Charles sorri. Estava claramente louco.

— Para pegá-lo terá de passar por mim — Jordan diz e ergue a cabeça para o céu, mirando na Lua. — E acredite, *não será nada fácil*. — Os rosnados começaram, e a cor dos seus olhos mudou para azul.

— Que o vento das trevas, me conceda os poderes da noite, para que eu consiga destruir, *os filhos da Lua*! — Charles falou e as palavras fizeram um vento forte surgir da espada como um furacão indestrutível, pessoas só não eram arrastadas por conseguirem a tempo, se segurarem em algum lugar.

Margaret conseguiu levar a tempo Castiel para dentro de uma casa, e lá permaneceriam durante a confusão do lado de fora. Os lobisomens conseguiam resistir a força do vento com muita dificuldade, Paul, a todo momento, segurava João, para o mesmo não sair voando.

— Eu ofereço meu corpo e alma como receptor, para receber... Todo *O PODER!* *HAHAHA!* — Uma luz preta saiu da ponta da lâmina e começou a subir, se movendo como uma cobra até o céu, cobrindo as nuvens, depois mergulhou bem em cima Charles, penetrando-o e assumindo cada parte de seu corpo.

— Meeeeeerrrda! — João se soltou de Paul e correu até poucos centímetros de Charles.

— O que foi João? Devia estar ao meu lado, e não contra mim. Agora poderei enfrentar e matar os lobisomens, como essa maldita população queria no começo.

Charles sentia cada fibra do seu corpo ardendo, de uma maneira boa, excitante e encantadora. O poder das trevas era lindo, magnífico e sedutor. O caçador olhou para a casa onde Margaret se escondeu, apontou a espada em direção a casa, uma luz brilhosa parecida com trovões emergiu da ponta da espada e se chocou com a madeira da casa, destruindo tudo, os raios brilhosos envolveram Margaret e Castiel, os dois vieram flutuando até os pés de Charles, a garota continuou sem conseguir mover um músculo.

— Vamos ver, João não gosta de vocês, mas ele fez um pacto. O que aconteceria se eu matasse vocês agora? — disse, sorrindo de um jeito louco.

— Pare! — João tentou correr.

— Não, deixe de ser burro, volte aqui — Jordan tentou impedir, sem sucesso.

Charles apontou a espada para João e a mesma luz de cor preta o envolveu, lançou-o a uma roda de carroça decomposta, deixando-o imóvel. Depois a luz negra ficou mais fina, como um laço, e depois a energia muito resistente deu múltiplas voltas no garoto, o prendendo e o deixando muito vulnerável, sentadinho no chão.

— Isso está ficando excitante, não acham? — Charles riu para Jordan, este apenas tentou se manter o mais calculista possível, pensando em quais movimentos fazer e quais não.

Pensou em salvar João, mas Charles já o poderia tê-lo matado se quisesse, ele não o fez por ainda querer o coração do alfa primeiro. Achou melhor fazê-lo esquecer do garoto e se concentrar nos lobisomens, doía em seu coração deixar João preso, todavia, era o necessário caso quisessem vencer.

— Peguem a espada! — Jordan ordenou.

Fury e Charlotte já estavam perto do caçador, cada um em um lado, se aproximaram silenciosos e indetectáveis na hora que o homem ficara distraído ao atacar os humanos. Fury e Charlotte pularam ao mesmo tempo em cima dele, de repente a espada brilhou e Charles saltou alto, livrando-se do agarramento e pousando no telhado de uma casa.

— Não sou como esses humanos tolos, agora não podem mais me derrotar! — Charles soltou uma risada maligna, então fez uma volta no ar com a ponta da espada, chamas saem da lâmina e cercam todos os lobisomens num círculo de fogo.

Charles pulou de volta para o chão e observou a impotência das feras diante do seu novo eu, encharcado do mais belo e poderoso poder. Eles rosnavam para o caçador com os olhos de cores diferentes, a Lua estava quase se enchendo, Charles acabaria

com eles antes de se transformarem, tinha de aproveitar agora que estavam mais fracos.

— Eu mesmo te matarei — Jordan diz ferozmente. — Não irá escapar!

Charles não pretendia perder mais tempo quando os viu se contorcerem, apontou a espada em direção a eles e uma rajada de chamas foi lançada até a alcateia, um pouco tarde demais já que saltaram, se transformando em pleno ar, e aterrissando nos telhados. Rapidamente começaram a se espalhar pelos cantos. O caçador inutilmente correu e tentou acertar as rajadas de chamas em um deles, infelizmente para o homem, eles escaparam numa velocidade impressionante e ficaram escondidos como um sussurro na escuridão.

“Temos que pegar a espada” Fury rosnou baixinho, mas o suficiente para os outros ouvirem de onde quer que estivessem.

“Não será fácil” Paul respondeu.

Rajadas de chamas atingem uma mulher de mais ou menos trinta e oito anos, fazendo-a gritar de agonia até ficar rouca, desapareceu em poucos minutos de tão forte que as chamas estavam. Um menino de cinco anos, provavelmente filho da mulher, começou a chorar muito, em seguida as chamas o envolveram num abraço ardente e ele também desapareceu em apenas um piscar de olhos. O vento continuava a soprar forte, e as pessoas que continuavam ali temeram serem as próximas vítimas das brasas do inferno.

Charles caiu no chão e a espada tombou para frente quando sentiu algo rasgar profundamente a pele de suas costas. A dor foi excruciante, nem conseguiu levantar de tanto que gritava, tentou alcançar a espadas, mas sua mão não chegou perto do objeto, precisou se rastejar até lá.

Fury que o arranhou com muito prazer, se aproximou da espada e a pegou, e segundos depois estava sendo lançado longe por uma luz que brotara de repente em torno da lâmina, seu corpo pesado voou numa casa destruindo toda a construção.

“Tire as pessoas daqui, Ezequiel. Agora” O alfa ordenou.

Jordan observou Ezequiel tentando se movimentar devagar até as pessoas para não as deixarem com mais medo do que já estavam. Levando um tempo considerável, conseguiu convencer as pessoas com rosnados amigáveis e apontando para fora, até o mais novo entre eles percebeu que a fera queria apenas ajudá-los.

— Eu fico com isso!

Jordan olhou para o caçador, o homem pegara a espada, uma luz branca e um pouco brilhante envolveu todo o corpo dele, os ferimentos causados por Fury foram cicatrizando e se fecharam rapidamente até estar novo em folha, como se tivesse acabado de renascer. Depois apontou a espada em direção a Jordan e chamas voam até ele, que desviara com louvor.

— Não entendo o motivo de você não ter mandando os outros lobos me atacarem, teria sido muito mais eficaz e...Oh!

O caçador vê Ezequiel movendo as pessoas para o lado de fora do vilarejo e, Paul junto de Charlotte, tentando cortar a fina luz mística que prendia João, e conseguiram libertá-lo. Apontou a espada para o garoto na esperança de queimarem todos vivos, o que não adiantara, Paul agarrou João e os três pularam para longe, as chamas atingiram a carroça em que ele estava preso a desintegrando em questões de segundos.

A raiva por ter sido feito de tolo se tornou forte, tanto que a espada ampliou esse sentimento forte. Um redemoinho de poeira começou a se formar no céu e a percorrer todo o vilarejo, sendo quase impossível de enxergar qualquer objeto ou pessoa. O olfato dos lobisomens foi reduzido, e a visão também estava sendo dificultada, tudo servia de vantagem ao caçador.

Jordan estava em cima de um telhado quando conseguiu enxergar direito, e viu o caçador do outro lado, também em cima de uma casa, a poeira se dissipou e os dois ficaram encarando um ao outro em um jeito mortal.

— Finalmente é chegado o momento. Acho que ficarei com o coração de João em vez do seu, e te matarei — disse o caçador, preparando-se para avançar.

Jordan apenas rosnou.

— Você teve o azar de se apaixonar por um humano. Lembre-se disso, sua natureza com a dos humanos não se misturam, você é o predador, e sempre será — Charles encarou a Lua, depois desviou para Jordan. — Um dia até sua força de vontade falhará. Chegará em um momento que irá tentar enfiar essas presas em João para matá-lo, não há como fugir disso.

Jordan voou por cima dos telhados e suas garras passaram de raspão pelo caçador, Charles tentou um golpe com a espada nas pernas do lobisomem, mas este defendeu-se com as garras, o contato entre a lâmina da arma com as unhas da mão de Jordan foi o suficiente para causar dor nos dedos peludos.

Charles tentou partir o inimigo ao meio com um golpe horizontal na barriga, Jordan conseguiu desviar e suas garras voam na barriga do caçador quase arrancando um pedaço, o homem caiu do telhado e conseguiu fincar os pés no chão, sentiu a barriga molhada de sangue e olhou para cima.

João se solta de Paul e corre até Jordan desesperadamente. Os outros lobisomens tentaram impedir, mas não adiantou de nada.

Jordan foi de encontro ao inimigo e as garras das suas duas mãos atacam, e Charles também ataca usando sua espada, agora a vitória era de quem tivesse mais força. Jordan poderia ter vencido o caçador facilmente, não fosse por aquela espada. A arma da mão do caçador começava a soltar faíscas, começara a ficar de uma cor alaranjada.

João sabia que a espada explodiria em fogo, mas tinha certeza de que Charles seria imune às dolorosas ardências do fogo.

— Jordan saia daí, agora!

Jordan e Charles mudaram de posição, mas não desviaram o olhar um do outro nem por um segundo. Ainda ficavam parando, Jordan tentando golpeá-lo com suas garras e Charles com sua espada. A lâmina ficava cada vez mais laranja, até que começara a tremer muito.

— Jordan! — João tentou se aproximar, mas Fury entrou na frente, o impedindo de prosseguir.

Jordan se afastou e atacou. As garras acertaram a espada e novamente Charles tentou um golpe, Jordan pulou, e Charles saltou na direção com a espada erguida até que a lâmina... Atravessa o peito do lobisomem.

— *Aaahhh!* — João tentou prosseguir, mas Fury o agarrou. — Me solte, seu incompetente, seu rei está morrendo. Faça alguma coisa! — Disse, sentindo as lágrimas saírem do rosto. — Agora, faça agora!

Fury não moveu um centímetro.

Quando Jordan e Charles estavam no chão, Jordan tirou a espada do seu peito, havia movimentado seu corpo alguns centímetros no ar, isso fez com que a espada errasse seu coração e ainda conseguiu que a espada não explodisse em chamas, pois a arma voltara a cor normal. O ferimento curou-se rapidamente e então com o punho peludo fechado, acertou o rosto do caçador o lançando para longe, e fazendo a arma cair perto de seus pés.

Afastou-se um pouco do objeto, pois viu Fury tentar pegá-la antes e acabou sendo lançado longe por uma luz forte, evitaria cometer o mesmo erro, talvez só um humano pudesse segurá-la. Mas sentiu uma presença maligna, e percebeu que seus lobos também pressentiram.

O vento trouxe folhas aos longes que passaram por Jordan e formaram redemoinhos quando passaram pelos outros lobisomens. As folhas voaram até o topo da igreja, e uma figura apareceu flutuando, encobrendo parte da Lua. A figura mergulhou voando na direção do alfa, sua mão encheu-se de um brilho, depois transformou-se numa bola de fogo flamejante, Elizabeth a lançou e quase acertou Jordan.

— Pegue a espada agora, seu idiota! — a bruxa gritou para o caçador, brava por ele estar perdendo tempo.

Os lobisomens tentaram pegá-la, mas ela desviava voando levemente para os lados. Tentou acertar João, mas Fury o segurou e tirou-o da área de combate. Charlotte e Paul, novamente, tentaram de todas as formas pegar a bruxa, mas ela era rápida no ar. Elizabeth lançou uma bola de fogo no chão, a centímetros da espada, de tal modo que o objeto saiu rodando até o alcance de Charles.

Charles a pegou e sentiu a força penetrar no seu corpo novamente, com um salto, conseguiu cair nos pequenos degraus na frente da igreja. Entrou correndo para o interior do lugar até chegar ao ápice, perto de uma cruz na parede, soube pela a espada estar brilhando muito, onde devia cravá-la.

Enfiou a espada com toda força no chão, onde provavelmente era o centro da igreja, a alma de todo aqueles pedaços de terras, onde tudo começou para aquela população, o local estava encharcado pela magia e fé dos servos de Deus.

Sentiu o chão em baixo dos seus pés tremerem um pouco, uma rachadura se iniciou e em segundos começara a ir para o lado de fora. Uma barreira negra começou a tomar forma, o mantendo do lado de dentro, olhou para cima e viu um pedaço do teto da igreja caindo em sua direção, mas quando o concreto cruzou com a luz negra, desintegrou-se.

Do lado de fora, João e Fury tentavam correr, mas caem quando sentem o chão levantar com enormes pedaços rachados e são jogadas na parede de uma casa. O destino dos outros foi semelhante, todos eram lançados na parede, a não ser por Jordan, que caiu numa carroça.

A igreja desmoronou em pedaços causando um enorme estrondo. As pessoas do lado de fora do vilarejo, junto de Ezequiel, observavam todo caos, quase choraram ao verem seu templo sendo destruído. Uma luz negra sobrevoava o lugar até os portões de entrada e saída do vilarejo, parecia uma enorme bola de magia obscura cobrindo as terras, impedindo que alguém entrasse ou saísse. Parecia uma prisão enorme, ali dentro poderia acontecer qualquer tipo de situação.

Charles ainda segurava a espada, e via seus inimigos caídos no chão, derrotados, e poucas pessoas que não saíram também estavam no mesmo estado. Tentou sair, mas a bruxa calmamente pousou ao seu lado e colocou sua mão no ombro dele, o impedindo.

— Fique parado, e observe o grande e sangrento espetáculo. — Elizabeth sorri, o plano de trazer seu falecido amor estava chegando perto de ser concretizado.

Eles sentiriam um pouco do seu poder agora.

...

Ao longe Jordan pôde ver a espada brilhar tão forte, que no primeiro piscar explodira em chamas que consumiram o caçador rapidamente, a bruxa escapava voando e por muito pouco o fogo não a alcançou.

Finalmente acabou, Charles devia ter feito algum movimento errado com sua espada.

Jordan se aproximou de João que estava caído, bem ao lado de Fury, ambos desacordados. Ele o cutucou de leve até o garoto conseguir acordar. Quando viu de cima a baixo que João estava bem, o abraçou forte, aliviado por este estar bem. João

repentinamente empurrou Jordan, com raiva por ele estar o abraçando tão intimamente.

Percebeu que Fuy também acordara, os dois então levantaram do chão e selaram os lábios um no outro, tão de repente e de forma calorosa.

Jordan ficou em choque com a cena avassaladora.

— Tudo bem, meu amor? — Fury perguntou.

— Está tudo ótimo, parece que finalmente vencemos — João voltou a beijá-lo intensamente.

Jordan não soube o que estava acontecendo, a ficha ainda não havia caído.

— O que... está acontecendo aqui? — gaguejou um bocado, sentindo uma enorme dor no coração.

João o olha com desprezo e aquilo destruiu Jordan por inteiro, era como se uma arma tivesse o atingido por inteiro, e por coincidência a mesma espada que estava com Charles antes, surgira misteriosamente na mão de João e ele a enfiou no pescoço de Jordan, fazendo o alfa cair no chão engasgado com próprio sangue.

...

Margaret conseguiu se mexer, então arrastou de novo Castiel para dentro de uma casa. Tinha de achar um jeito de sair da vila, ou seria a próxima a morrer. Com um pequeno esforço conseguiu colocar seu noivo em cima de uma cama, pousou a mão em seu lindo rosto, finalmente achara alguém que lhe pudesse dar uma família, negava-se a deixá-lo morrer nesse lugar.

— Meu amor...

Ela pensou em dizer essas palavras, por isso surpreendeu-se ao ouvi-las da boca de Castiel. Via os olhos do companheiro se abrir lentamente, ele gemeu um pouco antes de ficar sentado. Parecia ter finalmente se recuperado, sua aparência estava em muita ótima forma, logo levantou e ficou de pé, encarando Margaret.

— Você está vivo! — Margaret o abraçou, e ficou feliz pelo mesmo retribuir o aperto.

— O que aconteceu quando estive dormindo? — sua voz pareceu um pouco sonolenta.

— Minhas palavras parecerão mentiras, mas juro que não são. Falarei apenas a verdade — Margaret respirou fundo antes de continuar e então disse: — Aquele seu amigo, Charles, enlouqueceu, pegou uma espada que lhe concedeu poderes e enfrentou os lobisomens, foi impossível para mim, enquanto estive presa, ver toda a luta e saber o resultado, minha atenção estava voltada única e exclusivamente a você.

Ela abraçou o próprio corpo, sentindo algo estranho, algo maligno. A guerra, o desastre do lado de fora estava lhe fazendo muito mal, pensou no óbvio, o problema é

e sempre foi aquele lugar, tinham de aproveitar para fugirem agora, enquanto os lobisomens e o caçador estavam distraídos.

Margaret afastou a cabeça de Castiel para encará-lo nos olhos, ele colocou as duas mãos bem abaixo das bochechas da garota, e sorriu. Margaret sentiu uma vibração boa passar pelo corpo, adorava aquele sorriso e decidiu retribuir com um mais largo ainda.

CRACK!

Margaret cai morta no chão, com o pescoço quebrado.

Pobre garota.

...

João acordou e vê a rua deserta, a não ser por Fury desacordado ao seu lado. Estava tudo muito estranho, jurou que vira a igreja destruída, mas ela estava logo ali na sua frente, inteiramente intacta. Virou a cabeça para o lado e deu um tapa no rosto de Fury, fazendo-o acordar assustado, este, da mesma forma ficara confuso ao ver a área vazia.

— O que aconteceu?

— Também gostaria de saber — a primeira pessoa em que procurou era Jordan, mas não o viu na rua em que estavam. — Vem, temos de achar os outros.

Caminharam por longos minutos e tudo que viam eram suas próprias sombras, e tudo que ouviam eram seus passos cada vez que seus pés tocavam o chão. João tinha certeza de estar indo pelo caminho que levava até a saída do vilarejo, mas tinha a impressão que dava voltas, pois o fim nunca chegava.

Sentia o suor na sua testa se intensificando, não havia caçador, nem bruxa, muito menos os próprios lobisomens, ninguém. Sabia que algo de ruim ia acontecer, as ruas, casas e o próprio ar adquiriam um tom avermelhado forte, o clima aterrorizador só aumentava a cada instante.

— Parece que eles não estão em lugar nenhum — Fury virava a cabeça em todas as direções, olhando em cada mínimo canto no seu campo de visão enquanto andava.

— Vamos continuar...olhe! — João apontou para duas figuras.

Eram Charlotte e Paul, ele se apoiava nela, o corpo de ambos tinham pequenos cortes espalhados, deviam ter se machucado na hora da explosão, pelo menos dois já acharam, faltava mais dois lobisomens e muitas pessoas. João revistou por onde eles vieram e infelizmente não encontrou vestígios de mais ninguém.

— Precisamos achar Jordan, e rápido. O caçador e a bruxa podem aparecer a qualquer momento — João cruzou os braços.

— Dá última vez que eu o vi, ele estava próximo a igreja — Charlotte informa, ficou ereta e soltou Paul que já começara a se recuperar.

— Eu e Fury acabamos de voltar de lá, e não vimos nem ouvimos nada — soou triste, ansioso. Estava imaginando como Jordan estava, esperava que muito bem.

O coração sangrava só de pensar um pouquinho no pior.

— Estamos perdendo o precioso tempo parados aqui. Andemos! — Fury saiu caminhando na frente, a passos fortes. Era nítido o estado de fúria do homem em presenciar a derrota da alcateia por um caçador arrogante e uma bruxa maluca.

Andaram um pouco até notarem que Paul não estava os acompanhando, este olhou para alto, mirando a enorme Lua cheia vermelha, parecia ter sido preenchida com sangue. Sentiu os pés tremerem e seu corpo emitir uma vibração.

— O que foi? — João perguntou.

Fury e Charlotte também olham para a Lua de sangue e ficaram paralisados, como Paul. João sentiu uma sensação de ameaça, mas no local havia apenas a alcateia em que confiava, os olhos dos companheiros lobisomens mudaram de cor, João nem se importava de ver eles nus quando voltavam a forma humana, o problema era que os mesmos agora gemiam e se contorciam, como tentando impedir a transformação e não conseguindo.

Pelos brotaram nos rostos deles até o final dos dedos dos pés onde as unhas aumentaram e ficaram afiadas. Os dentes estavam mais afiados que antes, e a vontade de comer era enorme, tanto que ao olharem João, babaram e passaram a língua nos lábios, o garoto parecia ser muito suculento.

— O...que...estão...fazendo? — perguntou com as mãos no ar, enquanto caminhava para trás a passos lentos. — Pessoal, conseguem me entender?

Os lobisomens não entendiam uma só palavra, viam apenas medo na cara do garoto, estavam ansiosos para perfurarem aquela carne fresca com seus dentes mortais. Ficaram um pouco tristes em notar que aparentemente a presa não fugiria, queriam uma caçada épica, e para eles, seria fácil demais.

João viu Fury na frente, chegando mais perto com uma cara de predador pronto para matar, Paul entrou na frente dele e o desentendimento começou, Fury arranhou as costas dele e quase levou uma mordida em resposta, mas que por sorte foi evitada devido a sua velocidade. João viu sua chance de tentar escapar se não fosse por Charlotte ter pulando bem em sua frente, o garoto piscou e as garras dela desciam em direção a sua jugular, só que Paul foi arremessado e caiu em cima dela.

Fury chegou mais perto do garoto, já babando. Sentia muita fome, tinha de matar, tinha de se alimentar. Charlotte e Paul pularam em cima dele, e João não conseguia mais identificar quem era quem, embrenhados no chão sujo, grunhiam de raiva ao atacar e gemidos de dor ao serem atacados, sangue espirrava para todo lado, e com aquela luz vermelha brilhante, o cenário parecia se tornar um banho de sangue.

— Por favor, alguém me ajude!

João ficou chocado, e as orelhas dos lobisomens levantaram e eles pararam para prestar atenção. Farejando o ar com os focinhos, perceberam alguém vindo da direção

da igreja.

Castiel.

— Por favor me ajudem. Acordei no chão, entrei numa casa e encontrei Margaret morta! — ele falou alto, fazendo questão que os lobisomens o vissem. Aproveitaria os acordos de paz do pacto dessa vez, sabia que mesmo depois de tudo o que fizeste, ficaria com vida. Agora só o que queria era sair dali.

Os lobisomens nem pensaram duas vezes e avançaram para o garoto, não se sabe quem foi, mas as primeiras garras que entraram em contato com o garoto rasgaram sua barriga, as tripas pularam para fora, encharcadas de sangue. Castiel gritou de dor e logo o som foi morrendo assim como ele próprio. As feras avançaram juntas para ele, cada uma arrancando um pedaço e devorando rapidamente para garantir a próxima fatia, suas bocas ficaram sujas de pele e de líquido vermelho do pobre jovem já sem vida.

João sem parecer insensível, todavia presando por sua própria vida, saiu andando para não chamar a atenção. Sabia que eles sentiam seu cheiro ficando distante, só duvidava muito que eles parassem o pequeno lanchinho deles. Conseguiu entrar num beco estreito e andando mais um pouco ficou atrás de uma casa, escorregando suas costas na parede até sentar no chão.

O que estava acontecendo? Acaba de ver Castiel morrer bem na sua frente de uma forma violenta, e pior, os lobisomens quebraram o pacto, assim como Desmond fizera com eles. Levantou o olhar abruptamente ao ouvir um ruído.

— João...

O garoto vê Jordan parado próximo da escuridão, e corre para chegar mais perto, ficando nervoso ao ver seu companheiro sendo engolido pela escuridão tão facilmente, sem nenhuma resistência. Já no lugar, tateou no escuro e só sentiu mais e mais da parede firme, em seguida a voz soou no seu ouvido mais uma vez.

— Aqui, estou aqui...

João olhou para Jordan bem na direção onde o resto da alcateia estava se alimentando de Castiel. O garoto correu e conseguiu chegar ao alfa antes que desaparecesse novamente, pegou na mão dele primeiro para ter certeza de que não se tratava de uma alucinação da sua própria mente.

— Ainda bem, você está vivo!

— Estou, agora vamos acabar com isso — Jordan pegou na mão dele, e o guiou para fora do beco.

João tentou resistir.

— Está louco, seus lobos enlouqueceram!

— Tudo bem, eles não irão me machucar — Jordan sorriu, sendo o bastante para convencer João a seguir em frente.

Eles caminharam e João ficou atrás de Jordan por precaução ao avistar os lobisomens de longe. Fury, Charlotte e Paul ainda mastigavam grandes pedaços da carcaça do que um dia já fora uma pessoa, as feras nem notaram duas figuras passando por eles, parecia até que João e Jordan estavam invisíveis.

Pararam em frente à igreja, onde Jordan o virou, parecia até um pedido de noivado onde Jordan se ajoelharia para pedir o garoto em casamento, mas este sabia que tudo não passava de uma ilusão amorosa da sua cabeça. Estavam praticamente no meio de uma luta para sobrevivência, foi aí que percebeu que estava tudo calmo demais.

— Estou tentando entender o motivo de termos parado aqui — João diz tão inocentemente que Jordan teve de rir.

Jordan colocou a mão no ombro de João e então se aproximou, queria sentir mais de perto o sabor dele. João achou estranho que o companheiro tivesse aquele comportamento, logo agora, nessa situação terrível onde Margaret e Castiel morreram, e o resto da alcateia agiam feito animais irracionais.

João sentiu algo tentar penetrar a pele de seu pescoço, viu que Jordan tentou mordê-lo, tentou empurrá-lo para longe, mas pela diferença de força, foi impossível. Mesmo assim desviava a cabeça para vários lados, esquivando-se por pouco das mordidas, o alfa tentou pegar leve, contudo segurou o pescoço de João, o deixando imóvel, depois com uma das mãos com garras enormes, golpeou o peito do garoto do ombro esquerdo até a cintura do lado direito.

O pobre João caiu no chão agonizando de dor, não conseguia se mexer, e nem isso importava para ele. O choque em saber que o próprio cônjuge acabara de atacá-lo era horrível, saber que seu amor o matou, foi o pior golpe de todos. Seus olhos começaram a se fechar lentamente, e não conseguiu controlar as lágrimas ao ver Jordan sorrindo, feliz e satisfeito pelo que tinha feito.

— Já deveria saber que não daríamos certo. Achou mesmo que amava você? Você é humano, um ser inferior para nós... — ele apontou para os da sua alcateia devorando os últimos resquícios de Castiel. — Vocês são apenas comida, assim como um cervo ou porco é alimento para vocês. Essa é a cadeia alimentar natural do mundo, e eu não pretendo negar minha natureza nunca mais.

Espantosamente Jordan desaparecera e os lobisomens depois de terem terminado o lanche, começaram a se atacar, uma batalha violenta e sangrenta, onde era difícil identificar quem era quem. A luta continuou até que todos eles caíram no chão, sendo difícil dizer se estavam mortos ou apenas inconscientes.

...

Jordan, que estava caído no chão por ter levado um golpe de espada bem no pescoço, já estava quase recuperado. Era praticamente impossível matar um lobisomem na Lua cheia. O ferimento cicatrizou e ele abriu os olhos, um pouco desorientado.

Via o tempo vermelho, um pouco quente e sinistro, ficou surpreso ao ver seus lobisomens encharcados de sangue no chão, o caos se instalou naquele vilarejo de uma maneira avassaladora.

Tinha de achar um jeito de resolver a situação e depressa.

Capítulo 30

O DEMÔNIO FANTASMA

— Estou impressionado — diz Charles, ao presenciar a aparente morte de cada um, depois olhou para a espada cravada no chão em que suas mãos seguravam. — Essa é a arma mais poderosa de todas.

A Lua de sangue desaparece e a igreja volta ao seu estado lamentável, totalmente em pedaços.

— Agora vamos trazer uma pessoa de volta, para você enfim conseguir sua imortalidade — disse a bruxa com desdém. Seu amado ficaria com o coração de João e provavelmente mataria Charles. — Feche os olhos e se concentre.

Ela colocou as duas mãos no topo da cabeça dele, projetando a imagem de como se lembrava do antigo dono da espada e seu amor.

— Soube que há vários demônios aí dentro, e a alma do primeiro guerreiro a segurar a espada. Tome muito cuidado, temos de soltar só um.

Charles concentrou-se e a espada brilhou mais do que o normal. Três rajadas brancas de luz saíram da espada como uma explosão, rodeando todo o lugar para então se juntarem numa explosão incandescente, formando um rosto masculino. A cabeça fantasmagórica gritou como se estivesse em agonia e depois o resto do corpo estava aparecendo aos poucos, e quando estava completo, a cor branca mudou para vermelho.

— Rápido, meu amor, aquele corpo caído contém um coração encharcado com o poder de uma deusa, a da Lua — Elizabeth apontou para o corpo de João.

O espectro virou-se e voou na direção do corpo de João com gritos apavorantes, como se ainda estivesse sentindo muita dor, como se ainda estivesse sendo torturado.

— Fique longe dele!

Jordan saltou de um telhado, pousou na frente do corpo de João e suas garras voam na cara do espectro, fazendo a figura fantasmagórica se dispersar pelo ar. Jordan rapidamente, com um braço, segurou o corpo de João e deu um salto. A luz vermelha voltou a se juntar até o espectro ter um corpo de transparente de novo, o fantasma começa a seguir as vítimas no ar e Jordan o golpeou novamente usando as garras, fazendo com que, mais uma vez o espectro se dispersasse.

— NNNÃÃÃOOO — gritou Elizabeth, pois, a luz vermelha estava voltando para a espada, desesperada para manter seu amor naquele mundo, empurrou Charles para a luz vermelha que entrou no seu corpo facilmente, sem nem ao menos dá-lo a chance de gritar.

Elizabeth não sabia que esse plano improvisado poderia dar certo, seu amado ainda precisava de um coração recheado com bastante poder, e o de João era o melhor, já que não conseguiria o de Jordan. O garoto estava encharcado pelos poderes de uma das bruxas mais poderosas que já existiu, foi batizado pela graça da deusa da Lua no ritual do pacto.

Charles flutuava no ar, com pernas e braços abertos, a luz vermelha entrava pela boca dele e assumia cada pedacinho do seu corpo. Ele sentia todas as suas fibras queimando por dentro como se estivesse nas chamas escaldantes do próprio inferno.

Elizabeth ficou chocada por finalmente ter a chance de ver a aparência tão diferente do seu amado, já em posse do corpo de Charles. Ele estava muito diferente, envolta do corpo estava vestido com um tipo de armadura de pele humana, no topo da cabeça era nítido dois chifres médios, suas mãos e pés tinham unhas grandes e pretas, tinha uma cauda enorme e chamativa. As duas asas vermelhas a impressionaram, enchendo seus olhos de medo e surpresa. Ainda parado no ar, encarava Elizabeth com um sorriso maligno.

Ela tentou passar por cima da aparência dele, ainda era seu amado, tinha de ser. Várias possibilidades passaram por sua cabeça, principalmente uma em que ele tinha vendido a alma ao próprio demônio.

— Tantos anos tentando lhe trazer de volta, e finalmente consegui uma forma.

— *Não tem ideia de como foi minha prisão. Obrigado por ter tido todo esse trabalho para me trazer de volta, meu amor!* — sua voz saiu grossa e estridente, algo que fez até os pelos do corpo de Elizabeth arrepiarem.

— O que tem dentro da espada? Você sofreu muito?

— *Você não imagina o quanto, fui torturado por dezenas de demônios, me cortaram, espancaram e estupraram diversas vezes, então para conseguir não enlouquecer, fiz um pacto com Raisogun, o soldado do inferno, o demônio mais forte de lá, o primeiro dono da espada. E me transformei nisso* — ele sorri com o espanto de Elizabeth e depois suspira. — *Como é maravilhoso estar de volta!*

Elizabeth ficou com uma expressão horrorizada por ele ter falado aquilo tão...normalmente, com um leve sorriso no rosto, que devido a sua nova aparência tornava-se muito assustador, nem ela tinha sido capaz de entender muito bem o motivo de seu próprio corpo está tremendo tanto, conhecia aquele homem, não havia motivos para ter medo.

— Depois de muito tempo, enfim reapareceu no mundo atual — Elizabeth abre os braços, parecendo estar apresentando o lugar em ruínas.

— *Atual?*

O demônio passou o olhar pelas redondezas, avistando destruição e lobisomens. Sorriu ao pensar em sua última batalha contra um, adoraria acabar com todos eles, no

total avistara três, que por algum motivo voltavam a forma humana. Olhando mais um pouco, viu o que parecia ser o alfa, comparado aos outros, este era maior e mais musculoso, tinha um garoto em um dos braços. Ao longe, no que parecia ser os portões de entrada e saída, estavam muitas pessoas com semblantes confusos.

— *Discordo de você, isso aqui parece com muitos lugares que já devastei. Os mesmos cidadãos fracos, implorando por suas vidas frágeis.*

— Por favor, eu... — Elizabeth tentou caminhar para ele, mas parou por ter sido surpreendida.

— *Fique onde está, bruxa!*

— Vamos embora, consegui libertá-lo, agora poderemos ficar juntos — ela juntou as duas mãos e seus olhos brilham, implorando para que partissem.

— *MUAHAHAHAHAHA! Como sempre colocando a cabeça para executar planos, e novamente falhando. Nunca amei você, era só o que precisava na época.*

Elizabeth sentiu amargura e raiva, aquele bastardo, homem tolo e miserável. Todos esses anos perdidos em vão, ele a iludiu, o que tiveram não significou nada, apenas prazer carnal para esse demônio imundo.

— Isso não importa. Eu o libertei, o invoquei, deve obediência a mim, demônio patético!

— *Eu não devo nada a ninguém!* — ele aproximou seu rosto para o dela e seus olhos mudaram para preto. — *Principalmente a uma meretriz de muitos anos atrás!*

O demônio olhou novamente para o vilarejo, testaria os novos poderes nesse instante, enquanto esteve na espada sozinho e sofrendo, absorveu muito ódio, que acreditava só ser capaz de liberar esse sentimento destruindo tudo a sua volta. Ainda flutuando, abriu a boca e de lá saiu o que parecia ser uma fumaça vermelha, que lentamente passava pelo ar, deixando a madeira podre a ponto de fazer tudo por perto desabar e morrer, inclusive os escombros de uma casa caíram no corpo sem vida de Margaret, a sepultando. Plantas murchavam no mesmo instante e o chão era rachado, paredes eram derrubadas, um completo caos.

Por sorte, nenhum dos lobisomens estava perto daquele ar mortal.

— Pare de fazer isso, poderíamos controlar e mandar em todos os fracos, nunca pensei que fosse idiota — Elizabeth o encara mortalmente.

— *Seus desejos fracos não interessam a uma criatura onipotente igual a mim. Se cruzar o meu caminho, eu a mato junto com esses lobisomens imundos* — o demônio apontou para ela com sua unha enorme, dando o seu último aviso.

— Eu ainda tenho a espada — ela caminhou e pôs a mão no cabo da espada. Murmurou algum feitiço e a espada parou de brilhar e também não a repeliu como fez a Fury. — Colocarei você de volta dentro deste objeto.

— *Acha que não reconheço um blefe, bruxa? Só uma pessoa com a alma de um guerreiro verdadeiro, que não foi totalmente corrompida me libertou e só um guerreiro de alma verdadeira pode me aprisionar!* — o demônio lançou uma magia de luz negra em Elizabeth, fazendo-a levitar numa prisão invisível. — *Eu tomei o corpo do guerreiro que estava na posse desta espada, ninguém poderá me deter agora.*

— MISERAVEL! ME SOLTE!

— *Muahahahaha!*

O ser demoníaco percebeu que seu corpo estava ficando podre, teria de trocar de casca logo, mas lembrou-se de quase ter se apoderado de um garoto com um interior brilhante, deveria ser uma alma pura, ou, carregada com uma magia muito forte de uma bruxa muito poderosa. Olhou para os lobisomens novamente, o alfa não estava mais com o garoto nos braços, e dos três que viu voltando para as suas formas humanas, agora no lugar só tinham dois.

Jordan viu Ezequiel pousando bem ao seu lado e ficou surpreso, ele estava transformado.

“Não devia ter vindo, onde estão as pessoas?” Jordan rosnou.

“Ordenei que elas ficassem do lado de fora, e esperassem que voltaríamos até lá depois”. Ezequiel olhou para o eminente inimigo e arregalou os olhos. *“Andaram ocupados”*

Charlotte e Paul olhavam para os seus próprios corpos, nus e encharcados de sangue. Mataram uma pessoa por nada, nas suas mentes só pensavam em matar e devorar quem quer que estivesse em suas frentes. Quebraram o pacto e comeram uma pessoa inteira, sentiam-se péssimos pela perda de autocontrole.

“Não temos tempo para lamentações, precisamos derrotar esse demônio agora”. Jordan diz, e apenas Ezequiel conseguiu entender.

Então Paul e Charlotte decidiram se transformar, mesmos traumatizados, e escutar o que o alfa estava falando.

“Tenho quase certeza de que será impossível matá-lo”. — Ezequiel o fitava, um pouco temeroso pela figura de terror o estar encarando de volta.

“Teremos então de mandá-lo de volta para a espada de alguma forma” Jordan diz. *“O problema é que ouvi esse demônio falando sobre apenas um guerreiro de alma pura conseguir aprisioná-lo na espada. Mesmo que Charles estivesse vivo ele não poderia aprisioná-lo, o homem não tem nada de puro, não mais”.*

O demônio voa um pouco mais alto e para, ainda no ar frio, passando a vista por todo o vilarejo, procurando João para tomar posse do corpo do garoto. O lado bom seria a parte de se sentir jovem novamente.

“Somos guerreiros fortes, mas de puros não temos absolutamente nada”. Paul choraminga, as memórias do corpo daquele garoto esfaqueado entrando dentro da

sua boca e descendo até o estômago era horrível, diferente da noite do ataque ao vilarejo em que matava pessoas culpadas e não as comias, dessa vez o garoto era para ter sobrevivido por causa do pacto.

“Droga, então não tem jeito”. Jordan é interrompido.

“Claro que tem. Sei que você é muito protetor, mas João é um verdadeiro guerreiro, e de alma pura”. Ezequiel evitou olhar o alfa, que sabia estar de cara feia.

“NÃO O COLOCAREMOS EM PERIGO, ELE QUASE MORREU”

“Pense bem, meu senhor. Mesmo depois das pessoas desse vilarejo quase o matarem, de o acusarem injustamente, ele ainda sim fez de tudo para salvá-los, pois sabia que ainda se tratava de seu próprio povo. Se alguém pode aprisionar aquele demônio, é o seu garoto”. Ezequiel falou muito mais sério desde a última vez que lembrara.

“E se estiver errado ele pode acabar morrendo, e dessa vez não terá volta”

“Acha mesmo que estou errado?”

Jordan pensou por alguns instantes, Ezequiel usara bons argumentos, mas arriscar a segurança de João novamente era muito difícil. Enlouquecia só de pensar no fato de que o garoto poderia se machucar feio, no entanto, o mesmo era forte, e poderia realmente acabar com esse mau.

“Tem alguma ideia?”. Jordan foi convencido.

“Fury provavelmente está transformado e ouviu o que decidimos e ouvira o resto. Vamos distrair o demônio, pegar a espada e entregar a João. O garoto terá de dar um jeito de ativar a espada”

“Fury tentou pegá-la e foi arremessado para longe”. Diz Charlotte.

“Agora podemos pegá-la, eu acho. A bruxa fez algum feitiço e conseguiu segurá-la facilmente, ao menos por enquanto”. Jordan deu uma informação importante que poderia ajudar muito.

Hora de deter mais um inimigo.

...

João se encontrava debaixo do telhado de uma casa destruída, ao lado de um Fury transformado e, pelo que parecia, no controle de seus atos. Até o momento não soube o motivo de estar vivo, os cortes ainda estavam lá. João sentia um leve tremor nos ferimentos como se estivessem fechando, o que era estranho por não ser um lobisomem, deveria estar morto e não ficando melhor.

Fury parecia deixar sua saliva cair nas feridas, o que parecia muito nojento e estranho.

Ainda se lembrava de como a ilusão de Jordan lhe enganou tão facilmente, estava ressentido com o verdadeiro, mesmo este não fazendo nada contra a sua vida. O fato é

que era tão vulnerável a ele que caso Jordan decidisse matá-lo, nada poderia ser feito para impedir. O vento ficava muito mais frio a cada segundo desperdiçado que ficava ali pensando enquanto poderia estar ajudando os outros.

A verdade era que parecia impossível um garoto humano e comum ter alguma chance de ajudar numa batalha contra um demônio assustador e impiedoso. Queria tanto ser forte igual a Jordan, ter algum tipo de poder mágico para poder dar um fim nessa luta e prevenir que mais pessoas morressem.

O corpo todo de Fury tremeu e ele voltou à forma humana, João rapidamente fitou o rosto dele. O mais velho estava suado e tinha algo a dizer, mas ficou um pouco receoso em começar a colocar as palavras para fora, seu trabalho era proteger João, o que estava prestes a dizer poderia fazer o garoto ter uma empolgação desnecessária.

— Precisamos de você, todas essas pessoas dependem disso — Fury engoliu em seco.

— Eu queria muito ajudar, mas faltam-me poderes mágicos.

— Queremos que pegue aquela espada e enfrente o demônio.

João arregala os olhos e ri, nunca acreditara que um dia Fury pudesse fazer piadas numa situação dessas, deveriam estar bem longe e não falando bobagens. Franziu o cenho ao ver que o lobisomem falara sério.

— Você e os outros ficaram loucos? Sou um simples humano, não posso ajudar na luta contra ele — João disse quase engasgando com as palavras, queria poder ajudar, infelizmente sua realidade era decepcionante.

Fury segurou os dois ombros do garoto enquanto soltou as palavras:

— Me escute, você quis salvar a vida desses miseráveis mesmo quando não mereciam, mesmo quando lhe acusaram injustamente e quase o mataram. Conseguiu sobreviver muito tempo na floresta e no primeiro encontro da bruxa conseguiu derrotá-la sozinho — Fury falou como um homem desesperado.

A ilusão que o fez matar Castiel ainda remoía na sua mente.

— Me solta! A espada está longe daqui.

— Não se preocupe, já estamos providenciando o resto. Só fique atento e preparado.

João teve um sentimento estranho, mais como uma leve impressão de que a situação não iria ficar bem. Rezava para que nenhum desses lobos burros se ferissem ou pior, morressem.

...

Jordan mandou que formassem uma dupla, em que um estivesse na forma humana. Ezequiel voltou a forma humana nu e correu para dentro de uma casa e conseguiu vestes limpas, sua dupla, Charlotte ficaria transfigurada em lobisomem. Ezequiel

lançou um par de vestes a Paul, este agora na forma humana, vestiu a camisa e a calça, que couberam até que bem em seu corpo musculoso.

Ezequiel e Charlotte andaram um pouco para perto do monstro.

—Você que é o tão temível amor da bruxa? Já enfrentei inimigos piores! — Ezequiel falou num tom de piada, atraindo a atenção do demônio.

— *Seu estrume de lobisomem, irá morrer pelo atrevimento!*

Assim como Elizabeth, ele podia atirar bolas de fogo, mas diferente dela, essas bolas eram vermelhas e maiores, as chamas do inferno. Ele lançou a primeira numa velocidade impressionante. Ezequiel conseguiu desviar graças a Charlotte, ela o pegou e o levou até o telhado. A bola de fogo atravessou uma casa e quase acertara Fury e João. A casa fora desintegrada em questão de segundos, e com os lobisomens tendo essa visão, perceberam que não poderiam levar sequer um golpe, ou poderia acabar mortos.

Fury se transformou novamente e decidiu levar João, escondido para o centro da vila e esperar até que a espada chegasse em suas mãos. O jovem era a única esperança que tinham de acabar com aquele ser maquiavélico, e tentar sair daquele vilarejo amaldiçoado.

— Estou aqui, demônio cego! — Ezequiel agarrou-se em Charlotte de novo e os dois ficaram preparados para pular.

O demônio ficara furioso, decidiu então que seu primeiro jantar desde a sua volta seria carne de lobisomens, pois mesmo sendo feras bastante fortes, não passavam de meros animais.

— *O farei engolir essas últimas palavras!* — o demônio voou até eles.

Charlotte saltou ao mesmo tempo que o demônio lançava uma luz vermelha para baixo, ela sentiu seus pés sendo puxados para o chão, sentiu a dor quando o corpo se chocou contra a terra, causando um estrondo. Ezequiel pareceu partilhar da mesma dor já que gemia muito. Charlotte tentou identificar que objeto a tinha prendido, era algo parecido com raízes, saídas da terra, onde na ponta tinham o que pareciam ser dedos finos e moles.

Jordan pegou Paul e os dois pularam para cima de um telhado, a velocidade do alfa foi capaz de fazê-lo escapar das raízes terrestres com dedos. O demônio aproximou-se rapidamente dos dois e atirou uma bola de fogo, que acertara na casa, onde em cima Jordan e Paul já não estavam mais.

Charlotte viu uma oportunidade de pegar a espada, então usando grande força, livrou-se da única raiz que conseguiu pegá-la. Libertada, agarrou Ezequiel e correram para a igreja. A espada estava perto, bem na sua frente, ele ficou meio inquieto ao agachar e colocar o braço próximo da arma, olhou para cima e viu Elizabeth flutuando, tentando de todas as formas sair daquela situação. Ezequiel pegou a espada

e esperou ser jogado longe, mas a teoria de Jordan estava certa, agora faltava apenas levá-la até João.

Jordan junto de Paul conseguiam sempre desviar das bolas de fogo e fugir das raízes bizarras. Conseguiram distrair o inimigo com louvor, o problema era o cansaço tomando conta, precisavam parar por um segundo e recuperar um pouco de fôlego. O demônio parou de tentar matá-los, pois sentiu uma leve vibração, algo estava errado, virou-se para a igreja em ruínas e viu a espada na posse de um homem retardado.

— *A espada é inútil para um lobisomem!* — o demônio voou para pegá-los.

Ezequiel e Charlotte desataram a correr, ela sabia que se tentassem pular as raízes os pegariam, por isso tentava correr na mesma velocidade lenta do humano Ezequiel. Mesmo tendo velocidade, um ser voador poderia pegá-los sem grandes dificuldades.

Paul pulou no chão e decidiu ajudar os companheiros, caiu ao sentir uma das raízes demoníacas agarrando seu pé e o torcendo com força, causando um estalo e gritos agudos de muita dor. Jordan pulou e cortou a raiz, depois pegou seu soldado e o levou para em cima de uma das casas.

— Precisamos...ir..aí... ajudá-los! — ele começou uma rápida massagem no pé, tentando diminuir a dor.

— Pare com isso, sua recuperação é rápida, apenas espere — Jordan diz e encarou o demônio que tentava encurralar seus companheiros.

Ezequiel e Charlotte continuaram correndo até uma casa enorme de madeira, era larga e muito espaçosa, o corredor em que estavam ia reto até alguma outra saída, por isso aceleraram os passos. Mas naquela rota de fuga, por onde pretendiam sair, eles veem pés com unhas enormes e afiadas descendo, depois o corpo do demônio foi se revelando completamente, ele passou a bloquear a passagem.

Os dois lobisomens tiveram de parar, pois se chocariam com o inimigo se não parassem. Ezequiel ficou abismado, olhando aquela criatura mais de perto, teve de confessar a si mesmo que sentiu muito medo, quase ficou sem esperanças, no entanto, sua fé nos companheiros de batalha era forte.

— *Devolvam a espada e pensarei em deixá-los vivos* — diz o demônio, de maneira calma, estendendo uma mão.

— Agradeço a oferta, mas a resposta é não — Ezequiel respondeu, então se afastou quando Charlotte avançou alguns passos.

O demônio avançou e Charlotte também, os dois chocaram-se no ar e caíram embrenhados no chão. Ela conseguiu enfiar suas presas enormes e afiadas na jugular daquele monstro, conseguindo sentir uma espécie de líquido espesso na sua boca, movendo os olhos conseguiu ver que se tratava de uma gosma preta. Assustada, removeu sua boca do ferimento que causou, com muito nojo.

Ezequiel aproveitou a chance, já que estava portando a espada, e tentou cravar a arma no meio do peito do inimigo, mirando o coração. No entanto teve de pular para o lado, desviando de uma bola de fogo lançada.

— *Seus vermes...* — o demônio cuspiu mais do líquido preto da boca. Nem conseguia falar direito, seu sangue o sufocava, mas os segundos que se passaram foram promissores, pois o ferimento no seu peito cicatrizava aos poucos.

Ezequiel e Charlotte pensaram bastante em tentar mais um ataque e dessa vez em conjunto, mas poderiam aproveitar essa chance e fugir. As probabilidades de escaparem eram muito escassas, todavia, tinham de tentar.

Vendo o demônio ali caído, o instinto de cada um implorava para que acabassem com ele. Só que esperaram por segundos demais, o que foi tempo suficiente para o demônio se erguer, a sorte dos lobisomens foi que o inimigo ainda precisava de tempo para voltar a voar.

— Vamos embora daqui, agora! — Ezequiel gritou, apavorado. Os dois pegaram impulso e começaram a correr rapidamente, para bem longe dali.

Um vento forte bateu em seus corpos suados e sujos, voando para dentro da casa que acabaram de sair, olharam para trás e viram o demônio voado rápido demais até eles, sem tempo para pensar, correram para a saída da vila, onde o cheiro de João estava mais forte.

— *Estrumeeeeeeesssss!*

O demônio estava bem ao encalço deles, numa perseguição perigosa e excitante, tinha de admitir que eram fortes por ganharem tempo, todavia, a diversão deveria acabar agora. Charlotte passou por Ezequiel e sentiu o cheiro do parceiro se afastando, olhando para trás vira o demônio prendendo ele no ar pelos cabelos, a dor era muito ardente.

— *Desista e poderei ser misericordioso na sua morte!* — ele disse, prestes a tomar a espada.

A sua mão mudou o alvo da espada e segurou no pescoço de Charlotte, quando esta decidiu pular e avançar nele, um ataque sem sucesso, muito falho e óbvio, o desespero fazia qualquer um dos seres mais inteligentes cometerem os erros mais parvos possíveis. Ezequiel passou a espada nos seus cabelos, cortando os fios que lhe deixavam presos, virou-se e golpeou o demônio bem no peito, o fazendo largar Charlotte, e arregalar os olhos com o objeto quase dentro de sua face.

— *MALDITOS SERES, MATAREI VOCÊS E IREI COMER OS CÁDAVERES!!!* — o demônio segurou o pescoço de Ezequiel, mas por pouco tempo.

Charlotte puxou a espada, abrindo um ferimento feio no rosto do demônio que o fizera sangrar muito, este tentou colocar as mãos numa tentativa inútil de diminuir o sangue de cor preta gosmento.

Ezequiel pegou a espada e os dois voltaram a correr, acabariam com todo o seu fôlego para conseguir chegar até a maldita saída do vilarejo.

O demônio colocou as mãos em cada lado da cabeça, uma luz branca surgiu no topo e mergulhou por todo o seu corpo vermelho, curando todos os seus ferimentos, com exceção do temperamento, que agora, estava explosivo.

— *Argh... raízes!* — o demônio apontou para o chão, e a luz vermelha que transformava qualquer coisa viva em demoníaca entrou na terra, ergueu-se então várias raízes surgiram por todas as partes. — *Peguem a maldita espada!*

Estavam perto, muito perto. Ezequiel sentiu algo tentando pegar seus pés, então rapidamente decidiu jogar a espada.

— Charlotte!!!

Ele jogou a espada e ficou preso no chão, as raízes prendendo todo o seu corpo.

Charlotte pegou a arma sem parar de correr, já conseguia avistar Paul em cima de um telhado.

— *PAREM DE RESISITIR!*

O demônio lançou uma bola de fogo enorme que se dividiu em pequenas bolinhas de fogo, mais velozes, prontas para queimarem. A fêmea lobisomem sentiu suas pernas arderem muito, estavam em chamas, caiu, mas não antes de conseguir lançar a espada.

Ela rosnou para Paul.

Paul tentou correr, no entanto foi acertado pelas pequenas bolas de fogo flamejante, o fazendo cair de cima do teto, mas antes, conseguiu lançar a espada para o ar, onde Jordan deu um salto e a pegou num movimento impressionante. Este conseguiu avistar Fury, e logo atrás dele João, mas seu único erro foi ter voltado ao chão, pois uma raiz enorme o agarrou pela cintura, o deixando preso no ar.

Jordan rosnou para Fury. Ele lançou a espada para o último lobisomem ainda de pé, o problema foi que as raízes quase impediram completamente seus movimentos, a força do lançamento foi fraca demais, a espada caiu e se arrastou pelo chão.

Por sorte, Fury alcançou o objeto depressa e correu até João, estava vestido, conseguiu um pequeno tempo para isso.

— Aqui, João, pegue! — ele entrega a espada para o garoto.

Todos de fora do vilarejo viam aquela cena temerosos pelo que estava por vir.

— O que eu faço agora? — João o indagou, para ele, segurava apenas uma espada normal.

— Tente se concentrar e imaginar que quer aprisionar aquele demônio, essa é a espada dos demônios, possui um portal direto para o seu inferno. Abra-o e mande o desgraçado de volta.

O demônio viu aquela cena com grande desdém.

— *Muahahaha! Essa espada não tem serventia para um humano normal!*

— Não, mas tem para um guerreiro de alma pura! — respondeu Fury.

Uma bola de fogo enorme foi lançada, dessa vez permaneceu inteira durante todo o trajeto até João e o lobisomem imundo. A espada começou a brilhar, e prestes a perderem suas vidas, uma luz saiu e tornou-se uma barreira. Quando a bola de fogo a atingiu, simplesmente evaporou.

— *Isso é impossível! Eu o matarei!*

O demônio começou a se aproximar tão velozmente que bolas de fogo saiam de seu corpo e acertavam cada parte do vilarejo. Casas, carroças, animais, tudo era incinerado enquanto ele avançava.

— O tempo acabou João, aprisione ele agora! — Fury implorou.

João fechou os olhos e imaginou o demônio sendo aprisionado na espada. Abriu os olhos e ela continuou normal. Então fechou os olhos novamente e imaginou o fim de tudo, a paz que tanto queria, a felicidade que desejava, no castelo de Jordan, e para isso só precisava aprisionar... O MALDITO DAQUELE DEMÔNIO!

O jovem abriu os olhos e o demônio já estava em cima deles, com as mãos na espada. Mas um detalhe lhe chamou a atenção, a espada brilhava e o demônio começou a gritar de agonia, de repente foi lançando para longe numa explosão de energia. A espada brilhava e tremia tanto que João a soltou no chão, misteriosamente ela começou a se arrastar em direção ao demônio, os poderes que usou eram desfeitos assim que a espada passava, libertando Jordan e Ezequiel, fazendo desaparecer as chamas que queimava nos corpos de Charlotte e Paul.

O demônio em sua primeira derrota desde que foi libertado, retomou seu voo e começou a fugir da espada, a arma o pegou quando ele estava perto da igreja, próximo a Elizabeth. Uma luz brilhosa emergiu da ponta e agarrou os pés do demônio, o puxando lentamente em seguida para dentro da arma, o absorvendo.

— *AAAAAAA ISSO NÃO PODE ACONTECER NOVAMENTE!*

O feitiço que prendia Elizabeth, assim como os outros, desapareceu. Ela caiu perto do seu antigo amor, que já fora engolido até abaixo da cintura. Elizabeth tentou rastejar para longe, mas o demônio agarrou seu tornozelo.

— Não! Me solte, seu miserável!

— *ME NEGO A VOLTAR SOZINHO!*

O demônio era sugado e junto arrastava Elizabeth, ela gritou até ficar rouca, pedindo por ajuda, era diferente do que morrer, caso fosse aprisionada naquele inferno, não poderia mais voltar. Ela gritou até sua voz sumir, pois, foi quando finalmente fora engolida completamente, encerrando a batalha, a espada aumentou o brilho e depois se apagou, voltando ao estado normal.

João foi o primeiro a chegar na espada, os outros, transformados na forma humana e na forma lupina o olharam, o garoto ficou parado olhando a arma perigosa. Ele agachou-se para pegá-la, sentiu-se um verdadeiro guerreiro com aquela arma em mãos, não precisava mais ser salvo por ninguém, nem fugir, usaria aquela espada para manter sua própria segurança.

Foi estranho por um momento, sentir que tudo estava acabado realmente.

O garoto sentiu um braço envolver sua cintura, era Jordan, já na forma humana e como veio a nascer, nu.

— Vencemos, agora finalmente poderemos cumprir o maldito pacto.

— Mas Castiel está morto, e muito provavelmente Margaret teve o mesmo destino — João o olhou muito entristecido. — Não acha que as pessoas irão montar uma rebelião?

Jordan riu, fraco, ainda sentia muita dor no corpo devido as raízes mortais.

— Isso não irá acontecer, veja!

Jordan apontou para as pessoas que agora voltavam ao vilarejo, aliviadas, felizes por aquele pesadelo ter acabado. Viu Fury sorrir em ver um dos garotos que estava deitado com ele na hora em que João os chamou, Paul puxava Charlotte, que estava nua, para uma casa com intuito de arrumar vestes para ela.

— Ande! — João pegou a mão de Jordan e o puxou para dentro de uma moradia. — Ainda está nu, precisa de roupas!

Jordan abriu um leve sorriso.

— Desgosta de minha nudez?

— É claro que não. Mas detesto que outras pessoas te vejam assim. Tome vista isso.

João dera roupas curtas, mas que couberam em Jordan, nem sabia qual casa haviam invadido. Voltaram a sair e viram a população voltando a entrar nas casas, cansados, exaustos de mais uma vez, quase terem morrido. Queriam apenas uma noite tranquila de sono.

— Parece que iremos embora somente amanhã — Jordan disse, o homem começou a puxar o parceiro para a casa dele. — Descansem, iremos embora amanhã, e espero que mais nada tente nos matar, ou irei ficar extremante bravo!

Jordan soube que aqueles pedaços de terras eram amaldiçoados, pois era impossível tanta desgraça acontecer em um lugar num curto espaço de tempo.

Caso conseguissem mesmo sair dali seria mais uma vitória a se comemorar. Agora descansaria nos braços de seu garoto quente, ele foi o verdadeiro salvador de tudo.

Epílogo

PARTIDA

Os raios do Sol da manhã invadiam a janela do quarto onde Fury e Tomas estavam embrenhados, se amando debaixo do lençol da mesma cama de antes, era o seu jeito de confortar o pequeno garoto da perda do irmão. Soube quando se encontraram pouco tempo depois de conseguirem derrotar o demônio, o irmão havia morrido dentro de uma casa que Charles queimou junto de uma mulher e uma criança, de alguma forma, o fogo se alastrou até o irmão de Tomas antes que pudesse fugir e o matou.

Fury apenas sentia um incômodo pela perda, tinha passado uma noite com ele apenas. O suficiente para saber que era uma boa pessoa, mesmo assustado, tentou defender o vilarejo, não merecia morrer de uma forma cruel. Agora só lhe restava proteger Tomas, e ajudá-lo a superar o luto.

Tomas queria apenas esquecer o Irmão por uma noite, o suficiente para que conseguisse ter forças para dormir, adorava Fury tentando ajudá-lo de todos os jeitos, principalmente da forma mais calorosa. Dor misturada ao prazer era o que sentia enquanto o lobisomem grande e forte se remexia dentro do seu corpo, o esquentando daquele frio quase infernal, o amando, o desejando. Nunca sentiu esses sentimentos antes por alguém, ainda mais por um homem, as pessoas o condenariam, caso o homem por quem se apaixonara não fosse um dos salvadores de todos.

Seus amados pais haviam morrido no ataque a aldeia, o que era meio estranho, pois poderia estar dormindo com o assassino deles agora, mas nunca saberia, mesmo tomando coragem necessária para perguntar, Fury não soube quem eles foram, e nem lembraria de tê-los matado ou não. E ontem o irmão pereceu, restando apenas Tomas como último membro da família, que agora desfrutava dos prazeres inimagináveis que só um amante lobisomem poderia proporcionar.

Amores desse tipo são crus, fortes e viscerais. O prazer era forte, muito viciante, tanto que apenas a presença de Fury penetrava os poros, molhando a pele de Tomas com seus fluidos, o jogando num mundo selvagem, como se estivesse numa mata e eles fossem dois animais irracionais querendo satisfação carnal.

Fury adorava estar dentro do garoto, se fosse por ele não sairia nunca mais, caso possível, permaneceria todos os dias de sua vida ali. Sentiu o corpo parar e reiniciar, logo derramou-se dentro do jovem, Fury revirou os olhos, e passou a língua no pescoço do parceiro com vários gemidos fortes.

O lobisomem pensou que, se depois de já estiverem em sua cidade, o garoto ainda continuaria a desejá-lo, a querer sua companhia, estar em seus braços toda noite,

acordar toda a manhã com os corpos pingando suor de tanto amor revigorante que fizeram. Esperava mesmo conseguir aproveitar a companhia dele por mais tempo.

— Isso foi ótimo, muito gostoso — sussurrou Tomas, um pouco vermelho, tanto atrás do corpo, quanto nas bochechas.

Fury sorriu e o prensou no seu peito, começou a dar vários e pequenos beijinhos nele, aquela pele era maravilhosa, e o gosto, melhor ainda. Sabia que logo teriam de vestir roupas para poder partirem, mas ainda queria ficar um pouco mais para desfrutar daquele corpo novamente, não fora completamente satisfeito, necessitava de mais.

Sentir o corpo do garoto retrair era melhor do que pensava, agora entendia um pouco do amor que Jordan sentia por João, era viciante, precisava ficar perto dele, doía só de pensar em ficar longe por muito tempo. Para sua raiva, o que era bom sempre durava pouco, tinha de partir dele o ato de pararem o que estavam fazendo, tinham de ir embora do vilarejo, antes que algo mais acontecesse.

— Vamos, temos de ir — Fury ficou de pé, revelando aquela bunda grande.

— Por favor, podemos ir mais tarde? — choramingou Tomas, cobrindo o rosto com o lençol.

— Sabe que temos de ir agora. Não demore, se me desobedecer, terei de lhe punir!

Tomas removeu o lençol do rosto e o encarou.

— Me punir? Agora que irei ficar mesmo, gosto muito de ser punido.

— Prometo que se vier agora, irei te punir todos os dias na nossa casa — Fury estendeu a mão, sério, sem segundas intenções.

— Pacto feito — Tomas segurou a mão dele e levantou, aproximou-se e então o beijou.

Ambos tinham os corpos nus clareados, ele moreno e Tomas um pouco pardo. Esculturas belas de ambas as figuras masculinas, uma bonita obra de arte que deveria ser gravada para ser lembrada por várias épocas. Os dois demoraram mais um pouco, pois não conseguiam parar de se beijar ofegantemente, quando conseguiram, Fury percebeu que já perderam muito tempo.

— Vista-se, agora!

...

Paul e Charlotte já se vestiam, ainda tentavam recuperar as forças da batalha de algumas horas atrás, usaram muito esforço físico, ainda estavam cansados, esgotados. Ela sentou na cama e olhou para Paul, enquanto ele terminava de vestir os trajés.

— Está tudo bem? — ela perguntou ao notar os ombros tensos do rapaz.

— Poderia não parecer no começo da luta, mas pensei que fôssemos ter nosso fim na batalha contra o demônio — Paul afirmou, ele se ajoelhou para ficar entre as pernas

de Charlotte, e a beijou no rosto.

— Estamos bem agora, somos fortes, toda a alcateia é quase imbatível. E neste momento, nossas preocupações são apenas em saber como iremos sobreviver numa viagem tão longa num frio tão devastador.

Paul pareceu pensar por um tempo.

— Pode ter razão, será uma viagem difícil para nós e infernal para os humanos — Paul levantou e estendeu a mão, e fez Charlotte ficar de pé.

Os dois estavam juntos desde que eram adolescentes, foram prometidos um ao outro pelas suas famílias, ela aceitou muito bem o companheiro, já ele relutou até hoje em acreditar que seu amor pela sua companheira seja real. Era incapaz de acreditar que duas pessoas forçadas a ficarem juntas podiam ter amor um pelo outro, mas ali estava Paul, sentindo algo forte por Charlotte, talvez quando chegassem em casa, pudessem casar e ter vários lobinhos.

Charlotte lembrou-se que, no passado, ficava assustada por correr na floresta perto de sua casa, lembrou que parou quando viu um monstro e quase morrera se não fosse por alguns soldados, que por sorte, estavam por perto. Mas agora ela podia se defender, e lutar por aqueles que ama usando suas próprias garras, sem depender de ninguém.

— Obrigado — Paul disse tão de repente que ela teve de olhar para ele. — Por ter feito de mim o homem mais sortudo de todos os reinos apenas pela possibilidade de ser companheiro de uma das mulheres mais fortes que conheci.

— Bom... — ela lutou para encontrar um jeito certo de dizer. — Não sei se sou boa o suficiente para você, merecer estar ao seu lado. Fomos forçados a ficar juntos e apenas por sorte eu me apaixonei por você.

Paul tocou no seu rosto.

— Tenha certeza que esse sentimento por você é recíproco — murmurou ele.

Ele a beijou abruptamente, o gosto era úmido, bom. Paul explorava cada canto de sua boca, explorando-a sem qualquer pressa. Uma onda de prazer percorreu o corpo feminino, tanto que Charlotte gemeu ofegante, com seus dedos prendendo-se na cintura de Paul. Caso houvesse dúvidas de seu amor por aquele lobisomem, agora não tinha mais, pelo menos da sua parte tinha certeza.

Paul parou o beijo, deixando-a atordoada e feliz.

— Iremos se casar apenas quando você estiver pronta.

— Tem certeza? Talvez você queira casar agora, poderemos fazer o ritual quando chegarmos em casa e...

— Absolutamente não, casaremos apenas quando você quiser — Paul foi tão firme nas palavras que ela acreditou.

Paul começa a puxá-la para o lado de fora, talvez Jordan já os estivesse esperando. As pessoas com certeza já haviam preparado tudo de que precisariam para levar, nem eram mais tantas assim, agora só restava umas duzentas no máximo, isso caso não tenham morrido mais desde a batalha contra o demônio, e se acontecesse não duvidariam, o vilarejo tinha um histórico de tragédias enormes, mesmo que uma delas tenham sido causadas pelos próprios lobisomens.

— Essas pessoas tiveram muita sorte que João ainda, depois de tudo, gosta delas aponto de convencer Jordan a ajudar todos — diz Paul. — Por mim mataríamos todos, o que fizeram ao nosso rei foi pura maldade, mesmo que o miserável merecesse.

— Temos que ver por outro lado, não foram os culpados, aposto que nem eles sabiam do ocorrido. Ficaram bem surpresos quando atacamos.

— É... Você pode estar certa.

Sentiram o vento um pouco gelado, que para os lobisomens ainda era fresco. Adoraram ver ao redor as pessoas carregando vestes, barris de água, comidas, e colocando tudo em carroças. Parecia não haver nenhum que protestasse, assim como a alcateia, os humanos ansiavam para dar o fora do lugar. Quase não tinha mais crianças entre os adolescentes e adultos, o que era uma pena. Os pequenos teriam mais dificuldade de sobreviver no frio, teriam de ter cuidados bem de perto.

Avistaram Ezequiel saindo da taberna, ele comia um pedaço enorme de coxa de frango, seu cheiro emanava a sexo. Na taberna, mulheres gemiam, os humanos do lado de fora não ouviam, mas devido a audição aguçada dos lobisomens, estes ouviam muito bem.

— O que está fazendo, devia estar se preparando! — Paul disse, tentando chegar mais perto dele, o cheiro de sexo estava muito forte, não queria ficar excitado no momento, não quando estavam prestes a partir.

Ezequiel terminou sua coxa de frango bem devagar, deixando o casal a sua frente esperando por uma resposta, sobrando só ossos, jogou os restos no chão, depois lambeu os dedos, um por um, demorando mais tempo ainda.

— Responda logo, droga — Paul cruzou os braços.

— Alguns homens estão apenas aproveitando os últimos momentos na taberna, eu mesmo me deitei com três mulheres, uma de cada vez é claro, seria impossível dormir com elas ao mesmo tempo...

— Chega...argh, vamos sair daqui — Charlotte tentou puxar Paul, mas Ezequiel começou a falar novamente.

— Sabe, essas meretrizes serão de ótima ajuda na viagem, poderão esquentar os homens e aliviá-los, talvez assim, não ocorra nenhum caso de estupro — disse sorrindo.

— Você dormiu na taberna? — Paul perguntou.

— Mas é claro que não, tive de ter tempo para me deitar com as três mulheres — Ezequiel disse as palavras como se fosse a coisa mais óbvia.

Depois da última exaustiva, a qual ele fora o único que quase não correria perigo, estava andando para uma das casas com intuito de descansar, mas passou pela taberna e escutou homens conversando e mulheres se oferecendo, como adorava uma boa comemoração, seria impossível perder a oportunidade, então aproveitou tanto quanto pôde.

A noite tinha sido muito boa e tão movimentada que nem conseguiu dormir, viajaria com muito sono, no entanto, arrependimento era um sentimento que não tinha. Nem lembrava a última vez que fizera amor, ainda mais com aquele número de mulheres, estas eram bem experientes, sabiam muito bem o que faziam.

— Já entendemos Ezequiel, você é muito viril — Charlotte revirou os olhos. — Podemos ir agora?

— Para onde? — Ezequiel pergunta.

— Não é óbvio? Para a saída.

— Ainda temos tempo, tenho quase certeza de que Jordan e João permanecem naquela casa do garoto — Ezequiel apontou na direção da moradia. — Ainda vão demorar um pouco, se é que me entendem...

...

João acordou e o primeiro movimento que fez depois de abrir os olhos foi virar a cabeça e ver Jordan o encarando, a cena poderia tê-lo assustado, mas o lobisomem era lindo demais para dar-lhe medo. O homem começou a alisar o cabelo dele por um tempo bastante longo, João estava achando o carinho tão bom que queria ficar mais um dia ali, apenas deitado com a mão dele em seus cabelos.

A maneira como se conheceram foram surreais e os motivos que levaram ao amor entre os dois mais ainda. Jordan poderia ter dizimado todo o vilarejo caso não sentisse algo por João, teria morrido caso o alfa não decidisse ordenar que seus lobisomens parassem e não atacassem o garoto, seria apenas mais um corpo a ser incinerado na multidão de outros corpos na praça, a vista de vários olhares dos possíveis sobreviventes.

Esses pensamentos fizeram lhe recordar de outros, quando ficou perdido na floresta por bastante tempo, lutando pela própria sobrevivência, só para em seguida desmaiar e ser salvo pela bruxa que tentara ceifar sua vida diversas vezes, felizmente todas falharam.

O tempo seguinte passou em um vilarejo deserto, na companhia do até então desconhecido clã de lobisomens, João pensou que talvez essa palavra serviria para descrevê-los mais do que uma alcateia.

Ficou surpreso consigo mesmo em deduzir que lá foi um dos melhores momentos da sua vida, tirando o fato de que uma lobisomem fêmea tentou tirar sua vida por vingança, conheceu os outros maravilhosos integrantes, Fury até então foi uma surpresa muito boa, pensou que apenas trocariam breves palavras, no entanto, depois de Jordan, o lobisomem era o mais íntimo de João dentre todo resto.

— Está pensando em que? — Jordan perguntou

— O quão grande...

— É o meu pau? — Jordan sorri.

— Foi nossa jornada juntos, não pense besteiras! — João virou o rosto, envergonhado, mas rindo. — Bem sangrenta e turbulenta, e aqui estamos, juntos.

— Graças a minha insistência — o homem gabou-se. Sua mão agarrou a cintura do garoto e o puxou ainda mais para seu corpo, até ficarem colados.

— Você praticamente me deixou sem escolhas — João cruzou os braços, imitando uma irritação.

— Fiz isso apenas para mostrar o homem poderoso que sou, na maioria das vezes consigo o que eu quero — sussurrava no ouvido do menor. — Além do mais, mesmo se eu lhe desse escolhas, obviamente escolheria a mim. — A voz saiu com um ar de arrogância.

João olhou para ele mortalmente.

— Como sabe? Eu poderia ter escolhido outra pessoa, talvez até outro lobisomem — quase que imediatamente se arrependeu do que disse ao ver a expressão de Jordan, ficou paralisado.

Jordan lembrou-se de ver seu garoto beijando Fury na ilusão que caiu sobre si. Preferia ter morrido em vez de ter visto a cena, sentiu algo horrível borbulhar dentro do seu ser, o lobisomem interior queria ter tido a chance de estraçalhar o caçador, aquele infeliz desgraçado partiu dessa vida muito fácil e sem sofrer o bastante.

— Ai, ai. Jordan, está me apertando!

— Oh! Desculpe — Jordan olhou para baixo e viu a cintura do seu garoto um pouco vermelha, às vezes ficava espantando com tamanho de sua força, deveria ter o dobro de cuidado.

— Me fale! — João ordenou ao ver o semblante assustado do cônjuge. — É algo da batalha de ontem.

Jordan ponderou por uns segundos.

— Eu... vi você e Fury... sabe, dando um beijo.

Jordan riu ao ver a cara de espantado de João.

— Isso é nojento — ele colocou a língua para fora e fingiu vomitar.

— Veja pelo meu lado, vi você me traindo com meu fiel guerreiro — sua voz soou meio triste.

João colocou a mão no rosto dele, fazendo um leve carinho.

— Nunca trairia você, acredite apenas nisso.

Jordan notou algo diferente na voz dele, provavelmente o fez lembrar de suas próprias ilusões de ontem, só esperava que não tivesse sido pior do que a sua.

— No seu caso, qual foi a ilusão?

— Tirando o desnecessário, você apareceu e me matou — sua voz saiu baixa, quase inaudível.

Jordan ficou em choque. Imaginou que fosse difícil para João ficar ao seu lado sem imaginar a qualquer momento que fosse ser atacado pelo próprio parceiro.

— Sinto muito.

— Nada de sentir muito, não era você — João disse rispidamente. — Era uma ilusão mortal causado por uma arma perigosa que estava em posse nas mãos de um louco!

Jordan o beijou, depois removeu o lençol, João dormira de calça, já o alfa estava apenas com uma túnica cobrindo-lhe as partes.

— Vamos, temos de partir.

João tinha muita preguiça no momento, queria ficar por mais um dia, ou três. Mas Jordan o pegou e o levantou como um peso leve.

— Vista-se, os outros já devem estar impacientes — Jordan vestiu uma calça de seda, e em seguida a mesma camisa de ontem.

— Pensei que fosse o alfa — João caçoou. — Dê uma ordem para esperarem!

— Ande logo, quero estar na minha casa em pouco tempo — cruzou os braços e esperou pacientemente até que ele se vestisse.

João fez questão de demorar um longo tempo, vestiu-se tão devagar que Jordan quase o vestiu ele mesmo. Pegou a espada dos demônios e colocou numa bainha apropriada ao redor da sua cintura. Os dois saíram pela rua vazia do vilarejo até a saída onde a maioria os esperava sentados ou conversando uns com os outros.

— Finalmente, demoraram muito — Fury jogou as mãos para o alto. — Pensei que alguém os havia matado no sono.

— Deixe de drama, um casal precisa de um tempo a sós — Jordan piscou para Fury, dando a entender que a noite com seu garoto fora muito agitada.

Jordan pôde ver quatro carroças, onde a primeira havia barris de água, outro com comidas, principalmente frutas, o terceiro havia milhares de peças de roupas e o último carregava algumas tendas. Parece que a população seguiu muito bem suas ordens, ter deixado eles vivos não foi tão ruim no final de tudo.

Olharam para frente e viram um pouco de gelo no chão e nos galhos das árvores, nem devia haver animais por perto, seria uma viagem longa e dolorosa, Jordan sabia que algumas pessoas pereceriam. Desejou muito estar errado, faria o possível para manter qualquer pessoa, homem, mulher ou criança vivos.

— Adeus, vilarejo — disse Fury, sendo o primeiro a sair, com um grande número de pessoas o seguindo, e Tomas bem ao seu lado.

— Vamos! — Jordan ergueu a mão para João.

O garoto olhou para trás, tendo uma última vista do lugar onde passou a maior parte de sua vida, pensou que seria difícil sair daquele lugar, mas sentiu alívio, por não ter mais que sofrer ou lutar pela sobrevivência a cada segundo. Pegou na mão do marido e começaram a caminhar e foi então que depois de tudo, lembrou-se de algo.

— Jordan, você nunca me disse seu sobrenome!

Jordan continuou andando e tentando imaginar um motivo para ter se esquecido de mencionar seu sobrenome, mas nenhum motivo veio à mente, talvez só tivesse esquecido, eram tantos problemas que nem era uma de suas preocupações informar seu nome inteiro, mas João poderia saber sem problemas, na verdade, seu garoto tinha o direito de saber, afinal, eram casados, em contrapartida, nunca soube o sobrenome de João.

— Diga o seu primeiro — Jordan sorriu.

— João Johal. E o seu?

— Jordan Audax.

João achou o nome bonito, até chamativo. Agora ansiava apenas para chegar ao castelo, que estava louco para ver de perto. Deveria ser bonito, uma casa maravilhosa de se morar, as pessoas deviam ter inveja. Pois só reis eram donos de castelos enormes, e João estava casado com um.

— Você tem um belo nome, Jordan Audax.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[PARTE 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[PARTE 2](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[PARTE 3](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)